

**INSTITUTO DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
GERONTOLOGIA BIOMÉDICA**

ROSA MARIA GROSS DE ALMEIDA

**CONCEPÇÃO E IMAGINÁRIO SOBRE ENVELHECIMENTO
E CONCEPÇÃO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL: UM
ESTUDO JUNTO A POLICIAIS MILITARES NA ATIVA**

Porto Alegre
2007

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA BIOMÉDICA**

ROSA MARIA GROSS DE ALMEIDA

**CONCEPÇÃO E IMAGINÁRIO SOBRE ENVELHECIMENTO E CONCEPÇÃO DE
FORMAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO JUNTO A POLICIAIS MILITARES
NA ATIVA**

Porto Alegre

2007

ROSA MARIA GROSS DE ALMEIDA

**CONCEPÇÃO E IMAGINÁRIO SOBRE ENVELHECIMENTO E CONCEPÇÃO DE
FORMAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO JUNTO A POLICIAIS MILITARES
NA ATIVA**

Tese de Doutorado em Gerontologia Biomédica.
Para obtenção de título de Doutor em Gerontologia
Biomédica
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do
Sul
Instituto de Geriatria e Gerontologia
Programa de Pós-Graduação em Gerontologia
Biomédica

Orientadora: Prof. Dr. Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza

Porto Alegre

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A447i Almeida, Rosa Maria Gross de
Concepção e imaginário sobre
envelhecimento e concepção de formação profissional: um estudo junto
a policiais militares na ativa / Rosa Maria Gross de Almeida. — Porto
Alegre, 2007.
215 f.

Tese (Doutorado) – Instituto de Geriatria e Gerontologia.
Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica. PUCRS,
2007.

Orientador: Prof. Dr. Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza

1. Polícia Militar 2. Qualidade de Vida na Aposentadoria.
3. Envelhecimento – Aspectos Psicológicos. 4. Policiais Militares –
Aposentadoria. I. Título.

CDD : 618.97

Bibliotecário Responsável

Ginamara Lima Jacques Pinto
CRB 10/1204

ROSA MARIA GROSS DE ALMEIDA

**CONCEPÇÃO E IMAGINÁRIO SOBRE ENVELHECIMENTO E CONCEPÇÃO DE
FORMAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO JUNTO A POLICIAIS MILITARES
NA ATIVA**

Doutorado em Gerontologia Biomédica
Tese entregue como requisito para obtenção de título de Doutor em Gerontologia
Biomédica

Instituto de Geriatria e Gerontologia Biomédica
Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica

Porto Alegre 23 de abril de 2007

Prof. Dr. Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza

Prof. Dr. Maria Beatriz Radhe

Prof. Dr. Leda Lísia Portal

Prof. Dr. Sergio Antonio Carlos

DEDICATÓRIA

A todos os Policiais Militares, Policiais Civis, Policiais Federais, Policiais Rodoviários Federais, Bombeiros Militares e Guardas Municipais que, no decorrer destes onze anos de trabalho, me permitiram partilhar de suas caminhadas, com afeto e confiança, minha especial gratidão. A estes e a todos os Profissionais Trabalhadores da Segurança Pública, dedico este estudo.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado foi realizado com muitas mãos e muitos corações, e agradeço a todos e a todas que nele estão, de alguma forma presentes:

Professora Doutora Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza, amiga e orientadora;

Márcia Beatriz Bertuol, amiga e supervisora dos conteúdos de Análise Transacional;

CAPES, com o apoio financeiro que possibilitou a realização deste estudo;

Docentes, com quem muito aprendi neste Instituto;

Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça – SENASP/MJ, através do Departamento de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal;

Diretor de Ensino da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, que facultou a realização da Pesquisa com os alunos do Curso Básico de Administração Policial da Brigada Militar;

Policiais Militares, alunos do Curso Básico de Administração Policial Militar da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, pela disposição em colaborar com este Estudo através de seus depoimentos;

Colega e amigo Major Pedro Joel Silva da Silva, que com presteza e competência possibilitou a realização da pesquisa junto aos alunos do Curso Básico de Administração Policial da Brigada Militar do Rio Grande do Sul;

Colegas, que comigo compartilharam alegria, conhecimento e afeto;

Letícia Machado, colega e amiga, sempre disposta a retirar do computador seus melhores recursos;

Fabiane Azevedo de Souza, que em meio a sua própria correria encontrou tempo para ajudar na minha;

Amigos e amigas que, na ausência que este tempo me exigiu, estiveram sempre presentes quando precisei;

Minhas irmãs Elena, Elisabeth, Izabel e Marlene, meu irmão João Batista, afilhadas, afilhado, sobrinhas e sobrinhos, pelo carinho, incentivo, paciência e estrutura com que me cercaram;

Meus tios, Roberto Paulo de Almeida e minha tia, Maria das Dores de Almeida, exemplos vivos de longevidade com qualidade, através de quem agradeço também aos meus pais, João Batista e Alvina, já falecidos.

A Deus, a quem tudo devo e, especialmente, a quem devo estas presenças e tantas outras que aqui não nomeei, todas imprescindíveis na minha vida.

RESUMO

Introdução: Estudos sobre o envelhecimento de profissionais que atuam em Segurança Pública se fazem necessários para que estes profissionais possam exercer sua condição de cidadãos, com direito a construir uma vida com qualidade, especialmente em sua velhice, já na reserva. A atenção à concepção de envelhecimento, ao imaginário associado e à formação que inclua em sua transversalidade conteúdo de aprendizagem, qualidade de vida e aposentadoria.

Objetivo Geral: Propor pontos de referência que auxiliem na argumentação da necessidade de políticas públicas que possibilitem aos policiais envelhecerem com melhor qualidade de vida. **Objetivos específicos:** a) Analisar a concepção de envelhecimento de policiais militares ainda na ativa, numa perspectiva psicológica, identificando a forma como vêm convivendo com seu envelhecimento e como pensam que deveriam envelhecer; b) Analisar a concepção de envelhecimento implícita no imaginário associado ao fenômeno; c) Analisar a concepção de Formação e sua articulação com a concepção e imaginário sobre envelhecimento; d) Analisar a orientação paradigmática implícita nas concepções e no imaginário; e) identificar contradições implícitas nos depoimentos dos participantes. **Referencial Teórico:** Principal: Teoria da Complexidade de Edgar Morin; Nery, A.; Hayflick, L.; Mafesolli, M.; Duran G.; Silva, J; Berne, E.; Hine, J.; Allen, J.; Perrenoud P.; Paquay, P. e Wagner, M.C.; Altet, M.; Baillauqués, S. **Método:** Pesquisa qualitativa, numa perspectiva dialógica implícita ao método da complexidade em triangulação com a semiologia de Penn, no artigo 1. Nos artigos 2 e 3 a triangulação se deu com a fenomenologia. **Resultados:** No artigo 1, os principais resultados sugerem que a concepção de envelhecimento implícita no imaginário dos policiais militares participantes do estudo apresenta orientação paradigmática simplificadora, onde o envelhecimento está associado basicamente à dimensão biológica. No artigo 2 são apresentados resultados que indicam também a presença de concepção de envelhecimento com orientação paradigmática simplificadora e de contradições entre respostas vindas a partir de diferentes estados do ego. O artigo 3 aponta em seus resultados, para as implicações resultantes da concepção com orientação paradigmática simplificadora de formação profissional para um envelhecimento com qualidade. **Conclusões:** Desta forma, fica confirmada a tese: Policiais em nível intermediário, da Polícia Militar de Porto Alegre/RS têm concepções de envelhecimento, imaginário e concepção de formação profissional simplificadoras.

Palavras-Chave: Envelhecimento; Imaginário; Formação; Complexidade; Segurança Pública; Policiais Militares.

ABSTRACT

Introduction: Studies about the aging of these professional people that work in Public Security Force are needed in order they can carry out their citizen conditions, with the right to have a good life, especially when they get old and retire. The focus at the conception of aging, to the imaginary and to a background that includes in its transversality contents of apprenticeship of reference for life quality and retirement. **General Objective:** To propose points of reference in order to help the argumentation about the need of a Government Policy, to make possible to the police force to age with better quality of life. **Specific Objectives:** a) To analyze the aging conception of Militar Police Force still at work, under a psychologic sight identifying the way how they are living with their aging and how they think how they should age; b) to analyze the conception of aging implicit at the imaginary associated to the phenomenon; c) to analyze the background and its articulation with the conception and imaginary about aging; d) to analyze paradigmatic orientation implicit in the conceptions and the imaginary; e) to identify the implicit contradictions in the participants depositions. **Theoretical Sources:** Principal: Theory of complexity from Edgar Morin; Nery, A.; Hayflick, L.; Mafesolli, M.; Duran, G.; Silva, J.; Berne, E.; Hine, J.; Allen, J.; Perrenoud, P.; Paquay, P. e Wagner, M.C.; Altet, M.; Baillauquès, S. **Method:** Qualitative research in a dialogic perspective implicit to the complexity in triangulation with Penn's semeology at article 1. At articles 2 and 3, the triangulation was with the phenomenology. **Results:** In the article 1 the main results suggest that the conception of aging implicit in the imaginary of Militar Police Force that participate in this study shows simplifying a paradigmatic orientation where the aging is associated basically to a biological dimension. At article 2 the results also indicate the presence of aging concept with answers from different ego states. The article 3 points to implications as a result of the conception with the simplifying paradigmatic orientations of professional background for an aging with quality. **Conclusions:** this way is confirmed the thesis: Police Force at an intermediate level, from Militar Police of Porto Alegre/RS, have aging concepts, imaginary and conception simplifying of professional background.

Key words: Aging; Imaginary; Background; Complexity; Public Security; Militar Policement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Quadro comparativo.....	37
Figura 2: Matriz.....	108
Figura 3: Depoimentos escritos dos entrevistados.....	112

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 JUSTIFICATIVA E INTENÇÕES DO ESTUDO.....	17
1.1 JUSTIFICATIVA	17
1.2 INTENÇÕES DO ESTUDO: PROBLEMA, OBJETIVOS E TESE.....	21
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA INVESTIGADA.....	23
2.1 O ENVELHECIMENTO E SEU CONTEXTO TEÓRICO.....	23
2.2 CARACTERIZANDO O CONTEXTO	30
2.3 SÍNTESE DA BASE TEÓRICA ADOTADA DA ANÁLISE DA REALIDADE INVESTIGADA	32
2.3.1 Análise Transacional	32
2.3.2 Teoria da Complexidade	36
2.3.3 Qualidade de vida	39
2.3.4 A formação	41
2.3.5 Imaginário e concepção	45
3 MÉTODO E METODOLOGIA.....	50
3.1 FALANDO SOBRE O MÉTODO	50
3.2 CARACTERIZANDO OS PARTICIPANTES.....	52
3.3 DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO	56
3.4 COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	58
3.5 ASPECTOS ÉTICOS.....	62
4 ANÁLISE FENOMENOLÓGICA: A DESCRIÇÃO, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO E DE FORMAÇÃO	63
4.1 CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO	63
4.2 CONCEPÇÃO DE FORMAÇÃO.....	80
CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO IMPLÍCITA NO IMAGINÁRIO ASSOCIADO: UM ESTUDO JUNTO A POLICIAIS MILITARES	96
CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO: TECENDO A COMPLEXIDADE.....	122

CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO E DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL E SUAS IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE UMA VELHICE COM QUALIDADE	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	182
ANEXOS	186
ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO.....	187
ANEXO 2: TABELAS.....	188
ANEXO 3: COMITÊ DE ÉTICA	194
ANEXO 4: ARTIGO PUBLICADO	195
ANEXO 5: APRESENTAÇÃO.....	206
ANEXO 6: ESQUEMA 1	210
ANEXO 7: ESQUEMA 2.....	211
ANEXO 8: ESQUEMA 3.....	212
ANEXO 9: ESQUEMA 4.....	213
ANEXO 10: ESQUEMA 5.....	214
ANEXO 11: ESQUEMA 6.....	215
ANEXO 12: ESQUEMA 7	216
ANEXO 13: ESQUEMA 8.....	217
ANEXO 14: ESQUEMA 9.....	218
ANEXO 15: ESQUEMA 10	219

INTRODUÇÃO

Envelhecimento e Segurança Pública são dois temas que vêm ganhando espaço de atenção no cotidiano, na mídia e na pesquisa, provavelmente em razão do aumento da população idosa e do recrudescimento da violência, da criminalidade e da criminalidade violenta.

O processo de envelhecimento, pelos múltiplos aspectos que envolve, necessita ser considerado a partir de objetivos que vão além de sua dimensão biológica, considerando a qualidade de vida dos indivíduos em sua integralidade, o que significa considerar também as dimensões sociais, psicológicas, culturais e educacionais relativas ao fenômeno.

No Brasil, iniciativas importantes, entre elas o Programa Nacional de Imunização, em 1973 e, mais recentemente, o Estatuto do Idoso, aprovado em 21 de agosto de 2003, têm significado, por parte das autoridades governamentais, a possibilidade de garantir a cidadania em todas as etapas da vida, especialmente na velhice, aos 20 milhões de brasileiros que, à época da promulgação deste último, já haviam atingido 60 anos e que, segundo dados do IBGE, serão 32 milhões até 2020. Dentre eles estão profissionais que trabalharam durante em média 30 anos de suas vidas, 24 horas por dia, em Segurança Pública.

As Universidades despontam como produtoras de conhecimento sobre formação em Segurança Pública (Universidade Fluminense, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por exemplo), mas associado a aspectos gerontológicos e ao imaginário tem sido prerrogativa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Assim sendo, são ainda incipientes os estudos que tratem do envelhecimento dos profissionais que atuam em Segurança Pública, dificultando o

acesso destes profissionais aos benefícios dos avanços de estudos nesta área do conhecimento.

Faz-se necessária especial atenção ao direito dos operadores de Segurança Pública no sentido de construírem suas vidas com qualidade enquanto contribuem para a qualidade de vida da sociedade, trabalhando para sua segurança.

O presente estudo qualitativo, enquanto contribuição a esta finalidade, se constitui de três artigos em que são apresentados e discutidos resultados provenientes de pesquisa realizada junto a 22 profissionais da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Sul e que, observadas as diferentes realidades, poderá ser replicada em outras instituições e lugares. Os dados foram coletados por depoimento escrito.

Após elementos pré-textuais e esta introdução, o estudo está estruturado a partir de sua justificativa que, partindo da reflexão sobre os temas envelhecimento e Segurança Pública, traça um panorama desta problemática na realidade brasileira e ressalta o ineditismo deste estudo voltado ao tema envelhecimento policial, tema que não tem recebido atenção tanto por parte das instituições policiais quanto das políticas públicas. A esta justificativa estão acrescentadas as intenções do estudo, problemas, objetivos e tese a ser confirmada.

Seguem, a contextualização da problemática investigada, caracterizando a Instituição Brigada Militar e os sujeitos da pesquisa e a apresentação e referencial teórico básico sobre o qual está construído o estudo.

A seguir, é feita exposição sobre o Método e a Metodologia utilizados, explicitando as atividades de pesquisa desenvolvidas, a partir das quais foi elaborada a síntese da realidade investigada, finalizando com a forma como os dados foram coletados e a sua discussão.

Esta parte do trabalho é concluída com a descrição do relato dos entrevistados sobre concepção de envelhecimento, imaginário e concepção de formação, a partir de análise fenomenológica.

Após é apresentado o artigo “Concepção de envelhecimento implícita no imaginário associado: um estudo junto a Policiais Militares”, onde são apresentados os resultados da pesquisa referentes a este foco, a partir de abordagem qualitativa, numa perspectiva dialógica implícita ao Método da Complexidade, em triangulação com a semiologia de Pen.

O artigo “Concepção de envelhecimento: tecendo a complexidade” trata da concepção de envelhecimento do grupo entrevistado, a partir de aspectos psicológicos a ela ligados, numa triangulação entre a teoria da Complexidade e a

teoria psicológica da Análise Transacional, com utilização do método fenomenológico, a partir dos seguintes passos: leitura dos depoimentos escritos; identificação das Unidades de Significado; transformação das Unidades de Significado em Linguagem Gerontológica, quanto à concepção de envelhecimento e Linguagem Gerontológica educacional, quanto à concepção de formação.

O terceiro artigo, “Envelhecimento e sua Interdependência com a Formação Profissional”, trata da concepção de envelhecimento e de formação profissional destes profissionais a partir do método fenomenológico em triangulação com o método da complexidade.

Em sua parte final o presente estudo traz suas considerações finais, sugestões e anexos.

1 JUSTIFICATIVA E INTENÇÕES DO ESTUDO

1.1 JUSTIFICATIVA

Na contemporaneidade, devido à importância e atualidade dos problemas relacionados ao aumento da população idosa e da crise na Segurança Pública, muito se pesquisa e escreve sobre os índices indicadores de impactos sociais do envelhecimento populacional e da violência em suas diferentes formas de manifestação. Sobre o profissional de Segurança, sujeito/indivíduo que exerce a função de policial, entretanto, poucas são as pesquisas que tratam especialmente sobre aspectos gerontológicos. Entre os estudos hoje realizados encontram-se outras três teses em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Gerontologia/Instituto de Geriatria e Gerontologia/PUCRS (uma sobre formação e sobre metas motivacionais, outra sobre mal-estar).

No Brasil a Segurança Pública - sistema/totalidade - compreende os seguintes órgãos – subsistemas/partes: Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Polícia Ferroviária Federal, Polícia Militar, Polícia Civil e Corpos de Bombeiros Militares. A estas instituições e seus profissionais, conforme a Constituição Brasileira em seu artigo 144, cabe exercer a Segurança Pública, “dever do Estado, direito e responsabilidade de todos”, preservando a ordem pública e a incolumidade de pessoas e patrimônios¹.

Hoje a Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP) também trabalha junto às Guardas Municipais no aspecto da prevenção. Portanto, o sistema de Segurança Pública, numa perspectiva Moriniana, constitui uma totalidade que se encontra de alguma forma representada nos subsistemas (partes) que o constituem e que interagem dialogicamente e recursivamente entre si e com ele – princípios hologramático, dialógico e recursivo. Alterações numa das partes (subsistemas) implica efeito nas demais partes constituintes (subsistemas interdependentes com potencial de antagonismo, complementaridade e concorrência – princípio dialógico) e no sistema (totalidade) pelas interações estabelecidas - princípio recursivo.²

O ineditismo do foco principal do estudo – concepção de envelhecimento de policiais na ativa – da análise da realidade numa triangulação entre Berne –Análise Transacional – e Morin – Teoria da Complexidade se faz presente, tanto na área da Gerontologia quanto na de Segurança Pública e na Psicologia.

Analisando documentos da Secretaria Nacional de Segurança Pública/Ministério da Justiça e na Internet, sobre a presença de aspectos gerontológicos nos Cursos de Formação Policial no Brasil, encontra-se a referência a uma disciplina denominada Gerontologia Policial que faz parte do currículo da Academia de Polícia Civil do Estado de Minas Gerais e à qualidade de vida na disciplina Motivação, Integração e Autoconhecimento, do curso de Especialização em Segurança Pública a distância desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 2007.

No desenvolvimento das atividades de formação destes profissionais vem sendo fortalecida, pela Matriz Curricular Nacional para Formação dos Profissionais da Segurança Pública (MCN)³, a idéia da importância destes seres humanos/profissionais policiais/cidadãos, com direito a receberem condições que lhes permitam construir e manter qualidade em suas vidas e possibilitem a que envelheçam com autonomia, independência, saúde física, podendo desempenhar papéis sociais, permanecer ativos e desfrutar de senso de significado pessoal.⁴

Profissionais que trabalham com o objetivo de segurança de outros seres humanos precisam ser também assistidos e esta é uma necessidade de profissionais policiais que arriscam suas vidas na segurança da sociedade. A aproximação com eles, entretanto, tem mostrado que não há a consciência de que é preciso dar a estes profissionais uma educação gerontológica que lhes propicie envelhecer com qualidade. Ou, seja, foram e são desassistidos em seu presente como em seu futuro.

Estes são os argumentos que embasam a relevância para o presente estudo sobre as concepções de envelhecimento de policiais militares na ativa, o imaginário associado e concepções de formação. Com seus resultados pretende contribuir para a reflexão sobre a necessidade do cotidiano e da formação destes profissionais policiais e das políticas públicas incluírem aspectos relacionados à Gerontologia.

A compreensão/explicação do imaginário associado à descrição/compreensão de suas concepções de envelhecimento, de aspectos psicológicos associados à personalidade e do papel da formação na tomada de consciência necessária à construção de um envelhecimento com qualidade, são finalidades do presente estudo.

Questões institucionais têm colaborado para a realidade constatada e este trabalho objetiva chamar a atenção para a necessidade de maior humanização do trabalho e do processo de formação. Isto representa relevante expressão da responsabilidade para com seus profissionais e de superação da cultura de descarte pela aposentadoria. Portanto, trata-se da concepção de envelhecimento e da formação profissional de policiais militares na ativa, considerando o cidadão sob a farda, desassistido e que exerce profissão de garantia da segurança de outros.

Este estudo volta-se para aqueles que vêm trilhando o caminho da Segurança Pública e cujos resultados em seu processo de envelhecimento interdependem de causas diversas: biológicas, psicológicas, sociais, culturais e educacionais que têm levado a indesejáveis efeitos, que retroagem sobre estas causas, modificando-as e sendo por elas modificados, numa recursividade que tem pouco contribuído para uma vida profissional e após aposentadoria mais saudável.

Compreender as concepções e o imaginário dos profissionais participantes do estudo representa a possibilidade de construir pontos de referência para a formulação de políticas que contribuam para a reconstrução de concepções de envelhecimento, abrangendo sua interdimensionalidade.

Esta compreensão/explicação precisa ser revisitada, para ser reconstruído o sentido do envelhecimento e do trabalho do operador de Segurança Pública, para iluminar o caminho na busca da longevidade com qualidade e de uma concepção de envelhecimento onde não mais se tome a decrepitude por inevitável, mas que traduza a infinita potencialidade do ser humano para crescer em direção ao melhor de si mesmo e do mundo.

A consciência – com/ciência – desta necessidade virá do entendimento dos múltiplos aspectos que envolvem suas concepções de envelhecimento e do imaginário associado e da possibilidade de intervenção a partir da formação, o que imprime caráter preventivo neste estudo no que se refere ao futuro dos profissionais de Segurança Pública. A partir daí, conhecidos os resultados desta pesquisa, poder-se-á construir hipóteses a serem testadas nas realidades que compõem a realidade brasileira e apresentar um referencial para a formulação de políticas que possibilitem a efetivação de atuação preventiva em relação ao envelhecimento.

Se pela tradição as instituições não incluem aspectos pertinentes a uma educação gerontológica daqueles que ainda estão no exercício de sua função,

menos intensa é a possibilidade de que iniciativas desta natureza sejam oferecidas quando já estiverem fora dela.

É importante colaborar para a ruptura com políticas que incentivam uma “cultura” de coisificação⁵, de descarte daqueles considerados “improdutivos”. Possivelmente seja importante refletir sobre as causas da violência partindo daí, da forma como o *status* de seres humanos está perdendo espaço e significado.

Refletir sobre as soluções conjuntas adotadas numa cultura perversa de descarte, de “descontinuidade estrutural”⁶ em que a sociedade está imersa, pode trazer compreensão/explicação sobre a violência e apontar indicadores para a elaboração de estratégias que levem a mudanças substanciais.

O envelhecimento é um tema que se torna a cada dia mais importante e sobre ele muito tem sido escrito.

O conhecimento sobre as próprias concepções assume relevância para mudanças nos pensamentos, nas ações e nas atitudes em relação à própria vida e o presente estudo poderá contribuir para a reconstrução das concepções de envelhecimento a partir da consciência de sua importância na formação continuada dos profissionais da área da Segurança Pública.

As concepções humanas constituem um fenômeno complexo tecido numa rede de intra e inter-relações que, ao serem conhecidas, auxiliam na compreensão da realidade, das manifestações comportamentais e do plano imaginário. Estão associadas à formação de conceitos e configurações originais, constituindo matriz para reconstrução de conceitos, a partir do desenvolvimento do pensamento⁷.

As concepções de envelhecimento e de formação implícitas no imaginário, ambas implícitas/explicitas nas palavras e expressões escritas dos participantes da pesquisa, apresentam articulação com teorias e paradigmas nos quais se inscrevem, são concebidas em função de princípios/regras, teorias, noções, mitos e discursos.: as concepções estão também articuladas a dispositivos lingüísticos e culturais e à criação, apresentando vulnerabilidade ao risco do erro e da ilusão⁸.

Com base na análise das respostas dadas pelos participantes do presente estudo às solicitações do roteiro de depoimento escrito que se referem ao envelhecimento, foi possível fazer uma leitura de suas concepções em relação a este fenômeno e de suas metas com relação a ele bem como das contradições detectadas.

As questões que se referem à formação profissional buscaram identificar a concepção que estes profissionais têm deste fenômeno para, a partir delas estabelecer articulações entre o processo de formação e a construção de um envelhecimento com qualidade.

O presente trabalho representa esforço de pesquisa que questiona esta problemática, tratando de realidade policial militar em nível intermediário por ser o segmento que desenvolve atividades de ligação entre oficiais e tropa no policiamento ostensivo (fardado e junto à comunidade).⁹

1.2 Intenções do estudo: problema, objetivos e tese

O presente estudo teve como **problema** principal: como se caracterizam paradigmaticamente a concepção e o imaginário sobre envelhecimento e a concepção de formação profissional de policiais de nível intermediário da Brigada Militar/RS?

Em busca de resposta a este problema teve-se como **objetivos**:

Geral – Propor pontos de referência que auxiliem na argumentação da necessidade de políticas públicas que possibilitem aos policiais envelhecerem com melhor qualidade de vida.

Específicos

a) Analisar a concepção de envelhecimento de policiais militares ainda na ativa, numa perspectiva psicológica, identificando a forma como vêm convivendo com seu envelhecimento e como pensam que deveriam envelhecer;

b) Analisar a concepção de envelhecimento implícita no imaginário associado ao fenômeno;

c) Analisar a concepção de Formação e sua articulação com a concepção e imaginário sobre envelhecimento;

d) Analisar a orientação paradigmática implícita nas concepções e no imaginário;

e) identificar contradições implícitas nos depoimentos dos participantes.

Pretendeu-se, no alcance destes objetivos e nas respostas encontradas ao problema proposto, buscar indicativos que possibilitassem a confirmação/refutação da **tese**, que traz implícita a hipótese inicial do trabalho: Policiais em nível

intermediário, da Polícia Militar do Rio Grande do Sul têm concepções de envelhecimento, imaginário e concepção de formação profissional construídas com orientações paradigmáticas simplificadoras.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA INVESTIGADA

2.1 O ENVELHECIMENTO E SEU CONTEXTO TEÓRICO

Alguns conceitos de envelhecimento envolvem caráter negativo, caracterizando-o somente como processo de perda gradativa das funções biológicas, de aumento da probabilidade de morte ou somente associado a doenças⁶.

O envelhecimento é fenômeno complexo em que ocorrem alterações nas características biológicas do organismo vivo e, ao longo do tempo, estas alterações trazem reflexos no comportamento, nas habilidades intelectuais, na capacidade física e na participação social. Geralmente o papel de idosos na comunidade, na família ou no ambiente de trabalho torna-se diferenciado com o avanço da idade em relação aos papéis desempenhados pelos mais jovens. De acordo com a cultura de diferentes povos, o papel desempenhado pelo idoso varia.⁶

A Gerontologia é o estudo do fenômeno envelhecimento nos organismos vivos. Inclui não apenas a biologia do envelhecimento, mas também aspectos sociológicos, psicológicos, educacionais, éticos, culturais entre outros.

O envelhecimento como tema de estudo desenvolvido junto a policiais militares que estão ainda na ativa pode contribuir para a reflexão sobre suas múltiplas dimensões o que possibilitará tecer e compreender sua “arquitetura complexa”, formando a base onde poderão se assentar proposições de políticas destinadas à melhoria da qualidade de vida de idosos inativos da área da Segurança Pública contribuindo para um envelhecimento mais saudável.

O envelhecimento populacional é uma tendência mundial. Em 1998 existiam cerca de 579 milhões de idosos no mundo, o que representa um crescimento de quase 8 milhões de pessoas idosas por anos, tendo como referência os dados de 1950 do IBGE¹⁰.

No ano de 2002 foi realizada a segunda Assembléia Mundial sobre Envelhecimento em Madri na Espanha, ocasião em que foi estimado em 629 milhões o número de pessoas com 60 anos ou mais no mundo, com uma projeção de 2 bilhões em 2050, ultrapassando o número de crianças de 0 a 14 anos, que sempre foi o maior grupo etário¹¹.

Foi estimado pelas Nações Unidas que, em 2050, existirá uma pessoa idosa para cada cinco pessoas e em 2150, uma em cada três pessoas terão 60 anos ou mais. Esta porcentagem é mais alta nos países desenvolvidos do que nos menos desenvolvidos, porém o envelhecimento destes também está ocorrendo de modo muito rápido.

A população brasileira convive com uma ampliação da expectativa de vida e com a estimativa de ser o sexto país do mundo em número de idosos em 2025, ao mesmo tempo em que aumentam os índices de violência e criminalidade.

No último censo do IBGE 2000¹⁰, foi constatado que no Brasil vivem 14.128 milhões de idosos, (8,3% da população) existindo uma projeção de aumentar para 58.390 milhões em 2050, ou seja, neste período espera-se que 24% da população esteja com 60 anos ou mais.

O envelhecimento populacional brasileiro, tem sido atribuído a fatores como a queda na fecundidade e da mortalidade infantil e à melhoria nas condições médico-sanitárias, embora este não seja um fenômeno uniforme no país. Se por um lado a longevidade decorre de conquistas no campo social e da saúde, o envelhecimento populacional apresenta novas e relevantes demandas por serviços, benefícios e atenção que consistem desafios para governantes e para a sociedade do presente e do futuro. Esta questão merece cada vez mais interesse dos órgãos públicos, dos formuladores de políticas econômicas e sociais e da sociedade em geral¹².

Por tudo isto e especialmente no que se refere à Gerontologia associada ao mundo policial, torna-se necessária uma atenção, por parte de Programas de Pós-Graduação em Gerontologia, para a realização de pesquisas que objetivem conhecer a realidade para sustentar possíveis alternativas que auxiliem na longevidade com qualidade de vida de profissionais que atuam na área da Segurança Pública e que vivem em constante e intensa tensão no enfrentamento de conflitos sociais. Entretanto, as pesquisas precisarão incluir dados não só quantitativos, pois as perspectivas qualitativas têm excelente contribuição a dar em relação a aspectos não explicáveis a partir de teorias essencialmente calcadas em variáveis passíveis de quantificação, como é o caso do presente estudo, que lançou mão de dados quantitativos para caracterizar os participantes do estudo e de abordagem interpretativa para tratar sobre concepções e imaginário.

Entre as teorias sobre envelhecimento encontram-se as de natureza biológica¹³, sociológica e psicológica⁶, que são a seguir brevemente apresentadas.

As teorias revelam diversas visões e ângulos, a partir dos quais o envelhecimento vem sendo abordado¹³. Algumas teorias biológicas postulam que o fenômeno do envelhecimento estaria baseado numa série de eventos propositais, que trazem alterações importantes desde o nascimento até a morte.

A Teoria da Substância Vital defende a idéia que a vida dos animais começa com uma quantidade limitada de alguma substância vital e que, a partir daí, tem início o processo de desgaste, que com o passar da idade vai se acentuando até a extinção desta substância, que culmina na morte. Segundo Bernard Strehler, a substância vital poderia ser o DNA dos genes essenciais que não se dividem e que, com o passar do tempo têm a síntese protéica, essencial à manutenção da funcionalidade fisiológica máxima, comprometida, significando perda da substância vital e conseqüente envelhecimento.

Já a Teoria da Exaustão Reprodutiva concebe o envelhecimento como conseqüência natural esperada, após um surto de atividade reprodutiva, embora esta co-relação não seja o padrão universal da natureza.

Para a Teoria da Mutação Genética são as mutações sofridas pelas células as responsáveis pelo envelhecimento, por impulsionarem a evolução e a seleção natural.

Há outras teorias que buscam explicar de forma semelhante, citadas por Hayflick.¹³ Dentre elas, Strehler com a teoria que explica o envelhecimento como *deletério, progressivo* na perda de funções fisiológicas, pelas mudanças graduais: *intrínseco*, pois as perdas não podem ser corrigidas e *universal*, por ocorrerem em todos da espécie. Não são abrangidos por esta teoria fenômenos biológicos como as doenças, por exemplo.

Há também a teoria que defende a idéia de um relógio biológico baseado em séries de eventos químicos ou mudanças físicas em moléculas específicas (genes da morte ou hormônios). Esta teoria assumiu nova aparência a partir da idéia de que o DNA de cada célula fornece um mapa para todos os eventos que acontecem a partir da fertilização do óvulo até a maturação sexual e início da idade adulta, até completar-se o processo do envelhecimento. Muitas críticas têm discutido o determinismo desta teoria.¹³

Entre as teorias que concebem o envelhecimento como resultado de eventos acidentais não programados (acúmulos de erros em moléculas importantes, resultados de desgaste ou acúmulo de dejetos), encontra-se a Neuroendócrina que defende a idéia que as mudanças associadas à idade resultariam de efeitos provocados pelo sistema neuroendócrino. Não há evidências que a confirmem.

A Teoria do Desgaste explica o envelhecimento e a morte pela impossibilidade de renovação indefinida dos tecidos, resultando o excesso do uso em danos nos sistemas vitais, levando ao desgaste. Isto ocorre, mas não explica todo o processo do envelhecimento.

Para a Teoria do Ritmo de Vida, os animais nasceriam com uma quantidade limitada de uma substância, energia potencial ou capacidade fisiológica, que seria gasta com ritmos diferentes, mais ou menos rápido.

A teoria do Acúmulo de Resíduos afirma que, com o passar do tempo, as toxinas e resíduos acumulados prejudicam a função celular normal, culminando com a morte da célula o que ocorre, nas células nervosas e nas células do músculo cardíaco.

Segundo a Teoria das Ligações Cruzadas, com o passar do tempo aumenta o número de ligações cruzadas entre algumas proteínas, impedindo processos metabólicos através da obstrução da passagem de nutrientes e resíduos para dentro e para fora das células.

Para a Teoria dos Radicais Livres ocorre uma reação química complexa, quando certas moléculas suscetíveis encontram e quebram moléculas de oxigênio, formando pedaços de moléculas altamente reativos, instáveis, que tentam se religar a qualquer molécula próxima. O radical livre ao se unir a uma molécula importante, pode trazer danos, pois a molécula afetada pode se desativar ou agir inadequadamente.

Já a Teoria do Sistema Imunológico está baseada na idéia de que com a idade é reduzida a capacidade do sistema imunológico de produzir anticorpos em número adequado e do tipo correto, podendo produzir incorretamente anticorpos contra proteínas normais dos organismos o que gera propensão à aquisição e manifestação de doenças e outras patologias próprias da velhice.

A teoria dos Erros e Reparos propõe que os próprios reparadores podem cometer erros ou os processos utilizados podem ser inadequados ou impróprios.

Na Teoria da Ordem à Desordem, à medida que a ordem molecular do organismo se deteriora, aumenta a desordem, significando mais deterioração. São estes aumentos da desordem que respondem pelas mudanças associadas à idade.

Numa perspectiva de complexidade, é possível sugerir a idéia que na interação entre ordem e desordem celular, em movimentos de recursividade, a nova ordem resultante, impregnada da superação à ordem inicial, vai ganhando espaço, trazendo deterioração.¹⁴

Néri⁶ apresenta como principais teorias sociológicas do envelhecimento, em nível Microsocial:

a) a Teoria da Atividade com base principalmente na idéia de que o declínio das atividades físicas e mentais na velhice são fatores predisponentes às doenças psicológicas;

b) a Teoria da Continuidade que procura explicar como idosos tentam manter estruturas internas e externas preexistentes, aplicando estratégias conhecidas;

c) a Teoria do Colapso de Competência referindo-se às crises que podem surgir na vida do idoso, significando colapso em sua competência e à possibilidade de reversão deste quadro pela “teoria de reconstrução social”;

d) a Teoria da Troca Social, partindo da idéia que o idoso tende a se afastar das interações sociais porque, numa sociedade que depende da relação custo/benefício, teria pouco a contribuir, onerando com isto o grupo social. Na consideração das interações sociais do idoso com outros grupos etários, esta teoria propõe as normas de reciprocidade, de justiça distributiva e de beneficência;

e) a Teoria do Construcionismo Social tem como conceitos principais as questões do significado social, as realidades sociais e as relações sociais no envelhecimento, as atitudes diante o avanço da idade e o envelhecimento, os eventos de vida e *timing*.

Como teorias no nível Micro/Macrossocial:

a) a Teoria do Desengajamento, tentativa de explicar o processo de envelhecimento e as mudanças nas relações entre o indivíduo e a sociedade e a análise da condição do idoso em sua reação psicológica e social diante do envelhecimento, enfatizando o afastamento do prisma da funcionalidade, da mutualidade, da inevitabilidade e da universalidade;

b) a Teoria da Modernização que descreve a relação entre a modernização e as mudanças nos papéis sociais e no *status* dos idosos, enfatizando a relação direta com o nível de industrialização da sociedade;

c) a Teoria da Subcultura que defende a idéia que os idosos estão desenvolvendo uma cultura própria, a partir de suas crenças e interesses comuns, da exclusão de interações com outros grupos etários e do crescimento de interações entre si;

d) a Teoria da Extratificação por Idade cujas principais proposições são os estudos do movimento das coortes de idade através do tempo, da assincronia entre mudanças estruturais e mudanças individuais através do tempo e da interdependência entre as coortes de idade e as estruturas sociais;

e) as Teorias e Perspectivas Feministas que incluíram a questão do gênero na pauta dos estudos do envelhecimento e chamarem a atenção para os preconceitos de gênero dentro das ciências sociais;

f) a Perspectiva do Curso de Vida que repousa em aportes da Sociologia e da Psicologia e permite a análise de processos nos níveis micro e macrossocial de indivíduos e populações ao longo da vida.

Entre as teorias do nível macrossocial encontram-se:

a) a Teoria Político–Econômica que tem como proposições básicas a interação de forças econômicas e políticas, as restrições econômicas e políticas que modulam a experiência do envelhecimento, as experiências de vida e os fatores estruturais;

b) a Teoria Crítica que focaliza as dimensões estrutural e humanística e as vê refletidas na Gerontologia contemporânea tais como a teoria político-econômica do envelhecimento e as teorias feministas.

Segundo Néri⁶, do ponto de vista psicológico, o fenômeno do envelhecimento pode ser analisado a partir das perspectivas de Ciclo de Vida, Curso de Vida e *Liife–Span* indicando, como principal diferença entre elas, o fato de a Perspectiva de Ciclo de vida adotar o critério de estágios como princípio organizador do desenvolvimento, enquanto as Perspectivas do Curso de Vida e *Life -Span*, mesmo admitindo que a vida seja demarcada no tempo, não utilizam este mesmo critério.

Na Perspectiva do Ciclo de Vida o critério de estágios é o princípio organizador do desenvolvimento e a expressão“ ciclo de vida”, está diretamente

relacionada ao sentido em que o termo foi usado por Eric Erikson em sua teoria do desenvolvimento. Para Néri⁶, por considerar a vida humana em toda a sua extensão e em propor que a manifestação e a resolução das crises evolutivas do ciclo de vida se dão no contexto das influências socioculturais, esta teoria representou avanços importantes com relação às teorias clássicas do desenvolvimento.

A Perspectiva do Curso de Vida focaliza o desenvolvimento do ponto de vista das inter-relações do desenvolvimento individual, familiar e societal ao longo do tempo, considerando o impacto da sincronia ou da assincronia entre tempo individual, tempo familiar e tempo histórico sobre o desenvolvimento individual.

A Teoria de Estruturação Etária em Gerontologia e a Teoria Sociológica da Extratificação por Idade compartilham desta mesma orientação, pois as pessoas em seu desenvolvimento não avançam isoladas, compartilhando experiências socioculturais com seus semelhantes, influenciando e sendo por eles influenciadas (princípio recursivo)¹⁵. Ao conjunto de pessoas nascidas numa época, que entram e saem juntas de seus sistemas ou instituições e que tendem a passar pelas mesmas experiências em termos de eventos históricos, nas mesmas épocas de suas vidas, denomina-se coorte.

Este é um conceito importante, bem como os conceitos de geração e o de descontinuidade estrutural “que se manifesta, quando uma sociedade é incapaz de assegurar papéis sociais que permitam a seus membros mais velhos saudáveis e ativos continuarem engajados socialmente ou terem acesso às oportunidades e gratificações sociais disponíveis para os outros extratos etários”⁶. A partir de expectativas e normas comportamentais prescritas pela sociedade como adequadas às diferentes faixas etárias se constituiriam os estágios de desenvolvimento. Estas prescrições sociais internalizadas, associadas à presença de eventos biológicos, terminaria por construir os cursos de vida e a percepção de si mesmo como alguém que esta em conformidade com o exigido, resultando num senso de normalidade e pertinência.

A Perspectiva *Life-Span* admite que a vida seja efetivamente demarcada no tempo, não adotando o critério de estágios como princípio organizador do desenvolvimento. Adota os critérios de extensão ou abrangência da vida em toda a sua duração e de algum período particular. A idade é vista como variável importante, porém não como causa e sim como elemento organizador na pesquisa sobre o desenvolvimento. Pela combinação das estratégias longitudinal e de corte

transversal, é possível atentar para os eventos do contexto, o que significa poder investigar o efeito do pertencimento a uma coorte. Para Néri⁶, esta “talvez seja a contribuição metodológica mais importante da perspectiva *life-span* à pesquisa psicológica.”

2.2 CARACTERIZANDO O CONTEXTO

A coleta dos dados do presente estudo foi desenvolvida em 2006 junto a um grupo de profissionais policiais militares integrantes da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, alunos do Curso Básico de Administração Policial Militar.

Esta instituição, cuja história se confunde com a história do Rio Grande do Sul, é um dos órgãos que integram o Sistema Estadual de Segurança Pública e tem por função exercer o policiamento ostensivo, com objetivo de preservação da ordem pública.

O policiamento ostensivo é efetuado por policiais fardados, em locais públicos e tem caráter preventivo⁹.

Em 1737, este Estado constituiu ponto de concentração do Exército Português e, para defender seu território de inimigos, necessitou de força militar o que levou à criação da Força Pública, composta por tropas que participaram ativamente de contendas internas quanto externas, como a guerra do Paraguai em 1865 e a batalha de Buri, em 1924¹⁶.

Durante a República Velha, em 1892, esta Corporação iniciou um processo de mudança de mentalidade junto a seus integrantes, buscando prepará-los intelectual e tecnicamente e recolhendo-os aos quartéis.

Assim foram criadas as “Escolas Regimentais” em cada Unidade de Tropa, desenvolvendo cursos de primeiro grau ou escola de praças, e de segundo grau ou escola de graduados, tendo como docentes os oficiais das Unidades¹⁶.

A partir daí foram realizadas manobras no sentido de aperfeiçoamento constante e passou a ser dada grande atenção ao setor de preparação física, tendo início as escolas de esgrima e ginástica.

Também neste período, as instituições de ensino da Corporação ganharam sede na então Chácara das Bananeiras, atualmente bairro Partenon em Porto Alegre, RS.

A instrução era, entretanto, voltada para a guerra, para estratégias de combate a pé e montado, com grande valorização da coragem, vigor físico, amor à verdade e à obediência.

No Decreto nº. 88.777¹⁷, de 30 de setembro de 1983, conhecido como R-200, embora já houvesse clara referência a que a formação, especialização e aperfeiçoamento técnico-profissional dos Policiais Militares deveriam estar voltados para a Segurança Pública, também determinava que a estrutura de ensino era dependente de diretrizes do Exército, resultando no preparo das Polícias Militares para atuarem como braço armado do regime militar, enquanto a Força Terrestre – que se autodenominava reserva moral do País – ocupava-se das manifestações urbanas.

Em 1997, pela Lei Nº 10.990¹⁸, de 18 de agosto, foi instituído o Estatuto dos Servidores Militares da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul, e no seu Art. 46, inciso XV, estabelece como direito do Policial Militar “a saúde, higiene e segurança no trabalho”, incluindo não somente o período de tempo em que o servidor estiver na ativa, mas também quando estiver na reserva, aposentado.

Desta forma, a menos de dez anos a Corporação passou a contar com dispositivo legal que prevê a necessidade de cuidados com a saúde o que traz implícita a oportunidade de um envelhecimento com melhor qualidade.

Em 1998, as bases curriculares dos cursos e treinamentos dos profissionais da área da Segurança Pública foram alteradas, objetivando o ensino profissional e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional¹⁹ (Lei 9394/96 - LDB), o ensino militar passou a ser equivalente ao ensino regular, embora esta lei reconheça as especificidades deste ensino e a necessidade de que seja regido por lei específica.

Este ensino deve preparar os policiais militares para atender e proteger a população e para estabelecer os limites, quando ocorram violações dos direitos individuais e coletivos, garantidos pela Constituição Federal do País, num cenário de desigualdades e injustiças sociais. Entretanto, este ensino não inclui em sua transversalidade a preparação para uma longevidade e uma aposentadoria com qualidade.

Buscando a criação de um polícia cidadão, com policiais preparados para o enfrentamento da crescente violência em uma Sociedade Democrática de Direito e ciente do papel da formação neste processo, o Governo Federal iniciou um processo

de reflexão em nível nacional que resultou na elaboração da recente proposta da MCN pelo Ministério da Justiça, em 2004.

A proposta pedagógica implícita neste documento oficial encaminha para uma formação consciente da necessidade de atenção aos profissionais da área da Segurança Pública como seres humanos com direito ao exercício da cidadania o que inclui uma vida com qualidade e dignidade.

Ao longo dos anos, a formação dos policiais da Brigada Militar vem passando por reformulações para acompanhar as transformações e demandas da sociedade, especialmente a partir de outubro de 1988, pela promulgação da Constituição Cidadã na qual, em seu artigo 144 prescreve a Segurança Pública como “dever do Estado, direito e responsabilidade de todos”¹.

Hoje a Brigada Militar conta com um efetivo de 24000 profissionais e está estruturada em Estado Maior, Comando do Corpo e Bombeiros, Comandos de Policiamento Ostensivo e Comandos de Unidades Especiais, sendo que os dois últimos Comandos citados estão subdivididos em escalões menores até o nível de Grupos Policiais Militares que são Comandados por sargentos¹⁶.

2.3 SÍNTESE DA BASE TEÓRICA ADOTADA DA ANÁLISE DA REALIDADE INVESTIGADA

2.3.1 Análise Transacional

A Análise Transacional é uma teoria psicoterápica criada pelo psiquiatra canadense Eric Berne²⁰, posteriormente corroborada especialmente pelos estudos de Penfield²¹, Jaspers²², Federn²³ e Weiss²⁴ entre outros. Penfield trouxe descobertas no campo da neurocirurgia e da epilepsia descobrindo que a estimulação do lobo temporal levava os sujeitos a revivenciar, impregnada de percepções físicas e dos mesmos sentimentos, situações vividas no passado.

Berne entendia que os estudos de Federn e seu discípulo Weiss sobre os sonhos e sobre suas sessões com pacientes psicóticos, ressaltaram no campo da psiquiatria o que os estudos de Penfield em neurocirurgia haviam constatado. O termo “estado do ego”, foi introduzido por Federn e significou a mudança de uma abordagem conceitual, ortodoxa, para uma abordagem fenomenológica. Também é

dele o conceito de “catexia” muito utilizado por Berne para se referir ao potencial de energia dos estados do ego²⁰.

Berne também se refere às contribuições de autores como Piaget, quanto às características do Pai, do Adulto e da Criança na criança real e de Melanie Klein e de sua escola, cujos trabalhos sobre os primeiros estágios do superego se fazem presentes no que Berne chama “a vocação do Pai”²⁰.

“O interesse básico da Análise Transacional é o estudo dos estados de ego, que são sistemas coerentes de pensamento e sentimento manifestados por padrões de comportamento correspondentes”^{25; 25}.

Os estados do ego são a manifestação fenomenológica dos órgãos psíquicos exteropsique, neopsique e arqueopsique, respectivamente e se apresentam de três formas: Pai, Adulto, Criança que juntos constituem a estrutura da personalidade. A identificação e análise destes estados do ego é feita pela *análise estrutural*, pela identificação e separação de padrões de sentimento e comportamento que a cada um corresponde.

O estado do ego Pai (exteropsique) tem origem nas figuras parentais, sendo constituído de conteúdos introduzidos do exterior e sua ação é imitativa. Inclui o *conceito aprendido* de vida; o estado do ego Adulto (neopsique) é um processador de informações internas e externas, que utiliza as experiências passadas e responde às demandas do aqui e agora de forma adequada, tratando-se de um *conceito pensado* de vida; o estado do ego Criança (arqueopsique) é o componente biológico da personalidade, contendo a bagagem genética e os registros das experiências da infância, representando o *conceito sentido* de vida.

Berne defendia a tese: “[...] em qualquer momento, todo indivíduo presente a uma reunião social estará exibindo um estado do ego do tipo Pai, Adulto ou Criança, e as pessoas podem mudar, com variados graus de rapidez e presteza de um estado para outro”^{26; 26}.

O movimento da catexia entre os estados do ego supõe a existência de fronteiras entre eles e pode apresentar-se sob três formas, o que vai determinar as manifestações de diferentes estados do ego: atada (energia potencial), desatada (energia cinética), e livre (energia muscular).

A catexia livre movimenta-se com maior facilidade entre os estados do ego, enquanto as catexias atada e desatada encontram maior resistência à sua passagem pelas fronteiras dos estados do ego. Estes movimentos da catexia vão

determinar qual o estado do ego está sendo vivido como “Eu real” e se será este ou outro a deter o “poder de comando” em determinada situação.

Segundo Berne²⁰, para que um estado do ego seja percebido como “Eu”, a catexia nele predominante deverá ser a catexia livre e para que este mesmo estado do ego tenha também o poder de comando, deverá estar a ele também acrescentada a catexia desatada (cinética). A catexia desatada interagindo com a catexia livre resulta na *catexia ativa*, o que permite ao estado do ego não só ser vivido como “Eu real” mas também ter o “poder de comando”. Já o estado do ego que contenha apenas catexia atada permanece latente.

Por vezes, um estado do ego é percebido como “Eu real”, mas não detém o poder de comando, pois a catexia desatada está em outro estado do ego. É o que pode ser percebido especialmente nos estados neuróticos, quando, embora o Adulto do indivíduo seja vivenciado como “eu real” e permaneça com a possibilidade de crítica sobre determinado comportamento, a atuação é da Criança, carregada de catexia desatada.

Na personalidade cada um destes estados do ego possui função própria e importante para o equilíbrio dos indivíduos: o estado do ego Pai tem por função “conservar a energia e diminuir a ansiedade, por permitir a tomada de certas decisões “automáticas” e relativamente inabaláveis. É particularmente eficaz se as decisões forem sintônicas com a cultura local”^{20; 72}; o Adulto “é, em parte, um computador de probabilidades autoprogramador, destinado a controlar os estímulos ao lidar com o ambiente externo” e o que conta é a “qualidade do processamento de dados e o uso que determinado indivíduo em particular faz dos dados disponíveis”^{25; 72}; a Criança tem como função “motivar o processamento de dados e a programação do Adulto, de modo a obter a maior quantidade de gratificação para si mesma”^{25; 72}.

O diagnóstico dos estados do ego pode ser obtido através de *diagnose comportamental*, (gestos, tons de voz, palavras, expressão facial), *diagnose social* ou *operacional* (análise do padrão de comportamento que surge como resposta a estímulos específicos do ambiente), *diagnose histórica* (resultante da identificação, pelo indivíduo, da figura parental que serviu de modelo ao seu comportamento) e *diagnose fenomenológica* (que emerge da possibilidade da revivência do momento de seu desenvolvimento em que se deu a incorporação deste modelo)²⁰.

Aos achados de Berne que responderam ao “o quê” acontecia na mente dos seres humanos, hoje acrescentam-se os estudos, especialmente de Le Doux²⁷, que buscam responder ao “como” e ao “porquê” do funcionamento do cérebro.

Hine entende que “Esses dois pontos de vista combinam muito bem com o modelo de Representação Generalizada (GR) de formação e operação do sistema mental” e nos permitem “um quadro muito mais claro das bases neurais da teoria da Análise Transaccional”^{28; 61}. Define Rede Generalizada como um “padrão específico de conexões mentais ou neurais que foram reforçadas de tal forma a serem confiavelmente ativadas por sinais familiares”^{28; 65}. Os estados do ego Pai, Adulto e Criança seriam, então, “redes amplamente distribuídas e redes de redes de RGs”:

O funcionamento de um de nossos estados-*self* P-A-C (Pai-Adulto-Criança) é, portanto, a totalidade de um estado particular de ativação mental em resposta aos sinais de pessoas ao nosso redor ou sinais de origem interna, formado e condensado através do tempo como sistema complexo do RGs interconectadas^{28;66}.

Segundo Hine, as redes neurais que posteriormente constituirão o estado do ego Criança começam a se formar ainda antes do nascimento e continuarão a ser construídas durante os primeiros anos de vida. “As RGs que compõem esta rede de atividade neural parecem emergir de sensações corporais e experiências emocionais precoces e posteriores juntamente com os padrões que emergem das interações diárias, em geral, emocionalmente carregadas, com seus “cuidadores”.” Este estado do ego reage, principalmente, a sinais corporais e emocionais^{28; 68}.

Diferentemente da Criança, a formação do estado do ego Adulto se desenvolve em todos os momentos da vida, pelo uso dos órgãos dos sentidos para exploração do mundo e de si mesma. “As RGs formam-se mais ativamente num estágio mais tardio de desenvolvimento cerebral, quando a memória de longo prazo e linguagem já foram adquiridos”^{28; 69}.

O estado do ego Pai, que se constitui pela introjeção dos cuidadores, possui as RGs “mais implícitas” e uma grande parte dos sistemas cerebrais fazem parte de sua construção²⁸.

2.3.2 Teoria da Complexidade

Para Morin¹⁵, a Complexidade não é resposta, é desafio e traz em si a imperfeição, a incerteza e o reconhecimento do irreduzível sem recusar a clareza, a ordem, o determinismo, reconhecendo seus limites. Não se reduz à união da complexidade e da não complexidade (a simplificação), pois se encontra no centro da relação antagônica/ complementar entre o simples e o complexo. Tampouco “se reduz à incerteza, é a incerteza no seio de sistemas ricamente organizados”^{15;52}. Se constitui na dialógica ordem/desordem/organização indo além delas, dissolvendo-as, superando-as e levando-as a progredir. A complexidade é um princípio regulador que não perde de vista a realidade do tecido fenomenal no qual nos encontramos e que constitui o nosso mundo”^{15; 152}.

Morin¹⁵ divide os Paradigmas em duas grandes vertentes: o Paradigma da Simplicidade composto pelas orientações paradigmáticas anteriores e o Paradigma da Complexidade que embasa a Teoria da Complexidade, cuja caracterização é apresentada na figura 1 a seguir e utilizada para a identificação da orientação paradigmática implícita nas concepções e no imaginário de que tratam o presente estudo.

Figura 1: Quadro comparativo

Paradigma da Simplicidade	Paradigma do Pensamento Complexo
Põe ordem no universo e expulsa a desordem. A ordem é reduzida a uma lei, a um princípio.	A interação entre ordem e desordem gera organização. Uma suprime a outra, mas ao mesmo tempo, em certas situações, colaboram e produzem complexidade (princípio dialógico). Os fenômenos desordenados são necessários em certas situações para a produção de fenômenos organizados.
Separa o que está ligado (princípio da disjunção). Unifica o que está disperso (princípio da redução). Tal causa produz tal efeito (relação linear).	Princípios de distinção, de conjunção e de implicação. Busca de princípio capaz de unir o que está disjunto. Tudo é solidário. A causa gera um efeito, que retroage sobre ela, modificando-a e sendo por ela modificado: princípio recursivo.
Desintegra a complexidade da realidade. Só vê as partes ou só vê o todo.	Integra a simplificação, mas recusa as conseqüências redutoras e unidimensionais. A parte está no todo, o todo está de alguma forma inscrito na parte: princípio hologramático. A complexidade está onde não se consegue superar uma contradição. Algo escapa ao tempo e ao espaço, mas não anula o fato de, simultaneamente, estar inquestionavelmente no tempo e no espaço.
Vê o uno ou o múltiplo, sendo incapaz de perceber a interdependência entre eles.	Realidade compreendida como una/complexa/diversa/múltipla.
Separa o observador e o conceptor da observação e da concepção.	Integra o observador e o conceptor na observação e na concepção.
Visão unidimensional.	Visão multi e interdimensional.
Visão determinista que elimina a noção de sujeito com autonomia construída nas relações de interdependência.	Não recusa a idéia de determinismo. Acha-a insuficiente, pois não é possível programar a descoberta. Os sistemas criam as próprias determinações e finalidades, numa noção de sujeito autônomo/dependente, vacilante e provisório; incapaz de estar seguro e de evitar contradições.
A distinção e a clareza são caracteres intrínsecos da verdade de um conceito.	Os conceitos não são definidos pelas suas fronteiras, mas a partir de seu núcleo. Desvela mediações/contradições
As contradições precisam ser superadas.	As contradições são espaços para construção, significando uma visão mais aprofundada do fenômeno.
Usa programação, que sofre de rigidez em relação à estratégia.	Usa estratégias comunicacionais não lineares.
Conflito associado a situações anormais a serem corrigidas.	Reconhecimento dos processos de confrontação como meio de inovação.
Consideração aos aspectos formais e relações unidirecionais.	Consideração a aspectos informais e de relações bidirecionais.
Esquema estímulo-resposta para explicação das condutas individuais e organizacionais.	Esquema diagnóstico do conhecimento prévio e da reflexão sobre ele para explicação das condutas individuais e organizacionais.
Meio ambiente externo determinante das mudanças organizacionais.	Meio ambiente externo como um dos fatores de influência nas mudanças organizacionais.

Fonte: elaborado por AZEVEDO E SOUZA, Renata Bidone de. O Caminho de Bom a Melhor: estratégias comunicacionais, uma perspectiva de complexidade. [Tese]. Faculdade de Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007, p. 32 (a partir da obra de Morin).

A partir dos descritores destes dois grandes paradigmas, é possível afirmar que na realidade policial brasileira, o pensamento simplificador não tem considerado a importância de uma concepção de diversidade (dos componentes) na unidade do ser humano, o que tem gerado produções bibliográficas incapazes de contribuir para a elaboração de estratégias que possibilitem trabalhar sobre o envelhecimento em sua complexidade.

A ênfase dada neste estudo aos aspectos psicológicos que envolvem as concepções de envelhecimento, não significa permanecer numa visão simplificadora deste fenômeno, reduzindo-o ao psicológico, e sim numa chamada de atenção a um de seus aspectos fundamentais e que têm implicações na formação e atuação profissional e sobre a forma como os policiais convivem com o envelhecimento.

Para Balestreri²⁹, a miséria econômica, cultural e psíquica da maior parte da polícia, na maioria dos estados brasileiros, constitui uma calamidade e um impedimento-chave para que se desenvolvam processos democráticos e civilizatórios. “Investir, pois, no aparelhamento, assalariamento e formação técnico-científica e humana nos policiais, é o grande caminho para a transformação do sistema”²⁹ e para a conquista de melhores condições de vida: uma formação concebida como processo educativo, construtivo e permanente se faz necessária, a partir do estabelecido na Matriz Curricular Nacional para a Formação de Profissionais da área da Segurança Pública.³

Certos tipos de trabalho policial podem levar o homem a tornar-se brutalizado, induzindo-o a fazer coisas que jamais teria imaginado fazer, especialmente em períodos de exceção³⁰. Estas ações deixam marcas que interferem nas suas concepções. Além disto, considerando-se que se trata de profissionais para os quais, chegar à aposentadoria significa ser quase um/uma sobrevivente, aprender sobre o tema envelhecimento pode parecer ser fonte de sofrimento ou perda de tempo. Assim sendo, a compreensão sobre o processo de envelhecimento, como objetivo componente da transversalidade da rede de objetivos do programa de formação principal se faz necessária, o que não significa apenas informar, mas auxiliar na reconstrução das concepções, a partir do conhecimento prévio, para que, a partir dele, mudanças possam acontecer.

A consciência da multi/interdimensionalidade do fenômeno do envelhecimento se faz presente em boa parte da bibliografia à disposição, embora as abordagens raramente apresentem o distanciamento de uma visão especializada.

No presente estudo, é assumida uma concepção de envelhecimento como fenômeno complexo, constituído pela interação entre diferentes dimensões (biológica, social, psicológica, educacional, ética e cultural).

2.3.3 Qualidade de vida

Segundo documento do Grupo de Qualidade de Vida da divisão de Saúde Mental da OMS, **qualidade de vida** é "a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações"³¹, com consciência de suas relações de interdependências³².

Segundo este documento, três características fazem parte desta definição, quais sejam, subjetividade, (percepção do indivíduo), multidimensionalidade (dimensões física, psicológica e social, entre outras) e bipolaridade (dimensões de positivo e negativo sobre as diversas condições)³¹.

Numa perspectiva de complexidade implica dizer: interdimensionalidade, entendendo-se as dimensões constituintes como partes de um todo que interagem entre si e com ele, (princípio hologramático)¹⁵ gerando a qualidade de vida, o que está descrito em Neri⁶ quando acentua que as condições necessárias a uma vida com qualidade estão ligadas a múltiplos fatores e influências pois, [...] "em qualquer momento do ciclo vital e em qualquer sociedade, qualidade de vida é um fenômeno de várias faces e assim, é mais bem descrito por intermédio de um construto multidimensional"^{6; 162}.

O termo qualidade de vida tem significados diferentes para diferentes pessoas, diferentes lugares, diferentes momentos históricos e, por vezes, para a mesma pessoa, em momentos diferentes de sua vida⁴.

Desta forma, os parâmetros através dos quais se define qualidade de vida também mudam, à medida que são construídos a partir do que, em determinado tempo e lugar, é reconhecido como valor inerente a uma vida com qualidade.

Para atender à complexidade envolvida neste tema, este construto contém critérios biológicos, sociais e psicológicos a partir dos quais é percebido o trajeto da história de vida de indivíduos, grupos humanos e sociedades, bem como seu momento presente e suas projeções para o futuro, incluindo seu ambiente físico e social. Estes critérios, objetivos e subjetivos, individuais e coletivos, estão

associados a normas e a valores sociais e individuais e também sujeitos a mudanças.

Cícero ressaltava as qualidades da sabedoria, clarividência, e discernimento como “Qualidades das quais a velhice, não só não está privada, mas, ao contrário, pode muito especialmente se valer”^{33;19} como compensação à perda de condições como força, agilidade física, rapidez. Apontava com isto, valores a serem cultivados para uma velhice bem sucedida. Ainda que estes sejam valores importantes em qualquer época, talvez não deveriam ser apontados como importantes à qualidade de vida na velhice na sociedade atual, onde o processo de degerontocratização resulta no desejo de permanecer jovem, belo e ser eterno³⁴.

Do ponto de vista objetivo, as condições desta qualidade podem ser observadas a partir de parâmetros estabelecidos e replicáveis tais como competências comportamentais, condições do ambiente físico; acesso a serviços de saúde, lazer e educação; finanças; existência e características da rede de apoiadores informais; índices de urbanização e de alfabetização; padrões sociais de morbidade e mortalidade para as diferentes faixas etárias; possibilidades/limitações e condições de produtividade/improdutividade.

Já as condições subjetivas são obtidas a partir dos relatos de indivíduos e de grupos sobre as condições objetivas em que vivem, do quanto lhes parecem ou não satisfatórias e sobre seus efeitos no bem-estar/mal-estar individual e coletivos.

Lawton³⁵ construiu um modelo de qualidade de vida na velhice baseado em critérios inter-relacionados: Competência comportamental, Condições ambientais, Qualidade de vida percebida e Bem-estar subjetivo.

A Competência comportamental leva em conta o funcionamento e desempenho do indivíduo no que se refere à saúde, funcionalidade física, cognição, comportamento social e utilização do tempo. Está relacionado ao potencial dos indivíduos e à sua história pessoal, experiências, valores, condições de vida, desenvolvimento pessoal, entre outros.

As Condições ambientais referem-se à compatibilidade do ambiente com as condições físicas e competências comportamentais do idoso.

A Qualidade de vida percebida prende-se à avaliação que o próprio indivíduo faz de sua própria vida, de suas condições e de seu funcionamento nas diversas áreas, de expectativas pessoais e sociais, expressadas no como se percebe em relação a elas, bem como de seu ambiente físico e social.

O Bem-estar subjetivo pertence ao âmbito da experiência privada e deve considerar o nível de satisfação, global e específica, com relação às diversas áreas da vida, tais como saúde física, saúde cognitiva, sexualidade, relações sociais, relações familiares e espiritualidade. Também inclui medidas cognitivas e emocionais, englobando os três critérios anteriores.

Paschoal refere estudos empíricos que demonstram que a qualidade de vida percebida está relacionada ao bem – estar subjetivo e mecanismos de personalidade tais como o senso de controle, de eficácia pessoal e de significado, bem como às estratégias de enfrentamento. ⁴

Néri ressalta a importância da competência adaptativa, resultado das competências emocional, cognitiva e comportamental que possibilitam lidar com o estresse, resolver problemas e relacionar-se socialmente, o que resulta na manutenção de papéis, atividades e relações sociais e no ajustamento pessoal, com importantes reflexos na saúde física e mental dos idosos ⁶.

2.3.4 A formação

Se o policial ao exercer suas funções convive com o risco de vida, como não trabalhar suas concepções de vida, morte, envelhecimento? Como promover uma competência coletiva profissional, uma íntima relação com o desenvolvimento das capacidades de leitura e gestão situacional, se não forem exploradas a leitura e a gestão de suas próprias vidas?³

Os cursos de formação policial pretendem preparar profissionais competentes que assumam a responsabilidade pelo seu próprio desenvolvimento profissional. Entretanto, na prática, o “desenvolvimento profissional” pode estar sendo reduzido às habilidades técnicas, como se a dimensão pessoal fosse separada da dimensão profissional e como se as concepções das pessoas sobre fenômenos inerentes a sua natureza não fossem importantes de serem discutidas³.

Para isto, se faz necessário que a formação seja concebida como “impulso para além do imediatismo da prática e, ao mesmo tempo, em direção a um alguém capaz de reter os sujeitos, os formadores e os responsáveis à beira de ações mais implicativas, personalizadas e, porque não, culturais. Algo que se colocaria como uma relação de tensão, senão de conflito, diante das definições de uma formação em termos de “ensino profissional”, ligada à uniformidade, às normas e à prescrição enunciada e

talvez esperada de utilidade e de eficácia, as mais imediatas possíveis ^{36;}
48

Nesta orientação a transversalidade curricular desempenha papel organizador da coerência interna e papel integrador em relação a uma identidade policial militar construída na confluência das dimensões profissional e pessoal, onde os currículos tenham como finalidade a construção de uma competência coletiva a partir do desenvolvimento e da transformação progressiva das capacidades intelectuais e afetivas para o domínio de conhecimentos, habilidades, hábitos e atitudes também relacionadas a uma vida com melhor qualidade. E isto inclui atenção ao próprio envelhecimento ³⁷.

Na Matriz Curricular Nacional para a Formação em Segurança Pública³ proposta pela Secretaria Nacional de Segurança Pública/Ministério da Justiça (SENASP/MJ) em 2004, fica explicitado, com base em Altet,³⁸ o entendimento de competência profissional como o conjunto de saberes, esquemas de ação, posicionamentos assumidos, habilidades, hábitos e atitudes necessários ao exercício das funções de Segurança Pública. Assim, o conjunto de competências que forma a competência profissional é de natureza cognitiva, afetiva e prática e de ordem técnica e didática. Entre os saberes que integram a competência profissional, encontra-se o saber instrumental, que desenvolve a competência “saber analisar criticamente”. Entretanto, é preciso entender que este saber também diz respeito à dimensão pessoal ³.

Tal como o conhecimento científico, as práticas sociais também são construídas tendo por base paradigmas.³⁸ Estes, embora nem sempre explícitos, determinam ângulos, impregnam e direcionam as ações, os objetivos, as estratégias³⁷.

Paquay e Wagner, destacam seis tipos diferentes de paradigmas de formação, que objetivam formar diferentes tipos de profissionais pois “o tipo de competências a que se chegou está fortemente associado ao método de produção”^{39; 136}.

Assim sendo, se o profissional desejado é aquele que tem o domínio dos saberes relativos à profissão, temos o paradigma do “profissional culto”.

Dentre os profissionais policiais, possivelmente o domínio de saberes não constitua o principal objetivo a ser buscado, estando esta profissão construída sob

imaginário voltado especialmente à força e agilidade físicas, “forma formadora”⁴⁰, a um só tempo causa e efeito,⁴⁰ que transparece na imagem destes profissionais no cotidiano das ruas e reforçado através de personagens mostrados em filmes e seriados.

Quando a formação profissional tem como objetivo um profissional que domine o saber-fazer técnico, o paradigma é o do “técnico”, voltado para o desenvolvimento de competências esperadas. Este saber-fazer técnico tem na profissão policial restrito espaço de possibilidades pelas características do agir policial, onde são necessárias várias competências associadas para fazer frente à complexidade das situações nele envolvidas. Entretanto, na formação destes profissionais este paradigma tem resultado em ensino voltado prioritariamente à transmissão de conhecimentos técnicos e operacionais, possivelmente reforçando um imaginário que associa a técnica a poder, domínio e controle⁴¹, distanciando-se de se conceber como seres humanos, com necessidades universais.

O profissional “prático artesão” é aquele que adquiriu na prática, o que os autores chamam de “esquemas de ação contextualizados”. O conhecimento prático adquirido no cotidiano policial pode trazer importante acréscimo ao conhecimento teórico. Entretanto, dissociado da teoria, poderá significar a reprodução de práticas estabelecidas com o passar do tempo, sem questionamentos à sua eficácia ou adequação, repercutindo num imaginário que dissocia teoria e prática e não reconhece o profissional e a formação como uma integralidade. Importa um movimento permanente de aproximação da teoria com a prática, interdependentes que são, onde a contribuição entre ambas resulte em enriquecimento recíproco.

A formação profissional construída sob o paradigma do “prático reflexivo” objetiva profissionais que construam um saber ancorado na experiência, sistematização, suporte teórico e que pode ser a outros comunicado. Este profissional terá condições para analisar situações singulares e de sobre elas refletir para encaminhar soluções.

A formação deste profissional em permanente evolução, agregando novos conhecimentos, analisando crítica e continuamente os resultados de suas próprias práticas e das práticas observadas, constitui desafio para uma formação e uma prática ainda exercidas a partir de diferentes imaginários, resultando em dissociação entre teoria e prática, entre Academias, como o lócus da Formação e as ruas, lugar das práticas.

A formação e a profissão policial, por suas características próprias e pela constituição hierárquica das instituições policiais, carecem de um aspecto importante apontado pelo autor para formar práticos reflexivos, a autonomia.

Além disto estes profissionais, em seu cotidiano precisam, em fração de segundos, tomar decisões em situações de intensa pressão, incerteza e risco, agindo e reagindo em tempo real, sob circunstâncias carregadas de tensão. Isto não impede, entretanto, que exercitem a reflexão sobre suas práticas, tanto individualmente quanto em seus grupos de trabalho, desde que disponham de condições para isto.

O paradigma do profissional como “ator social”, busca formar profissionais inseridos em projetos coletivos e conscientes da complexidade de seu agir profissional o que constitui mais um dos desafios colocados à formação dos profissionais policiais e a um imaginário, muitas vezes reforçado nos processos de formação, onde policiais e cidadãos civis estão colocados em lados opostos.

O aumento da violência, da criminalidade e da criminalidade violenta tem exigido dos policiais o saber analisar criticamente estas situações a partir de um ponto de vista sistêmico, sob pena de não compreendê-las em suas múltiplas dimensões.

O Plano Nacional de Segurança Pública traz em seus eixos articuladores que, o novo ângulo de abordagem exige que as proposições estejam em sintonia com a complexidade do problema a ser enfrentado; devem se traduzir em projetos multidimensionais; mobilizar recursos multissetoriais; envolver atores públicos e privados de diferentes tipos e que se inspirem em conhecimentos interdisciplinares.⁴² Todavia a competência necessária a esta visão da Segurança Pública, envolvendo os diversos atores dentro da sociedade e o saber atuar em meio a estes atores, sem perder de vista os papéis inerentes à sua profissão, precisa ser desenvolvida, assim como uma visão sobre a realidade que se movimenta, numa recursividade que permite enxergar as diversas situações em sua realidade própria e imediata com também situá-la em contextos sempre mais abrangentes.

A formação onde o profissional é concebido como “pessoa” em permanente desenvolvimento pessoal, relacional e profissional, estrutura-se sobre a construção de uma identidade profissional positiva e sobre o desenvolvimento de competências,

pessoais e relacionais, dentro de uma atmosfera de confiança e clareza na comunicação.

Neste caso, o imaginário a ser enfrentado tanto internamente às instituições quanto junto à população, é aquele que associa os profissionais com características que estão além ou aquém das expectativas humanas, resultando em que eles mesmos não tomem contato e não atendam às suas necessidades.

Como referem Paquay e Wagner, os diversos paradigmas necessitam ser percebidos de forma articulada, atendendo a diferentes competências profissionais (e a diferentes imaginários) o que significa que nenhum deles pode ser descartado e, tampouco, pode ser forçada uma integração entre eles o que, por sua artificialidade, poderia produzir um “amálgama incoerente”³⁹.

A complexidade da profissão policial exige formação que contemple competências com ela compatíveis, pela articulação entre os saberes, as habilidades, hábitos, atitudes e os esquemas de ação conforme delineado na MCN³, incluindo a reflexão sobre o imaginário implícito nas concepções que sustentam políticas públicas para propiciar condições para um exercício profissional acompanhado de qualidade de vida, o que poderá resultar num devir construído sobre concepção de envelhecimento com bases que questionem estereótipos e preconceitos³. Destarte, assegurar uma formação profissional com qualidade significa evoluir no sentido de uma visão educacional mais humanizadora, que priorize uma aprendizagem continuada sobre a melhoria na qualidade de vida antes e após a aposentadoria.

Numa problemática desta natureza é preciso auxiliar na construção de uma identidade policial militar que inclua uma nova cidadania (social e solidária), garantindo um maior tempo na vida produtiva e uma velhice com qualidade.

2.3.5 Imaginário e concepção

Gilbert Durand, em Comunicação apresentada no 1º Congresso Internacional de Transdisciplinaridade, na Universidade Internacional de Lisboa, Novembro de 1994, referiu-se ao imaginário como “lugar do “entre-saberes”, “tecido conjuntivo “entre” as disciplinas, o reflexo – ou a “reflexão”? – que acrescenta ao banal significante os significados, o apelo do sentido”^{40; 231}.

Segundo este autor, a “civilização da imagem” representou, não só a valorização do imaginário, como também sua aproximação às diversas disciplinas: [...]“o imaginário que emerge de todas as disciplinas e as reforça”^{40; 232}.

O imaginário faz os fenômenos serem o que são, pois fazem parte de uma construção histórica e de uma cultura resultante de uma atmosfera em constante produção de imagens. Desta forma, as imagens associadas ao fenômeno envelhecimento são parte das concepções de mundo, alimentando/sendo alimentadas por conhecimentos elaborados a partir de princípios⁷ de organização do pensamento, resultando em outras imagens e em ações sobre a realidade compatíveis com elas, pois o imaginário “apresenta, claro, um elemento racional, ou razoável, mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas”^{43; 76}.

O imaginário representa a relação entre os limites que a sociedade e que a própria vida, como realidade objetiva impõe à subjetividade. “Nisso entra, ao mesmo tempo, algo sólido, a vida com suas diversas modulações, e alguma coisa que ultrapassa essa solidez. Há sempre um vaivém entre as intimações objetivas e a subjetividade. Uma abre brechas na outra”^{43; 80}.

O imaginário é uma construção mental, social e do espírito, do pensamento racional/não racional que se nutre das realidades nutrindo-as, as enriquece/enriquecendo-se e as ultrapassa, impregna o coletivo/individual, estabelece laços/disjunções; é individual/coletivo; produz imagens que, ao mesmo tempo contribuem para a sua formação e transformação e, embora cada indivíduo viva este imaginário a partir de suas idiosincrasias, permanece sendo um fenômeno grupal, tribal, partilhado, trazendo a sensação de fazer parte de algo, de partilhar, “funciona pela interação, pela vibração comum e pela sensação partilhada”. É o “estado de espírito de um grupo”, um “cimento social” em que o individual assume a forma de um reflexo grupal. É algo que ultrapassa o indivíduo”, algo que “impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo”^{43; 76}, algo que “instala-se por contágio”^{41; 13}.

Silva⁴¹ define imaginário como reservatório e motor: Como reservatório, “agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida”, a partir do que constrói “um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar estar no mundo”. Este movimento de construção se dá, a um só tempo, nos indivíduos e nos grupos e constitui “marca digital

simbólica”. Como motor, “o imaginário é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos”, condição estruturante que possibilita a ação do homem no mundo^{41; 12}. Assim sendo, o imaginário, que nasce da própria realidade, a ela retorna, idealizado, como força propulsora de ação sobre esta realidade.

As formas a partir das quais se dá a construção do imaginário nos indivíduos e nos grupos seguem caminhos diversos. Nos indivíduos pela “identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro para si)”; nos grupos, pela “aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação (distinção do todo por difusão de uma parte)”^{41; 13}.

Morin, em artigo publicado no livro “Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação”⁴⁴ fala em “complexos imaginários”, formados a partir dos processos de projeções, identificações e transferências, em que os sujeitos/indivíduos projetam estados psíquicos no mundo externo, identificam-se com o projetado⁴⁴. Nos complexos imaginários estes elementos são distintos/ interdependentes.

“O complexo imaginário [...] determina a vida imaginária” e representa “um análogo (analogon) psíquico das relações de troca entre um ser vivo e seu meio”^{44; 90-1}. Este complexo está de tal forma imerso na vida prática que Morin refere-se a uma “osmose entre imaginário e prática”^{44; 101}.

O imaginário e as concepções sobre envelhecimento e sobre formação são configurações originais, que formam uma unidade engendrada por um espírito humano que, num determinado espaço e tempo, ao criar exclusões sociais, apresenta seqüelas nascidas no imaginário social⁸.

A construção das concepções está associada ao desenvolvimento da estrutura da personalidade, compreendendo sentimentos e pensamentos relacionados aos fenômenos²⁰, a partir de acontecimentos, articulações, objetos, estruturas, leis do mundo⁸, imaginário e motivação.

Nesta construção também participam a inteligência e a memória, que auxiliam na transformação do conhecimento em concepção. A memória associada ao pensamento, aciona o processo de autocrítica⁸, que é importante à reconsideração das próprias concepções e à reconstrução do conhecimento. Este movimento de reconsideração inclui a consciência dos processos internos

relacionados à concepção, produzindo a reflexão que permite a autocorreção e o autodesenvolvimento⁸.

As concepções podem ser concebidas como um sistema aberto formado por instâncias interdependentes, que se produzem umas às outras em circuito reflexivo/recursivo. Isto significa afirmar que os processos cognitivos são produtores e produtos da atividade hipercomplexa de um “aparelho” que computa/cogita de modo informacional/representacional/ideal, de forma digital/analógica, quantitativa/qualitativa, lógica/alógica, precisa/imprecisa, analítica/sintética, imaginativa/verificadora, racional/mitológica⁸.

“A imaginação elabora formas ou figuras novas, inventa/cria sistemas a partir dos elementos captados aqui e ali, o que confirma, na esfera do pensamento, o caráter experimental de toda evolução criadora”⁷.

No Projeto de Pesquisa Matriz “Concepção de Envelhecimento”, coordenado por Azevedo e Souza, participam diferentes subprojetos realizados em diferentes estratos da realidade nos anos de 2000, 2002 e 2003, utilizando-se de dados também relacionados ao imaginário associado à concepção. Os resultados destes estudos apontam para concepções simplificadoras de envelhecimento e mostram que nelas, a dimensão mais presente tem sido a biológica associada a efeitos negativos, inclusive em resultado sobre imaginário associado ao fenômeno envelhecimento em estrato composto por profissionais que trabalham na área da Gerontologia, ocasião em que foi identificada contradição entre a concepção emergente da fala e a emergente das imagens associadas, (numa conotação preconceituosa e estereotipada).

A partir da análise do imaginário associado ao envelhecimento é possível constatar se as concepções incluem descritores favoráveis e/ou desfavoráveis, o que pode indicar visão de envelhecimento com consciência da ambivalência contida na complexidade deste fenômeno ou se as concepções do envelhecimento apresentam indícios de simplificação ou complexidade.

As imagens associadas aos fenômenos infiltram-se na concepção de mundo do sujeito/indivíduo⁸ e têm sua origem em conhecimentos e sentimentos construídos em vivências e percepções da realidade que se desenvolveram durante a história pessoal²⁰.

As pessoas tornam-se vítimas de suas próprias construções imagéticas; quando jovens contribuem para a criação de estereótipos em relação ao

envelhecimento, que com o passar dos anos assumem configuração fantasmagórica. Esta estereotipificação parece afetar a confiança, baixando a auto-estima⁴⁵.

A “perda” da condição estética desejada/imposta culturalmente pelo envelhecimento faz sentir-se diferente, perceber o afastamento do ideal estético corporal.

O envelhecimento psicológico tem relação com o sentido subjetivo de idade, que depende de como cada um avalia a presença ou não de marcadores biológicos, sociais e psicológicos em comparação com outras pessoas.

O corpo, com suas modificações pode originar sentimentos de perda e de luto por um corpo que se distancia do ideal de juventude socialmente instituído⁴⁵.

Na realidade investigada, a complexidade associada ao fenômeno envelhecimento torna-se ainda mais complexa pela possibilidade permanente de morte prematura e pelo papel que ocupam a vitalidade e a força física como condições para o desempenho profissional..

3 MÉTODO E METODOLOGIA

3.1 FALANDO SOBRE O MÉTODO

O estudo foi desenvolvido numa abordagem qualitativa, numa perspectiva dialógica implícita ao método da complexidade, em triangulação com a semiologia (no artigo sobre a concepção de envelhecimento implícita no imaginário) e com a fenomenologia (nos artigos sobre as concepções de envelhecimento e de formação manifestadas no depoimento escrito dos participantes do estudo).

O método da complexidade constitui pensamento que se nutre de incerteza e da reflexão, recusando o conhecimento fragmentado e redutor¹⁵.

Este método constitui a busca de um pensar que seja capaz de respeitar a realidade, em sua multidimensionalidade, sua riqueza e mistério e de reconhecer que o objeto do conhecimento é co-determinado pelas determinações cerebral, cultural, social e histórica¹⁵.

No desenvolvimento da presente pesquisa foi utilizado o método da complexidade que concebe o sujeito/indivíduo em sua autonomia/dependência e em sua singularidade/generalidade, numa relação recorrente na qual o sujeito/indivíduo é “simultaneamente gerado/produzido/determinado e gerador/produtor/determinante”; que reconhece a realidade complexa das emergências (qualidades fenomênicas) que retroagem sobre o que as causou e que são parte constitutiva do todo^{46; 295}.

O método da complexidade implicou elaboração de estratégia na busca e alcance da compreensão/explicação da realidade.

“A compreensão é justamente o conhecimento por projeção/identificação que torna um ser-sujeito inteligível para outro ser-sujeito [...] traz uma possibilidade de inteligência da subjetividade pela subjetividade”, que pode e deve ser não só reflexiva mas combinada indissolivelmente com a 'explicação', isto é, os modos objetivos de inteligibilidade. Compreensão e explicação devem controlar-se e completar-se reciprocamente e remeterem-se uma à outra num circuito cognitivo explicação ⇒ compreensão^{46; 325}.

Os princípios metodológicos interdependentes que permearam a pesquisa foram os que embasam a dialógica proposta por Morin¹⁵:

- princípio hologramático, em que a parte está no todo e o todo está de alguma forma nela representado, numa concepção de recursividade entre totalidade e partes constituintes
- princípio recursivo em que a causa age sobre o efeito, e o efeito age sobre a causa, modificando-a, gerando um novo efeito...(retroação auto-reguladora); em que os produtos e os efeitos são produtores e causadores do que os produz, num entendimento de autoprodução e auto-organização;
- princípio dialógico, numa união entre idéias antagônicas, complementares ou concorrentes, formando novas sínteses provisórias, num determinado tempo e espaço.

Assim sendo, partes antagônicas/complementares/concorrentes interagem entre elas e com o todo, que de alguma forma está nelas representado, e o todo, ao ser transformado/transformado-se, as transforma (princípios dialógico, hologramático e recursivo);

A busca da objetividade, no presente estudo, implicou mobilização da curiosidade intelectual diante do desconhecimento sobre a realidade e diálogo com autores e o emprego da subjetividade o que significou compreender a objetividade incluindo “aderências subjetivas”, pois “a objetividade se aprofunda na sua raiz subjetiva/objetiva”^{46; 328}.

Só um sujeito consciente de ser sujeito pode lutar contra a subjetividade. Só um sujeito consciente de ser sujeito pode conceber o seu auto-egocentrismo e tentar descentrar-se através do espírito, inscrevendo-se num circuito transubjetivo superior que vai chamar-se o amor da verdade^{46; 328}.

Foi preciso adotar princípios metodológicos capazes de agrupar pontos de vista que “se excluem, se opõem, se inter-hierarquizam de modo que, não deixando de ser antagônicos ou concorrentes, se tornam complementares e dependem da realidade complexa do indivíduo”^{46; 294}.

Como principais garantias da qualidade dos dados qualitativos (equivalentes à confiabilidade, validade e relevância), utilizou-se:⁴⁷

- a) a triangulação entre tipos de análises (análise de conteúdo e análise semiológica) e a reflexividade (equivalente à confiabilidade e validade);
- b) a transparência e a clareza nos procedimentos (equivalente à confiabilidade), explicitadas nos quadros e esquemas elaborados a partir das falas dos participantes;

c) a construção do *corpus* (equivalente à confiabilidade e relevância) a partir da decisão sobre a fonte de dados e do critério de saturação (quando o material analisado não apresenta mais novidade);

d) a descrição detalhada (equivalente à confiabilidade e relevância) o que permitirá que outros pesquisadores possam fazer réplica do estudo.

3.2 CARACTERIZANDO OS PARTICIPANTES

A Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul teve um percurso histórico singular, de defesa de território, o que culminou numa denominação diferenciada do resto das polícias militares brasileiras em que Brigada significa uma Divisão do Exército. Sua singularidade também se manifesta na sua identidade e imagem junto a seus públicos e nas características estaduais.

O estudo foi desenvolvido junto a um grupo de 22 alunos sargentos do Curso Básico de Administração Policial Militar, de formação de nível intermediário da Polícia Militar do Rio Grande do Sul escolhidos de forma aleatória, dentre o total de alunos do curso, em número de 147, compreendendo profissionais de todas as regiões do estado.

Estes alunos – sargentos -, concluindo o curso estarão habilitados a ser promovidos a 1º Tenente, posto de nível intermediário na hierarquia policial militar, considerado elo de ligação entre os oficiais, gestores da instituição e a tropa diretamente envolvida com a população.

Assim, para poderem realizar este curso, os sargentos passaram por um processo seletivo do qual constaram provas escritas, exames de saúde, testes físicos e exame profissiográfico, este com o objetivo de verificar se o candidato possuía ou não perfil para exercer o posto de Tenente.

O número total de sargentos no Estado é de aproximadamente 10500.

A opção pelo critério de inclusão/exclusão tempo de serviço igual ou superior a 20 anos deveu-se ao fato destes profissionais terem atualmente a possibilidade de aposentarem-se aos trinta anos de trabalho. Assim, o limite em vinte anos significa um mínimo de dois terços de tempo na ativa e a possibilidade dos respondentes terem no mínimo trinta e cinco anos.

A decisão sobre a amostra - 22 participantes - manteve-se nos limites considerados na literatura consultada para a realização de atividades de coleta de

dados em nível coletivo, pela saturação dos dados (critério de confiabilidade e relevância), o que encontra suporte em Flick⁴⁸ e Bauer e Gaskel⁴⁷.

Flick denomina de “amostragens teóricas” as que podem ser tomadas quando se pretende comparar sem ter como base uma amostragem estatística. Os participantes foram selecionados de acordo com o que era esperado de dados emergentes para o conhecimento que estava sendo construído⁴⁸ e foi a construção do corpus (indicador de confiabilidade e relevância) o critério que permitiu uma coleta sistemática de dados, o que exigiu transparência nos procedimentos e nos critérios utilizados⁴⁷.

O tamanho da amostra permitiu atender à tendência de saturação, pois a generalização pretendida foi a analítica (análise teórica), o que significa que os resultados encontrados foram referentes aos componentes do *corpus* e poderão ser transpostos para novos contextos sob a forma de hipóteses,⁴⁷ desde que seja realizada análise criteriosa do novo contexto de aplicação.

Aos policiais foi entregue um roteiro para depoimento por escrito, cuja primeira parte constava de questões fechadas, com o objetivo de caracterização. Na segunda parte constavam 11 questões abertas sobre envelhecimento e formação profissional, que foram analisadas numa abordagem fenomenológica. As questões e as respostas dadas constam dos anexos deste estudo.

Uma destas perguntas solicitava que citassem objetos ou descrevessem imagens que associavam ao envelhecimento e, sobre as respostas dadas a esta pergunta, foi realizada análise semiológica, utilizando-se a análise proposta por Penn⁴⁹.

O valor cognitivo das metáforas foi utilizado, pois através destas os entrevistados revelaram seu imaginário.

A metáfora freqüentemente fornece precisões que a língua puramente objetiva ou denotativa não pode fornecer. Ao estabelecer uma comunicação analógica entre realidades diversas, a metáfora dá intensidade afetiva à inteligibilidade que apresenta.⁵⁰ Assim sendo, quando os participantes citaram bom vinho, bom livro, bengala e ferrugem, por exemplo, possibilitaram uma melhor compreensão da qualidade atribuída ao envelhecimento.

Identificar concepções de envelhecimento e identificar sob que imaginário se foram construindo, é condição para qualquer intervenção que vise à reconstrução de concepções de envelhecimento que possibilite olhar a velhice (etapa do

processo) a partir de uma visão sistêmica, de sua “arquitetura complexa”, que é construída sobre pilares não só biológicos como, também, sociológicos, psicológicos, culturais e educacionais.

Os profissionais policiais militares caracterizam-se por:

a) idade entre 36 e 51 anos, sendo que, destes, 2 entre 30 e 39 anos, 19 entre 40 e 49 anos e 1 entre 50 e 59 anos (tabela 1 – Anexo 2).

b) estado civil: 11 casados, 4 solteiros, 2 divorciados, 2 separados (tabela 2- Anexo 2).

c) escolaridade: 6 com curso superior incompleto e 9 completo, 4 com curso de especialização, 8 com Ensino Médio completo (tabela 3- Anexo 2).

d) formação: 12 fizeram curso técnico-operacional, 5 de cultura geral, 2 pedagógica, 2 recursos informatizados (tabela 4- Anexo 2).

e) tempo de exercício na função: entre 16 e 30 anos (tabela 5- Anexo 2).

f) tempo em exercício de policiamento ostensivo: 3 participaram por 3 anos, 2 por 5 anos, 1 por 6 anos, 3 por oito anos, 1 por 10 anos, 1 por 14 anos, 1 por 15 anos, 1 por 17 anos, 1 por 18 anos, 1 por 19 anos, 2 por 20 anos, 3 por 21 anos, 1 por 22 anos e 1 por 23 anos (tabela 6- Anexo 2).

g) Doenças crônicas: 18 afirmaram não ser portador de doença crônica, 2 referiram-se a problemas na coluna vertebral e 1 a diabetes (tabela 7- Anexo 2);

h) Uso de medicação: 17 asseveraram não utilizar medicação e dos 4 que declararam que sim 1 utiliza medicamento para problema de pressão arterial, 2 utilizam analgésicos e 1 não informou) (tabela 8- Anexo 2).

i) Internação para tratamento emocional: 1 informou já ter sido internado; 19 afirmaram não ter se submetido a psicoterapia, 2 declararam que sim e 1 que está em acompanhamento psicológico (tabelas 9 e 10 - Anexo 2).

Considerando-se que situações do cotidiano policial têm potencial para gerar estresse o que pode levar à ansiedade e depressão, julgou-se importante a aplicação do Inventário de Depressão de Beck⁵¹ para verificar se os participantes encontravam-se com traços de depressão, pela potencial de influência nos resultados.

O Inventário de Depressão foi desenvolvido por Aaron T. Beck e colegas, para medir manifestações comportamentais da depressão. A opção pela inclusão deste teste foi pelo fato de referências bibliográficas aludirem à relação deste fator com a ansiedade e à aprendizagem de novos domínios como possibilidade de gerar

ansiedade ante a novidade⁵² (os policiais militares que participaram da pesquisa encontravam-se em fase final de curso de formação de nível intermediário).

O inventário compreende categorias de sintomas e atitudes, com afirmações com um grau crescente de severidade da depressão. O escore total é composto da soma dos escores de 0 a 3 para cada item. O indivíduo testado deve marcar a alternativa que mais se aproxima do seu estado de humor. A auto-administração do teste é feita em, aproximadamente, 15 minutos.

Três dos 22 entrevistados obtiveram escore zero, quatro obtiveram escore 1, um obteve escore 2, dois obtiveram escore 5, dois obtiveram escore 6, cinco obtiveram escore 7, dois obtiveram escore 8, um obteve escore 12 e um obteve escore 20. (Tabela 11 - Anexo 2)

De acordo com Beck *et al.*⁵¹, escores entre 0 e 4 estão abaixo do normal e podem significar negação da depressão; escores entre 5 e 12 são considerados como não significativos; escores entre 13 e 20, moderados e entre 26 e 36, denotam quadros severos.

De acordo com esta tabela, dentre os policiais entrevistados, 8 apresentaram índice considerado indicativo de possível negação da depressão; 12 estão na faixa de escores considerados não significativos e um encontra-se na faixa considerada depressão moderada.

Tratando-se de policiais militares, cuja missão é zelar pelo bem da comunidade em situações de risco relacionado à segurança e que exigem repressão e/ou prevenção, os cursos de formação e aperfeiçoamento têm como conteúdo transversal a atitude de enfrentamento e a leitura e gestão situacional em alto risco. Assim sendo, os profissionais são treinados para controlar o medo e a ansiedade, que podem contribuir para a depressão e o estresse⁵².

Os fenômenos que compõem o mundo humano atendem à prerrogativa da complexidade. Impossível pensá-los sem pensar sobre suas relações de interdependências:⁸ é conveniente discutir resultados de uma pesquisa sobre envelhecimento realizada junto a policiais militares, considerando bibliografia de áreas pertinentes, o que encaminhou para a necessidade de busca de sintomatologia da depressão e uso decorrente de medicamentos como também, do estresse e da ansiedade. Estes dois últimos não fizeram parte do presente estudo e podem impulsionar a continuidade e o aprofundamento da pesquisa em relação ao cruzamento de dados, podendo ajudar a esclarecer relações de interdependência e

a romper com posicionamentos científicos simplificadores e reducionistas da realidade humana.

3.3 DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

Após a escolha do tema, definição do problema e dos objetivos do estudo, foram desenvolvidas as seguintes atividades de pesquisa:

- escolha de ângulo e da abordagem teórica de análise;
- elaboração de referencial teórico inicial, que foi complementado ao longo da pesquisa e ao longo da elaboração dos artigos com os resultados;
- estruturação da trajetória metodológica;
- elaboração do instrumento de coleta de dados sobre as concepções e imaginário sobre envelhecimento;
- aplicação do instrumento de coleta de dados;
- busca de informações sobre a realidade investigada que complementassem e ampliassem a proposta e o referencial teórico;
- interpretação dos dados e discussão sobre os resultados;
- análise crítica dos resultados alcançados e elaboração de pontos referenciais;
- busca de indícios de que a produção desenvolvida era consistente e coerente;
- reflexão sobre reformulação ou rejeição de idéias do próprio sistema de referência;
- identificação de acréscimos sobre o conhecimento anterior.

No momento em que o grupo de policiais militares foi convidado para participar da pesquisa, lhes foram apresentados os objetivos, os procedimentos, os instrumentos de coleta de dados e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1) para assinatura.

Inicialmente foi percebida uma relativa resistência por parte de dois profissionais que mencionaram um pesquisador anterior que havia simplesmente levantado os dados não oferecendo nenhum retorno. Ao ser explicado que, após o preenchimento dos instrumentos, teriam a oportunidade de discutir sobre o tema envelhecimento e formação, os dois profissionais decidiram participar.

A discussão foi acompanhada de uma apresentação em *PowerPoint* sobre concepções de envelhecimento nos aspectos biológicos, sociológicos, psicológicos, educacionais e culturais com o objetivo de levá-los à reflexão sobre as suas próprias concepções e imaginário registrados no instrumento de coleta de dados (Anexo 5).

Desta forma, foi-lhes proporcionado momento de avaliação de suas próprias concepções o que tem potencial para mobilização para futuras reflexões sobre seu próprio projeto de vida.⁵³

Pela observação participante foi possível perceber que o profissional, que apresentava uma resistência inicial mais intensa, passou a manifestar interesse em discutir os temas mais longamente do que os demais, pois permaneceu após o encerramento do trabalho, apresentando detalhes sobre como encarava o envelhecimento e solicitando mais informações.

O presente estudo proporcionou estímulo a descobertas em relação a aspectos pouco definidos da realidade do profissional policial militar em fase de preparação para ocupar nível intermediário entre oficiais e a tropa.

Nele, inicialmente foi configurada a problemática investigada e o desenvolvimento da base teórica necessária o que facilitou a coleta de dados e balizou a generalização analítica dos resultados.

Para generalização analítica utilizou-se o referencial teórico previamente desenvolvido com o qual se comparou resultados empíricos obtidos.⁵⁴ o que possibilitou a construção de conclusões que têm potencial para serem testadas em novos contextos de aplicação.

O estudo contemplou os seguintes elementos básicos:

- Questão principal do estudo - Qual a concepção de envelhecimento implícita no imaginário a ela associado e no depoimento escrito?
- Questões complementares sobre limitações e possibilidades em relação a este fenômeno; expectativas após os 60 anos; e sobre a concepção de formação profissional (o que é, como deveria ser);
- Unidades de Análise definidas (Unidades de Registro na análise de conteúdo e Unidades de Significado na análise fenomenológica) de forma que delimitassem a abrangência, estando relacionadas com as questões norteadoras do estudo.

Ao desenvolver estes elementos básicos, foi preciso ter presente os princípios da dialógica de Morin o que ajudou a esclarecer sobre a questão principal

e as complementares, o propósito do estudo e as unidades de análise e possibilitou a articulação entre dados e o contexto.

Estes passos básicos permearam a:

- orientação e preparação do estudo;
- redação do projeto;
- identificação de fonte de dados;
- coleta de dados;
- elaboração de protocolo contendo: uma visão geral do estudo: objetivos, a questão principal do estudo e leituras relevantes; procedimentos (aplicação do roteiro de depoimento escrito com questões abertas e observação participante); as questões que o investigador tinha em mente na coleta de dados, as fontes de informação, o registro dos dados e as potenciais fontes de informação.

Para a análise das evidências o pesquisador optou pela descrição do desenvolvimento do estudo, que se caracterizou pela elaboração de um esquema descritivo e identificação do que foi significativo para ajudar na interpretação do fenômeno. Neste estudo, o esquema inicial foi:

- Entendendo a relevância e as intenções do estudo
- Contextualizando teoricamente
- Entendendo a metodologia
- Descobrimo as concepções e o imaginário, dos policiais militares
- Analisando as evidências
- Elaborando pontos de referência

3.4 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Referente à observação participante, os dados foram registrados por meio de nota de campo por ocasião da aplicação do instrumento e discussão sobre concepções e imaginário com os participantes.⁵⁴

O trabalho que incluiu os dados coletados pela observação participante percorreu os movimentos com base em Haguette:⁵⁴

- leituras sucessivas dos dados, reunindo as notas de campo e os dados coletados por depoimento escrito;

- rastreamento das pistas de dados emergentes, interpretações e idéias, registrando o que pareceu importante durante a aplicação do instrumento, a leitura e a reflexão sobre os dados;

- identificação das concepções e imaginário, em relação ao envelhecimento e formação, utilizando-se da análise fenomenológica e análise semiológica das imagens associando-se análise de conteúdo.

Por vezes estes tipos de análise são considerados como instrumentos de análise diversos, mas permitem aproximações (complementações) –princípio dialógico -, pois a inclusão de códigos interpretativos (baseados mais na conotação do que na denotação) nas análises de conteúdo são explicitação da influência da semiologia. A análise de conteúdo, pela possibilidade de sistematização e de confirmação, auxilia a análise semiológica a contornar influências idiossincráticas⁵⁴.

A análise semiológica dos dados compreendeu:

a) análise das imagens, tornando claros aspectos componentes para a compreensão de seu sentido, acordo com o objetivo do estudo e a disponibilidade do material;

b) inventário realizado em relação a cada uma das imagens citadas;

c) associações a partir de questões como:

- Que associações foram trazidas à mente quando citaram as imagens?
- Como a imagem se relaciona com a concepção de envelhecimento?
- Que aspectos culturais são importantes para entender as imagens associadas?

associadas?

- O que predomina na imagem?

d) elaboração de matrizes a partir do inventário e das respostas às questões.

e) análise do texto, segundo Bardin⁵⁵, triangulando-se com Penn⁴⁹, foi realizada através das seguintes etapas:

- Leitura flutuante: leitura global das respostas às questões abertas, seguida de uma leitura individualizada;

- exploração do material, incluindo a identificação das Unidades de Registro, organizando-se na forma de esquemas e posteriormente na forma de matrizes;

- categorização;

- análise das contradições implícitas e explícitas;
- compreensão/explicação da realidade com base no referencial teórico construído.

A escolha pela triangulação entre o método Fenomenológico e o da Complexidade (nos artigos sobre concepções de envelhecimento e de formação) teve como objetivo a complementação de perspectivas de análise e a compreensão de que o estudo fenomenológico propicia a descrição e compreensão do fenômeno necessária ao método dialógico, possibilitando a explicação e uma aproximação do foco de interesse e o seu diálogo com o referencial construído.

A fenomenologia é o estudo dos fenômenos, caracterizando-se por atitude de reflexão e um método, respondendo às exigências e necessidade da cientificidade.

Como atitude inclui a concepção de “intencionalidade da consciência”⁵⁶, como consciência orientada para as coisas, -“toda consciência é consciência de” si próprio e do mundo⁵⁷ e do conhecimento do conhecimento⁷.

O mundo é inseparável do sujeito, de um sujeito que é projeto do mundo e o sujeito é inseparável do mundo que ele mesmo projeta”⁷ em suas relações intersubjetivas na busca de objetividade⁵⁸.

O pesquisador para conhecer os participantes da pesquisa precisa “percebê-los objetivamente, estudá-los, se possível, objetivamente, outrossim deve compreendê-los subjetivamente. O desenvolvimento de um conhecimento objetivo do mundo deve avançar junto com um conhecimento intersubjetivo do outro”^{58; 80}. Trata-se de explorar a própria coisa que se percebe, em que se pensa, de quem se fala, evitando elaborar hipóteses, “tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser de que é fenômeno, como o laço que une com o “Eu” para quem é fenômeno”⁵⁹.

Neste estudo, triangulou-se com os passos do Método Fenomenológico apontados por Amedeo Giorgi⁶⁰:

a) o sentido do todo compreendendo a descrição do fenômeno, a partir da leitura dos depoimentos por escrito, articulando-se os objetos da experiência da forma como é vivida pelo sujeito de forma que seja evidenciado o que ele representa na situação investigada, respeitando a parte-todo que aparece;

b) a identificação das Unidades de Significado (partes) realizada a partir do sentido do todo obtido na descrição, processando a redução fenomenológica, numa

atitude de pré-reflexão para captar o fenômeno tal como se mostra, sem a cumplicidade do senso comum;

c) a transformação das Unidades de Significado (linguagem cotidiana) em Linguagem Gerontológica (concepção de envelhecimento) e Linguagem Gerontológica e educacional (concepção de formação) para a construção do objeto de estudo a partir de interpretação, permitindo a redução da extensão da descrição representativa do fenômeno explicitado pelo sujeito.

d) a síntese das Estruturas de Significado, compreendendo uma descrição que equivale à estrutura da experiência vivida, buscando-se o conjunto dos significados (todo formado pelas essências do fenômeno), que é discutido teoricamente, acentuando modos de pensar a realidade, levando à compreensão do fenômeno estudado.

A análise fenomenológica realizada sobre as concepções de envelhecimento são apresentadas no próximo capítulo.

Com passos do Método da Complexidade¹⁵:

a) a reflexão sobre as próprias preconcepções (certezas provisórias do pesquisador) como momento de reflexão sobre o que espera encontrar na realidade e sobre sua própria concepção sobre o fenômeno investigado, vivenciando momentos de conhecimento do próprio conhecimento e preparando uma base para avaliar seus próprios avanços a partir dos resultados da pesquisa;

b) a reflexão sobre as incertezas que permeiam os dados coletados da realidade;

c) a análise intradiscurso, elaborando representação gráfica, a partir das Unidades de Significado, para melhor perceber as inter-relações entre elas;

d) a análise interdiscurso, buscando aspectos implícitos nas inter-relações entre as Estruturas de Significado;

A esta triangulação foi acrescentada a contribuição de Comiotto⁶⁰ à análise fenomenológica de Giorgi, identificando-se as dimensões implícitas nas essências.

Completando-se a exploração dos dados foi realizada uma análise com base nos princípios da dialógica Moriniana. Esta opção significou a consciência de que as imagens (metáforas) associadas e os depoimentos escritos dos participantes expressam intencionalidades, revelando aspectos de suas concepções que nem sempre são transparentes nos discursos orais.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

A realização do presente estudo foi efetuada após a aprovação da Comissão Científica do Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUCRS e do Comitê de Ética em Pesquisa na Área de Saúde da PUCRS.

Os voluntários da pesquisa assinaram termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 01).

A pesquisa foi conduzida dentro das normas da Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) sob número de aprovação 1066/05-CEP, em 07 de novembro de 2005 (Anexo 02) com o título “Concepção de envelhecimento e interdependências: um estudo junto a policiais idosos aposentados e policiais na ativa”.

4 ANÁLISE FENOMENOLÓGICA: A DESCRIÇÃO, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO E DE FORMAÇÃO

4.1 CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO

A partir da transcrição dos textos dos depoimentos por escrito foram realizadas as descrições dos depoentes, apresentadas a seguir, identificadas, em negrito, as unidades de significado, realizada a transposição para a linguagem gerontológica e, após, coletivamente identificadas as essências que compõem a essência do fenômeno concepção de envelhecimento.

a) Participante 1: declarou que deveria parar de fumar e ter uma alimentação saudável e estudar um pouco mais, para envelhecer com melhor qualidade. Entende que o envelhecimento significa uma **maior limitação física**, esperando as limitações **causadas pela doença** e pelo **desgaste físico**, mas que, **quanto mais o tempo passa, mais as pessoas gostam porque vivem intensamente todos os momentos**. Quando idosa, espera ter as **possibilidades que construir antes pois nada cai do céu e tem que se buscar aquilo que se quer**. Associa o envelhecimento a **cabelos brancos, doenças e bengala**. Espera **ter saúde e ficar perto das pessoas** das quais gosta. Espera **não sentir solidão; curtir sua casa e ser voluntária** em projetos assistenciais. Tem como meta **ser independente, respeitada e aceitar-se sem traumas** em virtude da vaidade e **não ser inútil**.

Transposição para linguagem gerontológica: Para o participante não fumar, ter uma alimentação saudável e manter atividade intelectual são importantes para um envelhecimento com melhor qualidade. Concebe o fenômeno envelhecimento associado à limitação física e às causadas por doença e pelo desgaste físico, associando-o a aspecto indicador de velhice (cabelos brancos) e à metáfora que personifica perda relacionada à locomoção (bengala); à possibilidade de solidão, de cuidar da casa, de trabalho voluntário; de gostar de viver intensamente os momentos. Tem como meta manter a autonomia e a utilidade, o respeito e aceitar-se sem traumas em relação ao aspecto físico.

b) **Participante 2:** menciona que está **estudando** para melhor **acompanhar as mudanças** e praticando **atividade física**. Entende que num **envelhecimento com melhor qualidade**, o principal é a **saúde** e cultura, **acompanhando a evolução rápida das novas gerações** e exercendo outra **atividade após a aposentadoria, ocupando-se** com algo. Considera o envelhecimento **fator natural**, de **movimento que consta de tudo**, associando este fenômeno a **doenças, rejeição e solidão**. Suas metas em relação ao envelhecimento são manter a **saúde com atividade física** e com **saúde mental**. Declara que, como idoso não terá **atividade sexual como hoje** e que terá, como possibilidades, manter uma **boa relação** com as **pessoas da família** e **cultivar** outras **amizades**.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante associa o envelhecimento à necessidade de atividade intelectual para o acompanhamento das mudanças e da evolução rápida das novas gerações, de atividade física e laboral; de saúde física e mental. Concebe o envelhecimento como fator natural, ativo em todos os momentos e associado a doenças, diminuição da atividade sexual, aos sentimentos de rejeição e de solidão e à possibilidade de bom relacionamento com familiares e cultivo de novas amizades.

c) **Participante 3** afirma **não estar pensando** sobre o envelhecimento e que **deveria** estar fazendo uma **poupança**, para **não passar dificuldade mais tarde**. Entende que envelhecimento é aquela situação em que as **capacidades física e mental são reduzidas**, associando a este fenômeno as imagens: **ferrugem, rugas, podridão, doença, dificuldade e experiência**. Como idoso, acredita que sua limitação será ter **problemas com a saúde** e por isso procura, sempre que possível, praticar algum **esporte**. **Como não terá** mais a **obrigação de cumprir horários** poderá ter condições de **desfrutar** um pouco da **vida**.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante não pensa sobre o envelhecimento e sim que é importante investir em poupança para evitar dificuldade econômica na velhice e, ainda, praticar alguma atividade física. Concebe o envelhecimento associado à redução das capacidades física e mental, às imagens

de deterioração, de sinal de velhice, de problemas de saúde, dificuldade, experiência e condições de desfrutar a vida pela desobrigação de cumprimento de horário.

d) **Participante 4:** afirma que desenvolve **outra profissão, “extra BM”**, pois trabalha há 16 anos como técnico de enfermagem e como técnico em informática, **não pretendendo ficar “parado” após a aposentadoria**, somente **contando tempo** de vida. Declara que **deveria alimentar-se melhor**, tendo melhor **qualidade de vida (lazer, cultura, viajar mais, divertir-me mais), estudando mais, lendo muito mais e descansando bastante**. Considera **sedentarismo, estagnação, “parado no tempo”**, formas de envelhecimento. Concebe a **“velhice” como passagem da vida ativa para uma vida contemplativa**, sendo a hora de **desfrutar e/ou colher os frutos plantados**. Quanto a objetos ou imagens a que associa o fenômeno do envelhecimento cita: um **bom livro**, um **ótimo vinho**, que, **quanto mais velho, melhor seu paladar e seus ensinamentos**. Acredita que para conhecer o seu **futuro**, basta olhar para o **passado** com os olhos do **presente**. Após completar 60 anos, espera **descansar** um pouco, **viajar** muito, **dançar** mais e continuar **usando a mente lendo, vendo, sentindo** as coisas boas da vida. Suas **metas** em relação à velhice são: ver seus netos crescidos. Apesar da diabete espera estar bem de **saúde, realizado profissionalmente e feliz** com a vida. Entende que, em função de sua doença, poderá ter **problemas visuais, circulatórios e/ou renais**, mas **como se cuida muito, isto não ocorrerá,**”se Deus quiser”. Assim sendo, declara que poderá **fazer tudo o que o seu organismo agüentar e a mente quiser**.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante considera importante manter-se produtivo após a aposentadoria. Concebe envelhecimento associado à alimentação, problemas de saúde, realização profissional, ao sentimento felicidade e à qualidade de vida em seus aspectos culturais, de lazer e diversão, e leitura, estudo e descanso; à possibilidade de estagnação e sedentarismo; às imagens representativas de atividade intelectual, de qualidade relacionada à possibilidade de ensino. Concebe a velhice como predomínio da vida contemplativa, constituindo tempo de desfrute, lazer e diversão e colheita de resultados de ações passadas.

e) **Participante 5:** declara que está iniciando uma **formação acadêmica** em Direito e planejando a organização de um escritório para atuar no ramo Penal Militar, após a aposentadoria. Para um **envelhecimento com melhor qualidade já deveria estar formado**. Entende que o envelhecimento é uma **opção, questão de ponto de vista e de comportamento**, ligado à **auto-estima**. Associa este fenômeno a imagens como **piscina, caminhar na praia, olhar para a Torre Eiffel, sentir a neve no rosto**. Tem como **metas** chegar à velhice com **saúde** e com **companhia interessante** e também **saudável**. Como **limitações** que pensa terá como idoso mencionou **perda da agilidade, cansar mais rápido** e que, com certeza, **economizará com cortes de cabelo e gastará mais com outras coisas**. Entende que terá, como idoso, a possibilidade de ter que **cuidar de netos**, de ter que **cuidar-se** mais, de ter **saudade de não ter feito o que pode fazer hoje, com saúde com força e com felicidade**.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante pretende permanecer produtivo após a aposentadoria. Concebe envelhecimento como uma opção, uma questão de ponto de vista, de comportamento, de realização de curso superior. Associa o fenômeno a imagens representativas de atividade física, contemplação de criação humana e ao sentimento de frio. Entende a velhice relacionada à expectativa de saúde e companhia interessante; perda de agilidade, cansaço mais rápido, valorização de novos aspectos (não relacionados a cuidados com a aparência física), aproximação de familiares, cuidados consigo mesmo e sentimento de saudade e de arrependimento em relação a não realizações quando tinha força, saúde e felicidade.

f) **Participante 6:** declara que **não pretende depender** de outras pessoas, familiares ou não, que é preciso ter uma **vida** mais ou menos **regrada financeiramente** ou no trato com a **saúde, não cometendo abusos**. Afirma que deveria estar praticando mais **exercícios físicos** e ter uma melhor **qualidade de vida**, tendo uma **alimentação** mais balanceada, podendo ter uma maior atividade de **lazer**. Entende que o envelhecimento é quando **o corpo passa** a ter ou apresentar algumas **limitações físicas**, embora a **mente** esteja até **preparada** para desempenhar determinadas tarefas, quando acontecem **quedas, falta de motivação**

e **fragilidade**. Após completar 60 anos espera continuar com **saúde** para poder **trabalhar** e realizar seus **sonhos, entendendo que as oportunidades no mercado de trabalho** deverão ser muito **poucas**.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante concebe o envelhecimento associado à necessidade de autonomia, vida regrada financeiramente e em relação à saúde, sem excessos, exercícios físicos, alimentação balanceada e atividade de lazer; corpo com limitações físicas, mesmo quando a mente estiver produtiva; possibilidades de quedas, falta de motivação e fragilidade. Percebe a velhice como tempo de busca de manutenção da saúde para poder manter-se produtivo e realizar sonhos, com o entendimento da diminuição de oportunidades no mercado de trabalho.

g) O participante 7: declara que busca ter **boa qualidade de vida através do estar bem com as pessoas, amenizando as situações, tratando** principalmente **do espírito**. Afirma que é preciso ter um maior cuidado com as condições apresentadas no **ambiente de trabalho**. Declara que busca sempre o **diálogo para não sofrer e não apresentar o aspecto negativo** das coisas. No seu entender envelhecimento é: **pobreza de espírito, quando não se cuida da alma, do corpo, do intelecto**, pois **tudo é exercício**. Associa as imagens de **árvore frondosa, bengala e livros** ao envelhecimento. Afirma **ainda não ter pensado em suas metas para após os sessenta anos**, mas **espera para ver o que o futuro** terá para lhe **oferecer**. Finaliza dizendo que, **quer estar de bem consigo e com a vida**. Pensa que terá como **limitação física**, mas que, pelo **exercício do intelecto através de leituras e do físico com atividades como esportes e danças e se tratar o espírito, não terá limitações, mas possibilidades**, pois **cuida bem de si** em todos os sentidos.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante associa a qualidade de vida ao bom relacionamento com as pessoas, evitando sofrimento e não apresentando o aspecto negativo das coisas; à amenização de conflitos e à espiritualidade, às condições do ambiente de trabalho. Associa o envelhecimento à pobreza de espírito, quando não há o cuidado com a alma, o corpo, o intelecto, pois o exercício destes aspectos é importante; a imagens de maturidade, limitação na

locomoção e intelecto; a estar em bem consigo mesmo e com a vida; limitação física, espiritualidade e cuidado integral.

h) O participante 8: afirma que, para um envelhecimento com qualidade, busca um melhor **entendimento de si mesmo**, cuidando gradativamente para ter uma **alimentação mais saudável**. Entende que é preciso buscar **atender a saúde, mental e material**. Concebe o envelhecimento como **perda da auto-manutenção**, quando a pessoa começa cada vez mais a **depende dos outros**, associando o fenômeno do envelhecimento a uma **cadeira de balanço próxima a um fogão à lenha**. Declara **não esperar muito do futuro, após os 60 anos**, pois **vive num país onde todas as instituições são muito carentes principalmente de seriedade**. Suas **metas** em relação ao envelhecimento são **envelhecer ao lado de seus filhos com saúde e realizado profissionalmente**. Entende, também, que a **perda do pensamento rápido e da mobilidade física** serão as **limitações** que terá como idoso e que as **possibilidades serão muito poucas**.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante associa o envelhecimento com melhor qualidade a um melhor entendimento de si mesmo e a uma alimentação saudável, ao atendimento à saúde física e mental e às condições materiais. Percebe o envelhecimento como perda da auto-manutenção, da autonomia, associando o fenômeno à imagem de uma cadeira de balanço próxima a um fogão à lenha. Tem poucas expectativas em relação ao futuro, após os 60 anos, pois vive num país com instituições carentes, principalmente de seriedade. Pretende envelhecer com saúde, ao lado de seus filhos e sentindo-se realizado profissionalmente. Entende que a perda da agilidade de pensamento e da mobilidade física serão limitações e que as possibilidades serão poucas na velhice.

i) O participante 9: declara estar desenvolvendo uma **atividade religiosa** (evangélica) e também a atividade **ser escritor** “pois é um Poeta Brigadiano”. Pensa que deveria estar “preparando” o envelhecimento com melhor qualidade tendo um **bom salário** para freqüentar boas **Universidades** e aumentar o seu **nível cultural** e poder ser um **multiplicador da cultura ou do conhecimento** adquirido. Entende

que um envelhecimento com qualidade de vida é **saber viver com as suas diferenças e limitações**, sabendo **respeitar os outros**, **fazendo a parte que lhe couber**, **sem se importar se não for grande o bastante como gostaria que fosse**, mas que **não fique em estado de inércia**. Associa as imagens **cadeira de descanso**, **pessoas caminhando** ou **fazendo exercícios em piscinas**, **pescaria**, **chimarrão** e **sentar-se a beira mar** ao envelhecimento. Espera **contribuir de alguma forma para que as gerações futuras adquiram o que adquiriu e aprender com os mais novos para viver ainda mais**. Tem como **metas** uma **vida saudável**, **atividade prazerosa como leitura e escrever muitos livros**. Pensa que terá limitações somente **financeiras** para fazer cursos em **Universidades** e terá que **usar óculos**. Entende que as **possibilidades** serão **todas as que possuía desde jovem** só que, com o passar dos anos e com mais **experiência**, **diminuirão cada vez mais as chances de errar**, tendo **mais acertos** para uma melhor **qualidade de vida**.

Transposição para a linguagem gerontológica: o participante entende que para um envelhecimento com qualidade é preciso saber viver com diferenças e limitações, sabendo respeitar os outros, cumprindo com suas responsabilidades, mesmo que não alcance o sucesso desejado, não permanecendo em inércia. Associa o envelhecimento a imagens representativas de descanso, atividade física, lazer e imobilidade contemplativa; à contribuição com gerações futuras e à aprendizagem com os mais jovens; à possibilidade de desenvolvimento de atividade intelectual prazerosa; à limitação visual e a limitações financeiras para acesso a Universidades e aumento do nível cultural, para ser um multiplicador da cultura ou do conhecimento adquirido; e à possibilidade da experiência diminuir as chances de errar.

j) **O participante 10** declara que, atualmente, procura realizar os **cursos** possíveis na instituição, visando uma melhor **ascensão profissional** e **ganho financeiro**, para **viver com menos dificuldades**. Também pretende realizar algum tipo de **curso para ter uma atividade profissional após a aposentadoria**. **Sobre como** deveria estar “preparando” um envelhecimento com melhor qualidade, disse preocupar-se com o fato de **ainda não ter realizado um curso para uma atividade**

pós- aposentadoria. Percebe o envelhecimento como um **estágio da vida** em que se chega **após um longo percurso**, tendo atingido um **amadurecimento e várias experiências, já estável** (teoricamente), procurando uma melhor **qualidade de vida**, podendo **cuidar melhor da saúde, passeios, convívio social**. Associa o envelhecimento a uma **árvore desde o seu nascimento**, como plantinha, **até a velha árvore** que, **após passar por todos os estágios da vida e, embora cascuda e envelhecida, continua dando sombra**. Após os 60 anos, espera estar bem de **saúde física e psicológica** para poder continuar numa **atividade profissional** e **realizar os prazeres de que gosta** e **viver de uma forma digna, confortável e tranqüila**, vendo como **limitação a capacidade física diminuída** e como **possibilidade** a de realizar **passeios, viagens**, algum tipo de **esporte**, alguma **atividade profissional** e **atividade comunitária**.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante associa o envelhecimento à necessidade de ascensão profissional e ganho financeiro, saúde física para viver com menos dificuldades; à manutenção de atividade profissional depois da aposentadoria e à realização de prazeres, tranqüilidade, conforto e dignidade. Entende o envelhecimento como estágio da vida que chega, após amadurecimento e várias experiências, acompanhado da busca por uma melhor qualidade de vida, pela disponibilidade para cuidar melhor da saúde, lazer e convívio social. Associa o envelhecimento à imagem representativa que indica seu início no nascimento e que, após estágios, culmina na velhice (com alterações no aspecto físico e possibilidade de dar apoio), à diminuição da capacidade física e à possibilidade de dedicação ao lazer, atividade física, profissional e comunitária.

k) **O participante 11** declara **não ter preocupação com o envelhecimento** porque **“ainda não se sente velho”**. Manifesta que, às vezes, pensa em se **aposentar** e se dedicar mais ao **lazer junto com seus familiares** e que para um envelhecimento com melhor qualidade, é preciso um **melhor salário**, no final da carreira, melhores **planos de saúde para si e familiares**, ter uma **atividade que não tome muito seu tempo** e **viajar, curtir a natureza**. Entende que envelhecimento é **parar de sonhar**, é **desistir de seus ideais**, é **entregar-se para doenças, não lutar, perder o prazer pela vida**. É o **amadurecimento** e o **crescimento intelectual, associando o**

fenômeno a **doenças, estresse, pressão externa, cansaço mental, sedentarismo e asilo**. Após os 60 anos, espera estar desfrutando a **aposentadoria junto com os seus familiares**, tendo como **meta a saúde**. Cita como **limitação o medo de ser discriminado** e como **possibilidade, mencionou viajar, conhecer novos lugares, praia, pescaria e curtir os netos**.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante associa o envelhecimento ao sentimento “ser velho”, à saúde e à possibilidade de dedicação ao lazer com familiares, à atividade com menor carga horária em razão da aposentadoria; à necessidade de um melhor salário, no final da carreira, de melhores planos de saúde para si e familiares. Associa o envelhecimento como a ausência de sonhos, à desistência dos ideais, à entrega para doenças, ao estresse, à pressão externa, ao cansaço mental e à perda do prazer pela vida, sedentarismo e instituição asilar; ao amadurecimento e ao crescimento intelectual; e à possibilidade do sentimento de medo da discriminação.

l) O **participante 12** declara que o envelhecimento exige cuidado com a **alimentação, do corpo como um todo e evitar excesso** e que para um envelhecimento com melhor qualidade é preciso um **bom entendimento e compreensão do estado espiritual**. É o “**outono**”, **não chegando em tempo determinado, pois a cada dia vivido**, se tem **consciência de ter aprendido algo mais** e **que também deu alguma coisa em troca**, que da juventude a cada dia se despede um pouco. Associa o fenômeno do envelhecimento a **outono, ferrugem e oxidação**. Sua **meta** em relação ao envelhecimento é a de **repassar suas experiências profissionais e de vida**, de forma a **ajudar as outras pessoas**. Pensa que terá **limitações físicas** e **possibilidades de realizar alguma atividade, desde que se prepare para tal**.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante associa o envelhecimento ao cuidado com a alimentação, com o corpo em sua totalidade e à ausência de “excessos”; ao bom entendimento e à compreensão da dimensão espiritual. Concebe o envelhecimento como processo sem tempo determinado para iniciar, associando-o à possibilidade diuturna da consciência de constante

aprendizagem e troca; ao distanciamento da juventude e à limitações físicas; à imagem representativa de perdas, deterioração; à invocação de experiências profissionais e de vida como forma a ajudar aos outros; à possibilidade de alguma atividade, para a qual houve preparação.

m) **O participante 13** está **estudando** e, para uma melhor qualidade entende que deveria **comprar uma chácara no campo** para **pescar**, fazer **exercícios**, **viajar** e **realizar atividade de serviço voluntário**. Declara que envelhecimento é **parar de produzir** e **começar a usufruir da aposentadoria** para “**dar lugar no mercado de trabalho**” para a juventude. Após completar 60 anos espera ter uma **aposentadoria** que lhe permita adquirir chácara no campo para pescar, fazer exercícios, viajar e **não voltar a trabalhar novamente**, pois não quer tirar o lugar de uma pessoa jovem que está entrando no mercado de trabalho. Suas metas em relação ao envelhecimento são **pescar** e **exercer atividade de serviço voluntário**. **Assevera** que limitações que terá como idoso serão **as normais** e que terá a **possibilidade** de **relacionamento e convívio social**.

Transformação para a linguagem gerontológica: o participante associa atividade intelectual, aquisição de moradia rural, lazer, atividade física e retirada do mundo do trabalho assalariado e inclusão em atividade voluntária a uma melhor qualidade e ao envelhecimento. Entende que na velhice poderá ter limitações inerentes ao envelhecimento e que terá a possibilidade de relacionamento e convívio social.

n) **O participante 14** associa o seu envelhecimento à **independência**, **cuidando da saúde**, adquirindo **conhecimentos** diversos e fazendo **exames médicos** e **que é preciso um cuidado melhor de sua saúde**, ampliando as **relações sociais** e se **estressando menos** para um **envelhecimento com melhor qualidade**. Entende que o envelhecimento é **ficar cada vez mais sozinho** e ter **dificuldade em entender as mudanças da sociedade**. Após os 60 anos, espera ter mais **contato com a natureza**, **não estar tirando uma vaga no mercado de trabalho**, ter uma **boa relação social**, **viajar** mais e ter **boa saúde**. Suas metas são de **maior contato com a natureza** e manutenção de um **bom convívio social**. **Não imagina**

que limitações terá como idoso e declara que, quanto às **possibilidades, elas serão as que quiser ter.**

Transformação para a linguagem gerontológica: o participante associa o envelhecimento à autonomia, ao cuidado com a saúde, à aquisição de conhecimento e à realização de exames médicos, ampliação das relações sociais e diminuição do estresse. Concebe o envelhecimento com a presença da solidão e da dificuldade no entendimento das mudanças na sociedade; aproximação da natureza e abertura de vaga no mercado de trabalho; não incluindo a consciência de limitações e possibilidades relacionadas ao envelhecimento.

o) **O participante 15** declara que após a aposentadoria pretende **esquecer que foi uma Policial Feminina pioneira**, ter isto só na lembrança e procurar um **trabalho voluntário**, pois não se acha em condições de, aos 50 anos, ser uma Policial. Afirma que **não se sente velha**, que **adora viver** e que aos 70anos **estará lendo, indo ao cinema, caminhando no parque** e que **somente falará de sua vida como Polícia a quem lhe conhece**. Sobre o envelhecimento, menciona ver jovens velhos, que há **limitações físicas** e que se preocupa com **o físico porque é muito vaidosa**. Quanto às imagens às quais associa o fenômeno do envelhecimento cita **dificuldade em locomover-se (velha sentada na cadeira)**, a **sabedoria adquirida na experiência (velho contando histórias)** e a **loucura pela solidão (um velho sentado sozinho)**. Após completar 60 anos, se vê como **alguém com bichos e feliz, lendo livros espíritas**. Tem como **meta aproveitar um pouco mais sua vida**, pois na profissão que exerce **é uma escrava dos relógios e dos compromissos**. Pede a Deus para não ter **dificuldades de locomover-se** devido à coluna e que sua **memória não fique falha**. Declara **não ver muitos benefícios** no envelhecimento, mas que terá uma **boa aposentadoria** e poderá **viajar** bastante. Não **pretende ser uma velha visitando quartéis**, pois acha este ambiente muito pesado. O tempo de policial será para contar histórias para netos. Afirma **não ver a velhice como um problema, mas como uma consequência natural**.

Transposição para linguagem gerontológica: a participante entende que, após a aposentadoria, não deve haver referência à função profissional, guardando-a

somente para ser revivida somente com conhecidos e com os netos, devendo procurar um trabalho voluntário, por considerar que aos 50 anos não terá mais condições para o tipo de trabalho desempenhado. Percebe a velhice como conseqüência natural, associando-a ao desenvolvimento de atividade intelectual, lazer, atividade física. Sobre o envelhecimento, não associa este fenômeno à idade, associa a limitações físicas; a imagens representativas à dificuldade de locomoção, perda de memória; à sabedoria da experiência e à loucura pelo sentimento solidão, a presença de animal de estimação e atividade intelectual relacionada à opção espiritual; ao lazer livre do compromisso com cumprimento de horários.

p) O **participante 16** declara que sempre procura manter o **condicionamento físico**. Entende que deveria dar mais **atenção à parte intelectual**, pois **não tem o hábito de leitura** e em algumas vezes sente certa dificuldade nesta parte. Concebe o envelhecimento associado àquela **pessoa que pensa que tudo acabou, que não há mais motivos para iniciar algo novo, pelo simples fato de estar aposentado**. Cita, como imagens às quais associa o fenômeno do envelhecimento, **casa sem pintura, determinado local que não é cuidado, não sofre manutenção e carro enferrujado**. Após completar 60 anos, pretende **não se descuidar da parte física e ver seus filhos muito bem encaminhados e casados**. Como **metas**, declara que gostaria de fazer algum **curso voltado para a eletrônica**. Pensa que **não terá nenhuma limitação como idoso e nenhuma possibilidade**.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante associa o envelhecimento à manutenção do condicionamento físico e da atenção ao intelecto (leitura); ao desejo de que os filhos estejam seguros, ao pensamento de que “tudo acabou”, que não há motivos para “iniciar algo novo”; a imagens representativas de deterioração, falta de cuidado; a uma posição em que não é esperada nenhuma limitação e nenhuma possibilidade.

q) O **participante 17** declara que ainda **falta muito tempo** para a **preparação de seu envelhecimento, está vendo só o lado financeiro** e que deveria estar cuidando mais de sua **alimentação**, para chegar “no envelhecimento” com **saúde**. Considera que o envelhecimento, **é pessoal**, pois uma pessoa **pode ter uma idade**

avançada e um espírito jovem. Cita **cabelos brancos, pele enrugada, dificuldade para se locomover** como imagens às quais associa o fenômeno do envelhecimento. Após completar 60 anos, espera ter **boa saúde**, para poder **viajar e desfrutar da vida**, o que não fez no tempo em que estava na ativa. Quanto a **metas** em relação ao envelhecimento afirma que **não irá trabalhar mais, mas somente curtir. Espera não ter limitações como idoso** e que já está pensando no **lado financeiro e de saúde**, que são os principais, que lhe darão condições para **desfrutar da aposentadoria**.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante entende o envelhecimento como algo ainda distante e associado ao aspecto financeiro e de alimentação para chegar à velhice com saúde. Concebe o envelhecimento como fenômeno individual e associado à juventude do espírito, a sinais na aparência física e à dificuldade de locomoção; à boa saúde, afastamento do mundo do trabalho e lazer na velhice.

r) O **participante 18** entende que o envelhecimento precisa ser **sadio** tanto **mental** como **fisicamente** e que isso **não começou a ocorrer “ontem”** pois este **é um processo que deve ser cuidado desde o início da vida**, pois “Quando **nascemos** no dia seguinte **começamos a envelhecer**.” Pensa que seria preciso fazer esta pesquisa não com pessoas praticamente na reserva, mas fazendo a **preparação desde o ingresso na Carreira para ter um bom resultado no final**. Envelhecimento é um **estado mental e físico** e as imagens as quais associou o fenômeno do envelhecimento foram: um **grande júri, uma bela casa e boas ações**. Após completar 60 anos, espera completar cem anos, repleto de **saúde física e mental e depois pensar no que fazer nos próximos anos**. Suas **metas visam** continuar com **saúde física e mental** e pensa que, como idoso, terá **tantas limitações quantas desejar ter, que não terá limitações** e sim, **troca de atividades**. Pensa que **terá as possibilidades que lutará para ter**.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante concebe o envelhecimento como processo a ser cuidado desde o início da vida, pois que começa no nascimento, constituindo um estado mental e físico e associado à saúde mental e física, atividade diversa, a uma preparação durante a carreira profissional, a

imagens representativas de um julgamento sobre as ações, boa moradia e boas ações, às limitações assumidas e às possibilidades conquistadas.

s) O **participante 19** afirma em relação envelhecimento, que é preciso o cuidado **físico através de exercícios e funcional preparando atividade para quando a velhice chegar** e deveria estar preparando um envelhecimento com melhor qualidade através de uma boa **dieta alimentar e mantendo o corpo em atividade, física e psíquica**. Entende que o envelhecimento é **quando a pessoa perde a aptidão, para desempenhar atividades que faria quando era novo**. Trata-se de **perda em caráter normal, não por motivo de doença** ou outro mal qualquer. Cita **carro e barco naufragado há 90 anos** como imagens às quais associa o fenômeno do envelhecimento. Após completar 60 anos espera que os **anseios de hoje sejam conquistados**. Tem como **meta chegar a ter mais idade com os seus objetivos já alcançados**. Quanto às limitações que terá como idoso, entende que serão **as comuns**, que todas as pessoas ditas idosas possuem e que as possibilidades serão de **curtir a família, ajudar e fazer caridade**.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante associa envelhecimento à atividade física e psíquica, ao preparo para desenvolver atividade funcional na velhice e a boa dieta alimentar. Percebe que o envelhecimento traz limitações que lhes são inerentes, iniciando quando há perda da aptidão para desempenhar atividades consideradas prerrogativas para jovens, associando-o a imagem de deterioração e ao alcance dos objetivos declarando ainda que as limitações serão as comuns; as possibilidades serão de conviver com a família, ajudar e fazer caridade.

t) O **participante 20** afirma que **ainda não parou para pensar o que fazer após aposentar-se e ficar mais velho** e que um bom envelhecimento deve estar junto com uma boa **saúde**, porque tendo uma vida saudável, a pessoa terá uma boa velhice. Entende que o envelhecimento é o **período em que o homem alcançou todos os seus objetivos** e que, entrando na terceira parte, deverá **tirar o proveito com uma boa qualidade de vida e procurar uma atividade** para ocupar o seu

tempo. **Aparência física, ociosidade e não estar fazendo nada** foram imagens às quais associou o fenômeno do envelhecimento. Após completar 60 anos, espera ter uma **boa qualidade de vida** e continuar com **arte marcial**. Tem como **meta, fazer um trabalho comunitário**. Espera não ter **nenhuma limitação como idoso**, pois sempre manteve uma boa qualidade de vida, mas como tem problemas com bronquite, pensa que terá problemas e que como **possibilidades convites para trabalhar em atividades comunitárias**, pois desde já procura interessar-se nestas funções.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante afirma que ainda não parou para pensar o que fazer após a aposentadoria. Entende que o envelhecimento com qualidade está associado à saúde, à atividade produtiva profissional e comunitária; aos sinais na aparência física, ociosidade; à atividade física. Concebe o envelhecimento como período em que os objetivos foram alcançados, com limitações associadas a aspectos de saúde no presente.

u) O **participante 21** declara que vem **alcançando as metas que previu** quando assinou contrato com a BM. Trabalha o necessário e é radicalmente **contra o retrabalho após a aposentadoria**. Pensa que deveria estar preparando um envelhecimento com melhor qualidade e que **vem, passo a passo, construindo sua velhice**, buscando para si **condições boas de trabalho**, para a equipe e a comunidade. **Almeja tranqüilidade**, mas sempre **alcançando as metas propostas**. Considera que o envelhecimento é **amadurecimento físico e psicológico**, associando-o a um **Mustang verde limão de plástico** e que não encontrando o mais o carro de plástico verde, se vê **brincando de futebol e pião c/ afilhado e de cavalinho, rolo e bolinho com a neta**. Após os 60 anos, espera estar com **saúde e ter o próprio negócio**. Almeja que o envelhecimento **não seja de maneira dolorosa** e sim **um pouco mais tranqüila**, pois foram **longos dias de chuva e frio**, que certamente também ocorrerão, **mas aí doerá menos**. Entende que, como idoso, terá **limitações de saúde** e que as **possibilidades** serão o **conhecimento adquirido, o respeito conquistado, mais tempo** para si, para a família e **ajudar com opinião**, se alguém procurar.

Transposição para linguagem gerontológica: o participante associa o envelhecimento ao alcance de metas, à saúde e à substituição de atividade laboral remunerada por negócio próprio, preparando-se para uma velhice com melhor qualidade através da busca de si condições boas de trabalho para si, a equipe e a comunidade. Concebe o envelhecimento como amadurecimento físico e psicológico, associando-o a limitações de saúde; à possibilidade de reconhecimento do conhecimento e respeito; à tranqüilidade e disponibilidade de tempo para si e a família; à saudade da infância, que é revivida nas brincadeiras com netos.

v) O **participante 22** declara estar desenvolvendo **atividades físicas** para **cuidar do corpo e da mente**, realizando **cursos e especializações** para dar aulas e que as pessoas deveriam ter **consciência que todos vão envelhecer: todos querem viver muito, mas ninguém quer ficar velho**. Entende que o envelhecimento é **um processo entrópico** em que o **organismo perde gradativamente a sua funcionalidade ou a plena eficácia**. Cita, como imagens às quais associa o fenômeno do envelhecimento, **componentes mecânicos ou eletrônicos com tecnologia ultrapassada** e fornece, como exemplos, **carruagem, máquina datilográfica, telex e ser humano que não conseguiu mais acompanhar o desenvolvimento físico ou intelectual**. Declara estar trabalhando e investindo para **construir uma pousada no nordeste**, onde possa **receber amigos** e, quem sabe, alguns queiram morar com ele e seus familiares, **sem fins lucrativos**. Tem como **meta, envelhecer com saúde**. Quanto a limitações que terá como idoso, pensa que será a **resistência à fadiga** e que terá **mais tempo disponível e experiência de vida**.

Transformação para linguagem gerontológica: o participante associa envelhecimento à atividade física e saúde, cuidado com o corpo e a mente; preparação intelectual para desenvolver outras atividades e para lazer e atividades não lucrativas após a aposentadoria; ao tempo disponível e experiência de vida; a imagens representativas de processo mecânico ou eletrônicos com tecnologia ultrapassada e ser humano que não conseguiu mais acompanhar o desenvolvimento físico ou intelectual. Entende o envelhecimento como processo entrópico em que o organismo perde gradativamente a funcionalidade ou a plena eficácia.

Com base nesta descrição e análise foram identificadas as seguintes **Estruturas de Significado** (essências), que constituem partes por vezes antagônicas, complementares, concorrentes, constituintes do todo – concepção de envelhecimento -, que, ao interagir, modificam/são modificadas/modificam-se nas relações consigo, com os outros e com o mundo:

a) Envelhecimento como fenômeno de natureza biológica associado a limitações físicas e limitações e possibilidades psicológicas, sociais, educacionais, culturais e espirituais.

b) Envelhecimento como processo sem tempo determinado para iniciar, independentemente da idade e distante do momento presente.

c) Envelhecimento como processo a ser cuidado desde o início da vida, pois começa ao nascer.

d) Envelhecimento como processo entrópico em que o organismo perde gradativamente a funcionalidade ou a plena eficácia.

e) Envelhecimento como fenômeno ambivalente em sua associação a um imaginário que composto por representações de limitações e possibilidades.

f) Envelhecimento como sinônimo de velhice e afastamento da juventude.

g) Velhice associada à preparação de condições intelectuais e financeiras para manter a saúde e lazer e afastamento do trabalho para dar espaço para jovens.

h) Velhice como consequência natural, associando-a ao desenvolvimento de atividade intelectual, lazer, atividade física.

Utilizando-se o acréscimo feito por Comiotto⁵⁵ à análise fenomenológica de Giorgi, identificou-se as seguintes dimensões:

Biológica: concepções em que o fenômeno envelhecimento se confunde com a velhice, embora esta seja apenas uma etapa; envelhecimento associado a cuidados com a alimentação, autonomia e atividade física, como processo distante (no futuro), que está presente desde o início da vida.

- Psicossocial: concepções em que o fenômeno envelhecimento foi associado a lazer com familiares, bom relacionamento, lazer, improdutividade, produtividade, autoconhecimento, situação financeira, trabalho voluntário, discriminação.

- Educacional: concepção em que o fenômeno envelhecimento é associado à preparação acadêmico-intelectual para atividades a serem

desenvolvidas após aposentadoria e de natureza diversa à profissional desempenhada no presente.

- Cultural: concepção de envelhecimento em que o *imprinting* e a normalização cultural se fazem presentes nas Unidades de Significado identificadas, em que envelhecimento está associado a uma etapa após aposentadoria, confundindo-o com uma de suas etapas – a velhice.

Com base nestas essências e dimensões foi elaborado o artigo “CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO: TECENDO A COMPLEXIDADE”.

4.2 CONCEPÇÃO DE FORMAÇÃO

Nesta análise optou-se por integrá-la à concepção de envelhecimento para melhor perceber articulações possíveis.

a) **O participante 1** declara que os **cursos e a experiência profissional** deram **suporte prático para uma melhor qualificação**. Acredita que seu **processo de formação profissional** está de acordo com a expectativa. Entende **formação profissional** como **cursos, experiências e busca do conhecimento e aperfeiçoamento**. Do futuro, **após completar 60 anos**, espera ter **saúde e ficar perto das pessoas que lhe são caras**, “ou seja, **não sentir solidão; curtir sua casa e ser voluntária em projetos assistenciais** ou semelhantes”. Em relação à **velhice** tem como **meta ser independente, respeitada e aceitar-se sem traumas** em virtude da vaidade e **não ser inútil**. Quanto às **limitações** que pensa terá como idoso, responde que serão **aquelas causadas pela doença e pelo desgaste físico**, quanto às possibilidades, serão todas **aquelas que construir antes** pois, “nada cai do céu e tem-se que buscar aquilo que se quer”.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: Para o participante, cursos e experiência profissional dão suporte prático para melhorar a qualificação e a formação profissional está ligada a cursos, a experiências, busca de conhecimento e aperfeiçoamento. Sua concepção de envelhecimento inclui a possibilidade de doenças, o desgaste físico, a aproximação de pessoas com ligação afetiva, a preocupação com a solidão e projetos assistenciais. Associa velhice com

independência, respeito e auto-aceitação das mudanças na aparência física e com produtividade. Entende que sua velhice será resultado daquilo que construir antes.

b) **O participante 2** declara que o **processo de formação profissional deveria ser sempre atualizada através de instrução**. Considera que a instrução e atualização são necessárias em virtude das mudanças rápidas a que todas as instituições estão submetidas, mudanças mundiais. Para ele, **formação profissional** é a **capacitação** do homem para exercer uma **atividade profissional específica**. Do futuro, **após completar 60 anos**, espera estar com **saúde, bem informado e exercer outra atividade profissional** na área privada. Suas **metas** em relação à **velhice** são manter a **saúde** com **atividade física** e com **saúde mental**. Pensa que, como idoso, terá como **limitação** a **redução** da **atividade sexual** e, como **possibilidades**, manter uma **boa relação com** as pessoas da **família** e cultivar outras **amizades**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: Para o participante a formação profissional deve ser sempre atualizada e é a capacitação para atividade profissional específica, associando-a à atualização e à instrução. Sua concepção de envelhecimento está associada à saúde física e mental, à informação, a produtividade. Associa a velhice com saúde, atividade física, e uma menor atividade sexual, manutenção de boas relações familiares e de novas amizades.

c) **O participante 3** declara que o processo de **formação profissional** deveria dar **condições** para uma **vida com tranquilidade** junto da **família**, podendo inclusive **auxiliar** aos **mais novos** não só com sua **experiência**, mas também **financeiramente**. Formação profissional para ele é a **condição** exigida para uma **melhor capacidade**. Do futuro, **após completar 60 anos**, espera ter **saúde** e uma **condição financeira** razoável para **desfrutar** bem e de uma forma salutar a vida. Quanto às **metas** em relação à **velhice**, declara que **ainda não pensou** sobre isto. Como idoso, acredita que sua **limitação** será ter problemas com a **saúde** e por isso procura, sempre que possível, praticar algum esporte. Pela ausência de obrigação de **cumprimento de horários** pensa que, idoso, poderá ter condições de **desfrutar** um pouco da **vida**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: O participante associa formação com condições para vida tranqüila junto da família e possibilidade de auxiliar aos mais novos pela experiência e financeiramente; a condição para melhor capacidade profissional. Sua concepção de envelhecimento está associada ao cuidado da saúde, finanças, possibilidade de problemas de saúde, atividade física e não necessitar mais cumprir horários, o que permitirá desfrutar da vida. Ainda não pensa na velhice.

d) **O participante 4** declara que o **processo de formação profissional** deveria ser uma **constante preparação profissional** e um **aprimoramento (ou lapidação) emocional**, como **base de aplicabilidade dos conhecimentos e experiências adquiridas ao longo da vida preparando** para uma **aposentadoria tranqüila**, tanto **econômica** quanto **emocional**. Entende **formação profissional**, como **conhecimentos técnicos** (práticos ou não) adquiridos ao longo do seu espaço laboral (adolescente até adulto) com **todos requisitos necessários ao bom desempenho de suas funções laborais**. Do futuro, **após completar 60 anos**, espera **descansar** um pouco, **viajar, dançar** e continuar usando a mente **lendo, vendo, sentindo as coisas boas da vida**. Suas **metas** em relação à **velhice**, são de **ver seus netos crescidos** e, apesar da diabete, estar **bem de saúde, realizado profissionalmente e feliz com a vida**, por **cuidar-se muito**. Reconhece que poderá ter, como **limitações, problemas visuais, circulatórios e/ou renais**. Quanto às **possibilidades**, declara que poderá fazer **tudo o que seu organismo agüentar e a mente, base de tudo, quiser**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: O participante associa o processo de formação profissional a uma constante preparação profissional e aprimoramento emocional, aplicação de conhecimentos e experiências, preparo de aposentadoria tranqüila, econômica e emocionalmente, conhecimento técnico, requisito necessário ao bom desempenho de funções laborais. Sua concepção de envelhecimento está ligada a descanso, lazer, uso da mente através de leituras e prazer. Associa velhice a ver os netos crescidos, ter saúde, realização profissional,

felicidade e auto cuidado. Reconhece a possibilidade de limitações física e declara que poderá fazer tudo o que seu organismo permitir e a mente quiser.

e) **O participante 5** declara que seu **processo de formação profissional** tem transcorrido **além do esperado e quer mais**, mas sempre **aliando a teoria com a técnica**. **Formação profissional** é a aquisição de **conhecimento técnico transformador do comportamento**. **Nova visão do que é feito** e que influencia no comportamento e na civil. Do futuro, **após completar 60 anos** espera **viajar, ingressar em grupos** e freqüentar **festas da terceira idade** e ser, se possível, **esportista sênior**. Tem como **metas** em relação à **velhice** a **saúde** e **companhia interessante** e **saudável**. As **limitações** que pensa que terá como idoso serão **perder a agilidade**, mas não toda e **cansar mais rápido**. Quanto às **possibilidades**, entende que haverá uma grande possibilidade de ter que **cuidar de netos**, de **ter que cuidar-se mais**, de **ter saudade de não ter feito o que pode fazer hoje**, **com saúde** com **força** e com **felicidade**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: para o participante, a formação procura aliar teoria e técnica, inclui aquisição de conhecimento técnico transformador do comportamento, uma nova visão do que é feito. Sua concepção de envelhecimento está ligada ao lazer, esportes, saúde, companhia, perda de parte da agilidade física, cansar mais rapidamente, cuidar de netos, necessidade de maior autocuidado, saudade do que não fez quando tinha saúde, força e felicidade. Associa velhice à saúde e companhia saudável.

f) **O participante 6** declara que seu **processo de formação profissional** tem sido muito **lento** e com **metas que a instituição alterou** várias vezes, causando **prejuízos** e **falta** de **motivação**. **Formação profissional** é a **base** para o desenvolvimento de qualquer **profissão**. Do futuro, **após completar 60 anos** espera continuar com **saúde** para poder **trabalhar** e **realizar** seus **sonhos**. Com relação à velhice espera ter muita **saúde** e poder **continuar trabalhando**.

As **limitações** que pensa que terá como idoso são limitações de **locomoção** e **falta de motivação** e entende que as **possibilidades**, em relação ao mercado de trabalho, deverão ser **muito poucas**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: O participante associa formação profissional a metas constantemente alteradas pela instituição resultando em prejuízos e falta de motivação; é base para a profissão. Sua concepção de envelhecimento está ligada à saúde, produtividade e realização de sonhos, a limitações de locomoção, falta de motivação e poucas possibilidades no mercado de trabalho. Associa velhice à saúde e produtividade.

f) **O participante 7** declara que seu **processo de formação profissional** não foi nada fácil e entende que **deveria ser de forma mais tranqüila**. **Formação profissional** é o **aprimoramento técnico** e a **busca de conhecimentos**. Do futuro, **após completar 60 anos**, declara que **ainda não pensou**, mas **espera para ver o que o futuro terá para lhe oferecer**. E acrescenta que, quer é estar de **bem consigo e com a vida**. Suas **metas** com relação à **velhice** são continuar **trabalhando** na área de **Segurança Pública**, **concluir a faculdade** e **preparar-se** para uma **nova profissão**. As **limitações** que terá como idoso serão, talvez, **físicas**, entretanto, **se exercitar o intelecto** através de leituras, o **físico** com atividades como **esportes** e **danças** e tratar o **espírito**, **não haverá limitações**. Quanto às **possibilidades** pensa que terá **todas**, pois **cuida bem de si** em todos os sentidos.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: Para o participante o processo de formação profissional deveria ser de forma tranqüila, concebendo-a como aprimoramento técnico e conhecimento. Sua concepção de envelhecimento está ligada a expectativas do que o futuro oferecer, a estar bem consigo e com a vida, a limitações físicas, desenvolvimento e manutenção de funções superiores, atividades esportivas, lazer e espiritualidade, o que permitirá as possibilidades. Associa velhice a possibilidade de continuar trabalhando em Segurança Pública, concluir curso superior, preparar-se para uma nova profissão, a limitações físicas que podem ser evitadas pelo exercício do intelecto, do corpo e do espírito, permitindo possibilidades.

g) **O participante 8** declara que seu **processo de formação profissional** foi sempre com muito **stress, falta de informação e falta de preparo dos instrutores**, além da **falta de objetividade**. **Formação profissional** para ele é um conjunto de **informações dentro da realidade que se vive**, ancoradas pela prática. Do futuro, **após completar 60 anos** responde **não esperar muito**, pela **carência de seriedade** das **instituições**. Suas **metas** em relação à **velhice** são **envelhecer ao lado de seus filhos** com **saúde e realizado profissionalmente**. Declara, ainda, que a **perda do pensamento rápido** e da **mobilidade física** serão as **limitações** que terá como idoso e que as **possibilidades** serão **muito poucas**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: O participante associa o processo de formação a stress pela falta de informação, instrutores preparados e objetividade; a informações sobre a realidade vivida, ancorada na prática. Sua concepção de envelhecimento está ligada à baixa expectativa, pela descrença na seriedade das instituições; proximidade dos familiares; saúde; realização profissional; perdas intelectuais e físicas e poucas possibilidades. Associa a velhice com proximidade com filhos, saúde e realização profissional.

h) **O participante 9** declara que seu **processo de formação profissional** foi mais **voltado ao objeto (produto)** Segurança Pública, policiamento, **esquecendo o sujeito**, com **poucos cursos de aperfeiçoamentos** ou **habilitações** para tal. **Formação profissional** é dar as **condições (mínimas)** necessárias para **capacitá-lo** a fim de ter **condições de trabalho** para o **exercício profissional** que escolheu. Do futuro, **após completar 60 anos**, espera **contribuir** de alguma forma para que as **gerações futuras** adquiram o que adquiriu e também **aprender com os mais novos** a fim de **viver ainda mais**. Tem como **metas** em relação à **velhice**, ter **uma vida saudável, atividade prazerosa** como **leitura e escrever** muitos **livros**. Como idoso terá somente **limitações**, do lado **financeiro**, para a execução de cursos em Universidades e também o uso de **óculos** e as **possibilidades** serão **todas as que possuía desde jovem**, com mais **experiência**, **diminuindo** cada vez mais as **chances de errar** e, sim, ter **mais acertos** para uma melhor **qualidade de vida**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: O participante percebe o processo de formação como voltado para o produto, esquecimento do sujeito, com poucos cursos de aperfeiçoamento ou habilitações; a condições mínimas de capacitação para o trabalho. Sua concepção de envelhecimento está associada à contribuição e à aprendizagem com as gerações futuras, para viver mais, limitações físicas e financeiras e as mesmas possibilidades da juventude, experiência, menos erros e mais acertos o que associa a uma melhor qualidade de vida. Associa a velhice a ter saúde, prazer e a desenvolver atividades para a manutenção de funções superiores.

i) **O participante 10** declara que seu **processo de formação profissional** tem sido **bom** na medida em **aproveitou** as **oportunidades** que apareceram para **progredir profissionalmente**. Acha que a instituição deveria investir mais no **preparo técnico** de seus integrantes e ser **mais especialista do que generalista**. **Formação profissional**, é a **busca** e recepção de **novos conhecimentos** que possam contribuir na **evolução intelectual** e **técnico-profissional** do indivíduo. Do futuro, **após completar 60 anos**, espera estar bem, de **saúde física** e **psicológica** para poder continuar em uma **atividade profissional**, **realizar prazeres** e **viver** de uma **forma digna** e **confortável**. Suas **metas** em relação à **velhice** são ter **saúde** suficiente para **realizar** as **coisas de que gosta**, de uma **forma tranqüila**. Entende que, como idoso, terá como **limitação** a **diminuição** da **capacidade física**, mas pretende e almeja que não se incapacite totalmente. Já as **possibilidades**, serão de realizar **passeios**, **viagens**, algum tipo de **esporte**, alguma **atividade profissional** e outra **atividade comunitária**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: Para o participante o processo de formação está ligado a oportunidades de progresso profissional, mais preparo técnico, ser mais especialista do que generalista; à busca de conhecimento necessário à evolução intelectual e técnico-profissional. Sua concepção de envelhecimento está associada à saúde física e psicológica, a produtividade, a prazer, dignidade e conforto, limitações físicas, atividade profissional e atividade comunitária. Alia velhice à saúde, realização e tranqüilidade.

j) **O participante 11** declara que seu **processo de formação profissional** foi com **muita teoria, ensino rígido e voltado para a marcialidade, pouco voltado para a humanidade**. Acrescenta que, com o passar dos anos, este ensino **vem dando maior ênfase ao lado humano** e que **deveria ser associado o teórico ao prático e voltado para o lado humanitário, com ações integradas entre polícia e comunidade**. **Formação profissional** é o **conhecimento** que é **transmitido** aliado com o **conhecimento adquirido** com a **execução do serviço**. Do futuro, **após completar 60 anos**, espera estar **desfrutando a aposentadoria** junto com os seus **familiares**. Tem como **meta** em relação à **velhice**, chegar com **saúde**. Pensa que, como idoso terá como **limitação** o **medo de ser discriminado**. Quanto às **possibilidades**, cita **viajar, conhecer novos lugares, praia, pescaria e curtir seus netos**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: O participante associa formação à teoria, rigidez, voltada para a marcialidade e pouco voltada para a humanidade, o que vem mudando, com maior ênfase ao lado humano, necessitando associar o teórico ao prático, ao lado humanitário e com ações de aproximação entre polícia e comunidade; é conhecimento transmitido e conhecimento adquirido na execução do serviço. Sua concepção de envelhecimento está associada a desfrutar da aposentadoria, convívio familiar, medo de ser discriminado, lazer e conhecimento de novos lugares. Associa velhice à saúde.

k) **O participante 12** declara que, embora **desejasse que seu processo de formação profissional fosse com mais qualidade**, entende a formação cultural a qual está afeto e as condições sócio-econômicas do Estado, enquanto provedor principal dos recursos materiais da instituição. **Formação profissional** é a **capacitação** para o melhor **desempenho** em determinada **atividade**. Do futuro, **após completar 60 anos**, espera ter **condição física e saúde** para realizar alguma **atividade profissional, ser útil e realizar-se como pessoa**. Suas **metas** em relação à **velhice** referem-se à oportunidade de **repassar suas experiências, profissionais e de vida**, de forma a **ajudar** as outras pessoas. Como idoso,

entende que somente terá **limitações físicas** e as **possibilidades** de realizar alguma **atividade, desde que se prepare para tal.**

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: Para o participante sua formação está aquém da qualidade desejada pelas condições do Estado; é capacitação para desempenho em atividade. Sua concepção de envelhecimento está associada à saúde, condições físicas para a produtividade, utilidade e realização pessoal, limitações físicas e possibilidade de realizar atividades para as quais tenha preparo. Liga velhice à transmissão de experiências profissionais e de vida para ajudar outras pessoas.

l) **O Participante 13** declara que a **formação profissional** de todo serviço de dedicação exclusiva, como é o da Polícia Militar, onde os profissionais trabalham diretamente com o público e onde os anseios da sociedade (em especial os pobres) neles são descarregados, **deveria ser voltada** para as **“Ciências Humanas”** e **“Psicologia”**. **Formação profissional** é o **preparo para exercer a profissão**. Do futuro **após completar 60 anos**, espera ter uma **aposentadoria** que lhe permita adquirir **chácara no campo** para **pescar, fazer exercícios, viajar e não voltar a trabalhar** novamente, pois **não quer tirar o lugar de uma pessoa jovem**, que está entrando no mercado de trabalho. Suas **metas** em relação à **velhice** são **pescar e exercer atividade** de **serviço voluntário**. Entende que as **limitações** que terá como idoso serão as **normais** e, como **possibilidades**, o **relacionamento com pessoas normais e convívio social**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: Para o participante a formação deveria ser voltada para as Ciências Humanas e Psicologia, preparo para a profissão. Sua concepção de envelhecimento está associada à aposentadoria, a vida no campo, a não voltar a trabalhar para não tirar lugar de pessoa jovem, ao lazer, às limitações normais de idoso, ao relacionamento com pessoas normais e ao convívio social. Associa velhice a lazer e trabalho voluntário.

m) **O Participante 14** declara que o **processo de formação profissional, deveria trazer mais conhecimento nas áreas humanas: Psicologia, Antropologia, Sociologia, Relações Humanas, Direitos Humanos. Formação profissional, é aquela recebida para o exercício da profissão e que sirva aos interesses da instituição.** Do futuro **após completar 60 anos,** espera ter mais **contato com a natureza, não estar tirando uma vaga no mercado de trabalho,** mas poder proporcioná-la a alguém, ter uma boa **relação social, viajar e ter boa saúde.** Suas **metas** em relação à **velhice** são de maior **contato com a natureza** e manter um bom **convívio social.** Hoje **não imagina que limitações terá** como idoso e, quanto às **possibilidades,** serão as **que quiser ter.**

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: Para o participante a formação deve incluir conhecimentos nas áreas humanas, Psicologia, Antropologia, Sociologia, Relações Humanas e Direitos Humanos; é transmitida para o exercício da profissão e atendimento aos interesses da instituição. Sua concepção de envelhecimento está associada a contato com a natureza, a não tirar vaga no mercado de trabalho, a convívio social, lazer e às possibilidades que queira ter. Alia velhice ao contato com a natureza e ao convívio social

n) **O Participante 15** declara que seu **processo de formação profissional** foi, no início, **doloroso, deixando marcas, ditatorial, torturante, enlouquecedor:** quem ficou na corporação foi pela teimosia, “eu sou forte eu consigo”. Nos dias de **hoje,** pensa que melhorou, havendo **mais ensinamentos práticos e gritos.** Entende **Formação profissional** como os **meios** oferecidos para a **pessoa se tornar um profissional capacitado** na sua área de trabalho, Do futuro, **após completar 60 anos,** declara que se vê como alguém **com bichos e feliz,** lendo os seus **livros espíritas e completa,** não tendo muita preocupação com isso mas com o **físico,** pois é muito vaidosa. Tem como **metas** em relação à **velhice, aproveitar** um pouco mais sua **vida,** pois **na profissão** que exerce é uma **escrava dos relógios e dos compromissos.** No que se refere às **limitações** que poderá vir a ter como idoso, pede a Deus para não ter **dificuldades de locomover-se** e que sua **memória** não falhe. Quanto às **possibilidades** declara que **não vê muitos benefícios,** mas acha que terá uma **boa aposentadoria** e poderá **viajar** bastante. Acrescenta não

pretender ser uma velha visitando quartéis, pois acha este um ambiente muito pesado. O tempo de policial será para contar histórias para netos. Não vê **velhice** como um problema, mas como uma **conseqüência natural**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: O participante associa formação a processo que pode ser doloroso, deixar marcas, ser ditatorial, torturante e enlouquecedor, que evoluiu e que está melhor, com ensinamentos práticos e gritos; constitui meios para capacitar profissionalmente. Sua concepção de envelhecimento está ligada ao convívio com animais, à felicidade, à espiritualidade, à completude, à preocupação com o físico, à possibilidade de limitações físicas e de memória, a uma boa aposentadoria, ao lazer, sendo uma conseqüência natural. Associa velhice com aproveitar a vida, sem preocupação com horários e com compromissos.

o) **O Participante 16** declara que em seu **processo de formação profissional** houve **preocupação** com a parte de **legislação**, dos **direitos das pessoas**, enquanto no seu entender, nos dias atuais **deveria** ser dada maior importância à **parte técnico-profissional** para que o **policial** saiba **proteger-se** melhor. **Formação profissional** é a maneira de **tornar** uma pessoa **capaz de exercer** uma determinada **profissão**. Do futuro, **após completar 60 anos**, espera **não** se **descuidar** da **parte física** e ver seus **filhos** muito bem encaminhados e casados. Como **metas** em relação à **velhice**, declara que gostaria de fazer algum **curso** voltado para a **eletrônica**. Acrescenta que **não terá nenhuma limitação** como idoso, bem como **nenhuma possibilidade**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: Para o participante formação está associada à preocupação com a legislação sobre direitos das pessoas em detrimento da parte técnico-profissional necessária para que o policial saiba se proteger e à capacitação para a profissão. Sua concepção de envelhecimento está associada a cuidados com o corpo, família, curso, a nenhuma limitação e nenhuma possibilidade. Alia velhice à possibilidade de estudar eletrônica.

p) **O Participante 17** declara que o **processo de formação profissional** deveria ser, primeiramente, com **honestidade**. **Formação profissional** é o **ensinamento** ou **aprendizado** recebido desde criança através dos pais - saber seguir o caminho correto. Do futuro, **após completar 60 anos**, espera ter boa **saúde**, para poder **viajar** e **desfrutar da vida**. Suas **metas** em relação à **velhice**, espera **não trabalhar mais** mas **somente curtir**. **Limitações** como idoso assinala que, se Deus quiser, **nenhuma** e, quanto às **possibilidades**, declarou que já está pensando nos lados **financeiro** e de **saúde**, que entende serem os principais, que lhe darão condições para desfrutar da **aposentadoria**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: Para o participante o processo de formação envolve honestidade, ensinamento e aprendizagem. Sua concepção de envelhecimento está associada a lazer, desfrutar a vida, finanças, nenhuma limitação, saúde e aposentadoria. Liga velhice ao afastamento da vida produtiva e a aproveitar a vida.

q) **O Participante 18** declara que seu **processo de formação profissional** foi **bom**, **dentro** do conteúdo **esperado**. Acrescenta que quando, do ingresso, **deveria** ser incluída **matéria sobre preparação para nova etapa de vida**. **Formação profissional**, é o homem apto a desenvolver sua atividade profissional, ou seja, ter adquirido **conhecimento** suficiente para bem **executar** suas **atividades**. Do futuro, **após completar 60 anos**, espera estar com **saúde física e mental** e depois pensar no que fazer nos próximos anos. Suas **metas** em relação à **velhice** são traçadas para continuar com **saúde física e mental**. Como idoso, terá **tantas limitações quantas desejar ter** e conclui que não terá limitações e sim, **troca de atividades**. Quanto às **possibilidades**, terá aquelas **as quais lutará para ter**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: Para o participante o processo de formação deve incluir matéria sobre preparação para a nova etapa de vida e envolve conhecimento para executar suas atividades profissionais. Sua concepção de envelhecimento está ligada a tantas limitações quantas desejar ter, troca de atividades e possibilidades que lute para ter. Associa velhice à saúde física e mental.

r) **O Participante 19** declara que seu **processo de formação profissional** tem sido uma **busca constante**, mas por **interesse pessoal** e entende que **deveria ser do interesse** também do local ou **instituição** onde o profissional presta serviço. Entende que **Formação profissional** ocorre quando o **ser humano adquire conhecimento** através dos **bancos escolares**, ou através da **prática** ou do **convívio em determinada profissão**. Do futuro, **após completar 60 anos** espera que os **anseios** de hoje **sejam conquistas**. Tem como **metas** em relação à **velhice**, ter seus **objetivos já alcançados**. Quanto às **limitações** que terá como idoso, pensa que serão **as comuns**, que todas as pessoas idosas possuem e que as **possibilidades** serão de **curtir a família, ajudar** e fazer **caridade**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: Para o participante processo de formação significa busca constante, por interesse pessoal e deveria também ser do interesse da instituição; é conhecimento adquirido nos bancos escolares, ou na prática, do convívio na profissão. Sua concepção de envelhecimento está associada a anseios já conquistados, limitações comuns, convívio familiar e caridade. Alia a velhice a objetivos já alcançados.

s) **O participante 20** declara que seu **processo de formação profissional** foi apenas **rever conteúdos** de que já tinha conhecimento. Pensa que os cursos **devem priorizar matérias técnicas, saindo dos conteúdos de matérias militares**, pois a sociedade quer mais um policial do que um milico na rua. Entende **Formação profissional** como a **síntese** de todos os **conteúdos**, devidamente **debatidos** e **ministrados** aos integrantes da força. Do futuro, **após completar 60 anos**, espera ter uma **boa qualidade de vida** e continuar a **arte marcial**. Tem como **meta** em relação à **velhice** fazer **trabalho comunitário**. Almeja não ter **nenhuma limitação** como idoso, pois sempre **manteve** uma **boa qualidade de vida**, mas como tem problemas com **bronquite**, pensa que terá problemas. Quanto às **possibilidades**, pensa que terá **convites** para **trabalhar** em **atividades comunitárias**, pois desde já procura interessar-se nesta direção.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: O participante associa formação profissional à revisão de conteúdos, quando deveria priorizar matérias

técnicas, saindo dos conteúdos de matérias militares; a síntese de conteúdos debatidos e ministrados aos integrantes da força. Sua concepção de envelhecimento está ligada à qualidade de vida, arte marcial, possibilidade de limitações físicas, convites para trabalhar e atividades comunitárias. Associa velhice à possibilidade de trabalho comunitário.

t) **O Participante 21** declara, sobre seu **processo de formação profissional** que a instituição **deveria valorizar** muito mais a **educação**, a **formação profissional completa**. **Formação profissional** é a busca de **conhecimento técnico** ou o seu fornecimento, indução. Do futuro, **após completar 60 anos**, espera estar com **saúde** e ter o **próprio negócio**. Quanto às **metas** em relação à **velhice**, espera que **não seja de maneira dolorosa** e sim um pouco **mais tranqüila** pois foram longos dias de chuva e frio, que certamente também ocorrerão, mas aí doerá menos. Declara, ainda, que como idoso terá **limitações**, talvez, de **saúde**, o que considera o mais importante e, quanto às **possibilidades**, serão o **conhecimento adquirido**, o **respeito conquistado**, mais **tempo para si**, para a **esposa** para a **família** e **ajudar com opinião**, se procurado.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: O participante associa formação profissional à educação e à necessidade de maior valorização pela instituição, ao conhecimento técnico. Sua concepção de envelhecimento está ligada à saúde, produtividade, conhecimento, respeito e tempo, para si e familiares e para ajudar os outros. Alia velhice à vontade de que não inclua dor e que seja mais tranqüila.

u) **O Participante 22** declara que seu **processo de formação profissional** tem sido com **pouca ou nenhuma atenção ao individual** e acrescentou que os **policiais** são **peças descartáveis**, que só **têm valor quando produzindo**. Finaliza dizendo que os policiais **trabalham protegendo as pessoas**, mas **ninguém os protege** e que sua **formação profissional deveria focar** nos **homens** pois eles fazem a instituição. **Formação profissional** significa **forma + ação**: forma = **instrumento** para **modelar** ou deixar **todos iguais**; ação = agir: formação é **agir de forma** que

todos tenham **procedimentos iguais ou parecidos**. Entende que a **formação profissional** dos policiais é muito **complexa**, pois estes trabalham com pessoas nas mais diversas atividades e classes sociais e são **formados para ser imparciais e justos**. Do futuro, **após completar 60 anos**, espera estar **trabalhando e investindo** para construir uma **pousada no Nordeste**, onde possa **receber os amigos** e, quem sabe, alguns queiram morar com ele e seus familiares. Tem como **meta** em relação à **velhice** ter **saúde** e quanto às **limitações** que terá como idoso, pensa que terá **menor resistência à fadiga** e que, como **possibilidades**, terá mais **tempo disponível e experiência de vida**.

Transposição para linguagem educacional/gerontológica: O participante associa o processo de formação à desatenção ao individual, a uma concepção de policiais como peças descartáveis, que só têm valor quando estão produzindo, protegendo as pessoas sem serem protegidos; deveria focar nos homens; é forma + ação: forma como instrumento para modelar, deixar todos iguais e ação como agir de forma que todos tenham procedimentos iguais ou parecidos; é processo complexo que visa formar policiais para serem imparciais e justos. Sua concepção de envelhecimento está ligada à produtividade, investimento em estabelecimento de lazer em outro Estado para receber amigos, a menor resistência à fadiga, a tempo disponível e à experiência de vida. Alia a velhice à saúde.

Essências:

Formação:

- a) Formação profissional como fenômeno de natureza Educacional/Profissional/Técnica, associado à capacitação profissional;
- b) Formação profissional associada à possibilidade de tranqüilidade nas relações familiares e no auxílio a outros por ingerências de experiência e financeiras;
- c) Formação profissional como compromisso de preparação profissional e aprimoramento emocional;
- d) Formação profissional como compromisso de articular teoria e prática;
- e) Formação profissional como portadora de potencial de motivação, estresse e experiência traumática;
- f) Formação profissional como promotora de condições para aproximação da comunidade;

- g) Formação profissional voltada para qualidade, produto e sujeito;
- h) Formação profissional como prática interdisciplinar, incluindo conhecimentos de diferentes áreas;
- i) Formação profissional como compromisso individual e da instituição.

Utilizando-se o acréscimo feito por Comiotto⁵⁵ à análise fenomenológica de Giorgi, foram identificadas as seguintes dimensões:

Formação:

Dimensão Técnico-profissional-educacional: concepções em que a formação está ligada ao aspecto capacitação para exercer a profissão;

Dimensão Psicossocial e Institucional: concepções em que a formação aparece como condição para uma vida tranqüila emocional e financeiramente, sendo de responsabilidade individual e institucional.

CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO IMPLÍCITA NO IMAGINÁRIO ASSOCIADO: UM ESTUDO JUNTO A POLICIAIS MILITARES

Rosa Maria Gross de Almeida

Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza

RESUMO: Este artigo trata sobre a concepção de envelhecimento implícita no imaginário a ele associado por parte de profissionais policiais militares. Os aportes trazidos por esta pesquisa significam relevante contribuição para a reflexão sobre a necessidade de atenção ao imaginário sobre envelhecimento e sua interpenetração nas concepções sobre o fenômeno. O estudo foi desenvolvido numa abordagem qualitativa, numa perspectiva dialógica implícita ao Método da Complexidade, junto a um grupo de 22 alunos de curso de formação de nível intermediário da Brigada Militar/RS com, em média, 20 anos na profissão e idade superior a 35 anos. Os dados foram coletados por meio de depoimento escrito e analisados semiologicamente e por análise de conteúdo de Bardin. Os principais resultados do estudo apontam para concepções de envelhecimento implícitas num imaginário com orientação paradigmática simplificadora.

PALAVRAS CHAVE: Envelhecimento, Imaginário, complexidade, Segurança Pública, policiais militares.

ABSTRACT: This article approaches the conception of aging implicit in the imaginary associated to it by military police officers. The findings of this research are a relevant contribution to the reflection on the necessity of attention to the imaginary about aging and its interpretation in the conceptions about this phenomenon. The study was developed through a qualitative approach, in a dialogic perspective implicit in the Method of Complexity, with a group of 22 students of an intermediate course to form professionals of the Military Force/RS, with an average of 22 years in this profession and over 35 years old. Data were collected by means of written testimonies that were semyologically analyzed and through the content analysis by Bardin. The main results of this study have pointed out conceptions of aging that are implicit in an imaginary with simplifying paradigmatic orientation.

Key Words: Aging, Imaginary, Complexity, Public Security, Military Police Officers

1 INTRODUÇÃO

A incapacidade de conceber a complexidade da realidade¹ e, mais particularmente do processo de envelhecimento tem dificultado a elaboração e implementação de estratégias que evoluam na promoção de condições preventivas para um envelhecimento com qualidade pelos profissionais da área da Segurança Pública¹.

A complexidade do cotidiano vivido por estes profissionais é tecida na constante reconstrução do conhecimento prático adquirido nos acontecimentos e ações vivenciadas nas relações de trabalho, permeados pela convivência com o

caos social, os desvios, o risco de vida, a ambigüidade, o inexplicável o que tem levado à carência de tempo para pensar, tanto sobre a prática profissional quanto sobre a própria vida¹.

A reflexão sobre a necessidade de políticas públicas e de reflexão pessoal sobre a importância de um envelhecimento mais sadio significa a ruptura com orientações paradigmáticas alicerçadas numa compreensão de profissional da Segurança Pública como alguém com o compromisso de zelar pelo exercício da cidadania de muitos, sem que seja, ele próprio, incluído neste zelo. Este pensamento simplificador não tem permitido considerar a importância da diversidade na unidade do ser humano e tem gerado a sensação de desvalorização profissional, além de não contribuir para a elaboração de estratégias que possibilitem trabalhar sobre o envelhecimento na formação profissional em sua complexidade.

Isto posto, é preciso indagar: até que ponto os idealizadores das políticas vigentes exercem a reflexão sobre o que é envelhecimento? Até que ponto têm domínio sobre as conseqüências de suas ações e de suas contradições? Até que ponto as políticas de saúde são elaboradas sobre o alicerce de uma visão sistêmica do fenômeno e sobre um imaginário permeado por possibilidades? Até que ponto os profissionais de Segurança Pública são contemplados com ações preventivas, para uma melhor qualidade de vida? Até que ponto a reflexão sobre o envelhecimento em sua complexidade integra o rol de objetivos transversais das instituições que desenvolvem atividades de formação policial?

Se o estado da arte do conhecimento sobre envelhecimento é um reflexo de análises principalmente biológicas, sociológicas e psicológicas na Segurança Pública o estado da arte do conhecimento é um reflexo de análises principalmente em preceitos legais. Nestas duas áreas o componente imaginário parece ignorado, como se não fosse parte constituinte da natureza humana e organizacional.

Na sociedade ocidental, a concepção de envelhecimento tem sido permeada pela valorização de aspectos estéticos associados à beleza do corpo jovem.

A estética oferece a possibilidade de uma incursão ao imaginário, permitindo olhar de frente o que causa temor, como a aproximação da finitude², os sinais do envelhecimento.

Entre os profissionais da área da Segurança Pública, os policiais militares passam por processos formativos que incluem intenso preparo físico e associam a

profissão à coragem e força física, gerando um ideal de beleza à vida e, à medida que estes profissionais se deparam com modificações corporais em decorrência do envelhecimento não lhes é possível deixar de perceber o distanciamento do ideal estético corporal/profissional, ganhando espaço o receio da degeneração. A percepção de si se modifica, sua visão sobre suas próprias possibilidades e potencialidades se curva sob o peso de fantasmas criados e alimentados em seu imaginário. “É o homem e a mulher que não querem envelhecer, que querem ficar jovens para sempre [...] sempre desfrutarem do presente”^{2; 152}.

Olhar para os sinais que indicam a velhice pode significar olhar a si próprio como “sujeito de morte anunciada [...] testemunhos da finitude, da transitoriedade, e da morte”³.

A autoridade antes conferida à velhice como experiência de vida, sabedoria, discernimento, vem perdendo espaço para a novidade, agilidade, audácia, num movimento que Morin chama de “degerontocratização”².

O ganho em respeitabilidade, prestígio, atenção, que surgiam como substitutos das perdas especialmente físicas, decorrentes da idade, passaram a ser menos valorizados. “A velhice fica como que desligada, rejeitada para fora do curso real da vida”^{2; 148}. O resultado contribui para alimentar um imaginário que alimenta a busca desesperada pelo impossível : permanecer jovem, belo e ser eterno.

No Brasil, a ampliação da expectativa de vida tem resultado em crescente número de idosos, ao mesmo tempo em que a população não tem acesso a uma preparação para a velhice e a aposentadoria; não há investimento significativo em pesquisas, políticas e ações de prevenção para um envelhecimento saudável.

Embora iniciativas legais, importantes para a consolidação da cidadania dos idosos venham ocorrendo já desde a década de 20 no Brasil, ampliando as possibilidades de valorização do idoso, o país ainda convive com a marginalização da velhice⁴.

Se a Gerontologia, como área do conhecimento, ainda carece de produção científica, esta carência se potencializa, quando se refere ao envelhecimento daqueles que trabalham na área da Segurança Pública - os policiais - que confrontam-se diariamente com a crescente violência e com os ideais de vigor físico, força e audácia.

Ante seu próprio envelhecimento e com a aposentadoria, estes profissionais convivem com a perda das condições destes ideais, tanto em nível pessoal como no

imaginário coletivo, associada à perda da referência identitária³ representada, nos policiais militares, principalmente na farda – considerada camada da pele - com conseqüências sobre a qualidade de sua vida.

Segundo Moragas⁵ um dos fatores de risco ao equilíbrio psíquico no envelhecimento são as frustrações e a perda do sentido de vida.

Devido à importância e atualidade dos problemas relacionados ao aumento da população idosa e da crise na Segurança Pública, muito se discute sobre os índices sinalizadores de impactos sociais, da violência, das ocorrências policiais.

Sobre o profissional de Segurança Pública, sujeito/indivíduo que exerce a função de policial, pesquisas realizadas têm especialmente concentrando seu foco nos profissionais ainda na ativa, sem se ocupar daqueles em final de carreira e já aposentados.

As políticas implementadas no período 2003-2006 pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), tratam da criação de uma “Polícia Cidadã”, que não apenas obedece aos preceitos de Direitos Humanos, mas seja deles promotora⁶.

Esta implementação passa pela reconstrução pessoal, de sujeitos/indivíduos autônomos/dependentes, com concepções, crenças, convicções⁶, que exercem a profissão e pela reconstrução institucional.

Na formação destes profissionais vem sendo fortalecida pela Matriz Curricular Nacional de Formação para Profissionais da Segurança Pública/SENASP/Ministério da Justiça/Brasil⁷, a importância destes profissionais como cidadãos que têm como missão preservar e promover a vida⁸ de outros seres humanos/e a sua própria, ao arriscarem suas vidas nas suas relações com a sociedade, onde é preciso [...] saber que há algo possível ainda invisível no real”⁹, a possibilidade de erro¹⁰ no exercício da função.

Para toda ação em contexto de incerteza “existe contradição entre o princípio do risco e o princípio da precaução [...]”⁹, a incerteza é ao mesmo tempo risco e possibilidade para o conhecimento“. Enquanto a ignorância da incerteza conduz ao erro, o conhecimento da incerteza conduz não somente à dúvida, mas também à estratégia”¹⁰.

Junto a 22 profissionais da Segurança Pública foi desenvolvido o estudo que teve como um de seus objetivos analisar as concepções de envelhecimento implícitas no imaginário associado a este fenômeno, entendendo-se que o

aprofundamento do conhecimento sobre concepções humanas e sobre o imaginário é relevante para mudanças nos pensamentos, nas ações e nas atitudes em relação ao trabalho e à própria vida.

Os profissionais participantes da realidade investigada são policiais militares que, pela possibilidade de desenvolverem atividade de policiamento ostensivo, estão mais expostos ao risco, à violência e às suas implicações e conseqüências.

O estudo tem caráter de ineditismo na área da Gerontologia e da Segurança Pública no Brasil e, com os aportes vindos dele, pretendeu-se contribuir com subsídios para a elaboração de políticas e processos de formação em Segurança Pública mais humanizadores e a reflexão, por estes profissionais, sobre a necessidade de reconstruírem suas concepções sobre o próprio envelhecimento, conscientes da influência do imaginário nas suas crenças, convicções e concepções.

2 O MÉTODO E SUA APLICAÇÃO

2.1 FALANDO SOBRE O MÉTODO

O estudo foi desenvolvido numa abordagem qualitativa, numa perspectiva dialógica implícita ao método da complexidade.

O método da complexidade não pretende encontrar certezas e o princípio *Uno* da verdade. Constitui reflexão sobre o pensamento que se nutre da incerteza, recusa o conhecimento fragmentado e redutor, investiga sobre o conhecimento do conhecimento¹¹.

No desenvolvimento da pesquisa foi preciso utilizar um método desta natureza, que concebe o sujeito/indivíduo ao mesmo tempo em sua autonomia/dependência e em sua singularidade/generalidade, numa relação recorrente na qual o sujeito/indivíduo é “simultaneamente gerado/produzido/determinado e gerador/produtor/determinante”; um método que reconhece a realidade complexa das emergências que retroagem sobre o que as causou e que são parte constitutiva do todo^{12; 246}.

Utilizar este método implicou na busca de estratégia metodológica que oferecesse condições não só para a descrição da realidade, mas também para sua compreensão/explicação.

A compreensão é o conhecimento por projeção/identificação que torna o ser-sujeito inteligível para outro ser-sujeito, que é reflexiva e combinada com a 'explicação'¹².

Os princípios metodológicos interdependentes que permearam a análise dos dados foram os que embasam a abordagem dialógica proposta por Morin:

- princípio hologramático, em que a parte está no todo e o todo está de alguma forma nela representado, numa concepção de recursividade entre totalidade e partes constituintes;
- princípio recursivo em que a causa age sobre o efeito, e o efeito age sobre a causa, modificando-a, gerando um novo efeito...(retroação auto-reguladora); em que os produtos e os efeitos são produtores e causadores do que os produz, num entendimento de autoprodução e auto-organização;
- princípio dialógico, numa união entre idéias antagônicas, complementares ou concorrentes, formando novas sínteses provisórias, num determinado tempo e espaço.

Desta forma, partes antagônicas/complementares/concorrentes interagem entre elas e com o todo que, ao ser transformado/transformado-se, as transforma (princípios dialógico, hologramático e recursivo).

O reconhecimento da imprecisão humana não implicou afastamento da precisão e da reflexão. Produzida a interpretação sobre a realidade, ela devolve uma outra vida, expressando uma co-autoria entre pesquisador e pesquisado.

Segundo o pesquisador e teóricos utilizados, a mensagem dos participantes da pesquisa foi compreendida e explicada. Tratou-se de uma associação e articulação das idéias entre si, adotando-se princípios metodológicos com potencial para agrupar pontos de vista que “se excluem, se opõem, se inter-hierarquizam de modo que, não deixando de ser antagônicos ou concorrentes, se tornam complementares e dependem da realidade complexa do indivíduo”^{12; 194}.

Como principais garantias da qualidade dos dados qualitativos (equivalentes à confiabilidade, validade e relevância), utilizou-se:¹³

- e) a triangulação entre tipos de análises (análise de conteúdo interpretativa/compreensiva/explicativa e análise semiológica) das imagens e a reflexividade;
- f) a transparência e a clareza nos procedimentos, explicitadas, no esquema e matrizes elaborados a partir dos depoimentos escritos dos participantes;

g) a construção do *corpus* foi realizada a partir da decisão sobre a fonte de dados e do critério de saturação (quando o material analisado não apresentou mais novidade);

h) a descrição detalhada, o que permite a réplica do estudo.

O presente estudo foi realizado, em 2006, junto a 22 profissionais em nível intermediário da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul.

Esta Corporação teve um percurso histórico singular, de defesa de território, o que culminou numa denominação diferenciada do resto das polícias militares brasileiras em que Brigada significa uma Divisão do Exército. Sua singularidade também se manifesta na sua identidade e imagem junto a seus públicos e nas características estaduais¹⁴.

2.2 CARACTERIZANDO OS PARTICIPANTES

Os participantes eram alunos sargentos do Curso Básico de Administração Policial Militar, de formação de nível intermediário da Polícia Militar do Rio Grande do Sul que, concluído o curso, poderão habilitar-se ao posto de 1º Tenente, posto este considerado elo de ligação entre oficiais gestores da instituição e a tropa diretamente envolvida com a população. Atualmente, o número total de sargentos no Estado é de aproximadamente 10.500.

A opção pelo critério de inclusão/exclusão tempo de serviço igual ou superior a 20 anos deveu-se ao fato destes profissionais terem atualmente a possibilidade de se aposentarem aos trinta anos de trabalho. Assim, o limite em vinte anos significa um mínimo de dois terços de tempo na ativa e a possibilidade dos respondentes terem no mínimo trinta e cinco anos.

A decisão sobre o *corpus* – depoimentos escritos de 22 participantes - manteve-se nos limites considerados na literatura para a realização de atividades de coleta de dados em nível coletivo, pela saturação dos dados (critério de confiabilidade e relevância), o que encontra suporte em Flick¹⁵ e Bauer e Gaskel.¹³

Aos policiais militares foi entregue um roteiro de depoimento com questões fechadas para caracterização dos participantes e questões abertas sobre envelhecimento e formação profissional. Uma das perguntas solicitava que citassem objetos ou descrevessem imagens que associavam ao envelhecimento e, sobre as respostas dadas a esta pergunta, foi realizada análise semiológica.

Às metáforas foi atribuído valor cognitivo pois através delas foi explicitado o imaginário dos entrevistados. A metáfora estabelece uma comunicação analógica entre realidades diferentes, dando intensidade afetiva à inteligibilidade que apresenta.¹⁶ Ao citarem bom vinho, bom livro, bengala e ferrugem, por exemplo, os participantes possibilitaram uma compreensão das qualidades por eles atribuídas ao envelhecimento que vai além das possibilidades que a linguagem objetiva possibilitaria.

A identificação das concepções de envelhecimento permite identificar sob que paradigmas estão construídas, se de simplificação ou de complexidade, bem como indicativos do imaginário sob os quais se abrigam. A partir daí, é possível encaminhar intervenções visando a sua reconstrução, quando construídas sob paradigmas de simplificação, intervenções que possibilitem um novo referencial sobre o fenômeno do envelhecimento, concebendo-o em sua “arquitetura complexa”, abrangendo dimensões biológicas, sociológicas, psicológicas, culturais e educacionais.

Os profissionais policiais militares participantes do estudo caracterizam-se por:

a) idade entre 36 e 51 anos, sendo que, destes, 2 entre 30 e 39 anos, 19 entre 40 e 49 anos e 1 entre 50 e 59 anos;

b) estado civil compreendendo 11 casados, 4 solteiros, 2 divorciados, 2 separados;

c) escolaridade, 6 tendo curso superior incompleto e 9 completo, 4 curso de especialização, 8 com Ensino Médio completo;

d) cursos de formação em que 12 fizeram curso técnico-operacional, 5 de cultura geral, 2 pedagógica, 2 recursos informatizados;

e) tempo de exercício na função policial entre 16 e 30 anos, sendo que 3 participaram do policiamento ostensivo por 3 anos, 2 por 5 anos, 1 por 6 anos, 3 por oito anos, 1 por 10 anos, 1 por 14 anos, 1 por 15 anos, 1 por 17 anos, 1 por 18 anos, 1 por 19 anos, 2 por 20 anos, 3 por 21 anos, 1 por 22 anos e 1 por 23 anos;

f) saúde: 18 afirmam não serem portadores de doença crônica, 2 referem-se a problemas na coluna vertebral e 1 a diabetes; 17 afirmam não utilizar medicação e dos 4 que declaram que sim 1 utiliza medicamento para problema de pressão arterial, e 2 utilizam analgésicos; 1 informa já ter sido internado para tratamento emocional;

19 afirmam não ter se submetido a psicoterapia, 2 declaram que sim e 1 que está em acompanhamento psicológico.

Foi aplicado o Inventário de Depressão de Beck¹⁷ para verificar se os participantes encontravam-se com traços de depressão, pelo potencial de influência nos resultados. Nenhum dos participantes foi considerado com traços de depressão severa.

De acordo com Beck¹⁷, o “ponto de corte” dos escores depende do tipo de amostra e dos objetivos do estudo.

No presente estudo se os resultados do inventário apresentassem escores acima de 20, seriam pareados com três itens do questionário aplicado aos entrevistados, o item relativo a tratamento emocional, o item referente à psicoterapia e o item relacionado ao uso de medicação.

O objetivo de sua aplicação foi detectar possível presença de quadros depressivos entre os entrevistados e sua tradução nos resultados da pesquisa. Nenhum resultado acima de 20 foi encontrado.

Dos resultados trazidos pelo inventário associado aos três itens referidos, é possível sugerir que estes policiais militares, que convivem quase que diuturnamente com situações de risco de vida, aprenderam a dominar dois dos principais componentes da vivência subjetiva individual ou coletiva em contextos permeados por altos índices de violência - o medo e a incerteza associados à insegurança, à ameaça e ao desamparo, que podem levar à desesperança, ao desespero, à apatia – diminuindo, com isto, a possibilidade do medo transformar-se em depressão. O medo é a antecipação mental da falta de superação de uma exigência e a valoração emocional da situação pode ser de ira ou resignação¹⁸.

A maioria das teorias sobre o medo enfatiza que a intensidade e a sua universalidade dependem da previsibilidade, compreensibilidade e influenciabilidade experimentadas, de situações potencialmente prejudiciais¹⁸.

A imprevisibilidade e a incapacidade de controle significam a ausência de indicadores de segurança¹⁸: não se sabe se algo vai acontecer, como irá acontecer e se há chance de sucesso¹⁸.

No desempenho de sua profissão, os policiais militares atuam em situações de risco e, em seu processo de formação, recebem treinamento que lhes exige aprenderem a controlar medos e ansiedades, o que pode contribuir para a depressão e o estresse¹⁹.

Os fenômenos que compõem o mundo humano atendem a prerrogativa da complexidade. Impossível desenvolver reflexão sobre eles sem pensar sobre suas relações de interdependências.

A realidade é vivida indissociada do mundo imaginário: a violência aumenta vertiginosamente também nos ambientes familiares e institucionais. As situações vividas podem ser de variada natureza: assaltos, acidentes de trânsito, seqüestros, violência sexual, participação em situação violenta, ser ignorado ou não ser valorizado pela comunidade em que presta serviço. Estas situações podem ultrapassar o limiar de tolerância de uma pessoa e gerar ansiedade, estresse e depressão.

O envelhecimento, quando concebido com orientação paradigmática simplificadora e associado a imaginário onde predominam aspectos negativos deste fenômeno, pode ser vivido como sinônimo de perdas, especialmente perda do corpo jovem, podendo resultar em medo e depressão ante sua inexorabilidade.

2.3 A ESTRATÉGIA DO ESTUDO

No presente estudo, entende-se concepção como matriz para construções, unidade organizada do pensamento que depende de teorias e paradigmas nos quais se inscreve, estando associada à idéia de formação de conceito, de configuração original. Combina a aptidão para formar imagens mentais com a aptidão para produzir imagens materiais; utiliza palavras, idéias, conceitos, teorias, escolha, imaginação e estratégias da inteligência.^{10; 226}. Assim sendo, o fenômeno do envelhecimento é concebido em função de princípios/regras, teorias, idéias, noções, palavras, mitos, discursos e a partir de estratégias cognitivas. As concepções podem ser insuficientes, equivocadas¹⁰.

No momento em que o grupo de policiais militares foi convidado para participar da pesquisa, lhes foram apresentados os objetivos, os procedimentos, os instrumentos de coleta de dados e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para assinatura.

No início do trabalho, foi percebida, em dois participantes uma relativa resistência relacionada por eles, a um pesquisador que havia feito uma pesquisa com eles sem oferecer qualquer retorno. Ao ser-lhes informado que, após o

preenchimento dos instrumentos, haveria um momento de discussão sobre os temas envelhecimento e formação, os dois profissionais se dispuseram a participar.

Esta discussão teve como estímulo uma apresentação em *PowerPoint* sobre concepções de envelhecimento nos aspectos biológicos, sociológicos, psicológicos, educacionais e culturais (Anexo 5) com o objetivo de levá-los à reflexão sobre as suas próprias concepções e imaginário registrados no instrumento de coleta de dados.

Desta forma, foi-lhes propiciado momento de avaliação de suas próprias concepções o que tem potencial para mobilização para futuras reflexões sobre seu próprio projeto de vida²⁰.

Pela observação participante, foi percebido que o profissional, que apresentava uma resistência inicial mais intensa, manifestou particular interesse em prolongar a discussão sobre os temas, permanecendo após o encerramento do trabalho, trazendo detalhes sobre sua concepção de envelhecimento e solicitando mais informações.

A síntese da realidade investigada, tornou explícita a articulação entre concepção e imaginário, sobre a concepção de envelhecimento implícita nos depoimentos participantes.

A metodologia adotada estimulou descobertas em relação ao imaginário associado ao envelhecimento destes profissionais que se preparam para ocupar posto em que estarão entre os oficiais gestores e a tropa. Esta é uma forma de fazer pesquisa empírica, investigando o fenômeno em seu contexto real.

A base teórica sobre a qual o trabalho foi desenvolvido e a configuração da problemática a ser investigada antecederam a coleta dos dados e possibilitou o balizamento da generalização analítica dos resultados, quando foram comparados os dados obtidos empiricamente e a teoria previamente selecionada, construindo conclusões com potencial para se tornarem hipóteses a serem testadas em novos e detalhados contextos²².

3 ANÁLISE DOS DADOS

Para a identificação das concepções de envelhecimento implícitas no imaginário associado utilizou-se a análise das respostas à questão sobre as imagens

evocadas, associando-se análise de conteúdo interpretativa/compreensiva/explicativa e análise semiológica.

Estes tipos de análise podem ser considerados como instrumentos de análise diversos, porém permitem aproximações (complementações) –princípio dialógico-, já que a inclusão de códigos interpretativos (baseados mais na conotação do que na denotação) nas análises de conteúdo explicitam a influência da semiologia.²² Já a análise de conteúdo auxilia a análise semiológica a contornar influências idiossincráticas, permitindo a possibilidade de sistematização e confirmação²².

A) Análise das imagens

A análise semiológica compreendeu:

a) análise das imagens, tornando claros aspectos componentes para a compreensão de seu sentido, acordo com o objetivo do estudo e a disponibilidade do material;

b) inventário realizado em relação a cada uma das imagens citadas, que serviram para a elaboração da matriz;

c) associações a partir de questões como:

- Que associações possivelmente foram trazidas à mente quando evocou a imagem?

- Como a imagem se relaciona com a concepção de envelhecimento?

- Que aspectos culturais são importantes para entender as imagens associadas?

- O que predomina na imagem?

e) construção da matriz a partir do inventário realizado e das associações, em relação às questões exemplificadas (figura 1 apresentada a seguir).

Figura 2: Matriz

Unidades de Registro	Unidades sintéticas de sentido	CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO
<ul style="list-style-type: none"> • um ótimo vinho • quanto mais velho melhor • é o seu paladar; • e ensinamentos <p>um bom livro</p> <p>conhecer o futuro</p> <p>basta olhar o passado com olhos do presente (4)</p> <p>sentar-se à beira mar mar cadeira de descanso</p> <p>caminhando exercícios em piscinas pescaria (9)</p> <p>carro barco nafragado a noventa anos (19)</p> <p>cadeira de balanço próximo ao fogão à lenha (8)</p> <p>árvore bengala livros (7)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • qualidade • continuidade • sabedoria • aprendizagem • ensino <p>Sabedoria/ensino aprendizagem qualidade</p> <p>conhecimento prospectivo história leitura atual de mundo</p> <p>cenário movimento imobilidade tranqüilidade</p> <p>movimento lazer</p> <p>mobilidade viagem submerso fim de viagem estagnação</p> <p>movimento repetido tranqüilidade, calor frio</p> <p>vida, raízes limitação, ajuda conhecimento, ensino aprendizagem, sabedoria</p>	<p>PANO DE FUNDO</p> <p>natureza, intelecto → Envelhecimento com possibilidades</p> <p>Anúncio de continuidade e sabedoria → Temporalidade Passado, presente, expectativa de Futuro</p> <p>Envelhecimento com qualidade → aprendizagem ensino</p>
Envelhecimento		<ul style="list-style-type: none"> • Fenômeno associado a um tempo passado, presente e futuro como momentos de possibilidades e qualidade.

Unidades de Registro	Unidades sintéticas de sentido	CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO
<ul style="list-style-type: none"> • árvore • desde o nascimento até a velha árvore passando pelos estágios da vida • embora envelhecida continua dando sombra (10) <p>um grande júri</p> <p>bela casa boas ações (18)</p> <p>piscina caminhar na praia olhar para a Torre Eiffel</p> <p>sentir a neve no rosto (5)</p> <p>aparência física ociosidade não fazer nada (20)</p> <p>cabelos brancos pele enrugada dificuldade de locomoção (17)</p> <p>cabelos brancos doenças bengala (1)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • vida, raízes • início maturidade • movimento, ciclo • continuidade • proteção <p>juízo final, sabedoria para julgar recompensa Qualidade, produtividade</p> <p>movimento cenário, viagem autonomia viagem, frio</p> <p>estética improdutividade imobilidade</p> <p>estética deterioração limitação imobilidade</p> <p>estética deterioração limitação, ajuda</p>	<p>PANO DE FUNDO</p> <p>Natureza, estética, intelectualidade → Envelhecimento com sinais característicos</p> <p>Temporalidade presente Expectativa de Futuro</p> <p>← Envelhecimento com limitações</p> <p>→ Envelhecimento com possibilidade. ensino Tranquilidade, lazer, sabedoria,</p> <p>↑ Cabelos brancos e calvície Rugas</p> <p>↓ Anúncio de espera Estagnação Rotina Imobilidade</p>
Envelhecimento		
Fenômeno associado a possibilidades e limitações com potencial para perda de autonomia.		
•		

Unidades de Registro	Unidades sintéticas de sentido	CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO
<ul style="list-style-type: none"> • doenças • rejeição solidão (2) rugas ferrugem podridão doença dificuldade experiência (3) limitações quedas, fragilidade falta de motivação (6) dificuldade na locomoção velha sentada na cadeira sabedoria com a experiência velho contando histórias loucura pela solidão velho sentado sozinho (15) casa sem pintura local não cuidado, sem manutenção Carro enferrujado (16) doenças estresse e pressão externa cansaço mental sedentarismo asilo (11) outono ferrugem oxidação (12) não encontra o carro de plástico verde com que brincava brincadeiras com afilhado e neta (21)	<ul style="list-style-type: none"> •deterioração •isolamento •exclusão estética corrosão morte deterioração limitação sabedoria vulnerabilidade perda de autonomia imobilidade perda de autonomia imobilidade conhecimento prático memória transmissão de conhecimento demência pelo abandono isolamento deterioração cenário sem conservação corrosão deterioração vulnerabilidade emocional, social e biológica imobilidade abandono proximidade do fim corrosão deterioração saudade do passado passado revisitado através do presente	<p>Anúncio de deterioração, fragilidade, Anúncio de Improdutividade, Solidão, abandono Perda de autonomia Estagnação, desatualização ociosidade</p> <p>PANO DE FUNDO</p> <p>Cenário biológico, social e psicológico</p> <p>Envelhecimento com limitações</p> <p>Temporalidade Passado e presente</p> <p>Envelhecimento com características estéticas</p> <p>Cabelos brancos e Rugas,</p>

Cont.

Cont.

		CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO
Unidades de Registro	Unidades sintéticas de sentido	
tecnología ultrapassada máquina de escrever carruagem telex, ser humano que não acompanhou o desenvolvimento físico ou intelectual (22) •	desatualização movimento movimento, viagem comunicação estagnação	
Envelhecimento		
Fenômeno associado com limitações de natureza biológica, social e psicológica.		

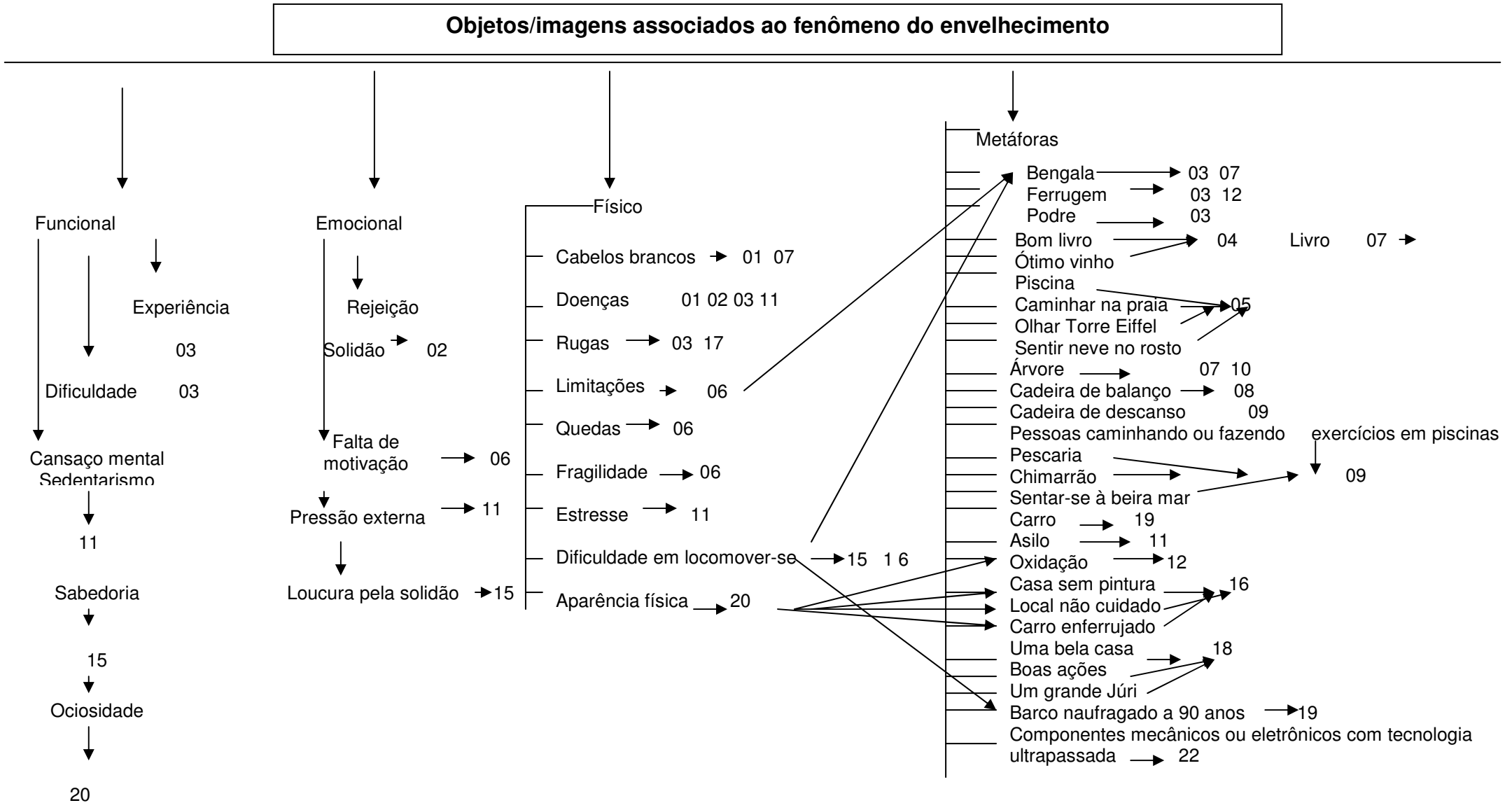
Fonte: pesquisador

B) Análise do texto, adaptando-se à técnica de Bardin,²² através das seguintes etapas:

- Leitura flutuante: leitura global das respostas às questões abertas, seguida de uma leitura de cada resposta;
- exploração do material, incluindo a identificação dos descritores/ unidades de registro, organizando-se na forma de esquemas com as Unidades de Registro identificadas e após elaborando-se um esquema (figura 2), apresentado a seguir:

.....

Figura 3: Depoimento escrito dos entrevistados



Fonte: pesquisador

- categorização;
- análise das contradições implícitas e explícitas;
- interpretação/compreensão/explicação da realidade com base no referencial teórico construído.

Completando-se a exploração dos dados, foi realizada uma análise com base nos princípios da dialógica Moriniana. Esta opção significa a consciência de que as imagens (metáforas) associadas e as falas escritas dos participantes expressam intencionalidades, revelando aspectos de suas concepções que nem sempre são transparentes nos discursos.

4 CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO IMPLÍCITA NO IMAGINÁRIO ASSOCIADO

Concepções simplificadoras de envelhecimento nascem do espaço deixado pela desinformação, pela ausência de uma educação gerontológica que permita compreender este fenômeno como parte do desenvolvimento do ser humano, como processo onde perdas existem, mas onde também há possibilidade de qualidade de vida.

A concepção de envelhecimento transforma o que o homem conhece sobre este fenômeno em pensamento, sentimentos e se traduz em ações de vida. Assim sendo, a construção da velhice com qualidade pode ser prejudicada, quando estes pensamentos e sentimentos são carregados de negatividade sobre esta fase da vida. “Uma boa velhice é uma recompensa, não um direito automático. Só chegaremos a ela encarando com a mente clara e aberta a perspectiva de envelhecer”^{23; 194}.

As concepções humanas constituem um fenômeno complexo tecido numa rede de intra e inter-relações que, ao serem conhecidas, auxiliam na compreensão da realidade e do plano imaginário. O modo como é pensado o envelhecimento inventa e constitui este fenômeno³ ocultando as possibilidades de uma vida que se constrói em uma realidade onde, a própria transitoriedade pode significar “a possibilidade de reinventar a vida a partir da finitude das formas e da desterritorialização subjetiva”³.

Como muitas são as dimensões envolvidas no processo de constituição do imaginário sobre o envelhecimento e das concepções que dele resultam, é complexo

o processo da passagem de uma visão simplificadora deste fenômeno que, por negativa que seja, guarda uma carga de defensividade, para uma visão de complexidade que leva a conviver com a ambivalência que a realidade do envelhecimento comporta, especialmente dentro de uma sociedade que se alimenta/é alimentada por ideais sedimentados no visual, superficial e “fast”. Entretanto, entre indivíduo e sociedade existe uma relação interacional e isto permite pensar na possibilidade de informar, refletir, atuar sobre, transformar e ser transformado ao transformar-se, como co-criador desta sociedade, com o direito e o compromisso de construir no presente a possibilidade de um envelhecimento com qualidade.

Para Cícero,

[...] os que não obtêm dentro de si os recursos necessários para viver na felicidade acharão execráveis todas as idades da vida. Mas todo aquele que sabe tirar de si próprio o essencial não poderia julgar ruins as necessidades da natureza. E a velhice, seguramente, faz parte delas! Todos os homens desejam alcançá-la, mas ao ficarem velhos, se lamentam^{24: 09}.

A qualidade de vida na velhice (etapa do envelhecimento) é resultado de um processo com muitas causas, biológicas, sociais, psicológicas, entre outras. Compreendê-las significa a possibilidade de mudar concepções, vendo e vivendo o envelhecimento como um processo universal e, ao mesmo tempo único, pelas diferenças genéticas e de experiência de vida⁵ mas, sobretudo, com possibilidades a serem atualizadas.

Esta consciência precisa ser recuperada, para ser recuperado também o sentido do envelhecimento e do trabalho do operador de Segurança Pública, para busca da longevidade com qualidade e de uma concepção de envelhecimento que inclua possibilidades, para um olhar sobre si mesmo como sujeito autônomo/dependente, que constrói sua subjetividade nas relações intersubjetivas e com o mundo.

A Segurança Pública brasileira está em crise, o que tem significado um acréscimo de incertezas e de ameaças aos seus profissionais policiais e uma diminuição de sua expectativa de sobrevivência. Neste cenário, ocupar-se com um envelhecimento com qualidade significa vencer o desafio de demandas do contexto nacional de formação, através da reconstrução de sua configuração, passando a incluir conteúdos diretamente relacionados à saúde humana.

Azevedo e Souza e Luzzi,²⁵ com base em Stallings e colaboradores, em pesquisa realizada junto a profissionais da área da saúde que trabalham na área da Gerontologia, a partir dos resultados encontrados afirmam que se as concepções sobre o envelhecimento não forem questionadas teoricamente, é possível que sejam consolidadas concepções de si mesmo como alguém desprovido de capacidades à medida que os sinais de envelhecimento se manifestem. Concepções construídas em íntima relação com a profissão escolhida, têm impacto direto e podem influenciar as atitudes não só em relação à vida, mas também em seu desempenho profissional, resultando em desatenção com a própria saúde e segurança.

Pode também levar profissionais a deixarem de investir esforços em conhecimento sobre um envelhecimento com qualidade de vida, perdendo a curiosidade intelectual, o interesse e a atenção, necessários para atualização e reconstrução de suas concepções, reforçando a vinculação com preconceitos e estereótipos que permeiam a cultura, correndo o risco de não incluírem a esperança e pensamentos favoráveis para um envelhecimento saudável²⁵.

Na realidade policial brasileira, a consciência da necessidade da inclusão de aspectos gerontológicos na formação policial hoje se faz presente formalmente na forma de uma disciplina desenvolvida num curso de formação de policial, no Estado de Minas Gerais e como conteúdo de uma disciplina no Curso de Especialização em Segurança Pública a Distância em desenvolvimento no ano de 2007 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Nas respostas obtidas, foram associadas ao envelhecimento imagens como “um ótimo vinho, que quanto mais velho melhor é o seu paladar e ensinamentos”, “um bom livro”, “descanso à beira mar”, denotando visão positiva associada a este fenômeno inerente à vida.

Na pesquisa realizada por Azevedo e Souza e Luzzi,²⁵ sobre imaginário associado ao envelhecimento (já citada) foram mencionadas imagens associando este fenômeno ao vinho e a aspectos da natureza. Estas autoras sugerem que a presença da imagem do vinho parece trazer a idéia implícita de sabedoria: “quanto mais velho melhor” e que a referência a um cenário (beira mar/movimento) associado ao descanso (imobilidade) pode significar, ao mesmo tempo, tranqüilidade. As imagens “cadeira de balanço”, “parada no tempo” ou “barco naufragado a noventa anos” (como foi mencionado por sujeitos da presente

pesquisa), sugerem a idéia de uma relativa imobilidade, que talvez signifique a espera da morte.

Para Morin²⁶, a espera da morte representa a possibilidade de inquietude e horror diante da decomposição do corpo e da perda de uma individualidade sentida como presente e reconhecida, pois após a morte, com o passar do tempo surge a indiferença.

Em uma realidade onde a imagem institucional da Segurança Pública passa por crescente perda da sua credibilidade¹, a confluência entre uma imagem profissional e uma imagem a respeito de seu próprio envelhecimento negativas, construídas numa associação entre acontecimentos cotidianos e imaginário individual e coletivo, pode auxiliar na explicação do fortalecimento de aspectos culturais duplamente preconceituosos: ser polícia e ser velho.

Estes profissionais policiais militares, seres humanos cujos corpos e espíritos vão sofrendo mudanças através do tempo, ao chegarem à aposentadoria subitamente se defrontam com sinais das profundas descontinuidades que foram acontecendo sem que delas se apercebessem. Ao perderem a identidade profissional policial, que os acompanhou vinte quatro horas por dia durante trinta anos, podem perder também a sensação de pertencimento, produtividade e valor. Não se reconhecem como cidadãos comuns e, em muitos casos, a resposta da sociedade ao declínio biológico, a desvalorização da velhice e os preconceitos com estes profissionais, colabora para jogá-los num “limbo”, um espaço sem definição: não são mais policiais que foram, e tão pouco se sentem integrados na sociedade civil. Situações desta natureza podem gerar alto nível de estresse²⁷ e a evolução para a ansiedade²⁸ e desta para a depressão¹⁹. A indissociabilidade entre ansiedade e depressão também é mencionada por Strian e Klicpera²⁹.

Na presente pesquisa o envelhecimento foi associado à “falta de motivação”, “sedentarismo”, “estagnação”, “rejeição”, “solidão”, componentes do imaginário que sugerem potencial para o desenvolvimento de processos depressivos, processos que se desencadeiam a partir de causas psicológicas, sociais e culturais, todas presentes à realidade do envelhecimento destes profissionais.

Imagens mencionadas pelos sujeitos da pesquisa, mostrando a associação do envelhecimento com cabelos brancos, doenças, bengalas, solidão, ferrugem, rugas, podridão e instituição geriátrica (que no Brasil recebe uma conotação

pejorativa de abandono) revelam um significado de envelhecimento perpassado por simplificação, constituindo estereótipos, preconceitos e sentimentos negativos, expressão dos arquétipos nos quais se alimentam a visão da realidade e de si próprios. Provavelmente será sobre estas imagens que construirão sua velhice. Este processo progride e se afirma por que os arquétipos são permanentemente retroalimentados pelas concepções a partir deles construídas, criadores e criaturas do imaginário que exalta, de um lado, valores de juventude e beleza e, de outro, associa a velhice com sentimentos negativos de perda, desvalorização e morte. Esta simplificação apresenta-se principalmente articulada às dimensões biológica, psicossocial e cultural, estando este imaginário marcado pela presença de aspectos biológicos limitantes, estereotipados e ligados à finitude.

Os fenômenos são o que são pelo imaginário, inserindo-se em um processo de construção histórica e de uma cultura que é o resultado de uma atmosfera em constante produção de imagens³⁰.

As imagens associadas ao fenômeno do envelhecimento, por sua vez, fazem parte das concepções de mundo, alimentando-se/sendo alimentadas por conhecimentos elaborados a partir de princípios de organização do pensamento, resultando em outras imagens e em um agir sobre a realidade que com elas sejam coerentes pois, o imaginário contém “um elemento racional, ou razoável, mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas”^{30; 76}.

O imaginário estabelece o elo entre a realidade objetiva e a subjetividade. “Nisso entra, ao mesmo tempo, algo sólido, a vida com suas diversas modulações, e alguma coisa que ultrapassa essa solidez. Há sempre um vaivém entre as intimações objetivas e a subjetividade. Uma abre brechas na outra”^{30; 80}.

O imaginário é uma construção mental, social e do espírito, do pensamento racional e não racional que ao se nutrir das realidades, as enriquece e as ultrapassa, impregnando o coletivo, estabelecendo laços; ele é individual/coletivo; produz imagens que contribuem para a sua formação e transformação e, embora cada indivíduo viva este imaginário a partir de suas características peculiares, ele permanece sendo um fenômeno do grupo, da tribo, da partilha, um fenômeno que produz a sensação de fazer parte de algo, funcionando “pela interação, pela

vibração comum e pela sensação partilhada” é o “estado de espírito de um grupo”, um “cimento social” em que o individual assume a forma de um reflexo grupal^{30; 80}.

A importância do imaginário depende em parte de necessidades, sonhos, desejos, idéias, imagens, fantasias que fazem a conexão com o mundo exterior. As concepções humanas permanentemente alimentam e são alimentadas pelo imaginário³¹.

Inserido nesta problemática, surge o desafio de uma formação profissional policial no Brasil que desenvolva uma cosmovisão, que inclua em sua transversalidade aspectos gerontológicos importantes para a vivência de uma profissão e de um envelhecimento associado a um imaginário com maior dignidade e qualidade.

Os profissionais de Segurança Pública cumprem importante papel pedagógico junto à sociedade³² e, para isto, precisam estar preparados. Numa sociedade em processo de “desgerontização”, onde o sonho que permeia o imaginário, de encontrar a “fonte da juventude” se associa à tentativa de afastar tudo o que representa senescência, incluindo as pessoas senescentes, faz parte deste preparo receber educação gerontológica que permita rever e reavaliar concepções sobre o próprio envelhecimento e como estas se foram construindo a partir do imaginário social.

Com isto, a senescência, que pode vir acompanhada de novas possibilidades de gratificação, chega como prenúncio de impossibilidades e perdas, mais uma vez alimentando o imaginário que a isto a reduziu. Esta recursividade precisa ser rompida por uma concepção complexa deste fenômeno, concebendo-o como processo permanente de construção/desconstrução/reconstrução, envolvendo sujeitos, realidade e mediações entre eles.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos que tragam compreensão sobre a concepção de policiais a respeito do envelhecimento significam importante aspecto motivacional para a construção de uma identidade policial cidadã contemporânea, que inclua a melhoria da qualidade de vida.

A identificação de **concepções simplificadoras de envelhecimento** e do imaginário sob o qual se foram construindo, foi importante para a compreensão

/explicação da concepção sobre este fenômeno, como portador de limitações e possibilidades, compreendendo-o a partir de uma visão sistêmica complexa de sua multi/interdimensionalidade.

No caso dos entrevistados da presente pesquisa, cuja profissão exercida está essencialmente associada ao desempenho físico, as conseqüências que decorrem de uma visão distorcida de envelhecimento trazem conseqüências que podem estar traduzidas em várias formas de desajustes pós-aposentadoria.

A inclusão de educação gerontológica na formação profissional, permitiria a reflexão sobre as próprias concepções e condições para a reconstrução de pensamentos, ações, sentimentos e atitudes em relação à própria vida. Sem esta possibilidade, o espaço ocupado pelo imaginário se reforça pela ausência da informação qualificada a estes profissionais.

No que se refere à Gerontologia associada ao mundo policial, estudos começam a ser feitos por parte de Programas de Pós-Graduação em Gerontologia, resultando em pesquisas que vão permitir conhecer a realidade e sustentar cientificamente possíveis alternativas que auxiliem na longevidade com qualidade de vida destes profissionais que vivem em constante e intensa tensão frente a conflitos sociais.

O presente estudo busca somar-se a estas importantes iniciativas.

A implementação de políticas públicas que atendam às necessidades próprias ao envelhecimento e que forneçam condições para que seja vivido com qualidade, não só pelos profissionais de Segurança Pública, mas para a população em geral, é um desafio para a realidade brasileira.

Este é um **caminho** a ser percorrido, um **processo** a ser vivido e realimentado, tanto pelos profissionais/sujeitos quanto pelas instituições. A **busca** é a aproximação cada vez maior à concretude e riqueza de possibilidades da qualidade de vida, quando liberta das visões simplificadoras que a reduzem. Estes profissionais, como todos, têm direito a que lhes sejam dadas condições para pleno exercício da cidadania. O **resultado** objetivado é a consciência da responsabilidade de cada um como sujeitos/atores que são e a construção de condições que garantam qualidade. O **ganho** maior será da sociedade como um todo, tendo sido devolvida a condição de seres humanos a estes que a servem e protegem.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Azevedo e Souza VB, Gonçalves RMG, Tonhozi CN, Almeida GM, Almeida RMG, Silva PJS. Metodologia Integradora de Ensino e Pesquisa como o usos da WWW/Internet na área da Segurança Pública. *In: Actas da Conferência IADIS Ibero-Americana: WWW/Internet 2005*. Lisboa: IADIS - International Association for Development of the Information Society, 2005, p. 587-590
2. Morin E. Cultura de massas no século XX: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2002.
3. Fonseca TMG. Prefácio - Envelhecer: Evolução ou Involução. *In: CASTRO. O.P. (org). Envelhecer: um encontro inesperado? Sapucaia do Sul: Notadez; 2001.*
4. Castro OP. Sobre a vida: envelhecer no tempo e no espaço. *In: Castro OP. (org) Envelhecer: um encontro inesperado? Sapucaia do Sul: Notadez; 2001.*
5. Moragas RM. Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas; 1997.
6. Balestreri RB. Direitos humanos, segurança pública e promoção da justiça. Passo Fundo: Berthier; 2004.
7. Brasil, Brasil, Ministério da Justiça. Matriz Curricular Nacional. Secretaria Nacional de Segurança Pública. Brasília: Distrito Federal. 2004.
8. Brasil. Projeto Segurança Pública Para o Brasil. Biscaia, A.C., Mariano, B.D., Soares, L.E., Aguiar, R.A.; Instituto Cidadania; Fundação Djalma Guimarães. Brasília, Distrito Federal; 2002
9. Morin E. Os sete Saberes necessários à Educação do futuro. São Paulo: Cortez; 2005
10. Morin E. O Método III: O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina; 1999.
11. Morin E. Introdução ao Pensamento Complexo. Porto Alegre: Sulina; 2005
12. Morin E. O Método II: a vida da vida. Porto Alegre: Sulina; 2002
13. Bauer M e Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2001.
14. Histórico da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Disponível em: <www.brigadamilitar.rs.gov.br>. Acesso em 07 de fevereiro de 2007
15. Flick U. Introdução a pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Bookman; 2004.
16. Morin E. A Cabeça bem feita. São Paulo: Bertrand do Brasil; 2003.
17. Cunha JA. e Freitas N.K. Raymundo, M.B. Psicodiagnóstico-R. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993
18. Ulich D. El sentimiento: introducción a la psicología de la emoción. Herder: Barcelona; 1985
19. Roth M. e cols. *In: Ballone GJ. Ansiedade & Depressão, correlação entre elas. PsiquWeb Psiquiatria Geral. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/depansi.html>> Acesso em: 14 de julho de 2006.*
20. Azevedo e Souza VB *et all*. Tornar-se autor do próprio projeto. *In Grillo M e Medeiros M. A construção do conhecimento e sua mediação metodológica. Porto Alegre: EDIPUCRS; 1998;*
21. Penn G. Análise de imagens paradas. *In Bauer M e Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2001.*
22. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 1979.
23. Stuart-Hamilton IA Psicologia do Envelhecimento. Porto Alegre: Artmed; 2002
24. Cícero MT. Saber envelhecer. Porto Alegre: L&PM; 2004.
25. Azevedo e Souza VB. e Luzzi LZ. L'interdépendence entre imaginaire social et conception humaine. Anais do Colloque AISLF L'individu social. Autres réalités, autre sociologie? Tours/France: CR9; 2004.
26. Morin E. O Homem e a Morte. Lisboa: Europa-América; 1970.
27. Lesse *In: Ballone GJ. Ansiedade & Depressão, correlação entre elas. PsiquWeb Psiquiatria Geral. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/depansi.html>> Acesso em: 14 de julho de 2006.*32.

28. Loures C. e Gomes L. Prevalência da depressão entre os alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade, Universidade Católica de Goiás, no início e no término do seu curso. *In*: Flaeiros V.P e Loureiro AML. (orgs). Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz. Brasília: Universa; 2006.
29. Strian e Klicpera. *In*: Ballone GJ. Ansiedade & Depressão, correlação entre elas. PsiqWeb Psiquiatria Geral. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/depansi.html>> Acesso em: 14 de julho de 2006
30. Maffesoli M. O Imaginário é uma realidade. Revista FAMECOS. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2001.
31. Silva J. As tecnologias do Imaginário. Porto Alegre: Sulina; 2003
32. Balestreri R. Direitos Humanos: Coisa de Polícia. Passo Fundo: Berthier; 2003.

CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO: TECENDO A COMPLEXIDADE

Rosa Maria Gross de Almeida
Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza

“Um rosto é um teatro onde atuam múltiplos atores. Uma vida também. Cada um enfrenta descontinuidades pessoais na sua caminhada contínua.. Os outros moram em nós: nós moramos nos outros... Cada um contém a multiplicidade e inúmeras potencialidades mesmo permanecendo um indivíduo sujeito único”^{1; 95}.

RESUMO: O artigo trata da concepção de envelhecimento de um grupo de 22 policiais militares, alunos do Curso Básico de Administração Policial Militar, analisando aspectos psicológicos ligados a esta concepção, a partir da triangulação entre a teoria da Complexidade e a teoria psicológica da Análise Transacional de Berne, numa abordagem fenomenológica. Os dados foram coletados por meio de depoimento por escrito e analisados fenomenologicamente com base em Giorgi. Os principais resultados indicam concepções de envelhecimento com suporte em orientação paradigmática simplificadora, em que este fenômeno é visto predominantemente em sua natureza biológica, como sinônimo de limitações físicas, perda de eficácia e de funcionalidade e sinônimo de velhice. Estes resultados indicam, ainda, a necessidade de que a formação reforce, por conteúdos e atitudes, o estado do ego Adulto, como condição de avaliação da realidade e de um pensamento capaz de pensar esta realidade a partir de sua complexidade.

PALAVRAS CHAVE: policiais, envelhecimento, estados do ego, segurança pública, complexidade.

ABSTRACT: This article approaches the conception of aging in a group of 22 military police officers taking the Basic Management Course for Military Police Officers. The study analyzes psychological aspects linked to this conception, from a triangulation between the theory of complexity and the psychological theory of Berne's Transactional Analysis in a phenomenological approach. Data were collected by means of written testimony, and phenomenologically analyzed according to Giorgi. The main results have indicated conceptions of aging with support in simplifying paradigmatic orientation, in which this phenomenon is predominantly seen in its biological nature, as a synonym to physical limitations, loss of efficacy and functionality, and synonym to old age. These results also indicate the necessity that the education reinforces, through contents and attitudes, the state of the Adult self as a condition of both evaluation of reality and ability to think this reality from its complexity.

KEY WORDS: police officers, aging, states of the self, public security, complexity

1 INTRODUÇÃO

O aprofundamento do conhecimento sobre as próprias concepções é condição para mudanças nos pensamentos, nas ações e nas atitudes em relação à própria profissão e à vida.

O estudo buscou o entendimento de aspectos psicológicos envolvidos nas concepções de envelhecimento de policiais militares na ativa, em pleno exercício de suas funções profissionais, tendo como objetivo principal a construção de pontos de referência, que possam auxiliar na reflexão sobre a necessidade da inclusão de

conteúdos transversais na formação profissional, que subsidiem uma preparação em que a técnica se associe à qualidade de vida e à atualização contínua, para promoção de uma longevidade com qualidade após os profissionais passarem para a reserva.

É preciso assegurar papéis sociais que permitam aos policiais militares aposentados continuarem engajados socialmente pelo acesso às oportunidades e valorização disponíveis para os outros estratos etários e educação gerontológica que lhes possibilite conhecerem a multiplicidade de oportunidades contidas no envelhecimento, inclusive na etapa velhice.

Afastar-se da vida laboral policial após, em média, 30 anos de dedicação diuturna parece tornar-se uma realidade ameaçada pelo anúncio da morte da identidade como policial e da possibilidade do não nascimento de um sentimento de pertencer ao mundo como cidadão civil, numa visão simplificadora de vida e de si mesmo, que dificulta uma reconstrução de identidade como cidadão não policial.

Este é um argumento que sustenta o entendimento desta transição muitas vezes traumática pela qual passam estes profissionais e a necessidade da consciência de si como sujeito/indivíduo, autônomo/dependente, cidadão do mundo compartilhando um destino comum².

A pesquisa foi realizada junto a um grupo de policiais militares, buscando indicativos comuns e possíveis contradições entre a concepção que eles têm de envelhecimento e o que esperam de sua vida após completar 60 anos, a forma como vem convivendo com seu envelhecimento e como deveriam estar vivendo seu envelhecimento.

O objetivo é levar compreensão/explicação sobre o fenômeno envelhecimento numa reflexão de caráter psicológico, possibilitando tecer e melhor explicitar sua “arquitetura complexa”, formando a base onde poderão se assentar ações de formação que incluam aspectos psicológicos e gerontológicos, bem como proposições de políticas destinadas à melhoria da qualidade de vida de ex-policiais.

Com o crescimento da população idosa, estudos relacionados ao envelhecimento têm buscado trazer compreensão e conhecimento sobre este fenômeno.

No que se refere à Segurança Pública, estudos que pesquisem sobre o que acontece aos policiais no momento de aposentadoria, que dêem conta do que acontece a estas pessoas quando, após terem tido suas identidades confundidas

com seu papel profissional por, em média trinta anos, vêem-se dela desprovidos, são ainda incipientes.

Com referência aos policiais militares, ao ingressarem na Instituição, é-lhes conferida uma identidade institucional e uma farda que, por tanto tempo vestida, parece terminar por constituir uma “camada de sua pele”.

No Rio Grande do Sul, a instituição policial militar é denominada Brigada Militar, cuja história teve início em 1737 com a criação da Força Pública, com participação ativa em lutas internas e externas, como a guerra do Paraguai (Paraguai) em 1865 e a Batalha de Buri em 1924 (São Paulo)³.

Neste período, seus integrantes eram recrutados e integrados às tropas e recebiam instrução voltada para a guerra, para a criação de estratégias de combate a pé e montado, tendo como valores principais a coragem, o vigor físico, o amor à verdade e à obediência até 1997, quando foi instituído pela Lei Nº 10.990,⁴ de 18 de agosto, o Estatuto dos Servidores Militares da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul, que no seu Art. 46, inciso XV, definia o direito do Policial Militar “a saúde, higiene e segurança no trabalho”, estendidos estes direitos à aposentadoria, ou reserva.

Com o passar do tempo, as mudanças sociais têm levado a Instituição a buscar aperfeiçoamento, especialmente através de processos de Ensino, reformulando currículos e atualizando recursos humanos, profissionais que em seu cotidiano exercem/exerceram o policiamento ostensivo e se deparam com a complexidade das questões sociais envolvidas numa Sociedade Democrática de Direito, num país caracterizado pela desigualdade social e injusta distribuição de renda.

A consciência da participação na sociedade como cidadão policial militar/civil/cidadão precisa ser despertada, para ser desvelado o sentido do envelhecimento e da formação deste agente de segurança pública, para nortear o caminho na busca da longevidade com qualidade e de uma concepção de envelhecimento onde não mais se tome a decrepitude por inevitável, mas que traduza a potencialidade do ser humano, independentemente da faixa etária em que se encontre. Tal consciência – com/ciência – virá do entendimento dos múltiplos aspectos que envolvem suas concepções, alertando para a necessidade de prevenção.

2 PRINCÍPIOS TEÓRICOS NORTEADORES DA ANÁLISE DA REALIDADE

O entendimento de como se vai constituindo a personalidade humana é vital para uma compreensão/explicação de aspectos da dimensão psicológica associados ao envelhecimento.

A teoria psicológica escolhida para o movimento de recursividade entre descrição e compreensão foi a Análise Transacional e, para o movimento entre compreensão/explicação, buscou-se apoio na Teoria da Complexidade, segundo Edgar Morin.

A Análise Transacional constitui sistema de psicologia individual e social que trata do indivíduo e suas interações no grupo numa abordagem fenomenológica.

A fenomenologia é o estudo dos fenômenos, que se caracteriza por atitude de reflexão e um método, respondendo às exigências e necessidade da cientificidade.

Como atitude inclui a concepção de “intencionalidade da consciência”⁵, como consciência orientada para as coisas, -“toda consciência é consciência de” si próprio e do mundo⁶ e do conhecimento do conhecimento⁷.

Assim, mundo e sujeito são inseparáveis, o sujeito enquanto projeto do mundo e mundo enquanto projeção deste sujeito⁸, “em suas relações intersubjetivas na busca de objetividade, pois [...] a objetividade só pode vir de um sujeito”^{1; 80}.

Para conhecer o outro, é preciso “percebê-lo objetivamente, estudá-lo, se possível, objetivamente, mas também se deve compreendê-lo subjetivamente. O desenvolvimento de um conhecimento objetivo do mundo deve avançar junto com um conhecimento intersubjetivo do outro”^{1; 80}.

Trata-se de explorar os dados, o fenômeno na forma como é percebido, “evitando forjar hipóteses, tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser de que é fenômeno, como o laço que une com o “Eu” para quem é fenômeno”⁸.

A concepção de sujeito comporta quatro princípios: o sujeito “como aquele que dá unidade e invariância a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades”, que não se diluem com o passar do tempo, que se integram, no movimento de conjunção de papéis desempenhados acompanhados da emergência de diferentes personalidades ao longo da vida deste “Eu” único, subjetivo, egocêntrico que é, ao mesmo tempo, “sou eu”, a objetivação do ser que ocupa este espaço⁹.

Este é o princípio de distinção/diferenciação/reunificação, que permite a distinção entre o exterior e o interior, ao qual se agregam o princípio da permanência da auto-referência, pois, apesar das e através das transformações, o “Eu” continua o mesmo a despeito das modificações internas do “eu” (mudanças de caráter, de humor), do “si mesmo”⁹ (mudanças físicas que ocorrem pela idade, o envelhecimento entre elas) e, ainda, os princípios de exclusão e inclusão em que o “EU” é, ao mesmo tempo único para cada um (exclusão) e comporta o “nós”, pela possibilidade de inclusão de um “nós” em si mesmo e pela possibilidade de inscrever este “Eu” num “nós” (inclusão)⁹

Objetivar-se num Ego permite ao Eu a autoconsciência gerando, ao mesmo tempo, uma dualidade interior, acrescentada da inclusão do “Nós” e dos ascendentes no Eu além de “multiplicidades internas e profundas” próprias aos indivíduos^{1; 87}, que vivem na dialógica entre o superego, as pulsões do id e o ego, sofrendo “possessões” de um e de outro, embora permanecendo “Eu”.⁹ Os indivíduos possuem personalidade dominante e outras que lhe são antagônicas/complementares e concorrentes e que com ela disputam o poder, além de potenciais outras que podem se sobrepor à personalidade dominante e atualizar-se¹⁰. “Cabe decompor a concepção monista, plena, substancial do sujeito individual e recompô-la na complexidade da sua unidade. O Eu une a heterogeneidade dos Ego”^{1; 84}.

A partir destes princípios, é possível supor que as concepções de envelhecimento dos policiais militares participantes do estudo retratam diversos “Ego” o que auxilia na explicação de Unidades de Significado contraditórias identificadas no discurso de um mesmo sujeito.

A utilização da Análise Transacional permitiu o entendimento e a descrição/compreensão/interpretação da concepção de envelhecimento dos participantes do estudo, por uma abordagem fenomenológica, considerando as similaridades das diferentes leituras do fenômeno envelhecimento, a partir dos estados do ego.

A Teoria da Complexidade assume em Edgar Morin uma fundamentação a partir da dialógica gerada nas interações entre ordem (estabilidade, invariância, equilíbrio) e desordem (instabilidade, incerteza, desequilíbrio), que resultam numa nova organização, que representa uma nova ordem que interage recursivamente descrevendo uma circularidade: “[...]há uma relação crucial entre a explosão da

desordem, a constituição da ordem, o desenvolvimento da organização”^{11; 60} em permanente co-produção simultânea e recíproca, mediada pelas interações, “ações recíprocas que modificam o comportamento ou a natureza de elementos, corpos, objetos, fenômenos em presença ou em influência”^{11; 72} (princípio recursivo).

Ordem, desordem, organização, interações formam um circuito tetralógico onde o sentido de cada um emerge em sua relação com os outros, sendo termos ao mesmo tempo complementares, concorrentes, antagônicos¹¹.

Esta dialógica constituída por movimentos de ruptura/continuidade está fundamentada nos princípios interdependentes¹²:

- hologramático, em que a parte está no todo e o todo está de alguma forma nela representado;
- recursivo em que a causa age sobre o efeito, e o efeito age sobre a causa, modificando-a e sendo por ela modificado (retroação auto-reguladora);
- dialógico, numa união entre idéias antagônicas, complementares ou concorrentes, formando novas sínteses provisórias, num determinado tempo e espaço.

Desta forma, é possível inferir que partes antagônicas/complementares/concorrentes (estados do ego) interagem entre elas e com o todo (a personalidade), que de alguma forma está nelas representada, e o todo, ao ser transformado/transformado-se, as transforma (princípios dialógico, hologramático e recursivo).

3 ANÁLISE TRANSACIONAL E TEORIA DA COMPLEXIDADE: UMA TECITURA COMPLEXA

A Análise Transacional é uma teoria psicoterápica de cunho fenomenológico, criada na década de 1950 pelo Psiquiatra canadense Eric Berne, resultado de experiências clínicas, posteriormente corroboradas pela literatura, especialmente pelos estudos de Penfield¹³, Jasper¹⁴, Federn¹⁵ e Weiss¹⁶, entre outros¹⁷.

Eric Berne, afastou-se do grupo de psicanalistas do qual fizera parte durante quinze anos ressaltando que o significado por ele atribuído ao termo “função de ego” era diferente daquele usado pela maioria dos psicanalistas ortodoxos, estando mais próximo do sentido dado por Federn¹⁵ e por seu seguidor, Weiss¹⁶.

Penfield¹³, pesquisador e neurocirurgião, trouxe importantes descobertas no campo da neurocirurgia e da epilepsia, descobrindo que, pela estimulação do lobo temporal, era possível levar os sujeitos a revivenciar situações vividas no passado, experienciando os mesmos sentimentos.

A “psicologia do ego” de Federn¹⁵ derivou de estudos sobre os sonhos e de trabalho com pacientes psicóticos e, segundo Berne, ele e seu discípulo Edoardo Weiss¹⁶ ressaltaram, no campo da Psiquiatria, o que os estudos de Penfield¹³ em neurocirurgia haviam demonstrado¹⁷.

O termo “estado do ego” foi introduzido por Federn, e significou a mudança de uma abordagem conceitual ortodoxa para uma abordagem fenomenológica. Também deste autor deriva o conceito de “catexia”, muito utilizado por Berne para referir-se ao potencial de energia dos estados do ego¹⁷.

“O interesse básico da Análise Transacional é o estudo dos estados de ego, que são sistemas coerentes de pensamento e sentimento manifestados por padrões de comportamento correspondentes”^{18;25} que em suas relações de interdependência (partes) formam uma totalidade.

Os estados do ego se apresentam em três formas: Pai, Adulto, Criança e juntos constituem a estrutura da personalidade. A identificação e análise destes estados do ego é feita pela análise estrutural dos fenômenos, através da identificação e separação de padrões de sentimento e comportamento que a cada um correspondam,¹⁷ embora estados interdependentes (partes) fazendo parte de uma totalidade.

Estes estados do ego são a manifestação fenomenológica dos componentes psíquicos exteropsique, neopsique e arqueopsique, respectivamente, e esta é uma característica que distingue esta abordagem da abordagem psicanalítica: id, ego e superego são conceitos enquanto Pai, Adulto e Criança são “realidades fenomenológicas”¹⁷.

O estado do ego Pai (exteropsique) deriva das figuras parentais e abrange o conceito aprendido de vida, constituindo-se de conteúdos introduzidos de fora¹⁷ e sua ação imitativa é construída na intersubjetividade.

O estado do ego Adulto (neopsique) é um processador de informações internas e externas, que utiliza as experiências passadas e responde às demandas do aqui e agora de forma adequada. Abrange um conceito pensado de vida¹⁷.

O homem computa o seu meio, extrai dele informações para reconhecer oportunidades e riscos.

As computações vivas têm caráter cognitivo e autocognitivo, que permitem reconhecer o meio externo e o interior: “Ao mesmo tempo em que a máquina viva situa-se num meio que lhe é exterior, ela contém, de certa maneira, este meio no interior do qual se situa” – princípio hologramático^{7; 51}. A organização viva é ao mesmo tempo o produto e o produtor de sua organização: a computação produz a organização, que produz a computação – princípio recursivo^{7; 51-2}.

A noção de cômputo é essencial para a compreensão da noção de sujeito situado no centro do seu mundo, para computá-lo e computar-se, constituindo e instituindo o caráter primordial da subjetividade (auto-ego-centrismo)⁷.

O estado do ego Criança (arqueopsique) é o componente biológico da personalidade. Nele está a bagagem genética acompanhada do potencial que é desenvolvido através das experiências da infância. Abrange o conceito sentido de vida.

A tese de Berne¹⁹ é que todo indivíduo presente a uma reunião social estará exibindo predominantemente um estado do ego Pai, Adulto ou Criança, e esta predominância pode mudar, com variados graus de rapidez e presteza, de um estado para outro.

Para este autor, seus pressupostos baseavam-se na consideração dos fenômenos psicológicos, pois até aquele momento, não era possível sua comprovação em termos neurológicos¹⁷.

Para explicar as mudanças de um estado do ego para outro, criou a metáfora das mudanças nos “fluxos de catexia” ou “energia psíquica” que se movimentam entre eles, com maior ou menor facilidade¹⁷.

O movimento da catexia entre os estados do ego supõe a existência de fronteiras entre eles.

Numa leitura permeada pela Teoria da Complexidade significaria dizer que fronteiras podem apresentar-se mais/menos intensamente difusas, mais/ menos permeáveis, constituindo espaços que permitem interação entre as partes.

Esta catexia que se move entre os estados do ego pode determinar as manifestações de diferentes estados do ego: atada (energia potencial), desatada (energia cinética), e livre (energia muscular).

Berne usa a metáfora de um macaco numa árvore para elucidar as formas de catexia: “Se ele fica inativo, sua posição elevada somente lhe dá energia potencial. Se ele cai, sua energia potencial transforma-se em energia cinética. Mas, sendo um ser vivo, ele pode saltar e, então, deve-se levar em conta um terceiro componente, a energia muscular, a fim de compreender como ele chega ao chão”^{17;38}.

A catexia livre movimentada-se com maior facilidade entre os estados do ego, enquanto as catexias atada e desatada encontram maior resistência à sua passagem pelas fronteiras dos estados do ego. Estes movimentos da catexia vão determinar qual estado do ego está sendo vivido como “Eu real” e se será este ou outro que deterá o “poder de comando” em determinada situação.

Segundo Berne, para que um estado do ego seja percebido como “Eu”, a catexia nele predominante deverá ser a catexia livre. Entretanto, para que este mesmo estado do ego tenha também o poder de comando, deverá incluir a catexia desatada (cinética). A catexia desatada em interação com a catexia livre resultam na catexia ativa, o que permite ao estado do ego não só ser vivido como “Eu real”, mas também ter o “poder de comando”. Já o estado do ego que contenha apenas catexia atada permanece latente¹⁷.

Por vezes, um estado do ego é percebido como “Eu real”, mas não detém o poder de comando, pois a catexia desatada está conectada a outro estado do ego. É o que pode ser percebido especialmente nos estados neuróticos quando, embora o estado Adulto seja vivenciado como “eu real” e permaneça com a possibilidade de crítica sobre determinado comportamento, a atuação é da Criança, impregnada de catexia desatada¹⁷.

Na personalidade (totalidade), cada um destes estados do ego (partes) possui função própria e importante para o equilíbrio/desequilíbrio dos indivíduos¹⁹ (dialógica entre ordem e desordem)⁷.

O estado do ego Pai tem por função “conservar a energia e diminuir a ansiedade, por permitir a tomada de certas decisões “automáticas” e relativamente inabaláveis. É particularmente eficaz se as decisões forem sintônicas com a cultura local”^{17; 72}.

Se, por um lado há um *imprinting* cultural, marca matricial com seus mitos, crenças, teorias, idéias e ritos que rege seletivamente e uma normalização que institui o que precisa ser aceito, exercendo “uma prevenção contra o desvio”, por

outro há a possibilidade de “enfraquecimentos locais dos *imprinting*, brechas na normalização, o aparecimento de desvios”. Isto explicita a pluralidade/diversidade de pontos de vista (dialógica cultural) que pressupõe o “comércio cultural” feito da troca de informações, idéias, opiniões e que é estimulado pelo “comércio” com outras culturas e com a memória^{20; 26-8}.

A cultura é organizada/organizadora pela linguagem, a partir de um saber coletivo acumulado, sentimentos, aptidões, experiências, memória e crenças míticas. Assim sendo, se manifestam uma consciência e um imaginário coletivos permeados por regras/normas que organizam os grupos sociais e influenciam os comportamentos individuais.

O Adulto “é, em parte, um computador de probabilidades autoprogramador, destinado a controlar os estímulos ao lidar com o ambiente externo”. No desempenho deste estado do ego, o que conta é a “qualidade do processamento de dados e o uso que determinado indivíduo em particular faz dos dados disponíveis”^{17;}
⁷². Ciência, técnica, ética atualizada, o que convém fazer, dizem respeito a este estado do Ego.

A computação viva incessantemente precisa resolver problemas do mundo da vida, que ajudam na sobrevivência: a computação viva regenera e reorganiza continuamente a máquina viva, cujo trabalho incessante determina a sua desorganização permanente (dialógica ordem/desordem, gerando nova organização)⁷.

A noção de cômputo leva à concepção de sujeito auto-ego-cêntrico que, ao computar o mundo, computa-se, constituindo o caráter fundamental da subjetividade, numa identidade egocêntrica que não é fechada: há uma identidade individual e uma genérica comum.

“O cômputo é o operador chave do processo ininterrupto de autoprodução/constituição/organização de um ser-máquina que é ao mesmo tempo indivíduo-sujeito”^{7; 53}, cuja sensibilidade, ao provocar uma releitura de eventos exteriores, afeta acontecimentos interiores, cuja afetividade projeta em manifestações exteriores os eventos interiores⁷, cujo aparelho neurocerebral possui uma complexidade organizacional que, pela linguagem, idéias e consciência, permite desenvolver e transformar as computações em “cogitações” (pensamentos)⁷.

A Criança tem como função “motivar o processamento de dados e a programação do Adulto, de modo a obter a maior quantidade de gratificação para si

mesma”^{17; 72} Esta meta motivacional –obter gratificação – pode significar tanto conseqüências externas positivas (recompensas, valorização social...) como internas (qualificação favorável, enfrentamento de problemas, defesa de seus direitos...) ²¹

O diagnóstico dos estados do ego pode ser obtido a partir da observação de condutas, gestos, tom de voz, palavras, expressão facial, entre outras. Trata-se da diagnose comportamental. A esta, acrescentam-se a diagnose social ou operacional, que consiste na análise do padrão de comportamento que surge como resposta a estímulos específicos do ambiente; a diagnose histórica que resulta da identificação, pelo indivíduo, da figura parental que serviu de modelo ao seu comportamento; e a diagnose fenomenológica, que emerge da possibilidade da reviver o momento de seu desenvolvimento em que se deu a incorporação deste modelo¹⁷.

Na prática clínica, estas formas de diagnose são usadas em conjunto e seus resultados podem vir em corroboração uns dos outros. Já na análise realizada no presente estudo, os estados do ego foram identificados apenas a partir das palavras e expressões (Unidades de Significado), diagnose comportamental, somada à diagnose social ou comportamental, uma vez que as solicitações do depoimento escrito se constituíram em estímulos a serem respondidos pelos sujeitos da pesquisa.

Aquilo que, à época de Berne não foi comprovado, posteriores estudos da neurobiologia vieram a corroborar. Autores como Allen²², Hine ²³ têm buscado importantes aportes ao trabalho clínico. Dentre estes, a “configuração” dos estados do ego, a partir de redes neurais fortalece a teoria até aqui apresentada“. O padrão total da ativação cerebral num determinado tempo- pensamento, percepção, sentimento, conhecimento, lembrança consciente e não consciente e modelos do *self* e dos outros – podem ser chamados “um estado da mente”. Quanto mais freqüentemente um estado mental é ativado, mais facilmente será ativado no futuro. A ocorrência de estados da mente pode ser chamada de “estados do *self*“. Eventualmente, estes estados do *self* tornam-se facilmente reconhecidos e são denominados “estados do ego” ou, mais especificamente, em análise transacional: Pai, Adulto e Criança”²³.

Aos achados de Berne que responderam ao “o quê” acontecia na mente dos seres humanos, hoje são acrescentados os estudos de Le Doux²⁴, que buscam responder ao “como” e ao “porquê” do funcionamento do cérebro. Hine²³ entende que estes pontos de vista combinam com o modelo de Representação Generalizada

(GR) de formação e operação do sistema mental permitindo uma visão esclarecedora das bases neurais da teoria da Análise Transacional²³.

Hine define Rede Generalizada como “[...] padrão específico de conexões mentais ou neurais que foram reforçadas de tal forma a serem confiavelmente ativadas por sinais familiares”^{23; 65}. Os estados do ego Pai, Adulto e Criança seriam, então, “redes amplamente distribuídas e redes de redes de RGs”:

O funcionamento de um dos estados-*self* P-A-C (Pai-Adulto-Criança) é “a totalidade de um estado particular de ativação mental em resposta aos sinais [...] do ambiente e [...] sinais de origem interna, formado e condensado através do tempo como sistema complexos do RGs interconectadas”^{23; 66}.

Segundo Hine, as redes neurais que posteriormente vão constituir o estado do ego Criança começam a se formar ainda antes do nascimento e continuarão a ser construídas durante os primeiros anos de vida.

“As RGs que compõem esta rede de atividade neural parecem emergir de sensações corporais e experiências emocionais precoces e posteriores juntamente com os padrões que emergem das interações diárias, em geral, emocionalmente impregnadas de seus “cuidadores”. Este estado do ego reage, principalmente, a sinais corporais e emocionais”^{23; 68}.

Diferentemente da Criança, a formação do estado do ego Adulto se desenvolve em todos os momentos da vida, pelo uso dos órgãos dos sentidos, para exploração do mundo e de si mesmo. “As RGs formam-se mais ativamente num estágio mais tardio de desenvolvimento cerebral, quando a memória de longo prazo e linguagem já foram adquiridos”^{23; 69}.

O estado do ego Pai, constituído pela introjeção dos cuidadores, possui as RGs “mais implícitas” e uma grande parte dos sistemas cerebrais fazem parte de sua construção.

A consciência de quem somos surge como resultado da formação de conexões neurais únicas, construídas a partir de uma experiência de vida igualmente única²³, construída nas relações intersubjetivas e com o mundo.

Estas descobertas têm permitido avançar sobre a Teoria de Berne e explicar a partir de bases neurais as “realidades fenomenológicas” e conceitos por ele elaborados com base em observações clínicas.

4 MÉTODO

O estudo sobre a concepção de envelhecimento foi desenvolvido numa abordagem qualitativa, numa triangulação entre abordagem fenomenológica e de complexidade.

A escolha por esta triangulação teve como objetivo a complementação de perspectivas de análise e a compreensão de que o estudo fenomenológico propicia a descrição e compreensão do fenômeno necessária ao método dialógico, possibilitando uma aproximação do foco de interesse e o diálogo com o referencial construído.

Neste estudo, triangulou-se os passos do Método Fenomenológico apontados por Amedeo Giorgi²⁵:

a) o sentido do todo compreendendo a descrição do fenômeno, a partir da leitura dos depoimentos por escrito, articulando-se os objetos da experiência da forma como é vivida pelo sujeito, de forma que seja evidenciado o que ele representa na situação investigada, respeitando a parte-todo que se manifesta;

b) a identificação das Unidades de Significado (partes), realizada a partir do sentido do todo obtido na descrição, processada a redução fenomenológica, numa atitude de pré-reflexão para captar o fenômeno tal como se mostra, suspendendo-se a cumplicidade do senso comum;

c) a transposição das Unidades de Significado (linguagem cotidiana) em Linguagem Gerontológica foi utilizada para a construção do objeto de estudo a partir de interpretação, permitindo a redução da extensão da descrição representativa do fenômeno explicitado pelo sujeito;

d) a síntese das Estruturas de Significado, compreendendo uma descrição que equivale à estrutura da experiência vivida, buscando-se o conjunto dos significados (todo formado pelas essências do fenômeno), que é discutido teoricamente, acentuando modos de pensar a realidade, levando à compreensão do fenômeno estudado; com passos do Método da Complexidade²⁶:

- a reflexão sobre as próprias preconcepções (certezas provisórias do pesquisador) como momento de reflexão sobre o que esperava encontrar na realidade e sobre sua própria concepção sobre o fenômeno investigado, vivenciando momentos de conhecimento do próprio conhecimento e preparando uma base para avaliar seus próprios avanços, a partir dos resultados da pesquisa;

- a reflexão sobre as incertezas que permeiam os dados coletados da realidade e os métodos utilizados de forma complementar;
- a análise intradiscurso, elaborando uma representação gráfica, a partir das Unidades de Significado, para melhor perceber as inter-relações entre elas;
- a análise interdiscurso, buscando aspectos implícitos nas inter-relações entre as Estruturas de Significado;
- discussão da realidade com base nos princípios dialógico, recursivo e hologramático.

A esta triangulação foi acrescentada a contribuição de Comiotto²⁵ à análise fenomenológica de Giorgi, identificando-se as dimensões implícitas nas essências²⁵.

O estudo foi desenvolvido junto a um grupo de 22 alunos de curso de formação de nível intermediário de uma Polícia Militar brasileira com, em média, 22 anos na profissão policial militar, idade média de 39 anos, escolaridade de ensino a médio à pós-graduação em nível de especialização.

A opção pelo tempo de serviço igual ou superior a 20 anos de trabalho deve-se ao fato destes profissionais terem atualmente a possibilidade de se aposentarem aos 30 anos de trabalho. Assim, o corte em 20 anos significa um mínimo de dois terços de tempo na ativa, o que corresponde a possibilidade dos respondentes terem no mínimo trinta e cinco anos (idade correspondente aos policiais militares oficiais que têm como idade mínima de ingresso na formação aos 16 anos).

Os policiais militares responderam, por escrito, a um roteiro de depoimento por escrito com questões abertas.

O objetivo foi mapear representações e não medir sua distribuição relativa na população. Na construção do *corpus*, o tamanho da amostra atendeu à evidência de saturação (quando os registros não traziam mais novidade).

Como assinala Morin, “As partes são a verdade do todo, tanto quanto o todo é a verdade das partes”¹¹. Assim sendo, a generalização pretendida foi a analítica (análise teórica) e não a estatística o que significa que os resultados encontrados podem ser transpostos para novos contextos, bem caracterizados, sob a forma de hipóteses²⁷.

Estabelecido *rapport* com o grupo, foram esclarecidos os objetivos da pesquisa e dadas explicações necessárias para que os alunos pudessem decidir-se participar ou não. Os alunos, em sua totalidade, aceitaram participar do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A sessão de coleta de dados foi distribuída em dois momentos: o primeiro destinado ao preenchimento de depoimento por escrito; o segundo à discussão coletiva sobre envelhecimento, especialmente envelhecimento de profissionais policiais, objetivando proporcionar momentos de reflexão e revisão de suas próprias concepções.

A discussão dos resultados teve como aportes principais a Teoria da Complexidade de Edgar Morin e a Análise Transacional de Berne.

5 RESULTADOS E SUA DISCUSSÃO

Para tornar possível a análise das concepções de envelhecimento, as solicitações contidas no roteiro do depoimento escrito foram divididas em função dos tipos de estímulo que representaram para os entrevistados, constituindo convite a respostas vindas do Adulto, do Pai ou da Criança, utilizando-se o referencial de Berne.

A primeira solicitação se referia à descrição de como vem convivendo com seu envelhecimento.

Esta solicitação, a partir do verbo descrever, está direcionada ao Adulto encontrando-se as Unidades de Significado: "cuidando da saúde"; "fazendo exames médicos"; "sendo independente"; "alimentação"; "atividade física"; "bons relacionamentos"; "espiritualidade"; "autoconhecimento"; "estudando para acompanhar as mudanças"; "visto faltar muito tempo, estou vendo só o lado financeiro"; "vida regrada financeiramente ou no trato com a saúde"; "não cometendo abusos"; "através de boa qualidade de vida"; "busca de estar bem com as pessoas"; "ainda não estou preparando"; "ainda não pensei nisso"; "desenvolvendo atividade religiosa"; "produzindo poesia"; "realizar atividade profissional após a aposentadoria"; "preparando para dar aula"; "preparando atividade para quando a velhice chegar"; "não estou preparado para o envelhecimento, não me sinto velho, penso em me aposentar e dedicar-me ao lazer junto com os familiares"; "sou contra o retrabalho"; "esquecer que fui policial feminina pioneira, ter só na lembrança"; "procurar trabalho voluntário"; "preparo de forma sadia mental e fisicamente: tal preparação não começou ontem, pois é um processo que deve ser cuidado desde o início da vida".

Com base na transposição desta descrição para a linguagem Gerontológica foram identificadas as seguintes **Estruturas de Significado (essências)**, que

constituem partes por vezes antagônicas, complementares, concorrentes, constituintes do todo – concepção de envelhecimento - que, ao interagir, modificam/são modificadas/modificam-se:

a) Envelhecimento como fenômeno de natureza biológica associado a limitações físicas e limitações e possibilidades psicológicas, sociais, educacionais, culturais e espirituais.

b) Envelhecimento como processo sem tempo determinado para iniciar, independentemente da idade e distante do momento presente.

c) Envelhecimento como processo a ser cuidado desde o início da vida, pois começa ao nascer.

d) Envelhecimento como processo entrópico em que o organismo perde gradativamente a funcionalidade ou a plena eficácia.

e) Envelhecimento como fenômeno ambivalente em sua associação a um imaginário composto por representações de limitações e possibilidades.

f) Envelhecimento como sinônimo de velhice e distanciamento da juventude.

g) Velhice associada à preparação de condições intelectuais e financeiras para manter a saúde e lazer e afastamento do trabalho para dar espaço para jovens.

h) Velhice como consequência natural, associando-a ao desenvolvimento de atividade intelectual, lazer, atividade física.

Utilizando-se o acréscimo feito por Comiotto²⁵ à análise fenomenológica de Giorgi, foram identificadas as seguintes dimensões:

Biológica: concepções em que o fenômeno envelhecimento se confunde com a velhice, embora esta seja apenas uma etapa; envelhecimento associado a cuidados com a alimentação, autonomia e atividade física, como processo distante (no futuro), que está presente desde o início da vida.

Psicossocial: concepções em que o fenômeno envelhecimento foi associado a lazer com familiares, bom relacionamento, lazer, improdutividade, produtividade, autoconhecimento, situação financeira, trabalho voluntário, discriminação.

Educacional: concepção em que o fenômeno envelhecimento é associado à preparação acadêmico-intelectual para atividades a serem desenvolvidas após aposentadoria e de natureza diversa à profissional desempenhada no presente.

Cultural: concepção de envelhecimento em que o *imprinting* e a normalização cultural se fazem presentes nas Unidades de Significado identificadas,

em que envelhecimento está associado a uma etapa após aposentadoria, confundindo-o com uma de suas etapas – a velhice.

Se o sujeito/indivíduo (autônomo/dependente) não estiver preparado para pensar a complexidade, a avaliação do Adulto sobre a realidade tenderá a ser permeada por orientação paradigmática simplificadora, enraizada na cultura, como ficou evidenciado nas Unidades de Significado identificadas na análise dos depoimentos escritos, explicitadoras de **concepções simplificadoras do fenômeno envelhecimento, visto a partir de apenas uma ou duas de suas dimensões.**

A segunda solicitação referia-se à descrição sobre como pensa que deveria estar vivendo um envelhecimento com melhor qualidade.

Nesta segunda solicitação, o estímulo está dirigido ao estado do ego Pai, pois, embora comece com o mesmo verbo da anterior, a descrição é sobre “como deveria” estar vivendo seu envelhecimento.

Dever é uma palavra que está diretamente relacionada às mensagens recebidas dos pais e figuras significativas e que constituem conteúdos do estado do ego Pai. Isto pode ser evidenciado nas Unidades de Significado: “deveria já estar formado”; “deveria parar de fumar e ter alimentação mais saudável”, “deveria estar efetuando uma poupança”; “deveria fazer mais exercícios físicos”; “deveria cuidar melhor de minha saúde, ampliando as relações sociais, me estressar menos”; “estudar um pouco mais”; “estar com saúde e acompanhar a evolução rápida das novas gerações”; “exercer outra atividade após a aposentadoria”; “ocupar-se com algo”; “lazer, cultura em geral, viajar mais, divertir-me mais”; “ler mais e descansar bastante”; “no trabalho deveria haver um maior cuidado com as condições apresentadas”; “buscar o diálogo para não apresentar o aspecto negativo das coisas”, “saúde, mental e material; “bom salário para ir à Universidade [...] poder ser um multiplicador da cultura ou do conhecimento adquirido”, “deveria fazer um curso para atividade após aposentadoria”, “melhores planos de saúde [...], ter atividade que não tomasse muito o tempo”; “boa compreensão do estado espiritual”, “realizar serviço voluntário”; “ampliação das relações sociais”; “dar mais atenção à parte intelectual”; “fazer preparação desde o ingresso na carreira, para ter um bom resultado no final”, “manter o corpo em atividade no sentido físico e psíquico”, “consciência de que todos vão envelhecer, todos querem viver muito, mas ninguém quer ficar velho”.

Tal como evidenciado nas Unidades de Significado da solicitação anterior, os participantes referem-se a uma ou duas das essências do fenômeno já identificadas (biológica, psicossocial, educacional e cultural). De acordo com a Teoria de Berne, é possível que este resultado tenha sua origem no estado do ego Pai, construindo e expressando concepções de envelhecimento, a partir da ótica de seus pais, impregnadas pela marca cultural.

A terceira solicitação perguntava: O que é envelhecimento?

Esta foi outra pergunta dirigida ao estado do ego Adulto e nas Unidades de Significado identificadas ficaram evidenciadas **concepções simplificadoras do fenômeno, onde são levadas em conta apenas uma ou duas de suas dimensões**: “Maior limitação física [...], mas mais eu me gosto, acho que é por viver mais intensamente todos os momentos”; “Quando o corpo passa a ter algumas limitações físicas, embora a mente esteja preparada para desempenhar determinadas tarefas”; “É o fator natural a que todos estamos submetidos, movimento constante de tudo”; “situação em que temos nossa capacidade física e mental reduzidas”; “sedentarismo, estagnação, parado no tempo [...] é a passagem da vida ativa para uma vida contemplativa, é hora de desfrutar e/ou colher os frutos plantados”; “É uma opção, questão de ponto de vista e de comportamento, muito ligado à auto-estima”; “É um estágio da vida em que se chega após longo percurso” “No sentido figurativo é o outono...” “É saber viver com suas diferenças e limitações”; “é pobreza de espírito quando não cuidamos da alma, do corpo, do intelecto”; “É a perda da automanutenção”; “é saber respeitar aos outros”; “estágio da vida em que se chega após longo percurso, tendo atingido amadurecimento e experiências”; já estável teoricamente, procura melhor qualidade de vida, podendo cuidar melhor da saúde e convívio social”; “é o outono”; “parar de produzir e começar a usufruir da aposentadoria, para dar lugar no mercado de trabalho para a juventude”; “ficar cada vez mais sozinho e ter dificuldades em entender as mudanças da sociedade”; pessoa que pensa que tudo acabou, que não há motivos para iniciar algo novo”; é pessoal”; “estado mental e físico”; “quando perde aptidões, é perda normal”; “tirar proveito com boa qualidade de vida e procurar atividade para ocupar seu tempo”; “amadurecimento físico e psicológico”; “o organismo perde gradativamente sua funcionalidade”.

A partir destas Unidades de Significado emergiram essências das concepções de envelhecimento, compreendendo aspectos favoráveis como:

fenômeno natural e singular, movimento constante, uma questão de ponto de vista e de comportamento, ligado à auto-estima; é estágio da vida em que se chega após longo percurso. No sentido figurativo, é o outono; é viver mais intensamente todos os momentos; é saber viver com diferenças e limitações, sabendo respeitar aos outros; é amadurecimento físico e psicológico e experiência, é possibilidade de cuidar melhor da saúde e do convívio social; é tempo de parar de produzir e começar a usufruir da aposentadoria com boa qualidade de vida e atividade para ocupar o tempo.

Como aspectos desfavoráveis contidos nas essências do fenômeno envelhecimento emergiram: o organismo perde gradativamente sua funcionalidade, apresentando maior limitação física e mental, embora a mente esteja preparada para desempenhar determinadas tarefas; é sedentarismo, estagnação, parar no tempo; é passagem da vida ativa para uma vida contemplativa; é pobreza de espírito, quando não são cuidados a alma, o corpo, o intelecto; é perda da autonomia; ficar cada vez mais sozinho e ter dificuldades em entender as mudanças da sociedade; é pensar que tudo acabou, que não há motivos para iniciar algo novo.

Em relação às Unidades de Significado encontradas nas respostas a esta última solicitação, emergiram explicitamente as essências biológica e psicossocial e implicitamente a educacional e a cultural.

A educacional como carência de escolaridade que contemplese conhecimento sobre envelhecimento (tema do artigo “Envelhecimento e sua Interdependência com a Formação Profissional”) e a cultural pelas crenças associadas ao envelhecimento.

A cultura é formada por pressupostos básicos inventados, descobertos ou desenvolvidos por determinado grupo, no processo de aprendizagem para tratar com problemas de adaptação externa e integração interna. Os pressupostos que são aceitos e considerados válidos, são ensinados aos demais membros e são por eles assumidos, levando a comportamentos que podem ser internalizados como verdades²⁸.

A cultura é comunicada através de valores, crenças e pressupostos, narrativas de eventos que informam sobre fenômenos e mitos (histórias com valores não sustentadas pelos fatos)²⁹ que influenciam na formação de uma rede de concepções, normas e valores que são adotados, permanecendo implícitos na vida cotidiana³⁰.

Para Schein²⁸, a cultura se forma em espaços grupais com experiências comuns (família, unidades profissionais de um mesmo segmento/ramo de atividades, regiões geográficas, nações...), tornando-se propriedade e se fazendo presente nos níveis hierárquicos: cada indivíduo ao realizar determinado tipo de trabalho numa organização por determinado tempo, assume “muitos dos temas culturais partilhados por aqueles que exercem atividades semelhantes à sua ou que trabalham na mesma organização” o que significa dizer que “para explicar o comportamento individual, devemos ir além da personalidade e procurar os membros dos grupos e as culturas desses grupos, buscando conhecer as experiências e conhecimentos comuns”^{28; 29}.

Uma outra solicitação se referiu à que citassem objetos ou descrevessem imagens associadas ao fenômeno do envelhecimento, utilizando-se estímulo diretamente direcionado à Criança por solicitar apelo ao imaginário. Nos conteúdos deste estado do ego, vamos encontrar retratada a forma como a Criança foi vivida, como concebia a velhice, fosse pela visão de seus avós ou de outras pessoas envelhecidas, fosse pelas histórias que lhes eram contadas de seus antepassados, fosse pela forma como seus pais concebiam a velhice e a forma como tratavam as pessoas velhas, especialmente pelos sentimentos que estas situações lhes suscitavam. Estes conteúdos gravados são traduzidos nas imagens.

“A importância da fantasia e do imaginário no ser humano é inimaginável.”, escreve Morin^{31;21} e nas respostas dos participantes, por meio de uma análise semiológica, encontramos retratado o espaço do imaginário na construção das concepções de envelhecimento, relatadas e discutidas no artigo “Concepção de envelhecimento implícita no imaginário associado: um estudo junto a Policiais Militares”.

Provavelmente, é no estado do ego Criança que esteja mais claramente revelado o imaginário destes profissionais, ligado à valorização da força e da agilidade física e à estética.

As imagens mencionadas pelos sujeitos da pesquisa, mostraram a associação do envelhecimento com cabelos brancos, doenças, bengalas, solidão, ferrugem, rugas, podridão e instituição geriátrica (no Brasil com conotação de abandono) revelando um significado do fenômeno envelhecimento perpassado pela simplificação, representativo de estereótipos, preconceitos e sentimentos negativos, expressão dos arquétipos nos quais se alimenta a visão da realidade e de si próprios. Provavelmente será sobre estas imagens que construirão sua velhice. Este

processo progride e se firma porque os arquétipos são permanentemente retroalimentados pelas concepções a partir deles construídas, criadores e criaturas do imaginário que privilegia, por um lado, valores de juventude e beleza e, de outro, associa a velhice a sentimentos negativos de perdas biológicas e psicossociais, de desvalorização e morte. Esta simplificação apresenta-se principalmente articulada a um imaginário marcado pela presença de aspectos biológicos limitantes, estereotipados e ligados à finitude³².

Nas solicitações contidas nas questões: “O que espera do futuro após completar 60 anos?” (que significou um estímulo dirigido à Criança ou ao Pai por perguntar sobre o que o indivíduo espera), as Unidades de Significado retratam expectativas, imaginação, - predominante no estado do ego Criança - como também o que é esperado que aconteça e “Quais suas metas em relação envelhecimento” (pergunta dirigida ao estado Adulto) explicitaram, mais uma vez Unidades de Significado e essências (Estruturas de Significado: biológica, psicossocial e cultural) já identificadas nas solicitações anteriores e evidenciadoras da saturação dos dados (critério de cientificidade e comprovadora da suficiência do *corpus*), corroborando uma **concepção simplificadora de envelhecimento**.

Repetiram-se Unidades de Significado em que são apontados aspectos importantes para construção de uma velhice com qualidade. Entretanto, “o indivíduo aspira a viver plenamente a sua vida”^{1; 52}, o que supõe conhecer-se como um ser com múltiplas dimensões (físicas, biológicas, psicológicas, sociais, históricas, planetárias) com necessidades/possibilidades, o que não está traduzido nas respostas trazidas pelos participantes do estudo.

É possível que as concepções simplificadoras de envelhecimento tenham resultado em metas igualmente simplificadoras.

Buscando uma possível complementação nas concepções, foi solicitado que citassem limitações (estímulo provavelmente recebido pela Criança, onde as respostas, predominantemente, retrataram medos e pensamento mágico) e possibilidades (estímulo dirigido ao estado do ego Adulto, pelo convite que faz a que “pense” sobre) que pensam terão quando idosos.

As Unidades de Significado referentes às limitações foram: “medo de ser discriminado”; “falta de motivação”; “não ter atividade sexual como hoje”; “perda do pensamento rápido e da mobilidade física”; “problemas com a saúde”; “aquelas causadas pela doença e pelo desgaste físico”; “perda financeira”; “dificuldade visual”;

“que a memória não falhe”; “terei tantas limitações quantas eu desejar, terei troca de atividades”; “menos resistência à fadiga”.

As Unidades de Significado que se referiram às possibilidades trazem conteúdos próprios ao estado do ego Pai, denotando preconceitos com relação a esta fase da vida como: “em relação ao mercado de trabalho, penso que serão muito poucas”; “Muito poucas”; “Não vejo muitos benefícios, mas acho que terei uma boa aposentadoria e poderei viajar bastante”.

Na Unidade de Significado “todas aquelas que eu construir antes, pois nada cai do céu...” embora o início possa ser uma resposta do estado do ego Adulto, expressada logicamente, a expressão “pois nada cai do céu”, ao final da frase, pode ser considerada tipicamente parental.

Já nas Unidades de Significado “viajar, conhecer novos lugares”; “mais tempo disponível e experiência de vida”; “conhecimento adquirido, respeito conquistado, mais tempo para si e para a família”; “ajudar, fazer caridade”; “convívio social”; “não mais a obrigação de cumprir horários, poderei ter condições de desfrutar um pouco da vida”; “fazer o que o organismo agüentar e a mente”; “ter que me cuidar mais e ter saudades de não ter feito o que posso fazer hoje com saúde, força e felicidade”; “mais experiência, menos chances de errar”, “realizar atividade, desde que me prepare” podem ser identificadas respostas vindas do estado do ego Adulto.

As Unidades de Significado “quero acreditar que todas”, “todas as que possuía”; expressam uma resposta do estado do ego Criança, vendo o futuro com temor.

A vida comporta incertezas. Aprender a pensar a complexidade significa olhar estas incertezas não somente como risco, mas também como possibilidade/oportunidade de desenvolver estratégias⁹.

O medo e o pensamento mágico aqui expressados, provavelmente resultam de pensar sobre a realidade e a vida de forma simplificadora.

As teorias biológicas sobre o envelhecimento têm buscado explicar o fenômeno, cada uma abrangendo mais detalhadamente uma determinada especificidade.

Na Gerontologia, como nas demais áreas do conhecimento, as teorias precisam incluir a noção de complexidade para que possam buscar um princípio que as una, característica da Teoria da Complexidade.

Embora não fosse objetivo do trabalho identificar teorias sobre envelhecimento subjacentes ao depoimento dos participantes, foram encontradas Unidades de Significado reveladoras da Teoria da Troca Social³³ como: “parar de produzir e começar a usufruir da aposentadoria, para dar lugar no mercado de trabalho para a juventude”; “ter dificuldades em entender as mudanças da sociedade”.

Esta Teoria da Troca Social, classificada em nível microssocial³³, trata sobre tendência do idoso em afastar-se das interações sociais em razão do cálculo custo/benefício, concebendo-se com poucas condições para contribuir socialmente. Apresenta como proposições básicas, na consideração das interações sociais do idoso com outros grupos etários, as normas de reciprocidade, de justiça distributiva e de beneficência.

A Teoria da Subcultura, em nível micro/macrossocial³⁴, parece estar presente na realidade atual de idosos que buscam oportunidades de interação entre seus pares. Esta teoria postula que os idosos estão desenvolvendo uma cultura própria a partir de suas crenças e interesses comuns, da exclusão de interações com outros grupos etários e do crescimento de interações dos idosos entre si.

Segundo Neri³⁵, o fenômeno do envelhecimento pode psicologicamente ser analisado a partir das perspectivas do Ciclo de Vida, do Curso de Vida e da *Life-Span*, tendo como principal diferença entre elas, o fato de a primeira adotar o critério de estágios como princípio organizador do desenvolvimento.

Na Perspectiva do Ciclo de Vida a expressão “ciclo de vida”, está diretamente relacionada ao sentido em que o termo foi usado por Eric Erikson³⁶ em sua teoria do desenvolvimento.

Esta teoria foi denominada por ele como epigenética, significando algo que se revela ou desdobra sucessivamente, estando os estágios mais avançados contidos nos anteriores. Neri³⁵ entende que, por considerar a vida humana em sua extensão e propor que a manifestação e a resolução das crises evolutivas do ciclo de vida se dão no contexto das influências socioculturais, esta teoria representou avanços importantes com relação às teorias clássicas do desenvolvimento.

Comparando-se esta ênfase com a Teoria de Berne – Análise Transacional – é possível dizer que este autor difere do primeiro pela ênfase no princípio da recursividade entre os estados do ego. (com base em Morin).

A Perspectiva do Curso de Vida trata sobre o desenvolvimento do ponto de vista das inter-relações em nível individual, familiar e societal ao longo do tempo, considerando o impacto da sincronia ou da assincronia entre o tempo individual, o tempo familiar e o tempo histórico sobre o desenvolvimento individual³⁵.

Berne construiu a teoria da Análise Transacional sobre as relações (transações) entre as pessoas. Allen acentua a construção dos estados do ego como dependente do ambiente e que eles são construídos interpessoalmente³⁷.

Entretanto, diferentemente da Perspectiva do Curso de Vida, não há referência aos tempos individuais na teoria da Análise Transacional.

A Teoria de Estruturação Etária em Gerontologia e a Teoria Sociológica da Extratificação por Idade compartilham destes pressupostos. Segundo essas teorias as pessoas, em seu desenvolvimento compartilham experiências socioculturais com seus semelhantes, influenciando/sendo influenciadas por eles e por si mesmo (princípio recursivo em Morin). Ao conjunto de pessoas de uma mesma época, que entram e saem juntas de suas instituições e que tendem a passar pelas mesmas experiências (interação todo/partes e o todo de alguma forma representado nas partes: (princípio hologramático em Morin) denomina-se coorte.

Nesta teoria são importantes os conceitos coorte e os de geração e de descontinuidade estrutural, manifestada quando a sociedade não assegura papéis sociais que permitam aos idosos saudáveis e ativos continuarem engajados socialmente ou terem acesso às oportunidades e gratificações sociais disponíveis. Desta forma, seria a partir de expectativas e normas comportamentais prescritas pela sociedade como adequadas às diferentes faixas etárias (normalização em Morin) que se constituiriam os estágios de desenvolvimento.

Estas prescrições sociais internalizadas, associadas a eventos biológicos, construiriam os cursos de vida, e a percepção de si mesmo como alguém que está em consenso em relação à normalidade e pertinência.

Nas respostas trazidas pelos sujeitos da pesquisa estão presentes a preocupação relativa a esta normalidade e pertinência.

A autora refere-se ainda ao paradigma *life-span* de orientação dialética, como resultante de várias fontes de influência sobre o pensamento psicológico que se desenvolveu na área do adulto e do idoso: as teorias de Erikson e Riegel, a teoria de aprendizagem social em Psicologia do Desenvolvimento e a Perspectiva de Curso de Vida.

A abordagem dialética apresenta proximidade com a Fenomenologia principalmente em relação à categoria básica totalidade (todo maior do que a soma das partes) e difere da Teoria da Complexidade em relação a esta mesma categoria (o todo pode ser maior ou menor do que a soma das partes na dialógica de Morin), na categoria contradição (as contradições são espaços de construção em Morin¹ enquanto na dialética precisam ser superadas). Na Teoria da Complexidade a noção de antagonismo, existente na dialética, está interligada à noção de complementaridade e concorrência³⁸.

No presente estudo, numa perspectiva Berniana, pela complementação e saturação dos dados por meio de solicitações que se aproximavam e continham estímulos aos estados do ego Adulto, Criança ou Pai, foi possível evidenciar diferentes concepções de envelhecimento, resultantes da ativação de diferentes redes neurais, reflexão e informações (estado do ego Adulto), conteúdos arcaicos (estado do ego Criança) ou de conteúdos aprendidos das figuras parentais (estado do ego Pai).

As concepções expressam, por vezes, contradições, como, por exemplo, quando um dos participantes, respondendo à mesma solicitação, associa o envelhecimento a “não estar fazendo nada” e, ao responder sobre suas possibilidades afirma: “tereí muitos convites para trabalhar em atividades comunitárias”.

Estas Unidades de Significado revelam concepções de envelhecimento em que, cada uma delas, se refere à determinada essência do fenômeno não evidenciando uma visão da complexidade do fenômeno, e tendo sua origem em diferentes estados do ego. Cada rede neural, (estado do ego) ativada “possui regras específicas e igualmente problemas particulares que procuram resolver. Além disto, é provável que esta rede neural será ativada novamente, pois neurônios que “disparam” juntos tendem a conectar-se e “disparar” juntas no futuro”^{22; 254}.

Como afirmou Berne, cada estado do ego possui uma função diferente, o que determina sua maneira própria de perceber o ambiente e, em conseqüência, de a ele reagir: “A exteropsique é criteriosa de um modo imitativo e busca fortalecer conjuntos de padrões emprestados”¹⁷.

Morin refere esta presença, não só dos pais como também dos ascendentes na personalidade dos seres humanos, tanto através dos genes quanto de processos inconscientes através dos quais “mil modulações de voz, modos de comportamento,

hábitos mentais, inscreveram-se em nós por mimetismo em relação a nossos parentes próximos. Nossos ascendentes estão incluídos em nossa identidade”^{1; 87}.

A neopsique ocupa-se sobretudo da transformação de estímulos em peças de informação e do processamento e arquivo desta informação com base na experiência prévia¹⁷. As características deste estado do ego estão próximas às características com as quais Morin qualifica a racionalidade que “[...] pode ser definida como o conjunto de qualidades de verificação, controle, coerência, adequação, que permite assegurar a objetividade do mundo exterior e operar a distinção e a distância entre nós e o mundo”^{1; 97}.

A arqueopsique tende a reagir de maneira mais brusca, baseada no pensamento pré-lógico e em percepções pouco diferenciadas ou distorcidas”^{17; 35}.

Morin refere-se à presença da infância e da adolescência na idade adulta, não como estado do ego, mas a estas fases de vida estarem “recessivas” na idade adulta: “a infância reaparece nos jogos; a adolescência nos amores e nas amizades; também o velho guarda as idades anteriores e pode facilmente voltar à adolescência e à infância”^{1; 85-6}.

Por terem sido formados de maneiras diferentes, por usarem diferentes caminhos neurais que ativam padrões de redes neurais diferentes, cada estado do ego apresenta padrões comportamentais próprios em reação a estímulos específicos, tanto internos quanto externos²³.

Estão aí colocadas as bases neurológicas buscadas por Berne para explicar os movimentos de um estado de ego para outro, explicados por ele através da “catexia”, uma vez que já é possível observar-se o metabolismo do cérebro em funcionamento, bem como seu fluxo sangüíneo e atividade elétrica³⁷.

“Hoje podemos falar de aumentos e diminuições observáveis na ativação de vários circuitos neurais em tempo real. Esta compreensão mais recente da “energia psíquica” ainda precisa ser integrada à prática psicoterapêutica, mas propicia uma maneira inteiramente nova de conceituar cathexis [...]”^{37; 266}. Desta forma, de acordo com o tipo de estímulo que representava cada solicitação, ocorria um movimento da catexia, movimentando-se entre diferentes estados do ego, resultando na resposta correspondente.

O *self* constitui-se/é constituído na integração dos diferentes estados do ego e é esta integração que confere aos seres humanos “um senso de continuidade e coerência”³⁷.

Este *self* integrador se aproxima do que Morin refere como ““Eu” subjetivo, esta espécie de ponto fixo[...]”. Entretanto, enquanto a teoria da Análise Transacional fala de estados do ego compondo uma personalidade total, Morin fala de “várias personalidades” que ocupam, ora uma ora outra, este “Eu” subjetivo e às quais ele confere unidade⁹. A estas personalidades chama de Ego: [...], existem vários Ego em uma pessoa, mas eles quase não se freqüentam e são ligados por um Eu único”^{1; 94}.

Este Eu é igualmente a identidade que permanece no tempo, a despeito das mudanças pelas quais, permanentemente, passa o sujeito: “Tão diferente ao longo do tempo que um estranho não saberia identificá-lo em fotografias, o Eu permanece ele mesmo através das transformações da criança em adolescente, deste em adulto, do adulto em velho; a qualidade do sujeito transcende as mudanças do ser individual”^{1; 75}.

As Unidades de Significado vindas da Criança refletem concepção de envelhecimento ligada a doenças, rejeição, solidão, não estar fazendo nada, concepções estas provavelmente originadas de vivências infantis que ficaram gravadas.

Referente às possibilidades, percebe-se que as Unidades de Significado foram ditadas a partir do estado do ego Adulto, expressando propósito de boas relações familiares, muitas amizades e muito o que fazer.

As unidades de significado vindas do Pai imitam comportamentos paternos e nas respostas expressam especialmente dever: deveria parar de fumar e ter alimentação mais saudável; deveria estar efetuando uma poupança; deveria fazer mais exercícios físicos; deveria já estar formado.

Berne, referindo-se à “hierarquia” dos estados do ego, considerava o estado do ego Pai como o mais fraco entre os três estados, o estado do ego Adulto vindo a seguir e, dentre os três, considerava a Criança não só como o mais forte dentre os estados do ego mais ainda como a “parte mais valiosa da personalidade”^{18; 25}.

Segundo Hine²³, no desenvolvimento da personalidade, os estados do ego, Pai, Adulto e Criança vão se constituindo a partir da ativação de sistemas complexos de redes neurais e, cada um deles, carrega em si uma diferente “consciência de si mesmo” que lhe é própria: uma consciência Pai de si mesmo, uma consciência Adulto de si mesmo e uma consciência Criança de si mesmo²³. Os processos entre

eles podem ser ou não sintônicos, o que resulta num sentimento de conflito interno⁴⁰ e em ser ou não conscientes (princípio dialógico).

Para Morin a consciência, “produto supremo, o mais rico do espírito humano”^{1;111} está permanentemente vulnerável ao erro e mantém, com a inteligência, uma relação de interdependência: “A consciência precisa ser controlada ou inspirada pela inteligência, a qual necessita de tomadas de consciência”^{1;113}.

A possibilidade de uma consciência autoconsciente está ligada a uma inteligência que, por sua vez, é a aptidão para enfrentar situações complexas.

A consciência das contradições expressadas em suas concepções, entre elas a de envelhecimento, precisa ser alvo de reflexão nos Cursos de formação, pois poderá resultar em medidas de prevenção em direção a uma longevidade com qualidade de vida. Isto significa o desenvolvimento da consciência do que para si significa estar bem e buscar potencializar as possibilidades, a partir de cuidados consigo mesmo, preparando as condições necessárias para a aposentadoria, etapa esta que estará marcada especialmente para estes policiais, pelo momento de afastar-se de uma função que exerceram nas vinte e quatro horas de seus dias por, em média, 30 anos.

Ignorar a peculiaridade das diferentes profissões e, neste caso, da profissão policial militar, provavelmente resultará em envelhecimento que se aproxima de concepções construídas a partir das vivências infantis, associadas ao sentido do saber como deveria ter preparado, trazido pelas informações que o Adulto recebe e acrescentado ainda da autocrítica vinda do Pai interno pelo que não foi feito e suas conseqüências gerando, não uma circularidade promotora de crescimento, mas um círculo vicioso que, por recursividade, poderá resultar em erros, tanto mais graves quanto a consciência os perceba como acertos.

Os profissionais policiais por vezes não recebem cuidados, tanto do ponto de vista emocional como de capacitação para usufruir construtivamente a aposentadoria. Estes profissionais que protegem a sociedade com risco das próprias vidas, quando não recebem cuidados às suas dores, aos seus temores, enfim, como não recebem cuidados sob o ponto de vista emocional, sua Criança fica desconsiderada e suas necessidades desqualificadas.

Se não recebem a capacitação necessária ao desempenho seguro e qualificado de sua profissão, os temores aumentam e não há suporte em seu estado do ego Adulto para fazer frente a isto.

A atividade profissional policial militar, se olhada do ponto de vista do imaginário, tanto da sociedade quanto dos próprios profissionais, está diretamente relacionada a funções do estado do ego Pai e este, pode-se supor, termina por ser o estado do ego a partir do qual funcionam na maior parte do tempo, o que pode resultar num agir profissional inadequado, porque com base no passado.

Faz-se necessário que os policiais militares recebam não apenas a formação pela qual iniciam suas carreiras, mas permanente capacitação e atenção às suas necessidades como sujeitos/indivíduos.

São necessárias condições para o desenvolvimento do estado do ego Adulto, pois este, como conjunto autônomo/dependente de sentimentos e pensamentos que se expressam por meio de padrões de comportamento correspondentes,¹⁷ organiza as informações que recebe de dentro e de fora de si, analisando com objetividade, utilizando sua experiência passada, e respondendo às demandas do aqui e agora de forma lógica e adequada: “Quando no estado de ego Adulto, a pessoa está em pleno contato com o que está ocorrendo, duplamente, dentro e fora de seu organismo, de modo compatível com seu estágio atual de desenvolvimento”^{40; 110}.

Entretanto, este desenvolvimento do estado do ego Adulto precisa passar por reflexão que considere a complexidade dos fenômenos, pelo desenvolvimento da aptidão para contextualizar e integrar, para pensar “o que é tecido junto”, o *complexus*⁹, para dialogar com a incerteza e a integrar seus conhecimentos na própria vida.

Para um desempenho profissional ético e capacitado, como para organizarem suas vidas e seu envelhecimento, não podem prescindir desta “consciência Adulto” de si mesmos e da realidade em sua complexidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A TECITURA DA PROVISORIEDADE APOIADA TEORICAMENTE

Os temas envelhecimento e Segurança Pública têm sido tratados de forma descontextualizada, tratando-se seus constituintes como se eles não fizessem parte de uma totalidade e como se não interagissem entre si e com o todo, modificando-o/modificando-se ao ser modificado, o que tem contribuído para uma percepção fragmentada da realidade⁴¹.

Para os profissionais policiais militares, o risco de uma morte prematura torna mais complexa a complexidade associada ao fenômeno do envelhecimento, podendo desestimular a reflexão e, conseqüentemente o uso do estado do ego Adulto, tampouco levando em conta os aspectos psicológicos envolvidos tanto na formação quanto no exercício da profissão. Mesmo naquelas onde já existe a consciência da necessidade da reflexão, esta em geral não se dá a partir do Paradigma da Complexidade o que, ainda que promova o fortalecimento do estado do ego Adulto, o que é positivo, não fornece informação que possibilite pensar a complexidade, resultando em um olhar míope sobre a realidade, sobre a vida, sobre si mesmo.

Segurança Pública é hoje no Brasil um tema revestido de grande importância, pela crescente violência que assola o país.

Esta violência assume múltiplas formas e igualmente de múltiplas formas atinge aos profissionais policiais. Estão sujeitos à violência das ruas e de suas instituições que, tendo negligenciado na atenção e capacitação destes profissionais, termina por deles descartar-se, quando chega o momento da reserva, na grande maioria dos casos, sem preparo.

A complexidade vivida por estes profissionais é tecida na teia de acontecimentos e ações – constituintes heterogêneos inseparavelmente associados – que constituem o mundo dos fenômenos, incluindo a convivência com a confusão, o risco de vida, a ambigüidade, o inexplicável e, o que é mais grave, o não pensar, tanto sobre sua prática profissional quanto sobre suas vidas⁴¹, aí se incluindo a compreensão do envelhecimento como fenômeno complexo.

Para que esta realidade mude é preciso que o contexto nacional de formação reconstrua sua configuração, passando a incluir conteúdos transversais diretamente relacionados à natureza humana. Do contrário, como desenvolver profissionais que tenham interesse em preservar a vida humana e uma visão do idoso cidadão, se eles mesmos não são considerados em suas necessidades pessoais, não lhes são oferecidas condições de exercício da cidadania?

Esta incapacidade de conceber a complexidade da realidade e do processo formativo tem impossibilitado também o desenvolvimento de estratégias que evoluam na promoção de condições preventivas para uma qualidade de vida e de envelhecimento qualitativo dos profissionais desta área⁴².

Não pensar significa não estar preparado para dialogar com a incerteza que caracteriza a vida e, especialmente esta atividade profissional. Não estar preparado para este diálogo impede que deste, por movimentos de recursividade, a inteligência que o permitiu, dele se alimente e se fortaleça.

Assim, pensar hoje sobre o envelhecimento de policiais significa ir de encontro a orientações paradigmáticas alicerçadas numa compreensão de Segurança Pública implacável e reducionista, que se recusa a perceber-se em sua inserção num sistema.

Para Azevedo e Luzzi, com base em Morin, conceber o envelhecimento como fenômeno complexo significa ter a compreensão de que a complexidade é realimentada constantemente, sendo tecida na teia diária das interações entre acontecimentos, sentimentos e ações – constituintes heterogêneos inseparavelmente associados⁴².

Para as autoras, num ideário construído com a consciência desta realidade, surge a possibilidade de ir além da tentação de uma visão simplificadora, assegurando-se a defesa da idéia de estudos integrados sobre as múltiplas e interdependentes dimensões do fenômeno envelhecimento e da necessidade de que todos sejam percebidos como cidadãos com o direito a uma vida de qualidade em todas as suas etapas.

A articulação entre os saberes, as habilidades, hábitos, atitudes e os esquemas de ação geram a competência profissional e pessoal⁴³ e a competência pessoal inclui uma concepção de envelhecimento como processo que abrange mais do que a dimensão biológica e que não significa doenças, dores e incapacidades.

Para a construção de um envelhecimento com qualidade, faz-se necessário que o Estado do ego Adulto esteja consciente de que convivem nele, concepções de envelhecimento que estão ligadas, de um lado, à forma como a Criança sentia as experiências vividas com os idosos à sua volta e, de outro, aos modelos que a partir daí agregou ao seu estado do ego Pai.

Esta consciência precisa estar construída sobre a aptidão para pensar a complexidade, com isto permitindo que se reconstrua a concepção de envelhecimento a partir do estado do ego Adulto, consciente e informado sobre a realidade complexa, que traz dentro de si e capaz de adequar esta realidade interna complexa à realidade externa, igualmente complexa. Permitirá que busque, dentro de si, necessidades, sentimentos, lembranças que, enriquecidas pela informação

disponível no mundo externo, lhe possibilitem redesenhar e promover o envelhecimento, considerando a interdimensionalidade do fenômeno.

Eric Berne construiu a teoria da Análise Transacional sobre três premissas básicas¹⁷:

A primeira premissa¹⁷ é a de que as pessoas nascem com igual capacidade (estrutura fisiológica básica) para desenvolver consciência, espontaneidade e intimidade consigo e com os outros.

A Consciência refere-se à possibilidade de estar consciente sobre o que sente, de onde está e do momento que está vivendo (presente em Unidades de Significado que expressaram a consciência do como estão vivendo e do como deveriam estar vivendo o envelhecimento); a Espontaneidade significa opção, liberdade de escolher suas ações e de expressar sentimentos e pensamentos (presente em Unidades de Significado que manifestaram o desejo de conservar a autonomia); a Intimidade diz respeito à possibilidade de viver relações onde haja reciprocidade na expressão das emoções (presente nas Unidades de Significado que se referiram à proximidade familiar e social), sem exploração e livre de jogos.

Para Berne a autonomia, condição do estado do ego Adulto, representa o resgate destas premissas que são potenciais básicos do ser humano.

Morin fala da autonomia/dependente dos seres vivos que se autoproduzem e auto-organizam (autonomia): “Ser sujeito, é ser autônomo, sendo ao mesmo tempo dependente”^{12;66} que necessitam permanentemente de energia, matéria e informação que provém do exterior (dependência): “O princípio, aparentemente contraditório da autonomia/dependência [...] explica-se logicamente no seu duplo fundamento – sendo inseparáveis eco- dependência e auto – organização – e nos seus desenvolvimentos”^{26; 425}.

Esta autonomia/dependência nos seres humanos, seres culturais e sociais, significa autonomia e dependência originadas em relação à cultura de inserção, à linguagem a partir da qual se comunica e ao saber, numa imersão em uma relação trinitária indivíduo/espécie/sociedade, num movimento dialógico onde convivem o complementar, o antagônico, o concorrente¹.

Morin concebe a consciência como “a emergência última da qualidade do sujeito”^{9; 126}, emergência reflexiva que torna possível “o retorno da mente a si mesma, em circuito.” Esta que é para ele uma qualidade humana importante e ao mesmo tempo frágil, podendo por vezes enganar-se, fazendo parte do jogo da

verdade e do erro, o que não diminui sua importância: “A despeito dos riscos de suscitar outros, o exercício permanente da consciência tende a destruir as ilusões e através disso as certezas [...]”^{1; 113} .

A consciência mantém relação de interdependência com o pensamento e com a inteligência, alimentando-se e sendo por eles alimentada, controlando e sendo por eles controlada⁷ e é nesta interdependência, que deve ser estimulada, que poderá estar a diferença na qualidade de vida dos profissionais que trabalham na área da Segurança Pública.

Esta consciência necessita ser permanentemente crítica e autocrítica, capaz de voltar-se sobre si mesma e sobre os produtos de seu conhecimento através de um anel reflexivo, pensamento do pensamento que retroage sobre si, consciência de si retroagindo sobre si, reconhecendo-se reflexiva o que lhe permitirá reconhecer sua natureza que é, ao mesmo tempo subjetiva e objetiva.¹

Muito próxima ao que Berne descreve como espontaneidade está a liberdade que, para Morin, “supõe, ao mesmo tempo, a capacidade cerebral ou intelectual de conceber e fazer escolhas e a possibilidade de operar essas escolhas dentro do meio exterior”^{9; 126} .

Além disto, Morin também enfatiza, ao falar do sujeito, a importância das relações intersubjetivas, fundamental à teia na qual é tecida a sociedade⁹ .

A segunda premissa de Berne¹⁷ é aquela para que uma relação promova o indivíduo, é necessário que seja estabelecida sobre bases igualitárias, onde as pessoas envolvidas tenham igual responsabilidade sobre o que acontece.

Esta premissa se fez presente em Unidades de Significado que se referiam ao interesse em realizar trabalho voluntário/comunitário após aposentadoria.

Quando Morin define o desenvolvimento “verdadeiramente humano” como significando “o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana”^{31; 55} está falando de elementos constitutivos da espécie humana muito semelhantes a esta segunda premissa.

A terceira premissa¹⁷ é a de que há possibilidade de evolução e mudança. Esta premissa se fez presente principalmente nas Unidades de Significado que se referiam a estudar, a buscar outra forma de trabalho.

Morin, fala de uma ética complexa, de “esperança ligada à desesperança”, uma ética que “aposta no potencial genérico (criador, regenerador) do ser humano.

Por isso acredita na metamorfose que produziria um renascimento da humanidade”^{44; 198}, sem ignorar os muitos motivos para desesperar.

Da perspectiva das instituições policiais, isto representa a consciência da importância de cuidarem daqueles que são sua riqueza, que as constituem e dos que são sua razão de ser. Da perspectiva dos indivíduos, representa um viver pessoal e profissional onde o envelhecimento é consequência de um passado e de um presente vivido com consciência de si e da relevância de sua contribuição.

Da perspectiva da sociedade, significa a consciência do papel imprescindível das forças policiais militares de Segurança Pública neste processo de permanente reconstrução e aperfeiçoamento que é a Democracia.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Morin E. O método V. A Humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina; 2005.
2. Morin E. Terra Pátria. Porto Alegre: Sulina, 1995
3. Histórico da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Disponível em: <www.brigadamilitar.rs.gov.br>. Acesso em 07 de fevereiro de 2007.
4. Estado do Rio Grande do Sul, Lei Complementar n. 10.990, de 19 de agosto de 1997 – Dispõe sobre o Estatuto dos Servidores Militares da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências.
5. Husserl E. A Idéia de Fenomenologia. Portugal: Edições 70; 1986
6. Merleau-Ponty M. Fenomenologia da Percepção. Rio de Janeiro: Freitas Bastos; 1971.
7. Morin E. O método III. O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina; 1999.
8. Lyotard JF. La Fenomenologia. Barcelona: Paidós; 1989
9. Morin E A Cabeça bem feita. São Paulo: Bertrand do Brasil; 2003.
10. Morin E. Meus Demônios. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1997.
11. Morin E. O Método I. A natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina; 2003.
12. Morin E. Introdução ao Pensamento Complexo. Porto Alegre: Sulina; 2005.
13. Penfield W. Memory Mechanisms. Archives of Neurology and Psychiatry. 67. 178-198;1952.
14. Penfield W, Jasper H. Epilepsy and the Functional Anatomy of the Human Brain. Boston: Little, Bruwn & Company; 1954.
15. Federn P. Ego Psychology and Psychoses. Nova York: Basic Books; 1952
16. Weiss E. Principles of Psychodynamics. Nova York: Grune & Stratton; 1950.
17. Berne E. Análise Transacional em Psicoterapia. São Paulo: Summus; 1985.
18. Berne E. O que você diz depois de dizer olá?: a psicologia do destino: São Paulo; 1988.
19. Berne E. Os Jogos da Vida: análise transacional e o relacionamento entre as pessoas. São Paulo: Nobel; 1995.
20. Morin E. O Método IV: As Idéias. Porto Alegre: Sulina. 2002
21. Alonso Tapia J. Motivar en la Escuela, Motivar en la Família. Madrid: Moratas; 2005.
22. Allen J. Biological Underpinnings of Treatment Approaches. In Transactional Analysis Journal. Vol. 33, number 1. January 2003; pp 23-31
23. Hine J. Estruturas cerebrais e estados do ego. Revista Brasileira de Análise Transacional. Ano XIII, nº 1, junho 2004. 59-80. São Paulo: UNAT-BRASIL: 2003/2004; pp 59-81.
24. Le Doux J. Synaptic Self: How Our Brains Become Who We Are. New York: Penguin Putnam; 2002.

25. Henneman MS. Fenomenologia e Psicologia em Amedeu Giorgi. In: Pesquisa em Serviço Social. Anais do Seminário sobre Pesquisa Fenomenológica nas Ciências Humanas e Sociais. Rio de Janeiro: ANPES e CBCISS, 1990; pp. 83-94.
26. Morin E. O Método II: a vida da vida. Porto Alegre: Sulina; 2002.
27. Bauer M. e Gaskell G. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2001.
28. Shein EH. Guia de sobrevivência da cultura corporativa. Rio de Janeiro: J.Olympio; 2001
29. Freitas ME. Cultura Organizacional: identidade, sedução e carisma? São Paulo: FGV, 1999.
30. Fleury MTL. Cultura organizacional e estratégias de mudanças: recolocando estas questões no cenário brasileiro atual. Revista de Administração. São Paulo: [s.ed.], v.26, n.2, 1991. pp3-11.
31. Morin E. Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.
32. Morin E. O Homem e a Morte. Lisboa: Europa-América; 1970.
33. Passut PM. e Bengston VL. Sociological theories of aging: Current perspectives and future directions. In: Birren, J.E. e Bengston, V.L. Emergent theories of aging. Nova York: Springer; 1988; pp. 333-355.
34. Bengston VL.; Burgess EO, Parrot TM. Theory, explanation and a third generation of theoretical development in social gerontology. Journal of Gerontology 2, v.52B: 1997; ppS72-S87.
35. Neri A. (org). Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológica e sociológicas. São Paulo: Coleção Vivacidade; 2001.
36. Erikson E.H. Infância e Sociedade. Rio de Janeiro: Zahar; 1976.
37. Allen J. Biology and Transactional Analysis: Integration of a Neglected Área. In Transactional Analysis Journal. Vol. 29 number 4. october 1999. Califórnia; pp. 250-259.
38. Morin E. Em busca dos fundamentos perdidos- Textos Sobre o Marxismo. Porto Alegre: Sulina; 2004.
39. Allen J. Biology and Transactional Analysis II: A Status Report on Neurodevelopment. In Transactional Analysis Journal. Vol. 30 number 4. october 2000. Califórnia; pp. 260-269.
40. Erskine R. Theories and Methods of an Integrative Transactional Analysis: A Volume of Selected Articles. California: TA Press. 1997.
41. Azevedo e Souza VB. A Formação Policial Como espaço Representativo Da Construção De Uma Profissionalidade. In A (In)Visibilidade DA Segurança Pública: risco no trabalho, formação e políticas. Porto Alegre; 2005.
42. Azevedo e Souza VB. e Luzzi LZ. L'interdépendence entre imaginaire social et conception humaine. Anais do Colloque AISLF L'individu social. Autres réalités, autre sociologie? Tours/France; CR9, 2004.
43. Altet M. As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar. In: Perrenoud P. *et al.* Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências? Porto Alegre: ARTMED; 2001, pp.23-35
44. Morin E. O Método VI: ética. Porto Alegre: Sulina; 2005.

CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO E DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL E SUAS IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE UMA VELHICE COM QUALIDADE

Rosa Maria Gross de Almeida

“[...]todo aquele que sabe tirar de si próprio o essencial não poderia julgar ruins as necessidades da natureza. E a velhice, seguramente, faz parte delas!^{1,9}

RESUMO: Este artigo trata da concepção de envelhecimento e de formação profissional de um grupo de 22 Policiais Militares da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, a partir da teoria da Complexidade, numa abordagem fenomenológica. Os dados foram coletados por meio de depoimento por escrito e analisados fenomenologicamente com base em Giorgi e Comiotto. Os principais resultados indicam concepção de formação profissional construída sobre orientação paradigmática simplificadora, associando formação profissional predominantemente a aspectos técnico-profissionais. Estes resultados indicam, ainda, a necessidade de preparar estes profissionais para atuação competente em um universo de incertezas, o que inclui a atenção aos atores desta atuação, os policiais que exercem este fazer, eles mesmos complexos em suas necessidades e dimensões, atenção imprescindível à construção de uma polícia cidadã exercendo sua profissão entre cidadãos.

Palavras Chave: policiais, envelhecimento, formação, complexidade, aposentadoria, qualidade de vida.

ABSTRACT: This article approaches the conception of aging and professional education of a group of 22 military police officers of the Military Force in Rio Grande do Sul, from the theory of complexity, in a phenomenological approach, pointing out the urgent necessity of preparation of those professionals both to face the complexity of the police career through the development of a “poly-competence”, and to return to their civilian life when they retire. Data were collected by means of written testimony and were phenomenologically analyzed according to Giorgi and Comiotto. The main results have pointed a conception of professional education constructed on the simplifying paradigmatic orientation, predominantly associating professional education to professional and technical aspects. These results have also shown the necessity to prepare those professionals to act competently in a universe of uncertainties, which includes the attention to the actors, i.e. the police officers that follow this career, who are complex themselves in their necessities and dimensions, as well as indispensable attention to the construction of a citizen police that exert their profession among citizens.

Key Words: police officers, aging, education, complexity, retirement, life quality

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade brasileira, a aposentadoria geralmente acentua a consciência do envelhecimento e ser velho é, muitas vezes sinônimo de estar excluído de vários lugares sociais, especialmente do lugar destinado ao sistema produtivo, ao mundo do trabalho, o que termina por levar à exclusão em outras dimensões da vida social².

Nesta perspectiva, assegurar uma formação profissional com qualidade significa um distanciamento de um ensino meramente técnico evoluindo para uma visão educacional mais humanizadora, que priorize os sujeitos desta aprendizagem e ensine a “pensar bem” sobre o mundo e sobre ele mesmo e sobre os fenômenos que lhes são inerentes. Também significa compreender que, estabelecer relações igualitárias envolvendo a divisão de responsabilidades não se refere a quebrar hierarquias. Significa, principalmente confiar no potencial humano, para uma aproximação mais intensa do melhor de si mesmos.

O ensino policial militar tem como objetivo preparar policiais para o atendimento e proteção à população e estabelecimento de limites relativos a violações dos direitos individuais e coletivos, garantidos pela Constituição Federal do País³, não incluindo, entre seus objetivos, a preparação para uma longevidade e uma aposentadoria com qualidade.

Na busca da criação de uma polícia cidadã, preparada para o enfrentamento da violência numa Sociedade Democrática de Direito e ciente do papel da formação neste processo, o Governo Federal iniciou processo nacional de reflexão sobre este tema, resultando na Matriz Curricular Nacional para a Formação de Profissionais na Área da Segurança Pública⁴, sob a responsabilidade da Secretaria Nacional de Segurança Pública/Ministério da Justiça (SENASP/MJ), em 2004.

A proposta pedagógica deste documento oficial aponta para uma formação consciente da necessidade de atenção aos profissionais da área da Segurança Pública como portadores do direito ao exercício da cidadania o que inclui vida com qualidade e dignidade em todas as suas etapas.

A formação dos policiais da Brigada Militar vem passando por reformulações buscando adequar-se às tendências e demandas da sociedade⁵ e para bem atender ao artigo 144 da Constituição Federal onde está prescrita a Segurança Pública como “dever do Estado, direito e responsabilidade de todos”³.

O termo “formação” aqui empregado tem significado além das “conotações de moldagem e conformação”⁶ de que fala Morin, estando próximo do sentido por ele dado a “ensino educativo”, cuja missão é “transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre.”^{6 ;11} e condições para a reconstrução do conhecimento.

Depois de ter, em média, 24 horas por dia durante 30 anos, no caso dos policiais, dedicadas ao trabalho, a aposentadoria traz consigo mudanças de vida e de papéis sociais e mudanças na dinâmica das próprias famílias do aposentado, implicando em novos hábitos, podendo ser vivida pela pessoa de diversas formas, de acordo com fatores pessoais, familiares, sociais e econômicos⁷.

O “fazer”, a “ação”, estão entre as necessidades básicas do homem pois, é através delas, que ele explora e domina a si próprio e ao mundo que o cerca, cria, descobre, aprende e se realiza, se relaciona, transforma a si, o seu meio e o mundo. Assim, constrói sua vida e sua história, traça e alcança objetivos e assimila valores².

Pelas características da profissão policial, exercida durante este largo período, é provável que estes profissionais não tenham tido a possibilidade de distribuir de maneira harmônica seus diversos papéis, familiares, sociais, profissionais e, ao chegar o momento da aposentadoria, como sinônimo de velhice, correm o risco de perceberem que sua imagem está ligada ao trabalho e que, sem este papel, passam a não mais se considerarem necessários, o que pode resultar em sentimentos de inutilidade, frustração e baixa estima pessoal⁷.

Portanto a etapa da aposentadoria exige preparação, pessoal e familiar, pelo papel que os relacionamentos familiares, passados e presentes, desempenham na sua qualidade de sua vida nesta etapa que, muitas vezes, vem acrescida da perda de *status* e da conseqüente desvalorização social, fazendo com que o direito à aposentadoria deixe de significar um benefício, uma conquista, ou até um prêmio, e se transforme em um período indesejável, sinônimo de tédio, marginalização e preocupação econômica².

Uma pessoa que tenha boa saúde e que não tenha preocupações econômicas poderá enfrentar este afastamento do mundo do trabalho com maior êxito de adaptação à sua nova situação sóciofamiliar. Já uma pessoa para quem o trabalho tenha representado o centro de sua vida, que tenha escassas relações sociais fora dele, com dificuldades econômicas e/ou saúde precária, verá na aposentadoria um castigo difícil de ser superado e, neste caso a aposentadoria poderá vir seguida de sentimentos de inutilidade, perda de prestígio social e estados depressivos⁸.

Existe, por outro lado, um grande número de pessoas para as quais a aposentadoria chega como uma grande oportunidade de sua interação social, mais

tempo para desfrutar da e com a família e os amigos, e para dedicar-se a atividades de voluntariado e participação cidadã, compartilhando sua experiência e conhecimentos neste tipo de atividades⁸. Esta disposição está presente em muitas respostas desta pesquisa.

Dentre as possibilidades de suprir a necessidade deste preparo, surge a urgência de uma formação profissional que atenda, além das demandas complexas da realidade em Segurança Pública, o preparo de policiais militares para um retorno à vida civil por ocasião da aposentadoria.

O que ressalta Morin sobre o papel da educação é válido também para o processo de formação profissional, que “deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver a vida) e ensinar como se tornar cidadão”^{6; 65} com direito a viver uma vida com qualidade em todas as suas etapas, especialmente na velhice, etapa do envelhecimento.

Estes profissionais, em face dos crescentes índices da violência, da criminalidade e da criminalidade violenta e da multiplicidade de fatores que intervêm nestes fenômenos, necessitam formação que os prepare para serem profissionais “policompetentes”⁶, com capacidade de compreender estes fenômenos nos contextos dos quais emergem, articulando-os e integrando-os⁹ a uma abordagem de respeito aos Direitos Humanos, visando a uma compreensão/explicação da contemporaneidade em sua complexidade e multidimensionalidade⁹. Esta policompetência inclui a autoformação já referida e aprender a pensar o complexo e o multidimensional, contextualizando-os e organizando-os e dando-lhes sentido por meio do conhecimento do conhecimento.

A “emergência de um pensamento “ecologizante””, pensamento que pensa os acontecimentos, as informações, os conhecimentos a partir das possibilidades/limitações de seus contextos culturais, sociais, econômicos, políticos e naturais “torna-se, inevitavelmente, um pensamento do complexo[...]”^{6;25} com potencial para o desenvolvimento de uma policompetência, de uma formação profissional onde o conhecimento seja desconstruído/construído/reconstruído numa abordagem de interação/integração, como descrito nas exigências interdisciplinares/transdisciplinares emergentes da Matriz Curricular Nacional (MCN)⁴

A MCN⁴ preconiza uma formação que desenvolva as competências, habilidades e atitudes necessárias ao desempenho da profissão numa Sociedade Democrática de Direito, a partir do delineamento de Princípios, Objetivos, Eixos

Articuladores, Áreas Temáticas, Orientações Pedagógicas e Sistema de Avaliação e Monitoramento.

Para sua operacionalização, esta proposta requer o emprego de metodologia docente fundamentada sobre o Paradigma da Complexidade, entendendo a formação profissional como um processo de aquisição e reconstrução de saberes necessários à intervenção social que tem por objetivo o aprimoramento da prática pelo exercício permanente de pensar/repensar e analisar esta prática, partilhando diferentes saberes e situações complexas.

O Curso Básico De Administração Policial (CBAPM), curso que estavam concluindo os profissionais que responderam à presente pesquisa, tem como objetivo habilitar os profissionais para o desempenho das funções de 1º Tenente, aliando conhecimentos vindos da experiência adquirida na atividade a conhecimentos acadêmicos. Busca capacitar através de conhecimento técnico-profissional, para o desempenho das atividades de Polícia Ostensiva e de Bombeiro, em consonância com os fundamentos de uma polícia cidadã. Trata-se de curso de nível médio da Carreira¹⁰.

Desenvolve-se por um período de 12 meses em turno integral, em período de uma semana letiva, com carga horária de 45 horas-aula, com carga horária total de 1455 horas/aula¹⁰.

Em seu currículo constam disciplinas sobre administração, defesa pessoal, ensino policial, direito, educação física, estatística, ética, ciência política, psicologia geral, sociologia, comunicação e aspectos técnicos¹⁰.

Neste momento, o positivismo lógico que tem caracterizado a formação da Brigada Militar começa a conviver com o paradigma da complexidade preconizado pela MCN, com base em Edgar Morin.

Ainda não consta deste ensino, educação gerontológica que permita a estes profissionais a construção de um envelhecimento saudável e produtivo e, tampouco, preparação para a volta à condição civil, em sua aposentadoria.

Em dezembro de 2006, O Grêmio Beneficente de Inativos da Brigada Militar iniciou o Projeto “VOCÊ AMANHÃ”, a ser desenvolvido entre os profissionais que se encontram a, em média, cinco anos da aposentadoria. Este Projeto encontra-se em fase de implementação, já tendo percorrido os caminhos institucionais necessários para ser aprovado.

2 MÉTODO

O método é a reflexão sobre o percurso¹¹ e o percurso para chegar à concepção de formação no presente estudo, se deu numa abordagem qualitativa, a partir do método fenomenológico em triangulação com o método da complexidade.

A opção por esta triangulação deveu-se à compreensão de que este estudo poderia beneficiar-se de aspectos complementares inerentes a estes métodos, permitindo uma aproximação do foco de interesse e sua leitura a partir do referencial construído.

A Fenomenologia' – designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, 'fenomenologia' designa um método e uma atitude intelectual: a *atitude intelectual* especificamente *filosófica*, o *método* especificamente *filosófico* ¹².

O método fenomenológico parte da intencionalidade da consciência, (a consciência é sempre intencional é consciência “sobre”) e, através do puro ver, determina e distingue o sentido, sem teorizar, sem matematizar, sem valer-se da dedução para encontrar explicações.

Em pesquisa realizada junto a 22 policiais da Polícia Militar de Porto Alegre, às questões relacionadas ao futuro e ao envelhecimento: “o que espera do futuro após completar 60 anos?”; “Quais são suas metas em relação à velhice?”; “Que limitações pensa que terá como idoso? e “Que possibilidades pensa que terá como idoso” foram associadas duas questões relacionadas à formação: “Como foi, tem sido e deveria ser o seu processo de formação profissional?” e “O que é formação profissional?”.

Ao conjunto destas respostas foi aplicada análise fenomenológica, conforme descrito na Metodologia.

O objetivo foi verificar, através destas respostas, a concepção de envelhecimento e de formação profissional dos depoentes e relação/discrepância entre elas.

Os relatos dos entrevistados foram descritos e transportados para uma linguagem gerontológica e educacional e após foram identificadas as essências, a partir da captação do sentido da evidência, “absolutamente intuitiva, que a si mesma se apreende” ¹².

A fenomenologia é ciência de essências e “a evidência é esta consciência que efetivamente vê, que apreende [o seu objeto] direta e adequadamente; [...] evidência nada mais significa do que o adequado dar-se em si mesmo^{12;20}”.

Este “puro ver”, assim, não se reduz ao mero olhar, significando apenas abrir os olhos e ver, pois é preciso ir além dos relatos (fenômenos), captando-lhes a essência, modo como estes fenômenos aparecem à consciência. É, portanto, através da consciência que se dá a transformação dos fatos em essências.

Chegar a estas essências supõe, o que Husserl chama “*redução fenomenológica*” que significa colocar-se como espectador, abrir mão de todo o conhecimento que não o imanente à consciência para, assim poder efetivamente “ver” e intuir o universal que se expressa através daquele fenômeno e faz dele aquilo que é¹².

Na presente pesquisa, isto exigiu por parte do pesquisador, abrir mão de eventuais idéias pré-concebidas e resultados esperados, de tudo o que não surgiu como evidente, para permitir espaço à redução eidética¹², à intuição da essência, quando na descrição dos fenômenos que aparecem à consciência, é possível colher seu aspecto invariável entre as diversas variações das propriedades.

A análise fenomenológica teve como referência Giorgi e Comiotto¹³.

Compreendeu ainda esta metodologia análise intradiscurso, representando-a graficamente, a partir de Unidades de Significado, tornando mais claras suas inter-relações; análise interdiscurso, buscando eventuais aspectos implícitos nestas inter-relações; e discussão da realidade com base nos princípios dialógico, recursivo e hologramático.¹⁴

3 RESULTADOS E SUA DISCUSSÃO

A análise da concepção de formação profissional foi realizada a partir das respostas dadas através do depoimento escrito, atendendo ao critério de saturação, e revelou uma orientação paradigmática simplificadora nas concepções de formação.

A concepção de envelhecimento, igualmente construída a partir de orientação paradigmática simplificadora, pode apontar para uma relação entre formação e concepções.

As respostas dadas pelos entrevistados sobre o que é formação profissional e que revelaram concepção simplificadora deste processo, reduziram-no a “cursos, experiências, busca de conhecimento e aperfeiçoamento”, “capacitação para atividade profissional específica”, “atualização”, “instrução”, “condição para uma melhor capacidade profissional”, “aprimoramento emocional”, “aplicação de conhecimentos e experiências”, “preparo para uma aposentadoria tranqüila econômica e emocionalmente”, “conhecimentos técnicos”, “nova visão do que é feito”, “base para a profissão”, “informações sobre a realidade vivida, ancorada na prática”, “associação de teoria com prática e com o lado humanitário, com ações de aproximação entre polícia e comunidade”, “atende ao exercício da profissão e aos interesses da instituição”, “honestidade”, “ensinamento e aprendizagem”, “conhecimentos adquiridos nos bancos escolares ou através da prática ou convívio na profissão”, “síntese de conteúdos”, “agir de forma que todos tenham procedimentos iguais ou parecidos”.

Pode ser questionado, até que ponto estas concepções de formação profissional são o resultado do tipo de formação que estes entrevistados vêm recebendo e que, por fracionar e disjuntar a realidade de seu conhecimento, acaba dificultando uma visão do fenômeno do envelhecimento e do processo de formação profissional numa visão de complexidade e, conseqüentemente em integrá-los à construção de suas próprias vidas.

Perrenoud, ao definir competências profissionais como “um conjunto diversificado de conhecimentos da profissão, de esquemas de ação e de posturas que são mobilizados no exercício do ofício” está falando de uma “policompetência”, embora não use o termo, pois entende que “as competências são, ao mesmo tempo, de ordem cognitiva, afetiva, conativa e prática”^{15:12}.

Morin, fala na necessidade desta “policompetência” para lidar com o grau de complexidade da realidade, que está relacionada diretamente ao grau de incerteza das situações, dos problemas, dos fenômenos e à necessidade de um maior número de informações para compreendê-las e atuar sobre elas⁶. Esta complexidade estimula o desenvolvimento da inteligência que, com isto, estará cada vez mais apta a lidar com complexidades ainda maiores.

Schön utiliza o termo “talento artístico profissional” quando se refere “aos tipos de competência que os profissionais demonstram em certas situações da prática que são únicas, incertas, conflituosas”^{16:29}.

Para este autor os profissionais, ao defrontarem-se com estas situações, desenvolvem uma “reflexão na ação”, isto é, “o pensar o que fazem, enquanto o fazem”^{16;7}, constituindo uma competência e um talento que ele propõe sejam o ponto de partida para o conhecimento profissional.

Este conhecimento constituiria uma “epistemologia da prática” através da reflexão sobre estes “dilemas práticos” do cotidiano: “De outra forma, como os profissionais irão aprender a agir com destreza, se não através da reflexão sobre dilemas práticos que a exijam?”^{16;9}.

No caso destes profissionais, para os quais a “reflexão na ação” seja, na maior parte das situações, difícil de ser realizada, por seu grau de tensão e urgência, faz-se necessária uma permanente reflexão “sobre” as ações, sobre as práticas.

Paquay e Wagner¹⁷ chamam a atenção para que o desenvolvimento da reflexividade, entretanto, não resulte no desenvolvimento de práticas ligadas a outros paradigmas^{17;135}.

Estes autores referem-se à competência enquanto aquisição de várias ordens: “(saberes, saber-fazer, saber-ser e saber tornar-se) necessárias à realização de uma tarefa e à resolução de problemas em um domínio determinado”^{17;136} As competências prioritárias decorrem de paradigmas previamente escolhidos pelas instituições, com privilégio das práticas de formação específicas, concebendo de forma própria a articulação entre a teoria e a prática: “Conforme os paradigmas adotados, não só as perspectivas são distintas (vêm-se as coisas diferentemente), mas principalmente os modos de ação diferem (fixam-se outros objetivos, escolhem-se outras estratégias)”^{17;136}.

Ao traduzirem formação profissional como “cursos” “aprimoramento técnico” “conhecimentos técnicos”, entre outros, estes profissionais entrevistados estão expressando concepções de formação diretamente relacionadas à “racionalidade técnica”, isto é, concebem o desempenho profissional exclusivamente como solucionar problemas instrumentais usando os meios técnicos mais adequados ao atingimento dos objetivos¹⁶.

Efetivamente a profissão policial está entre aquelas cujo desempenho depende da racionalidade técnica, sendo que seus profissionais estão cotidianamente ocupados com problemas instrumentais e sua eficácia depende do sucesso em chegar aos resultados desejados: “Nesta visão, a competência profissional consiste na aplicação de teorias e técnicas derivadas da pesquisa

sistemática, preferencialmente científica, à solução de problemas instrumentais da prática.”^{16:37} Entretanto, este fazer profissional não se reduz a isto e a consciência desta complexidade se traduz nas respostas dadas ao como “deveria” ser sua formação onde surgiram respostas como “Deveríamos ter nossa formação voltada para as “Ciências Humanas” e “Psicologia” “Nossa formação profissional deveria focar nos homens, pois eles fazem a instituição” e estes homens têm o direito de aprender a desenvolver estratégias para enfrentar as incertezas da vida e, especialmente, de sua vida na etapa da velhice.

Nas concepções de envelhecimento expressadas estão traduzidas expectativas de vida ligadas à aproximação com familiares e amigos, a prazer, a aproveitamento do tempo livre. Entretanto, para que isto seja alcançado, necessita ter sido construído, pois esta etapa vem acompanhada da perda deste importante papel social de ser um policial, podendo sobrevir um sentimento de não ser mais necessário aos outros e se o espaço deixado por esta perda não estiver preenchido pela construção de novos planos e objetivos e ainda, se for marcado por uma concepção simplificadora do envelhecimento onde os aspectos negativos se sobreponham, as relações familiares e de amizades poderão ser afetadas, resultando em um processo de isolamento social^{2:99-100}.

Aprender a lidar com o tempo livre é outra das necessidades para a preparação desta etapa pois, se de um lado a necessidade humana de fazer algo permanece, uma concepção simplificadora do envelhecimento poderá impedir novas possibilidades deste fazer.

Sem o devido preparo, o direito ao tempo livre, ressaltado em vários depoimentos, passa ser uma conquista não valorizada pelos aposentados, mesmo por estes profissionais que conviveram com o risco de vida, pois foram acostumados a ritmos que ocupavam a maior parte do seu tempo. Chegando à aposentadoria, vêm-se donos de um tempo livre do qual não sabem o que fazer e como utilizar, podendo incorrer no seu uso patológico onde, por exemplo, a desocupação é compensada pela comida (principalmente as mulheres) ou bebida (principalmente os homens) ou tornam-se hipocondríacos, ou até mesmo tristes, sem conseguir explicar sua tristeza².

Assim, os profissionais precisam estar preparados para as incertezas, para a complexidade, de suas vidas nas diversas etapas e em sua atuação profissional. Estar preparados para agir frente à novidade, quando, ante situações únicas, seus

referenciais não podem ser usados, porque não se aplicam ou quando, ante situações múltiplas onde os problemas são, num só tempo, de várias ordens. Tanto os profissionais quanto aqueles aos quais seu trabalho se destina quanto, ainda, aqueles que refletem sobre a competência profissional reconhecem que “as áreas mais importantes da prática profissional encontram-se agora além das fronteiras convencionais da competência profissional”,^{16;18} o que remete ao questionamento dos processos de educação profissional, que têm se mostrado incapazes de ensinar o que mais necessário se faz aprender¹⁶ : aprender a viver com qualidade.

Schön¹⁶ fala da existência de dois terrenos na topografia da prática profissional: “Na topografia irregular da prática profissional, há um terreno alto e firme, de onde se pode ver um pântano”^{16;15} No terreno “alto e firme” os profissionais defrontam-se com problemas que podem ser resolvidos pela racionalidade técnica, a partir de padrões estabelecidos.

No “pântano”, estão os “problemas caóticos e confusos”, problemas que “desafiam as soluções técnicas” e que exigem soluções que estão além do conhecimento rigoroso. Estes são os “problemas de interesse humano” e cada vez mais, os problemas enfrentados pelos profissionais são problemas desta ordem¹⁶.

Um ensino profissional que prepara para a atuação competente em um universo de incertezas passa pela atenção aos atores desta atuação, os seres humanos que exercem este fazer, eles mesmos complexos, a um só tempo biológicos, com necessidades que desta dimensão decorrem e culturais, o que os possibilita beneficiar-se do que vem sendo acumulado, conhecer e transmitir conhecimentos, normas e princípios¹⁶.

Uma formação profissional com um ensino fragmentado poderá ser útil para atender especificamente aos aspectos técnicos desta profissão. Entretanto, não possibilitará o desenvolvimento de “um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo e de enfrentar os grandes desafios de nossa época. Não conseguimos integrar nossos conhecimentos para a condução de nossas vidas.”^{6;17}, e isto foi expressado nas respostas dadas pelos depoentes que, ao referirem-se à formação enquanto “conhecimento técnico”, “preparação/capacitação para a profissão”, “instrumento para modelar, deixar todos iguais”, entre outros, demonstram concepção deste processo onde não é percebida relação entre ele a sua vida como totalidade que abrange múltiplas áreas que necessitam ser atendidas, dentre elas as necessidades próprias à etapa da velhice.

Igualmente, as concepções de envelhecimento expressadas, tais como preocupação com a solidão, possibilidade de limitações físicas, mentais e de memória, lazer, felicidade, autocuidado, entre outras, não sugerem qualquer relação com o processo de formação profissional.

Faz-se necessário que, não somente a formação profissional, porquanto todo o processo educacional seja visto como um “lugar mediador e preventivo da velhice bem sucedida, numa proposta que perpassa a vida toda do educando”, como afirma Both^{18;1110}. Entretanto, a grande parte das instituições concentra sua atenção somente ao período laboral dos indivíduos, não levando em conta sua qualidade de vida em suas múltiplas dimensões, compreendendo “relações permanentes de generosidade do sujeito para consigo, das pessoas entre si, relações igualitárias de poder distribuídas entre os diversos grupos sociais e, finalmente, relações generosas com a natureza”^{18;1110}.

Both¹⁸ entende que ao concretizar um projeto da educação gerontológica, este esteja em consonância com as necessidades expressadas pelos mais velhos, construído a partir da gerontagogia

[...]ciência cujo objeto de investigação e ação reside no processo de desenvolvimento humano tardio e suas implicações educacionais em todas as faixas etárias e em todas as instituições nele envolvidas.[...] espaço educacional privilegiado para o encaminhamento de suposições, investigações, posições e proposições de ações, cujos objetivos buscam adequar as representações e oportunidades sociais às exigências da qualidade de vida em todos os seus períodos^{18;1010}.

Pelo que ficou evidenciado nas respostas dos depoentes, estes profissionais ainda não recebem, através de sua formação, condições “para a conquista do desenvolvimento humano tardio”, o que poderá resultar em que cheguem à velhice com concepção sobre esta etapa de suas vida que, em sua simplificação, se constitua em um “conjunto fragilizado de disposições”¹⁸ e possibilidades.

Estes profissionais, protetores-desprotegidos, (“trabalhamos protegendo as pessoas, mas ninguém nos protege”) são a face mais visível do Estado, (por vezes a única) em seu contato com a população, são o que Balestreri chama “cidadão qualificado pelo serviço”, por um lado com missão de “ouvir as dores” desta população e, por outro, com a permissão para o uso legítimo da força e da arma de

fogo,” o que lhes confere natural e destacada autoridade para a construção do social ou para a sua devastação”¹⁹.

Para Balestreri, diante da complexidade da profissão, dos policiais será cada vez mais exigida a capacidade de discernir e agir a partir de valores éticos e com agilidade na resolução dos problemas, o que implica uma formação profissional construída a partir de “conteúdos significativos” e com metodologias que estimulem a participação¹⁹ pois esta complexidade se “complexifica”, quando os problemas a serem enfrentados envolvem conflitos de valores²⁰.

Em instituições hierarquizadas linearmente, como ocorre com as instituições policiais, é comum que as questões hierárquicas se sobreponham ao cuidado com o papel das relações interpessoais na transmissão do conhecimento.

Com isto, o ensino perde um de seus pilares básicos pois ensinar é, por definição, um “processo interpessoal”, uma “prática relacional finalizada”^{21;26} imprescindível para formar policiais que tenham a lei e a ordem como bases para a uma atuação profissional exercida com autonomia moral e intelectual¹⁸.

Altet ressalta que “o polo da dimensão relacional e da situação vivida com o aluno em determinado contexto é tão importante quanto o pólo do conhecimento propriamente dito”^{21;26}.

Schön também faz referência à importância deste aspecto nos resultados do ensino: “Um ensino prático reflexivo é uma experiência de alta intensidade interpessoal. O dilema da aprendizagem, a vulnerabilidade dos estudantes e os universos comportamentais criados por instrutores e estudantes influenciam criticamente os resultados pedagógicos”^{16;133} e suas vidas.

Através de um sem-número de atos de atenção e desatenção, designação, compreensão, estabelecimento de limites e controle, eles vêem e mantêm os mundos que são adequados a seu conhecimento e know-how profissional. Eles estão em transação com seus mundos práticos, concebendo os problemas que surgem em situações práticas e moldando as situações para que sirvam nas concepções, concebendo seus papéis e construindo situações práticas que tornem operacionais os papéis que lhes cabem na concepção. Resumindo, eles têm uma maneira particular e profissional de ver o mundo e uma maneira de construir e manter o mundo da forma como o vêem^{16;39}.

A formação do profissional policial para a “policompetência”, necessária ao bom desempenho de suas funções, pode representar uma forma de atenção a estes profissionais, não apenas fornecendo-lhes os conhecimentos e práticas necessários

ao bom desempenho técnico mas, sobretudo, levando em conta que serão seres humanos a desempenhar estas funções. Seres humanos que, para navegarem “em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza”^{22;16} precisam estar preparados também enquanto pessoas, em sua dimensão humana.

O agir profissional policompetente significa ir além do imediatismo da resolução das situações de seu cotidiano, inserindo o seu fazer profissional dentro de um projeto maior, um projeto para sua vida e para a sociedade, sendo este projeto a matriz de suas ações: “Seu projeto [...] (pessoal) e seu projeto profissional são projetos humanos: conferem sentido e finalidade ao ofício e a ele próprio dentro do ofício. Ambos concorrem para o reconhecimento construtivo e criativo da identidade profissional e da própria personalidade profissional”^{23;44}.

É provavelmente disto, que está falando o policial ao responder que o processo de formação deveria “Dar condições para que se possa viver uma vida com tranqüilidade junto de sua família, podendo inclusive auxiliar os mais novos com experiência e também financeiramente”: de uma formação que possa traduzir um projeto de vida, de vida com qualidade e solidariedade.

A aptidão para contextualizar estende-se à contextualização do sujeito dentro de seu próprio universo e do universo ao qual pertence: “Quem somos nós?” é inseparável de “Onde estamos, de onde viemos, para onde vamos?”^{6;37}.

Além disto, as ações humanas não decorrem de uma só fonte, resultando, em diferentes proporções, do pensamento racional e de conteúdos não tão conscientes, ligados à sua história de vida e da experiência profissional,^{14;170} o que significa que igual atenção precisa ser dada, no processo de formação, a todos estes aspectos envolvidos nas ações.

Para Morin, “o dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez”^{22;33}, o que é conseguido através da aprendizagem para a auto-observação.

Sem compreender a si mesmo, não é possível compreender a outro e, as carências e fraquezas mascaradas, resultam em intolerância com as carências e fraquezas deste outro²²: “Seria preciso ensinar, de maneira contínua, como cada um produz a mentira para si mesmo, ou *self-deception*. Trata-se de exemplificar constantemente como o egocentrismo autojustificador e a transformação do outro em bode expiatório levam à ilusão e como concorrem para isso as seleções da memória que eliminam o que nos incomoda e embelezam o que nos favorece”^{6;53}.

Os profissionais policiais estão sujeitos a estes processos. Entretanto, desempenham junto à sociedade, uma função onde as possibilidades de desdobramentos desta “mentira para si mesmo” podem resultar em ações danosas, para si e para outros, o que potencializa a importância desta “aprendizagem para a lucidez” em seu processo de formação e ao longo de sua carreira pois, esta aprendizagem, “além de nunca ser concluída, deve ser continuamente recomeçada (regenerada)”^{6:53}.

Os processos psíquicos de autocegueira, somados à dificuldade de pensar o complexo, também estão na raiz dos “desvios éticos”²⁰.

A ética é um terreno onde estão presentes contradições que, no agir destes profissionais com a missão de “cuidar, preservar e promover a vida”⁹ em um país injusto socialmente e em meio ao clamor da população por segurança, se tornam ainda mais complexas

A profissão policial termina por ocupar os espaços de suas vidas e os policiais necessitam de aprendizagem para recompor estes espaços e que possibilite qualidade de vida, quando chegar o momento de sua reserva/aposentadoria. As respostas quanto às metas após os sessenta anos, em sua maioria, trouxeram a expectativa de convívio social e a recorrência desta expectativa sugere sua importância para estes entrevistados.

Entretanto a aposentadoria, trazida como o momento em que este convívio poderá se efetivar, sugere que, durante seu tempo de vida laboral estes profissionais, talvez não tenham exercido esta possibilidade.

Até que ponto, ao lá chegar, terão condições de exercê-la?

A aposentadoria pode representar possibilidades para o lazer, a realização pessoal e o investimento em si próprio, mas isto irá depender de vários fatores, do financeiro, do preparo recebido pelo profissional, de sua filosofia de vida, de seus valores individuais e sociais bem como de fatores pessoais, como autoconceito e auto-estima, fatores estes também ligados às suas interações familiares e sociais até ali construídas⁸.

Seu processo de formação profissional, ao que parece, está dissociado destas expectativas ligadas aos seus projetos e restringido a capacitação eminentemente técnica. A tal ponto isto se dá que os próprios profissionais terminam por entender que precisam “mais do mesmo”, isto é, mais da mesma formação²⁴.

O confronto com a incerteza do amanhã, o confronto com a morte, não podem significar o abandono da perspectiva de construção de uma vida com qualidade²⁰. Em realidade, conviver com a incerteza é o destino humano. Ainda assim, uma vida sem investimento no futuro perderia seu sentido.

Isto representa aprender a não perder de vista a própria multidimensionalidade, permanecendo atento às suas necessidades e, entre elas, a da construção de um envelhecimento de qualidade.

Significa assumir sua vida como uma aventura marcada pela incerteza e que isto significa riscos, outrossim oportunidades para aquele que a concebe em sua complexidade, encontrando em cada etapa da vida potenciais a serem atualizados, possibilidades a serem realizadas, conhecimentos a serem adquiridos.

A formação profissional tem fundamental papel em todo este processo, pois deve levar em conta os indivíduos em sua integralidade, ocupando-se de proporcionar-lhes ensinamentos que ultrapassem a esfera do propriamente profissional, estendendo-se até seu projeto de vida, ensinando a “pensar bem”.

Neste caminho, desenvolver a capacidade de contextualizar, de pensar o complexo, permitirá que este diálogo com a incerteza resulte fecundo.

“É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto”^{6:89}. Somente um tal pensamento será capaz de conceber a vida em sua multidimensionalidade e embasar a construção de uma vida com qualidade, em todas as suas etapas.

Na velhice, quando o papel profissional que servia de identidade a estes profissionais se esvazia, a preparação que para este momento tenham recebido permitirá a descoberta de novos potenciais emergentes¹⁹ pois a lembrança das realizações passadas, por si só, não esgotam o potencial de desenvolvimento¹⁹.

Por outro lado, a solidão é uma das grandes ameaças neste período, e seu medo foi referido nesta pesquisa e é importante que o aposentado possa sentir-se acolhido e valorizado por ele mesmo, pelo testemunho da vida realizadora vivida, pela família que criou e pelas atividades que poderá vir a desempenhar⁷.

As instituições e as novas gerações muito teriam a beneficiar-se, aprendendo da experiência dos mais idosos e este desejo foi expressado em respostas à pergunta sobre o que espera do futuro: “repassar minha experiência

profissional e de vida” ou ainda, “contribuir de alguma forma com as gerações futuras”.

Os mais velhos podem ser vistos como educadores enquanto possuem conhecimentos em torno da pragmática da vida e das práticas profissionais, as quais, por mais subsídios tecnológicos que tenham, carecem de uma larga reflexão e de abordagens múltiplas. Sendo assim os mais velhos podem cooperar com as decisões diante das exigências do mundo-da-vida, como as do sistema, para que possam ser mais acertadas, porque mediadas pelo olhar da experiência e por outros entendimentos associados ao objeto a ser considerado^{19;1118}.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica ressaltada pelo estudo realizado a importância de que a formação dos profissionais policiais se dê na direção deste desenvolvimento “verdadeiramente humano”. Este é o desafio que está colocado para as instituições de ensino policial brasileiras ante, por um lado, a mudança de paradigma do trabalho em Segurança Pública preconizada pelo Plano Nacional de Segurança Pública⁹ e, por outro, pelos crescentes índices de violência, criminalidade e criminalidade violenta com a que estes profissionais se defrontam.

Em uma de suas teses principais, o Plano Nacional de Segurança Pública⁹ propõe uma “Articulação dos governos municipal, estadual e federal(por meio de vários ministérios) das entidades da sociedade civil e lideranças da própria comunidade local, a partir de um programa comum, voltado para a melhoria da qualidade de vida”⁹.

Esta melhoria da qualidade de vida está intimamente ligada a mudanças não só no processo de formação pela qual passam estes profissionais ao ingressarem na carreira, mas também à necessidade de um processo de formação continuada que atenda às necessidades destes cujo fazer tem, além e em meio de suas funções técnicas de prevenção e repressão, também uma “dimensão pedagógica”¹⁸ sendo um “pleno e legítimo educador”^{18;19}. Mas, quem educa estes educadores para função tão complexa?

A reflexão sobre a complexidade da profissão policial e sobre as condições de sua formação nos diversos estados do Brasil resultou na Matriz Curricular Nacional⁴ – que tem entre seus objetivos: análise da atividade de Segurança Pública como prática da cidadania voltada para atitudes de promoção humana; o estímulo à

discussão de posicionamentos críticos, éticos, de Direitos Humanos e à contribuição para a melhoria da qualidade da vida social, institucional e individual; a promoção de análise contextualizada local e global dos impasses sociais através do pensamento crítico e da adoção de atitudes e práticas de inclusão social e dos preceitos legais aplicáveis; o desenvolvimento da competência interpessoal e do autoconhecimento com vistas à melhoria da qualidade de vida e à aceitação das diferenças.

Assim sendo, este documento oficial inclui aspectos de relevância que poderão auxiliar no desenvolvimento de uma formação que contemple tópicos que, se considerados, implicam conhecimento importante para a construção de um futuro, incluindo expectativas de vida produtiva após a aposentadoria.

Balestreri¹⁸ refere-se ao protagonismo como inerente à profissão policial e a aposentadoria, longe de afastá-lo desta missão, pode conferir-lhes a possibilidade de sua ampliação, “protagonistas de novos caminhos, ampliando o potencial ético e cognitivo da gestão social de todas as idades e de seus espaços existenciais”^{19;1118}.

Todos estes aspectos apontam para a mesma direção, para o ser humano que exerce a profissão, para estes homens e mulheres, filhos, filhas, mães, pais, avôs e avós que estão sob a farda, sob a insígnia e que têm direito a receber cuidados, sob a forma de informação qualificada, preparo técnico e, principalmente de um ensino que os capacite a pensar a complexidade humana⁶, a sua própria, e perceber sua vida como um processo, onde o futuro emergirá dos passos até ali dados.

Uma tal formação se constituiria em atenção com estes profissionais e romperia com o paradoxo por eles vivido pois, devendo trabalhar em defesa da vida, não recebem formação que lhes possibilite cuidar de suas próprias vidas com qualidade, o que está expresso em respostas trazidas pelos policiais entrevistados, referindo-se à formação como tendo sido voltada “ao objeto (produto) Segurança Pública, Policiamento, e esquecido o sujeito[...]” ou, ainda, “No início doloroso, deixando marcas, ditatorial, torturante, enlouquecedor [...] nos dias de hoje já melhorou, há mais ensinamentos práticos e gritos.” Doloroso também é pensar que a melhora esteja associada a “gritos”, levando a supor como se dava esta formação anteriormente.

Até que ponto, de uma formação profissional com as características referidas nas respostas acima, pode ser esperado um policial que esteja a serviço da

defesa da vida, a serviço da construção da paz e da construção de qualidade em sua vida?

Aqui se aplica a observação de Morin⁶ sobre a necessidade de uma mudança não somente programática mas paradigmática no ensino, de um paradigma de simplificação para o paradigma da complexidade. Importa na formação dos profissionais policiais, que se substitua o pensamento que isola e separa, disjunta e reduz, por um pensamento que distingue e une, por um pensamento do complexo⁶ e que, reforça-se, esta se constitua em formação continuada pois, com escreveu Cícero, “o saber se vale das competências acumuladas e se enriquece à medida que envelhecemos”^{1;42}.

Desenvolver nestes profissionais um pensamento complexo significa dar-lhes condições para exercerem sua profissão e pautarem suas vidas a partir de um olhar de inclusão e solidariedade humana, com resultados benéficos para eles próprios em todas as etapas de suas vidas e para a sociedade e isto é resultado de uma formação profissional que conceba a vida em toda a sua extensão e que, tendo superado o paradigma deficitário do envelhecimento e da velhice, constitua em convite à construção de uma vida com qualidade em todas as suas idades, de modo especial, de todas as idades da velhice¹⁹.

Como escreve Morin, “a reforma de pensamento teria, pois, conseqüências existenciais, éticas e cívicas”^{6;97} podendo repercutir positivamente na construção de uma polícia cidadã e se constituir em garantia do direito que têm estes profissionais, cidadãos que são, de receber formação que lhes permita construir uma vida de qualidade em todas as suas etapas e, especialmente na velhice.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Cícero MT. Saber envelhecer. Porto Alegre: L&PM; 2004.
2. Ferrari MAC. Lazer e Ocupação do tempo livre na terceira idade *In* Papaléo Netto M. Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu; 2005.
3. Brasil, Constituição da República, 1988. Constituição da República Federativa do Brasil, Brasília: Senado Federal, 1994.
4. Brasil, Ministério da Justiça. Matriz Curricular Nacional. Secretaria Nacional de Segurança Pública. Brasília: Distrito Federal. 2004.
5. Estado do Rio Grande do Sul, Lei Complementar n. 10.990, de 19 de agosto de 1997 – Dispõe sobre o Estatuto dos Servidores Militares da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências.
6. Morin E. Cabeça bem feita. São Paulo: Bertrand do Brasil; 2003.

7. Fernandez-Ballesteros R., Fresneda RM, Martinez JI., Zamerrón MD. Qué es la psicología de la vejez. Madrid: Biblioteca Nueva; 1999.
8. Emiliano N. Pensando em Família. Disponível em: www.portaldafamilia.org/artigos/artigo368.shtm Acesso em 12 janeiro de 2007.
9. Brasil. Projeto Segurança Pública Para o Brasil. Biscaia, A.C. Mariano, B.D., Soares, L.E., Aguiar, R.A.; Instituto Cidadania; Fundação Djalma Guimarães. Brasília: DF; 2002
10. Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria da Justiça e da Segurança. Brigada Militar. Departamento de Ensino. Projeto do Curso Básico de Administração Policial- CBAPM-edição 2006. Aprovado pelo Comando Geral através do Processo SPI. Porto Alegre, 2006.
11. Morin E. O Método I. a natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina; 2003.
12. Husserl EA Idéia da fenomenologia. Textos Filosóficos. Rio de Janeiro: Edições 70; 1986.
13. Henneman MS. Fenomenologia e Psicologia em Amedeu Giorgi. *In: Pesquisa em Serviço Social. Anais do Seminário sobre Pesquisa Fenomenológica nas Ciências Humanas e Sociais.* Rio de Janeiro: ANPESS e CBCISS, 1990; pp. 83-94.
14. Morin E. O Método II: a vida da vida. Porto Alegre: Sulina; 2002.
15. Perrenoud P, Paquay L, Altet M, Charlier E. Formando professores profissionais: Três conjuntos de questões *in Perrenoud P. et al. Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?* Porto Alegre: ARTMED; 2001, pp. 11-22.
16. Schön D. Educando o Profissional Reflexivo. Um novo design para o ensino e a aprendizagem. São Paulo: ARTMED; 2000.
17. Paquay P, Wagner MC. Competências Profissionais Privilegiadas nos Estágios e na Videoformação *in: Perrenoud P. et al. Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?* Porto Alegre: ARTMED; 2001, pp.135-159.
18. Both A. Longevidade e Educação: Fundamentos e Práticas *In Freitas EV, Py L, Neri AL, Cançado FAX, Gorzoni ML, Rocha SM. (orgs) Tratado de Geriatria e Gerontologia.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2002.
19. Balestreri R. Direitos Humanos coisa de política. Rio Grande do Sul: CAPEC; 2003.
20. Morin E. O Método VI. Ética. Porto Alegre: Sulina; 2006.
21. Altet M. As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar. *In: Perrenoud P. et al. Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?* Porto Alegre: ARTMED; 2001.
22. Morin E. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez; 2005.
23. Baillauquès S. Trabalho das Representações na Formação dos Professores. *In Perrenoud P. et al. Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?* Porto Alegre: ARTMED; 2001.
24. Balestreri R. Palestra proferida para alunos do Curso de Oficiais da Polícia Militar do Estado da Bahia.[comunicação] Academia Policial Militar de Dendezeiros. Salvador; 2005.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, buscou desvelar as orientações paradigmáticas implícitas na concepção de envelhecimento, no imaginário associado e na concepção de formação profissional de policiais de nível intermediário, alunos do Curso Básico de Administração Policial da Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

Ao analisar a concepção de envelhecimento e a implícita no imaginário associado ao fenômeno, os resultados apontaram para concepção com orientação paradigmática simplificadora do fenômeno do envelhecimento, concebido basicamente em sua dimensão biológica, construída sob um imaginário onde predominam aspectos negativos associados a este fenômeno.

Na formação dos profissionais não consta alusão ao estudo sobre qualidade de vida, envelhecimento e aposentadoria, que lhes permita apropriar-se deste imaginário em que o envelhecimento se mostra associado a abandono, podridão, ferrugem, resultando em concepção de envelhecimento calcada em aspectos negativos, perdas, limitações. Esta consciência permitiria a reconstrução deste imaginário e desta concepção, a partir de orientação paradigmática de complexidade, como fenômeno natural do desenvolvimento e o preparo da qualidade para a velhice.

A análise da concepção de envelhecimento de Policiais Militares ainda na ativa, numa perspectiva psicológica, trouxe indícios que levam à confirmação de que estes profissionais possuem concepção com orientação paradigmática simplificadora no que se refere ao fenômeno do envelhecimento. A triangulação realizada entre a teoria da Análise Transacional e a teoria da complexidade permitiu constatar a presença de contradições entre concepções de envelhecimento nas respostas dadas por um mesmo depoente, sugerindo que estas sejam resultado da forma

como os diferentes estados do ego, constituintes da personalidade, sentem, pensam e se comportam frente ao envelhecimento.

Estes resultados apontam para a importância da consciência sobre estas contradições, pois a concepção do Adulto sobre o envelhecimento e sobre a velhice não garantem a construção de uma velhice com qualidade pela força que representam, na personalidade global, o estado do ego Criança e estado do ego Pai.

Além disto, a consciência Adulto, que abrange consciência do mundo interno e do mundo externo, precisa estar constituída a partir de pensamento capaz de pensar a complexidade.

A análise da orientação paradigmática da concepção de envelhecimento e da concepção de formação profissional trouxe resultados que confirmaram concepção de envelhecimento construída a partir de paradigma de simplificação e concepção de Formação Profissional igualmente com orientação paradigmática simplificadora, em uma profissão que envolve grande complexidade e que, para seu desempenho, necessita de profissionais “policompetentes”, policompetência que deve incluir a construção de qualidade de vida em todas as suas etapas, especialmente na etapa da velhice.

A concepção de Formação Profissional com orientação paradigmática simplificadora voltada predominantemente para o aspecto de preparação técnico-profissional dissocia este processo de outras áreas de suas vidas e impede que seja visto e vivido como processo permanente de construção/desconstrução/reconstrução de sua vida pessoal e profissional, num movimento que a ambas enriquece e qualifica.(princípio recursivo)

Destarte, fica confirmada a tese deste estudo, de que policiais em nível intermediário, da Polícia Militar do Rio Grande do Sul, têm concepções de envelhecimento e de formação profissional construídas sob orientações paradigmáticas simplificadoras, associadas a imaginário onde predominam aspectos negativos sobre o fenômeno do envelhecimento e aspectos técnico-profissionais sobre formação profissional.

A qualidade de vida na velhice, constitui processo com causas, biológicas, sociais, psicológicas, culturais. Conceber o envelhecimento a partir de orientação paradigmática simplificadora, especialmente no caso destes profissionais onde a força e o vigor físicos desempenham papel preponderante em seu imaginário, significa priorizar, especialmente a dimensão biológica deste fenômeno, com isto

restando poucas possibilidades para pensar este tempo futuro em que não mais estarão presentes estas características. Assim, tendem a ver este tempo de uma perspectiva irrealista, de ausência de possibilidades, de possibilidades, de distanciado, de próximo, do presente.

Sendo este imaginário compartilhado pelo grupo de profissionais, tem sofrido um processo de permanente realimentação, dificultando que evoluam para concepção que abranja o envelhecimento em sua complexidade.(princípio recursivo)

A partir da concepção de envelhecimento pensam, em relação à construção de uma velhice com qualidade, especialmente nos aspectos relacionados ao corpo, como alimentação saudável e exercícios físicos, o que é importante mas insuficiente.

Identificar, portanto, concepções sobre o envelhecimento construídas sobre orientação paradigmática simplificadora significa a possibilidade de intervir neste processo, construindo uma velhice com qualidade, compreendendo esta etapa em sua multi/interdimensionalidade, com limitações e possibilidades.

Na transformação e reconstrução desta concepção a formação dos policiais tem papel fundamental, podendo proporcionar a estes profissionais condições para um desenvolvimento como seres integrais que são, (princípio hologramático) sujeitos às condições humanas, seres que envelhecem e que têm direito a que sua velhice expresse, através de sua qualidade, o resultado de uma vida com qualidade.

Na complexidade com que se defrontam estes profissionais em seu cotidiano, riscos de todas as ordens, situações carregadas de emoção, de incertezas, de ambigüidades, têm a possibilidade de não dar a si mesmos e às suas vidas a atenção necessária, especialmente à preparação para uma velhice de qualidade.

Isto pode ser agravado quando estes profissionais, chegando à reserva, à aposentadoria se sentem abandonados, por suas Instituições, pela Sociedade, pelo Estado, deixando suas instituições com o sentimento de terem representado números e de serem facilmente substituídos.

Faz-se necessário que o Estado, através dos Gestores Públicos, atente para as difíceis condições em que estes profissionais são lançados após o seu tempo de vida laboral e que políticas públicas venham ao encontro de mudanças neste quadro, traduzindo-se em salários que lhes possibilitem morar e viver com dignidade e em cuidados com sua saúde física e mental.

Programas de Preparação Para a Aposentadoria/Reserva, Programas onde a larga experiência e o conhecimento destes profissionais possam ser aproveitados por suas Instituições, Programas de Tratamento e Prevenção de Alcoolismo, que tende a se instalar ou a se acentuar na aposentadoria, entre outros, representam possibilidades concretas de atenção a estes profissionais.

O convívio na profissão supera de muito seu tempo junto aos familiares, resultando em desequilíbrios familiares.

A carga emocional a que estão sujeitos diuturnamente exige a que recebam algum tipo de acompanhamento sócioemocional, o que não ocorre, na grande maioria das instituições policiais.

A consciência sobre as próprias concepções como condição para a mudança de paradigmas remete à necessidade de que estes profissionais recebam formação que lhes permita esta condição, através do desenvolvimento de pensamento capaz de pensar a complexidade e, através dela, pensar a si, a realidade e a si na realidade. (princípio hologramático).

Assim, a inclusão de conteúdos transversais, ligados à natureza humana na Formação destes profissionais, dentre eles Educação Gerontológica e Políticas Públicas que reconheçam as peculiaridades deste trabalho e destes profissionais, bem como as necessidades próprias ao envelhecimento e que forneçam condições para que seja vivido com qualidade são imprescindíveis à construção de uma “Polícia Cidadã”.

Tal Polícia, é construída a partir de ações de Formação que preparem estes profissionais para a “policompetência” necessária, de Instituições que percebam seus profissionais como sua maior riqueza e que isto traduzam em ações de respeito e atenção a estes seres humanos em suas múltiplas dimensões e de um Estado que, através de Políticas Públicas ampare estes profissionais na construção de uma velhice com qualidade.

Às Universidades cabe grande possibilidade de contribuição, através do incremento de estudos e pesquisas na área da Gerontologia associada à Segurança Pública por parte de Programas de Pós-Graduação em Gerontologia, que permitam uma aproximação a esta realidade peculiar e que, com isto, sirvam de sustentação científica para alternativas que venham ao encontro da longevidade com qualidade de vida dos policiais.

A sociedade em seus diversos segmentos constituintes é co-responsável, por ações e/ou omissões, pela produção de criminalidade, violência e criminalidade violenta e, não tomando disto consciência, concebem Segurança Pública a partir de orientação paradigmática simplificadora, onde a polícia é vista como única responsável por sua solução, resultando numa postura permanentemente crítica do profissional policial e de seu trabalho e na não consideração do ser humano que exerce esta profissão, que a isto reage com afastamento.

Conceber a sociedade de uma perspectiva de complexidade torna-se assim fundamental para a inclusão destes profissionais neste sistema e para que, em conjunto sejam buscadas soluções a estes problemas comuns.

A Segurança Pública brasileira está em crise o que tem significado um acréscimo de incertezas e de ameaças aos seus profissionais e uma diminuição da possibilidade de sobrevivência e da dignidade profissional. Neste cenário, um dos desafios consiste na consolidação de marcos de referência para a formação policial que permitam uma identidade cidadã.

Esta identidade para ser reconstruída e fazer sentido implica oferecimento de condições para alcançar uma maior longevidade com qualidade. Entretanto, para que mudanças aconteçam neste sentido é preciso que o contexto nacional de formação reconstrua sua configuração, incluindo conteúdos diretamente relacionados à natureza humana conforme explicitado na Matriz Curricular Nacional para a Formação de Profissionais da área da Segurança Pública (MCN).

O presente estudo, que objetivou conhecer a orientação paradigmática sob a concepção de envelhecimento, o imaginário associado e a orientação paradigmática sob a concepção de formação de Policiais Militares ainda na ativa, levou à confirmação da tese que norteou o estudo: Policiais em nível intermediário, da Polícia Militar de Porto Alegre/RS têm concepções de envelhecimento, imaginário e concepção de formação profissional construídas com orientações paradigmáticas simplificadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Brasil Constituição da República, 1988. Constituição da República Federativa do Brasil, Brasília: Senado Federal, 1994.
2. Morin E. Noção de sujeito. *In* Schnitman D. Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad. Buenos Aires: Paidós; 1995.
3. Brasil Ministério da Justiça. Matriz Curricular Nacional. Secretaria Nacional de Segurança Pública. Brasília: Distrito Federal. 2004.
4. Paschoal SM. *In* Tratado de Geriatria e Gerontologia. Freitas EV, Py L, Néri AL, Cançado FAX, Gorzoni ML, Rocha SM.(orgs.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2002.
5. Chauí M. O Que é Ideologia. São Paulo: Brasiliense; 2001.
6. Néri A. (org). Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológica e sociológicas. São Paulo: Coleção Vivacidade; 2001.
7. Morin E. O método III. O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina; 1999.
8. Morin E. O Método IV: As Idéias. Porto Alegre: Sulina; 2002
9. Fraga CK, Mendes JM.R. e Cônsul JC. As situações de risco no trabalho policial: inventariando os fatores intervenientes nos acidentes de trabalho na POLÍCIA Militar/RS. *In* A (in)visibilidade da Segurança Pública: risco no trabalho, formação e políticas. Mendes JMR, Cônsul JCDP, Fraga CK. Porto Alegre: Santa Rita;2005
10. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Centro de Documentação e Disseminação de Informação. Estatística do Século XX [CD-ROM]/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE; 2003
11. Estimates and Projections of the Economically Active Population, 1996; Social Security Programs Throughout the World, 1999; World Population Prospects; 2002.
12. Papaleu Netto M. Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu; 1996.

13. Hayflick L. Como e porque envelhecemos. Rio de Janeiro: Campus; 1996.
14. Azevedo e Souza, 2007. Registro de sala de aula sobre Envelhecimento e Complexidade, realizada junto a alunos da disciplina Prática de Pesquisa I, no Curso de Mestrado em Gerontologia da PUCRS/IGG, no dia 16 de janeiro de 2007.
15. Morin E. Introdução ao Pensamento Complexo. Lisboa: Instituto Piaget; 1990.
16. Histórico da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Disponível em: <www.brigadamilitar.rs.gov.br>. Acesso em 07 de fevereiro de 2007.
17. Brasil, Decreto n. 88.777 – 30 set. 1983. Aprova o Regulamento para as Polícias e Corpos de Bombeiros Militares (R-200). Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília: 04 out. 1983.p.16.
18. Estado do Rio Grande do Sul, Lei Complementar n. 10.990, de 19 de agosto de 1997 –
Dispõe sobre o Estatuto dos Servidores Militares da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências.
19. Brasil, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Congresso Nacional, 1996.
20. Berne E. Análise Transacional em Psicoterapia. São Paulo: Summus; 1985
21. Penfield W. Memory Mechanisms. Archives of Neurology and Psychiatry. 67. 178-198;1952.
22. Penfield W, Jasper H. Epilepsy and the Functional Anatomy of the Human Brain. Boston: Little, Bruwn & Company; 1954.
23. Federn P. Ego Psychology and Psychoses. Nova York: Basic Books; 1952
24. Weiss E. Principles of Psychodynamics. Nova York: Grune & Stratton; 1950.
25. Berne, E. O Que Você Diz Depois De Dizer Olá?. A psicologia do destino. São Paulo: Nobel. 1988
26. Berne E. Os Jogos Da Vida. Análise Transacional e o relacionamento entre as pessoas. São Paulo: Nobel; 1995.
27. Le Doux J. Synaptic Self: How Our Brains Become Who We Are. New York: Penguin Putnam; 2002.
28. Hine J. Estruturas Cerebrais e Estados de Ego. Revista Brasileira De Análise Transacional. Ano XIII, nº 1, junho 2003. Ano XIII, nº 1, junho 2004. 59-80. São Paulo: UNAT-BRASIL; 2003/2004.

29. Balestreri R. Direitos Humanos coisa de política. Rio Grande do Sul: CAPEC; 2003.
30. Higgins M. Polícia e Política. São Paulo: Cortez; 1998.
31. Whoqol Group. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/psiq/whoqol.html>. Acesso em 06 março de 2007
32. Azevedo e Souza VB. *et al* O uso da Internet pelo idoso: superando preconceitos de improdutividade pela comunicação digital. *In*: Andi6n ML. (org.). Actas do Congresso Internacional Lusocom 2006. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela; 2006. pp. 3437-3455
33. C6cero MT. Saber envelhecer. Porto Alegre: L&PM; 2004.
34. Morin E. Cultura de massas no s6culo XX: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universit6ria; 2002.
35. Lawton PM. A multidimensional view of quality of life in frail elderly. *In*: Birren JE, Lubben JE, Rowe JC. e Deutchman DE. (orgs). The concept and measurement of quality of life in the frail elderly. San Diego: Academic Press; 1991.
36. Baillauqu6s S. Trabalho da Representa66es na Forma66o dos Professores. *In* Perrenoud P. *et al*. Formando professores profissionais: Quais estrat6gias? Quais compet6ncias? Porto Alegre: ARTMED; 2001.
37. Azevedo e Souza VB. A intelig6ncia em Edgar Morin: A complexidade viva.. *In*: Rodrigues EW. (Org.). Psicologia e Educa66o: fundamentos e reflex6es. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2004.
38. Altet M. As compet6ncias do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de a66o e adapta66o, saber analisar. *In*: Perrenoud P. *et al*. Formando professores profissionais: Quais estrat6gias? Quais compet6ncias? Porto Alegre: ARTMED; 2001, pp.23-34.
39. Paquay P, Wagner MC. Compet6ncias Profissionais Privilegiadas nos Est6gios e na Videoforma66o *In*: Perrenoud P. *et al*. Formando professores profissionais: Quais estrat6gias? Quais compet6ncias? Porto Alegre: ARTMED; 2001, pp.135-159.
40. Durand G. Campos do Imagin6rio. Lisboa: Instituto Piaget; 1996.
41. Silva J. As tecnologias do Imagin6rio. Porto Alegre: Sulina; 2003.
42. Brasil. Projeto Seguran6a P6blica Para o Brasil. Biscaia A.C., Mariano B.D., Soares, L.E., Aguiar, R.A.; Instituto Cidadania; Funda66o Djalma Guimar6es. Bras6lia: 2002
43. Maffesoli M. O imagin6rio 6 uma realidade. Revista FAMECOS. Porto Alegre: n. 15, ago 2001, pp. 74-81.

44. Morin E. Os Complexos Imaginários. *In*: Alfredo P-Veja *et al.* Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação. São Paulo: Cortez; 2003.
45. Featherstone M. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. Textos Didáticos. São Paulo: IFCH/UNICAMP; 1(13), mar. 1994, pp. 49-71.
46. Morin E. O método II. A vida da vida. Lisboa: Europa-América; 2002
47. Bauer M. e Gaskell G. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2001.
48. Flick U. Introdução à pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Bookman; 2004.
49. Penn G. Análise de imagens paradas. *In* Bauer M e Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2001.
50. Morin E. Cabeça bem feita. São Paulo: Bertrand do Brasil; 2003.
51. Beck A. *et al.* An inventory for measuring depression. Arch. Gen. Psychiatr; 1961.
52. Lesse. *In*: Ballone G.J. Ansiedade & Depressão, correlação entre elas. PsiqWeb Psiquiatria Geral. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/depansi.html>. Acesso em: 14 de julho de 2006.
53. Azevedo e Souza, Valdemarina Bidone de *et al.* Tornar-se autor do próprio projeto. *In* Grillo, Marlene e Medeiros, Marilú. A construção do conhecimento e sua mediação metodológica. Porto Alegre: EDIPUCRS; 1998
54. Haguette T.M. Metodologias Qualitativas Na Sociologia. São Paulo: Vozes; 2001.
55. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 1979.
56. Husserl E. A Idéia de Fenomenologia. Portugal: Edições 70; 1986
57. Merleau-Ponty M. Fenomenologia da Percepção. Rio de Janeiro: Freitas Bastos; 1971.
58. Morin E. O Método V: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina; 2005
59. Lyotard JF. La Fenomenologia. Barcelona, Paidós; 1989.
60. Hennemann MS. Fenomenologia e Psicologia em Amedeo Giorgi. *In*: Pesquisa em Serviço Social. Anais do Seminário sobre Pesquisa Fenomenológica nas Ciências Humanas e Sociais. Rio de Janeiro: ANPESS e CBCISS, 1990.

ANEXOS

ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O projeto de pesquisa tem como objetivo geral caracterizar a concepção de envelhecimento, de formação profissional e metas motivacionais futuras através de entrevistas, testes (Mini Mental e Beck) e observação durante a realização de sessões de análise e discussão. Nestas sessões o material coletado será analisado e discutido tendo como referência idéias de autores que trabalham sobre o tema. Os próprios respondentes participarão destas sessões sob a orientação da pesquisadora. Você tem a oportunidade de abandonar a pesquisa se assim o desejar, de fazer perguntas e pedir esclarecimentos sobre os procedimentos realizados e/ou interpretação dos resultados alcançados.

O benefício da participação na pesquisa será a oportunidade de refletir e reconstruir o que pensa sobre o fenômeno do envelhecimento, sobre sua formação profissional e metas motivacionais futuras, o que poderá auxiliar a investir esforços para busca de melhoria de qualidade de vida e um envelhecimento mais saudável.

Esta pesquisa também é importante por tratar de aspectos que poderão servir de subsídios para políticas de recursos humanos e educacionais na área de Segurança Pública.

Após ter recebido todas as informações relacionadas ao estudo eu, _____, portador da CI _____ certifico que a Sr^a Rosa Maria Gross de Almeida respondeu a todas as minhas perguntas sobre o estudo e minha condição, e eu, voluntariamente, aceito participar da pesquisa, pois reconheço que recebi uma cópia das informações ao participante, a qual li e compreendi por complexo, tendo sido informado sobre os objetivos e as razões que levam ao desenvolvimento do estudo. Recebi também informações sobre os procedimentos nos quais estarei envolvido, dos riscos e dos benefícios possíveis e sobre a possibilidade de retirar-me a qualquer momento.

Porto Alegre, de de

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

ANEXO 2: TABELAS

Tabela 1: Idade

Incidência	f	%
Intervalo		
30 – 39	02	9.09
40 – 49	19	86.36
50 – 59	01	4.54
Total	22	100

Tabela 2: Estado Civil

Incidência	f	%
Estado Civil		
Casados	11	50
Solteiros	04	18.18
Divorciados	02	9.09
Separados	02	9.09
Outros	03	13.63
Total	22	100

Tabela 3: Escolaridade

Incidência Escolaridade	<i>f</i>		%	
	I	C	I	C
	00	09	00	40.90
Ensino Médio	06	03	27.27	13.63
Ensino Superior	00	04	00	18.18
<hr/>				
Pós- Graduação				
<hr/>				

Tabela 4 Tipos de cursos

Incidência Ênfase dos cursos	<i>f</i>	%
Técnica Operacional	17	77.27
Cultura Geral	07	31,81
Pedagógica	02	9.09
Recursos Informatizados	03	13.63
Outro	01	4.54
Total	22	

Obs: Alguns assinalaram em duas opções.

Tabela 5: Tempo no exercício da função policial

Incidência Tempo na Função	f	%
16 – 20	06	27.27
21– 25	13	59.09
26 – 30	03	13.63
Total	22	100

Tabela 6: Tempo em Policiamento Ostensivo

Incidência Tempo no Polic. Ostensivo	f	%
01 – 05	05	22.72
06– 10	05	22.72
11 – 15	02	9.09
16 -20	05	22.72
20 -25	05	22.72
Total	22	100

Tabela 7: Presença de doenças crônicas

Incidência Doenças Crônicas	<i>f</i>	%
Não	18	81.81
Sim	03	13.63
Total	22	100

Obs. 1 (4,54%) não informou

Tabela 8: Uso de Medicação

Incidência Uso de medicação	<i>f</i>	%
Não	17	77.27
Sim	04	18.18
Não informou	01	4.54
Total	22	100

Tabela 9: Internação para tratamento emocional

Incidência Internação tratamento emocional	<i>f</i>	%
Não	21	95.45
Sim	01	04.54
Total	22	100

Tabela 10: Psicoterapia

Incidência Psicoterapia	<i>f</i>	%
Não	19	86.36
Sim	03	13.63
Total	22	100

Tabela 11: Escores no Inventário de Beck

Escore \ Incidência	<i>f</i>	%
0	03	14,2
1	04	19
2	01	4,7
5	02	9,5
6	02	9,5
7	05	23,8
8	02	9,5
12	01	4,7
20	01	4,7
Total	21	100

ANEXO 3: COMITÊ DE ÉTICA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E POS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP - PUCRS



Ofício nº 606/05-CEP

Porto Alegre, 15 de julho de 2005.

Senhor(a) Pesquisador(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa intitulado: "Concepção de envelhecimento e interdependências: um estudo junto a policiais idosos aposentados e policiais na ativa".

Sua investigação está autorizada a partir da presente data.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Délio José Kipper

COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)
Dout Rosa Maria Gross de Almeida
N/Universidade

ANEXO 4: ARTIGO PÚBLICADO

O PAPEL DO IMAGINÁRIO NA CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO: UM ESTUDO JUNTO A POLICIAIS MILITARES

Rosa Maria Gross de Almeida

Doutoranda em Gerontologia Biomédica

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ Instituto de Geriatria e Gerontologia

Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar HSL CEP: 90610-000

Brasil- Porto Alegre – RS

(51)33203288 – Ramal: 217

rosaalmeida@via-rs.net

Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza

Doutora em Educação

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ Instituto de Geriatria e Gerontologia

Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar HSL CEP: 90610-000

Brasil- Porto Alegre – RS

(51)33203288 – Ramal: 217

valde@puocrs.br

RESUMO

Este artigo trata sobre a concepção de envelhecimento e o imaginário a ele associado por parte de profissionais da área da Segurança Pública. Os aportes trazidos por esta pesquisa significam efetiva contribuição ao cuidado com os profissionais policiais através de dados que aumentem a compreensão de suas concepções em meio ao seu fazer profissional, compreensão do ser humano que exerce este fazer e como o exerce, cumprindo a que metas motivacionais pessoais e a que imaginário. O estudo foi desenvolvido numa abordagem qualitativa, numa perspectiva dialógica, junto a um grupo de 22 alunos de curso de formação de nível intermediário de uma Polícia Militar brasileira com, em média, 20 anos na profissão e idade superior a 35 anos. Os principais resultados do estudo apontam para concepções de envelhecimento associadas a um imaginário com características simplificadoras.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento, imaginário, Segurança Pública, policiais.

INTRODUÇÃO

A concepção de envelhecimento tem sido permeada pela valorização de aspectos estéticos associados à beleza do corpo. A estética oferece a possibilidade de uma incursão ao imaginário, permitindo olhar de frente o que causa temor, como a aproximação da finitude (MORIN, 2002), os sinais do envelhecimento.

O homem acostumou-se a associar beleza à vida e, à medida que se depara com modificações corporais em decorrência do envelhecimento, não lhe é mais possível deixar de perceber o distanciamento do ideal estético corporal e o receio da degeneração ganha espaço. A percepção de si como ser humano se modifica, sua visão sobre suas próprias possibilidades e potencialidades se curva sob o peso de fantasmas criados e alimentados em seu imaginário. “É o homem e a mulher que não querem envelhecer, que querem ficar sempre jovens para sempre, se amarem e sempre desfrutarem do presente.”(MORIN, 2002 p.152)

Assim sendo, olhar a velhice significa olhar a si próprio como “sujeito de morte anunciada (...) testemunhos da finitude, da transitoriedade, e da morte.” (FONSECA, 2001)

A autoridade antes conferida à velhice como experiência de vida, sabedoria, discernimento, perdeu espaço para a novidade, agilidade, audácia, num movimento que Morin chama de “degerontocratização” (MORIN, 2002, p.148). O ganho em respeitabilidade, prestígio, atenção, que surgiam como substitutos das perdas especialmente físicas, decorrentes da idade, não mais estão presentes. “A velhice fica como que desligada, rejeitada para fora do curso real da vida.” (MORIN, 2002, p.148) O resultado termina por constituir a busca desesperada pelo impossível: permanecer jovem, belo e ser eterno.

No Brasil, a ampliação da expectativa de vida tem resultado em crescente número de idosos, o que esbarra no despreparo do país diante deste quadro e na necessidade de pesquisas e ações condizentes.

Embora iniciativas legais importantes para a consolidação da cidadania dos idosos tenham ocorrido recentemente, se faz presente o paradoxo: se de um lado ampliam-se as possibilidades de valorização do idoso, por outro convive-se ainda com a marginalização da velhice (CASTRO, 2001).

Se a Gerontologia, como área do conhecimento, ainda carece de produção científica, esta carência se potencializa quando se refere ao envelhecimento daqueles que trabalham na área da Segurança Pública, os policiais. Estes, no desempenho de suas tarefas, confrontam-se diariamente com a crescente violência e com os ideais de vigor físico, força e audácia. Ante o próprio envelhecimento e com a aposentadoria, convivem com a perda das condições destes ideais, associada à perda da referência identitária (FONSECA, 2001) representada por esta profissão, com suas conseqüências sobre a qualidade de sua vida. Segundo Moragas (1997), um dos fatores de risco ao equilíbrio psíquico no envelhecimento são as frustrações e a perda do sentido da vida.

Hoje, devido à importância e atualidade dos problemas relacionados ao já referido aumento da população idosa e da crise na Segurança Pública, muito se pesquisa e escreve sobre os índices sinalizadores de impactos sociais, da violência e das tentativas de compreensão destes fenômenos. Sobre o profissional de Segurança Pública, sobre o sujeito/indivíduo que exerce a função

de policial, pesquisas têm sido feitas, especialmente têm concentrado seu foco nos profissionais ainda na ativa, sem ocupar-se daqueles já aposentados.

Se buscássemos resumir os objetivos do trabalho que vem sendo realizado junto aos profissionais de Segurança Pública nos últimos anos, diríamos que se trata da criação de uma “Polícia Cidadã”, que não apenas obedeça aos preceitos de Direitos Humanos, mas seja deles promotora: “Cabe-lhes, muito além, *co-protagonizar a promoção dos direitos humanos*, cômicos de que são agentes proponentes de uma cultura moral (que em muito transcende – sem negar - a mera realidade), balizadores imprescindíveis das condutas coletivas, contenedores de desvios individuais e grupais que atacam os direitos e garantias do conjunto da sociedade e das pessoas dos cidadãos” (BALESTRERI, 2004 p. 50). Isto passa pela construção pessoal de sujeitos/indivíduos autônomos/dependentes, com concepções, crenças, convicções (MORIN, 1995) que exercem a profissão, mas não só por eles, também pela reconstrução institucional.

No desenvolvimento das atividades de formação destes profissionais vem sendo fortalecida, pela Matriz Curricular Nacional de Formação para Profissionais da Segurança Pública/Ministério da Justiça/Brasil, a idéia da importância destes profissionais, cuidadores pouco ou nunca cuidados, avós, pais, mães, filhos, filhas, irmãos, enfim, pessoas que, possivelmente na maior parte do tempo, não são vistas e não se vêem, como tal.

Profissionais que cuidam de outros seres humanos precisam ser também cuidados, e esta é uma necessidade de profissionais policiais que arriscam suas vidas no cuidado com a sociedade. A aproximação com eles tem mostrado que há carência de cuidados do ponto de vista emocional e de capacitação adequada ao desempenho seguro de sua função. Os cursos de formação não têm incluído conteúdos sobre qualidade de vida. Ao contrário, em grande parte deste país, os policiais encontram-se imersos numa realidade que os desumaniza, os destitui de sua condição de seres humanos com necessidades que pedem atenção. Se as instituições pouco se ocupam daqueles que ainda estão no exercício de sua função, menos ainda daqueles que já estão fora dela, seguindo uma cultura de coisificação (CHAUÍ, 2001), de descarte daqueles já considerados improdutivos.

Junto a profissionais da Segurança Pública foi desenvolvida uma pesquisa tendo, como objetivo principal, conhecer sua concepção de envelhecimento e o imaginário a ele associado, entendendo-se que o aprofundamento do conhecimento sobre as próprias concepções assume uma relevância inestimável para mudanças nos pensamentos, nas ações e nas atitudes em relação à própria vida.

Os profissionais que dela participaram são policiais militares que, por estarem encarregados do policiamento ostensivo, estão mais expostos ao risco, à violência e às suas conseqüências. Este estudo tem caráter de ineditismo na área da Gerontologia e da Segurança Pública no Brasil e, com os aportes vindos dele, entende-se estar dando uma efetiva contribuição no cuidado com estes profissionais.

METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido numa abordagem dialógica junto a um grupo de 22 policiais militares, alunos de curso de formação de nível intermediário de uma Polícia Militar brasileira com, em média, 20 anos na profissão e idade superior a 35 anos.

Estes alunos, concluído o curso, ocuparão posto de nível intermediário na hierarquia policial militar, posto este considerado o elo de ligação entre os Oficiais Gestores da Instituição e a tropa, diretamente envolvida com a população.

A opção pelo tempo de serviço igual ou superior a 20 anos, deve-se ao fato de estes profissionais terem atualmente a possibilidade de se aposentarem aos 30 anos de trabalho. Assim, o corte em 20 anos significa um mínimo de 2/3 de tempo na ativa e a possibilidade dos respondentes terem no mínimo 35 anos.

A opção por 22 participantes mantém-se dentro dos limites considerados na literatura consultada para a realização de atividades de coleta de dados em nível coletivo, pela possibilidade de saturação dos dados, critério de confiabilidade e relevância, o que encontra suporte em Flick (2004), que apoiado em Glaser e Strauss, denomina de “amostragens teóricas” as que podem ser tomadas, quando se pretende comparar sem ter como base uma amostragem estatística. Os participantes foram selecionados de acordo com o que é esperado de dados emergentes para o conhecimento que está sendo construído (FLICK, 2004) e foi a construção do corpus (indicador de confiabilidade e relevância) o princípio que permitiu uma coleta sistemática de dados o que exigiu transparência nos procedimentos e nos critérios utilizados.

O tamanho da amostra permitiu atender à evidência de saturação (quando os registros não trouxeram mais novidade), pois a generalização pretendida foi a analítica (análise teórica), o que significa que os resultados encontrados foram referentes à amostra investigativa e podem ser transpostos para novos contextos sob a forma de hipóteses (BAUER e GASKELL, 2001).

A estes policiais foi aplicado um questionário sendo que, dentre as perguntas, uma solicitava-lhes a que citassem objetos ou descrevessem imagens às quais associavam o fenômeno do envelhecimento.

A análise dos dados sobre a concepção de envelhecimento foi realizada a partir da identificação das unidades estruturais e posterior classificação em dimensões e a análise das imagens associadas por meio de análise semiótica (PENN, 2001)

RESULTADOS E SUA DISCUSSÃO

Nas respostas obtidas, foram associadas ao envelhecimento imagens como “um ótimo vinho, que quanto mais velho melhor é o seu paladar e ensinamentos”, “um bom livro”, “descanso à beira mar”, denotando visão positiva associada a este fenômeno inerente à vida.

Em pesquisa realizada por Azevedo e Souza e Luzzi (2004), sobre imaginário associado ao envelhecimento, junto a profissionais que trabalham na área da Gerontologia também foram mencionadas imagens, associando este fenômeno ao vinho e a aspectos da natureza. Estas autoras sugerem que a presença da imagem do vinho parece trazer a idéia implícita de sabedoria: “quanto mais velho melhor” e que a referência a um cenário (beira mar/movimento) associado ao descanso

(imobilidade) pode significar, ao mesmo tempo, tranqüilidade. As imagens “cadeira de balanço, “parada no tempo” ou “barco naufragado há noventa anos” (como foi mencionado por sujeitos da presente pesquisa), sugerem a idéia de uma relativa imobilidade, que talvez signifique a espera da morte.

Para Morin (1970), a espera da morte representa a possibilidade de inquietude e horror diante da decomposição do corpo e da perda de uma individualidade sentida como presente e reconhecida, pois após a morte, com o passar do tempo surge a indiferença.

Em uma realidade onde a imagem institucional da Segurança Pública passa por crescente perda da sua credibilidade (AZEVEDO E SOUZA et al. 2006), a confluência entre uma imagem profissional e uma imagem a respeito de seu próprio envelhecimento negativas, construídas numa associação entre acontecimentos cotidianos e imaginário individual e coletivo, pode auxiliar na explicação do fortalecimento de aspectos culturais duplamente preconceituosos: ser polícia e ser velho.

Estes profissionais policiais, seres humanos cujos corpos e espíritos vão sofrendo mudanças através do tempo, ao chegarem à aposentadoria subitamente se defrontam com sinais das profundas descontinuidades que foram acontecendo sem que delas se apercebessem. Ao perderem a identidade profissional policial, que os acompanhou vinte quatro horas por dia durante trinta anos, podem perder também a sensação de pertencimento, produtividade e valor. Por outro lado, não se reconhecem como cidadão comum e, em muitos casos, a resposta da sociedade ao declínio biológico, a desvalorização da velhice e os preconceitos com estes profissionais, colabora para jogá-los num “limbo”, um espaço sem definição: não são mais policiais que foram, e tão pouco se sentem integrados na sociedade civil. Situações desta natureza podem gerar alto nível de estresse (LAZAETA, 1994) e a evolução deste para a ansiedade (LESSE, 1982) e desta para a depressão (ROTH e COLS. 1982). A indissociabilidade entre ansiedade e depressão também é mencionada por Strian e Klicpera (1984).

Na presente pesquisa o envelhecimento foi também associado à “falta de motivação”, “sedentarismo”, “estagnação”, “rejeição”, “solidão”, componentes que sugerem potencial para o desenvolvimento de processos depressivos, processos que se desencadeiam a partir de causas psicológicas, sociais e culturais, todas elas presentes à realidade do envelhecimento destes profissionais.

Do ponto de vista psicológico, a depressão significa auto-rejeição e a não aceitação da velhice (LOURES e GOMES, 2006) pelas perdas das funções do ego que acarreta. Em linguagem psicanalítica, trata-se da “depressão involutiva” ligada às perdas não só de pessoas e de situações, a aposentadoria aqui se incluindo, mas também de atributos do ego tais como força, agilidade, agilidade de raciocínio, entre outros. (ZIMERMAN, 1999).

Imagens mencionadas pelos sujeitos da pesquisa, mostrando a associação do envelhecimento com doenças, bengalas, solidão, ferrugem, rugas, podridão e instituição geriátrica (que no Brasil recebe uma conotação pejorativa de abandono) revelam um significado de envelhecimento perpassado por uma simplificação, constituindo estereótipo, preconceitos e sentimentos negativos, expressão dos arquétipos nos quais se alimenta a visão da realidade e de si

próprios. Provavelmente será sobre estas imagens que construirão sua velhice. Este processo progride e se firma porque os arquétipos são permanentemente retroalimentados pelas concepções a partir deles construídas, criadores e criaturas do imaginário que exalta, de um lado, valores de juventude e beleza e, de outro, associa a velhice com sentimentos negativos de perda, desvalorização e morte. Esta simplificação apresenta-se principalmente articulada às dimensões biológica, psicossocial e cultural, estando este imaginário marcado pela presença de aspectos biológicos limitantes, estereotipados e ligados à finitude.

O imaginário faz os fenômenos serem o que são, pois fazem parte de uma construção histórica e de uma cultura resultante de uma atmosfera em constante produção de imagens (MAFFESOLI, 2001).

As imagens associadas ao fenômeno do envelhecimento, por sua vez, fazem parte das concepções de mundo, alimentando-se e sendo alimentadas por conhecimentos elaborados a partir de outros princípios de organização do pensamento, resultando em outras imagens e em ações sobre a realidade compatíveis com elas, uma vez que o imaginário apresenta “um elemento racional, ou razoável, mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas” (MAFFESOLI, p. 76, 2001).

O imaginário representa a relação entre os limites que a sociedade e que a própria vida, enquanto realidade objetiva, impõe à subjetividade. “Nisso entra, ao mesmo tempo, algo sólido, a vida com suas diversas modulações, e alguma coisa que ultrapassa essa solidez. Há sempre um vaivém entre as intimações objetivas e a subjetividade. Uma abre brechas na outra”. O imaginário é uma construção mental, social e do espírito, do pensamento racional e não racional que se nutre das realidades, as enriquece e ultrapassa, impregna o coletivo, estabelece laços; ele é individual/coletivo; produz imagens que, ao mesmo tempo contribuem para a sua formação e transformação e, embora cada indivíduo viva este imaginário a partir de suas idiossincrasias, ele permanece sendo um fenômeno grupal, tribal, partilhado, trazendo a sensação de fazer parte de algo, de partilhar, “funciona pela interação, pela vibração comum e pela sensação partilhada”. é o “estado de espírito de um grupo”, um “cimento social” em que o individual assume a forma de um reflexo grupal (MAFFESOLI, p. 80, 2001).

A importância do imaginário para os seres humanos depende em parte de necessidades, sonhos, desejos, idéias, imagens, fantasias que fazem a conexão com o mundo exterior. As concepções humanas vivem e se nutrem do imaginário, ao mesmo tempo que o alimentam. (MORIN, 1999)

O imaginário e as concepções são configurações originais, que formam uma unidade engendrada por um espírito humano, num determinado espaço e tempo (MORIN, 1999).

Concepções simplificadoras de envelhecimento nascem do espaço deixado pela desinformação, pela ausência (no caso) de uma educação gerontológica que permita compreender este fenômeno como parte do desenvolvimento do ser humano, como processo onde perdas existem, mas também há possibilidade de qualidade de vida.

A concepção de envelhecimento transforma o que o homem conhece sobre este fenômeno em pensamento, sentimentos e se traduz em ações de vida. Assim sendo, a construção da velhice com qualidade pode ser prejudicada quando estes pensamentos e sentimentos são carregados de negatividade sobre esta fase da vida. “Uma boa velhice é uma recompensa, não um direito automático. Só chegaremos a ela encarando com a mente clara e aberta a perspectiva de envelhecer.” (STUART-HAMILTON, p. 194, 2002)

As concepções humanas constituem um fenômeno complexo tecido numa rede de intra e inter-relações que, ao serem conhecidas, auxiliam na compreensão da realidade e do plano imaginário. O modo como é pensado o envelhecimento inventa e constitui este fenômeno (FONSECA, 2001), ocultando as possibilidades de uma vida que se constrói em uma realidade onde, a própria transitoriedade pode significar “a possibilidade de reinventar a vida a partir da finitude das formas e da desterritorialização subjetiva. A produção da existência como um *work in progress*.” (FONSECA, 2001)

Como muitas são as dimensões envolvidas no processo de constituição do imaginário sobre o envelhecimento e das concepções que dele resultam, é complexo o processo da passagem de uma visão simplificadora deste fenômeno para uma visão de complexidade que leva a conviver com a ambivalência que a realidade do envelhecimento comporta, especialmente dentro de uma sociedade que se alimenta e é alimentada por ideais sedimentados no visual, superficial e “fast”. Entretanto, entre indivíduo e sociedade existe uma relação interacional e isto permite pensar na possibilidade de informar, refletir, atuar sobre, transformar e ser transformado ao transformar-se, como co-criador desta sociedade, com o direito e o compromisso de construir no presente a possibilidade de um envelhecimento com qualidade.

Como bem disse Cícero, “[...] os que não obtêm dentro de si os recursos necessários para viver na felicidade acharão execráveis todas as idades da vida. Mas todo aquele que sabe tirar de si próprio o essencial não poderia julgar ruins as necessidades da natureza. E a velhice seguramente faz parte delas! Todos os homens desejam alcançá-la, mas ao ficarem velhos, se lamentam.” (p.09, 2004)

A qualidade de vida na velhice é resultado de um processo com muitas causas, biológicas, sociais, psicológicas, entre outras. Compreendê-las significa a possibilidade de mudar concepções sobre esta etapa da vida, vendo e vivendo o envelhecimento como um processo universal e, ao mesmo tempo único, pelas diferenças genéticas e de experiência de vida (MORAGAS, 1997) mas, sobretudo, como um momento com possibilidades a serem atualizadas.

Esta consciência precisa ser recuperada, para ser recuperado também o sentido do envelhecimento e do trabalho dos profissionais de Segurança Pública, para iluminar o caminho na busca da longevidade com qualidade e de uma concepção de envelhecimento onde não mais se tome a decrepitude como inevitável, mas que traduza a infinita potencialidade do ser humano para construir estratégias, em direção ao melhor de si mesmo.

Esta consciência – com/ciência – possibilita o apropriar-se da construção do futuro. Significa olhar a si mesmo como sujeito, mesmo quando deparado com estruturas que sugerem o mero descarte daqueles considerados “improdutivos. Talvez valesse a pena refletir sobre as causas

da violência partindo daí, da forma como o *status* de seres humanos está perdendo espaço e significado. A dimensão que este tema assume na atualidade brasileira talvez propicie à reflexão sobre a violência contida nas soluções conjuntas adotadas na cultura perversa de descartê, de “descontinuidade estrutural”.

A Segurança Pública brasileira está em crise o que tem significado um acréscimo de incertezas e de ameaças aos seus profissionais policiais e uma diminuição de sua expectativa de sobrevivência. Neste cenário, ocupar-se com a construção de um envelhecimento com qualidade significa vencer o importante desafio de mudanças no contexto nacional de formação, através da reconstrução de sua configuração, passando a incluir conteúdos diretamente relacionados à natureza humana. Do contrário, como formar profissionais que tenham interesse em preservar a vida humana se eles mesmos não são considerados em sua humanidade? Como preparar o envelhecimento como processo saudável num ambiente cruel e de risco?

Azevedo e Souza e Luzzi (2004), com base em Stallings e colaboradores, alertam que, no caso de concepções sobre o envelhecimento não serem questionadas teoricamente, há a possibilidade de que sejam consolidadas concepções de si mesmo como alguém desprovido de capacidades à medida em que este fenômeno se manifeste. É possível pensar que concepções desta natureza, construídas em íntima relação com a profissão escolhida, têm impacto direto e podem influenciar as atitudes não só em relação à vida, mas também em seu desempenho profissional, resultando em descuido com a própria saúde e segurança.

Isto pode levar a que estes profissionais deixem de investir esforços em conhecimento sobre a possibilidade de um envelhecimento com qualidade de vida perdendo, conseqüentemente a curiosidade intelectual associada ao interesse e à atenção, à necessária atualização do conhecimento e reforçando a desvinculação de preconceitos e estereótipos a respeito do envelhecimento. Desta forma, correm o risco de não incluírem o sentimento da esperança de um envelhecimento saudável em seu projeto de vida, pela desarticulação com uma visão de envelhecimento em sua interdimensionalidade e com sentimentos favoráveis em relação a ele (AZEVEDO E SOUZA E LUZZI, 2004).

Na realidade policial brasileira, a consciência da necessidade da inclusão de aspectos gerontológicos hoje se faz presente formalmente na forma de uma disciplina desenvolvida apenas num curso de formação de policial, no Estado de Minas Gerais. As Universidades, entretanto, começam a despontar como produtoras de conhecimento sobre formação em Segurança Pública (Universidade Fluminense, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) associada a aspectos gerontológicos (Pontifícia Universidade Católica RS).

Inserido nesta problemática, surge o desafio de uma formação profissional policial no Brasil que desenvolva uma cosmovisão, que inclua em sua transversalidade aspectos gerontológicos importantes para a vivência de uma profissão e de um envelhecimento com maior dignidade e qualidade.

Os profissionais de Segurança Pública cumprem importante papel pedagógico junto à sociedade (BALESTRERI, 2003) e, para isto, precisam estar preparados. Numa sociedade em

processo de “desgerontização”, onde o sonho por encontrar a “fonte da juventude” se associa à tentativa de afastar tudo o que representa senescência, incluindo as pessoas senescentes, faz parte deste preparo receber educação gerontológica que lhes permita rever e reavaliar suas concepções sobre seu próprio envelhecimento e como estas se foram construindo a partir do imaginário social.

Como disse Cícero, “pretender resistir à natureza não teria mais sentido do que querer – como os gigantes- guerrear contra deuses.” (p.10, 2004) Entretanto, é esta a luta na qual aqueles que envelhecem estão consumindo suas energias, lutando para permanecerem jovens. Com isto a senescência, que pode vir acompanhada de novas possibilidades de gratificação, chega como prenúncio de impossibilidades e perdas, mais uma vez alimentando o imaginário que a isto a reduziu. Esta recursividade precisa ser rompida por uma concepção complexa deste fenômeno, concebendo-o como processo permanente de construção/desconstrução/reconstrução, envolvendo sujeitos, ambiente e mediações entre eles.

CONCLUSÕES

Estudos que tragam compreensão sobre a concepção de policiais a respeito do envelhecimento significam importante aspecto motivacional para a construção de uma identidade policial cidadã contemporânea, que inclua a melhoria da qualidade de vida.

Identificar concepções simplificadoras de envelhecimento e perceber sobre que imaginário se foram construindo, é condição para qualquer intervenção que vise à transformação e possibilite olhar este processo, inerente à natureza viva, como portador de limitações e possibilidades, compreendendo-o a partir de uma visão sistêmica, que esclareça sobre sua “arquitetura complexa” construída sobre dimensão não só biológica, mas também sociológica, psicológica, cultural, educacional.

No caso dos entrevistados da presente pesquisa, cuja profissão que exercem está essencialmente associada ao desempenho físico, as conseqüências que decorrem de uma visão distorcida de envelhecimento trazem conseqüências que podem estar traduzidas em várias formas de desajustes pós-aposentadoria. Impende a inclusão de educação gerontológica na formação profissional, educação que permita o conhecimento das próprias concepções para que sejam oferecidas condições para mudanças nos pensamentos, nas ações e nas atitudes em relação à própria vida. Sem esta possibilidade, o espaço ocupado pelo imaginário se reforça pela ausência da informação qualificada e estes profissionais, que seguem sendo cuidadores descuidados em seu presente como em seu futuro.

Por tudo isto e especialmente no que se refere à Gerontologia associada ao mundo policial, torna-se necessária uma atenção, por parte de Programas de Pós-Graduação em Gerontologia, para a realização de pesquisas que objetivem conhecer a realidade para sustentar possíveis alternativas que auxiliem na longevidade com qualidade de vida de profissionais que atuam na área da Segurança Pública e que vivem em constante e intensa tensão frente a conflitos sociais. Estas pesquisas, entretanto, precisarão incluir dados não só quantitativos, pois as perspectivas qualitativas têm excelente contribuição a dar em relação a aspectos não explicáveis a partir de teorias essencialmente calcadas em variáveis passíveis de quantificação.

A implementação de políticas públicas que atendam às necessidades próprias ao envelhecimento e que forneçam condições para que seja vivido com qualidade, não só pelos profissionais de Segurança Pública, mas para a população em geral, é um desafio para a realidade brasileira.

Este é um **caminho** a ser percorrido, um **processo** a ser vivido e alimentado, tanto pelos profissionais/sujeitos quanto pelas instituições. A **busca** é a aproximação cada vez maior à concretude e riqueza de possibilidades da qualidade de vida, quando liberta das visões simplificadoras que a reduzem. Estes profissionais, como todos, têm direito a que lhes sejam dadas condições à construção de suas vidas. O **resultado**, a percepção da responsabilidade de cada um como sujeitos/atores que são e a construção de condições que garantam qualidade. O **ganho** maior, será da sociedade como um todo, tendo sido devolvida a condição de seres humanos a estes que a servem e protegem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- FONSECA, T.M.G. Prefácio - Envelhecer: Evolução ou Involução. In: CASTRO. O.P. (org). **Envelhecer: um encontro inesperado?** Sapucaia do Sul: Notadez, 2001.
- CASTRO. O.P. Sobre a vida: envelhecer no tempo e no espaço. In: CASTRO. O.P. (org) **Envelhecer: um encontro inesperado?** Sapucaia do Sul: Notadez, 2001.
- MORAGAS, R.M. **Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.
- BALESTRERI, R.B. **Direitos humanos, segurança pública e promoção da justiça**. Passo Fundo: Berthier, 2004.
- MORIN, E. Noção de Sujeito. In Schnitman, D. **Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad**. Buenos Aires. Piados; 1995.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FLICK, U. **Introdução a pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- BAUER, M e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PENN, G. Análise de imagens paradas. In BAUER, M e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 319 a 342.
- AZEVEDO E SOUZA, V. e LUZZI, L. L'interdépendence entre imaginaire social et conception humaine. **Anais do Colloque AISLF L'individu social. Autres réalités, autre sociologie?** Tours/France; CR9, 2004.
- MORIN, E. **O homem e a morte**. Lisboa: Europa-América; 1970.
- LAZAETA, C.B. Aspectos sociales del envejecimiento. In: SILVA, I.R. e GÜNTHER, I.A. Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. V. 16, nº1. Jan-abr, 2000.

- LESSE. In: BALLONE, G.J. Ansiedade & Depressão, correlação entre elas. **PsiquWeb Psiquiatria Geral**. Disponível em:<<http://www.psiqweb.med.br/depani.html>> Acesso em: 14 de julho de 2006.
- ROTH E COLS. In: BALLONE, G.J. Ansiedade & Depressão, correlação entre elas. **PsiquWeb Psiquiatria Geral**. Disponível em:<<http://www.psiqweb.med.br/depani.html>> Acesso em: 14 de julho de 2006.
- KENDELL. In: BALLONE, G.J. Ansiedade & Depressão, correlação entre elas. **PsiquWeb Psiquiatria Geral**. Disponível em:<<http://www.psiqweb.med.br/depani.html>> Acesso em: 14 de julho de 2006.
- STRIAN e KLICPERA. In: BALLONE, G.J. Ansiedade & Depressão, correlação entre elas. **PsiquWeb Psiquiatria Geral**. Disponível em:<<http://www.psiqweb.med.br/depani.html>> Acesso em: 14 de julho de 2006
- LOURES, C. e GOMES, L. Prevalência da depressão entre os alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade, Universidade Católica de Goiás, no início e no término do seu curso. In: FLAUIROS, V.P. e LOUREIRO, A.M.L. (orgs). **Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz**. Brasília: Universa, 2006.
- ZIMERMAN, D. **Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- CÍCERO, M.T. **Saber envelhecer**. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- MAFFESOLI, M. O Imaginário é uma realidade. Revista **FAMECOS**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- MORIN, E. O Método 3: O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- STUART-HAMILTON, I. **A Psicologia do Envelhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BALESTRERI, R. **Direitos Humanos: Coisa de Polícia**. Passo Fundo: Berthier, 2003.
- SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 1999.

ANEXO 5: APRESENTAÇÃO



CONCEPÇÕES DE ENVELHECIMENTO

GERONTOLOGIA

ESTUDO DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DE TODAS AS COISAS VIVAS NOS ASPECTOS:

BIOLÓGICO;
SOCIOLÓGICO;
PSICOLÓGICO;
EDUCACIONAL;
CULTURAL...

TEORIAS BIOLÓGICAS:

1- ENVELHECIMENTO COMO RESULTADO DE:

- **SUBSTÂNCIA VITAL;**
- **EXAUSTÃO REPRODUTIVA;**
- **MUTAÇÃO GENÉTICA**



2 - ENVELHECIMENTO COMO RESULTADO DE EVENTOS NÃO PROGRAMADOS:

- **NEUROENDÓCRINA;**
- **DESGASTE;RITMO DE VIDA;**
- **ACÚMULO DE RESÍDUOS**
- **RADICAIS LIVRES...**



ALGUNS EXEMPLOS DESTAS TEORIAS:

- **ATIVIDADE**
- **CONTINUIDADE**
- **COLAPSO DE COMPETÊNCIA**
- **TROCA SOCIAL**
- **MODERNIZAÇÃO**
- **CURSO DE VIDA**
- **CRÍTICA...**



TEORIAS PSICOLÓGICAS

- **PERSPECTIVA DO CICLO DE VIDA**
- **PERSPECTIVA DO CURSO DE VIDA**
- **PERSPECTIVA LIFE-SPAN**



FORMAÇÃO



Processo:

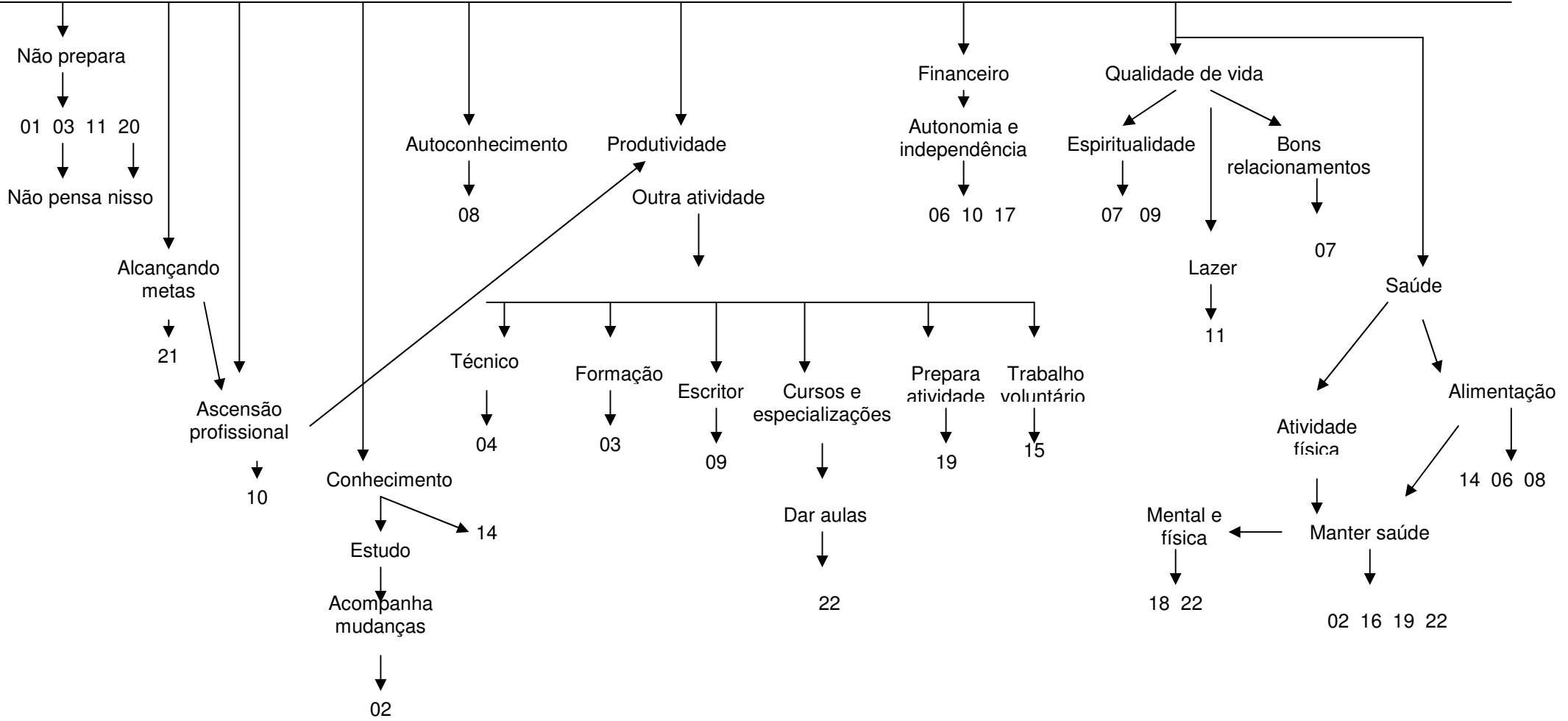
- a) de aquisição e de reconstrução de saberes para intervir na sociedade;**
- b) como oportunidade para repensar o próprio posicionamento ético e político;**

Processo:

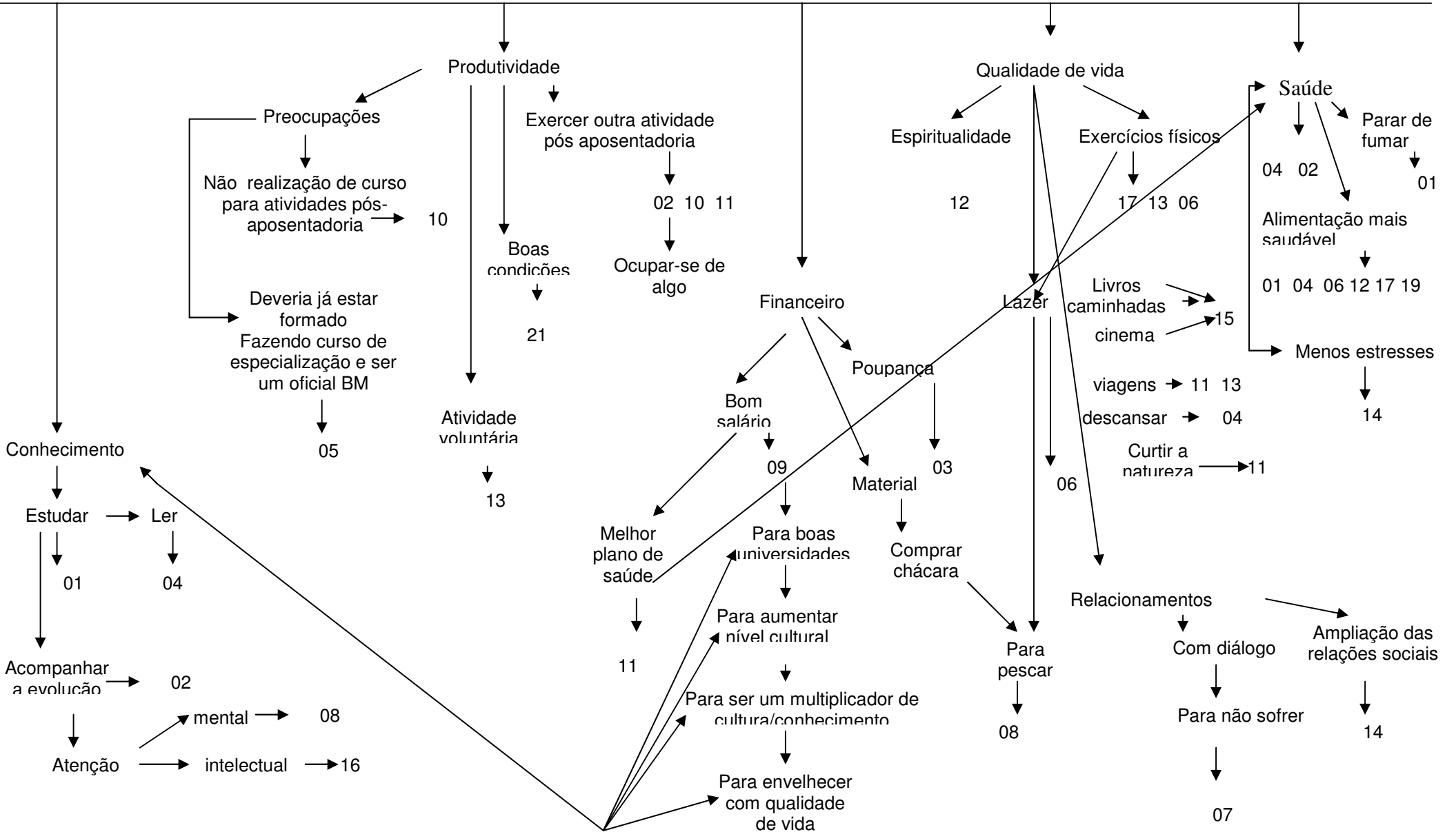
- c) de análise e aprimoramento da prática;**
- d) como espaço para partilha e debate de formas diferentes de trabalhar;**
- e) de discussão sobre questões complexas das situações enfrentadas no trabalho.**



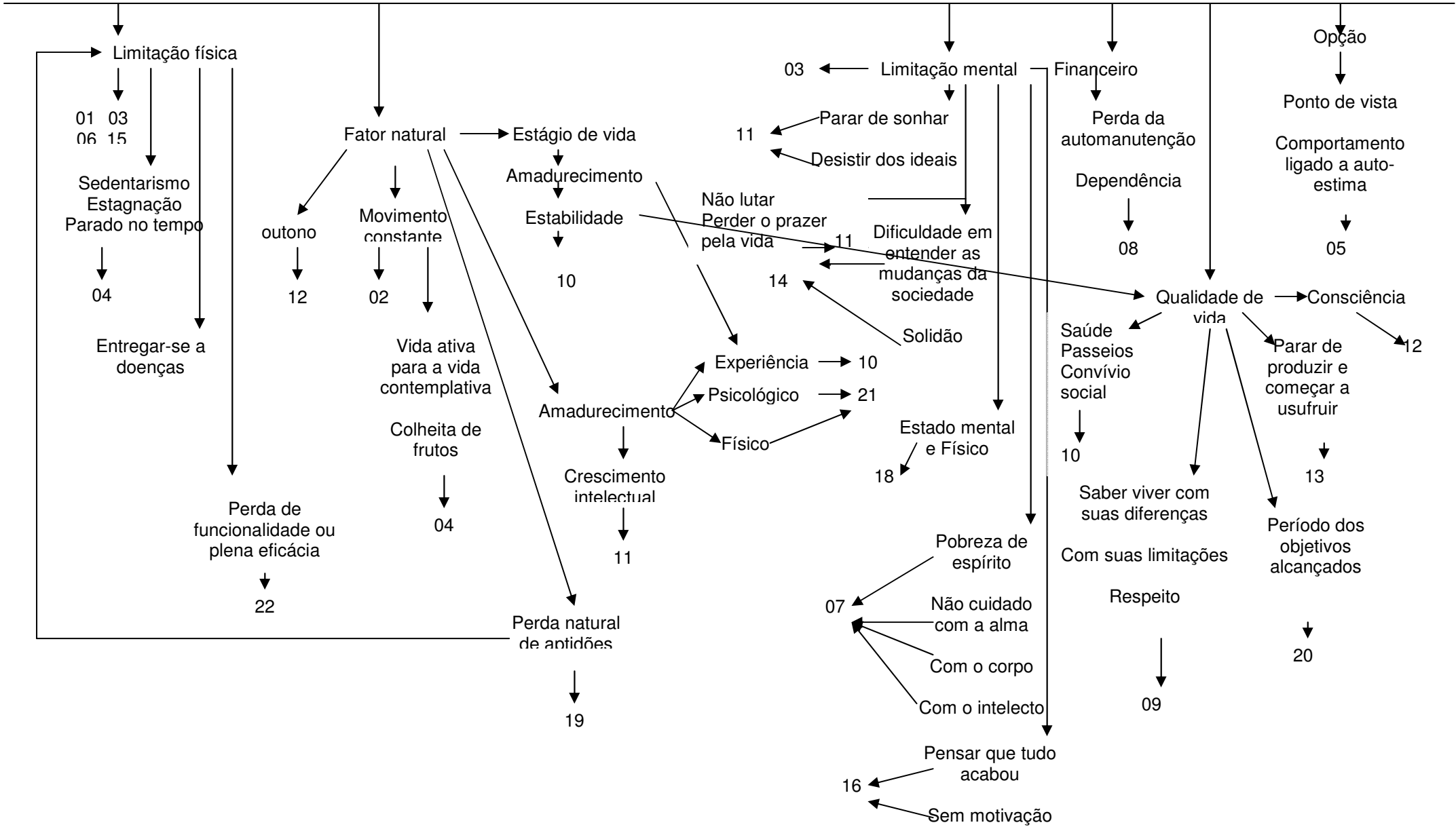
Descreva como está preparando o seu envelhecimento



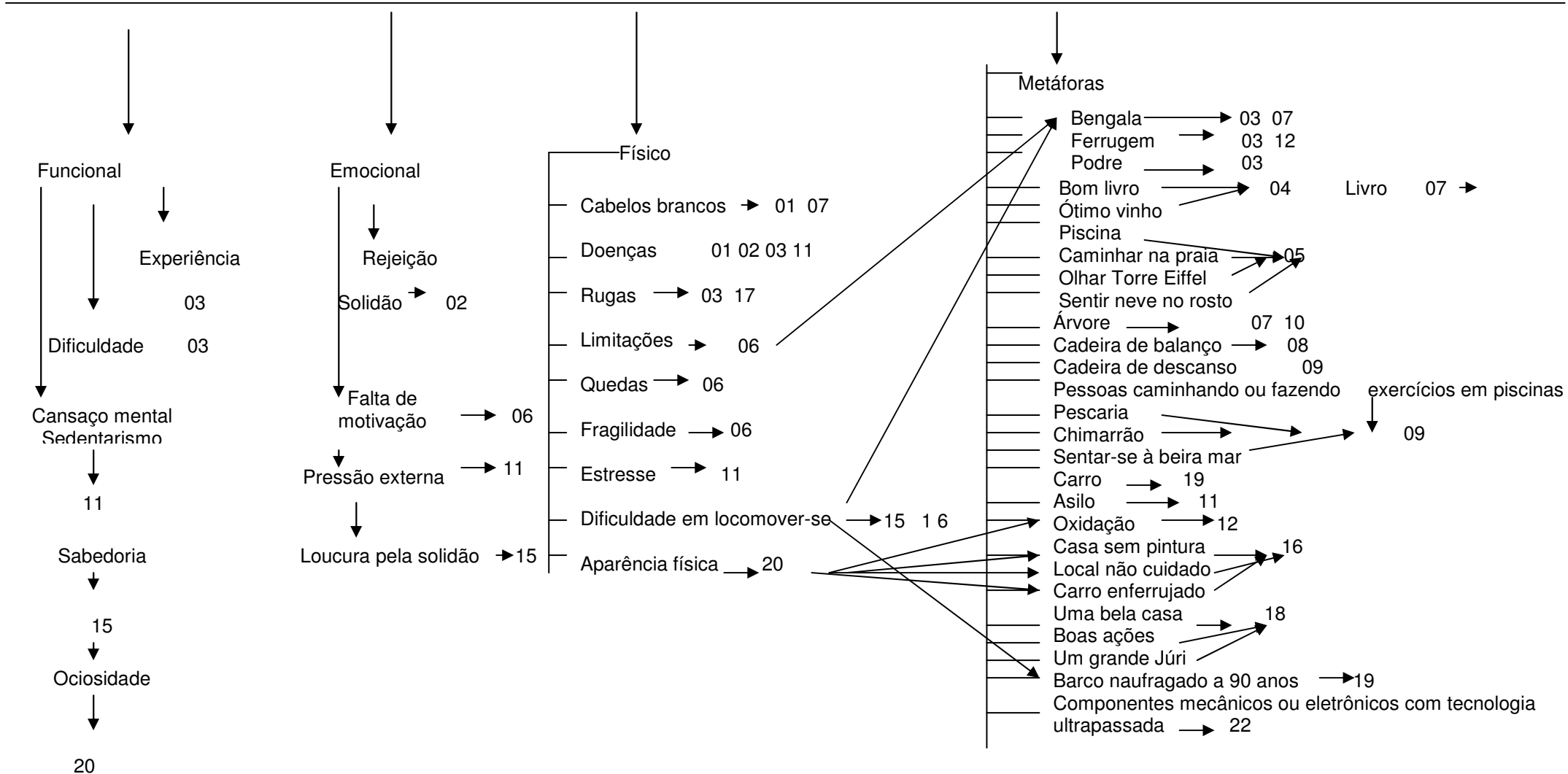
Descreva como pensa que deveria estar “preparando” um envelhecimento com melhor qualidade

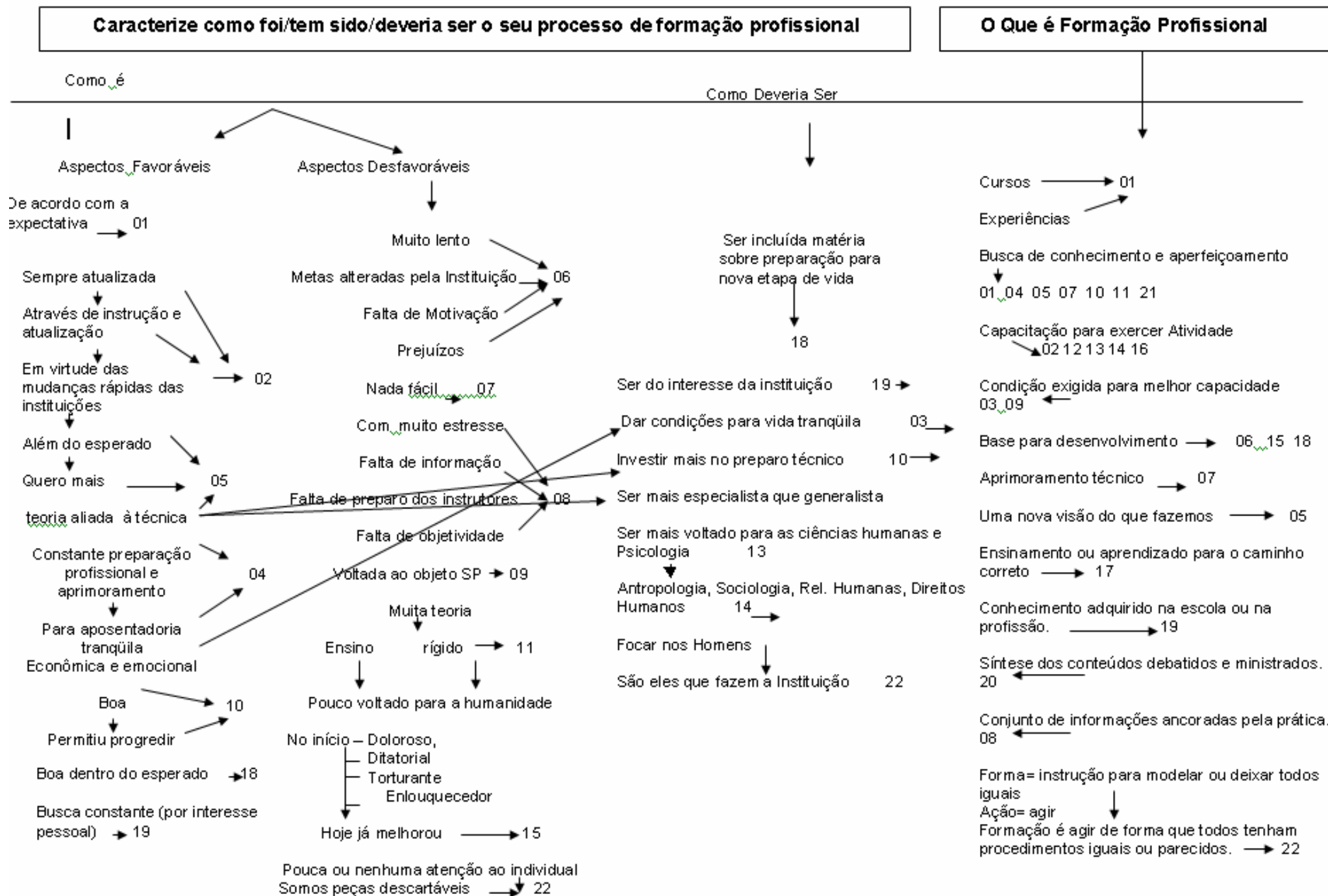


O que é envelhecimento?

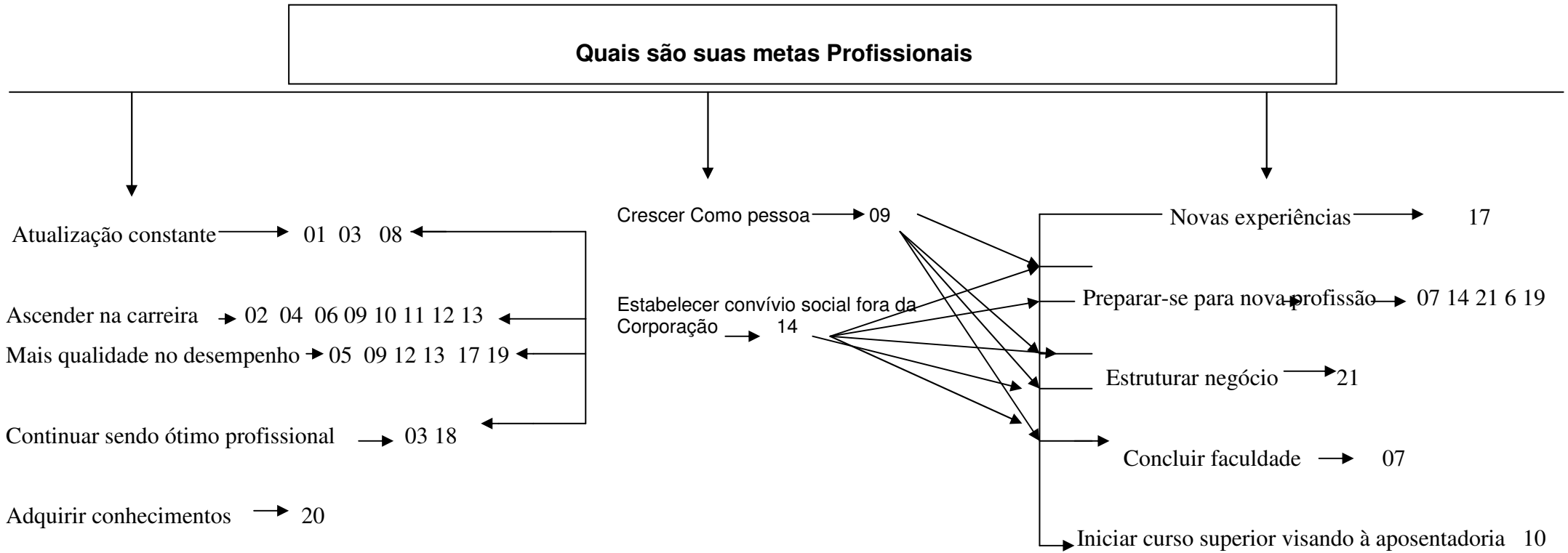


Objetos/imagens associadas ao fenômeno do envelhecimento



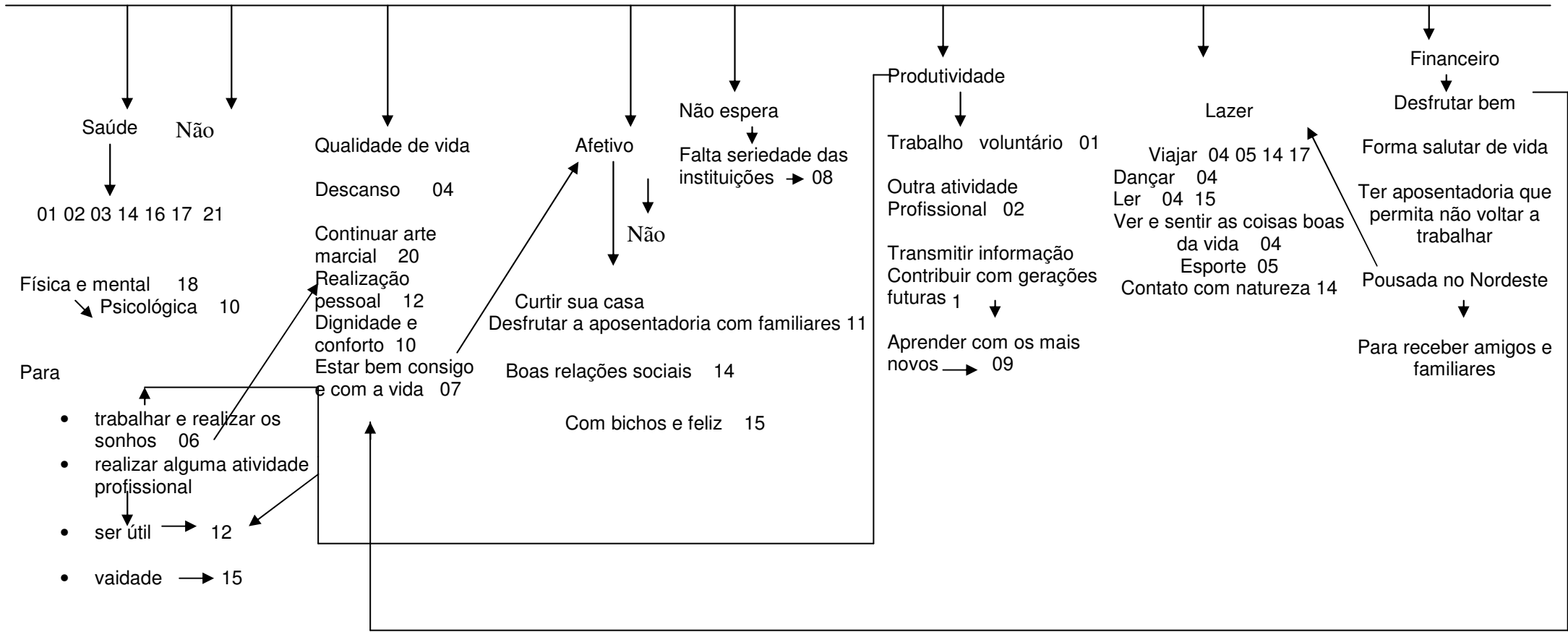


ANEXO 11: ESQUEMA 6



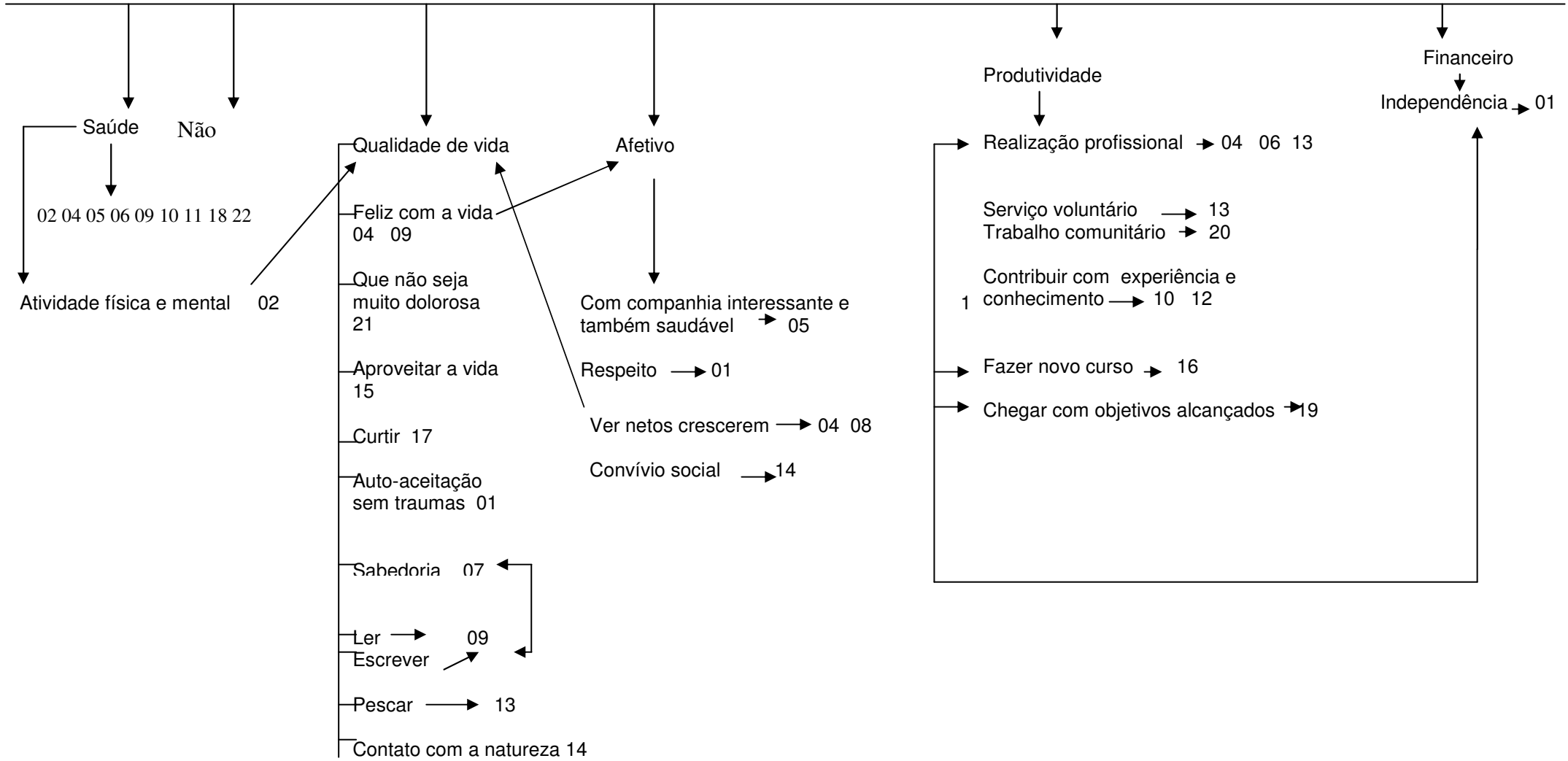
ANEXO 12: ESQUEMA 7

O que espera do futuro após completar 60 anos



ANEXO 13: ESQUEMA 8

Quais são suas metas em relação ao envelhecimento



ANEXO 14: ESQUEMA 9

Que limitações pensa terá como idoso

